

ELISANGELA BÖING

**RELAÇÕES ENTRE COPARENTALIDADE,
FUNCIONAMENTO FAMILIAR E ESTILOS PARENTAIS EM
UMA PERSPECTIVA INTERGERACIONAL**

Tese submetida ao Programa de Pós-
Graduação em Psicologia, da
Universidade Federal de Santa
Catarina para obtenção do Grau de
Doutor em Psicologia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria
Aparecida Crepaldi.

Florianópolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Böing, Elisangela

Relações entre coparentalidade, funcionamento familiar e
estilos parentais em uma perspectiva intergeracional. /
Elisangela Böing ; orientadora, Maria Aparecida Crepaldi -
Florianópolis, SC, 2014.

302 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

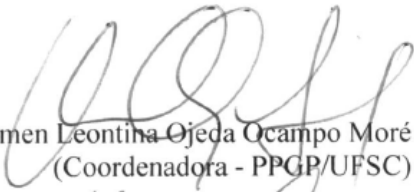
1. Psicologia. 2. Coparentalidade. 3. Funcionamento
familiar. 4. Estilos parentais. 5. Intergeracionalidade.
I. Crepaldi, Maria Aparecida. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
III. Título.

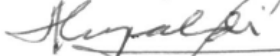
Elisangela Böing

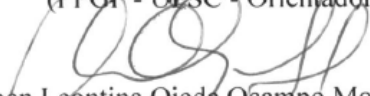
Relações entre coparentalidade, funcionamento familiar e estilos parentais em uma perspectiva intergeracional

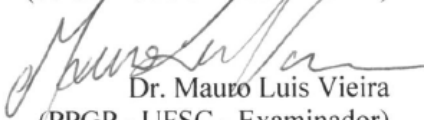
Tese aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 25 de abril de 2014.



Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
(Coordenadora - PPGP/UFSC)


Dra. Maria Aparecida Crepaldi
(PPGP - UFSC - Orientadora)


Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
(PPGP - UFSC - Examinadora)


Dr. Mauro Luis Vieira
(PPGP - UFSC - Examinador)


Dra. Ana Maria Pimenta Carvalho
(PPGE - USP - Examinadora)


Dra. Ligia Ebner Melchiori
(PPGP - UNESP - Examinadora)

Dr. Gimol Perosa
(PPGSC – UNESP – Suplente)

Dra. Lucienne Martins Borges
(PPGP – UFSC – Suplente)

Dedico este estudo a todas as
pessoas interessadas em
compreender a dinâmica familiar.
Que esta tese possa contribuir, de
alguma forma, com suas reflexões
e relações promotoras de saúde das
crianças e das famílias.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento de uma pesquisa de doutorado é uma tarefa cuja realização implica a participação de muitas pessoas, de diversos contextos, de inúmeras formas, durante um longo período de tempo. Não há como nomear todas, mas todas têm meu reconhecimento e gratidão. De forma especial, registro aqui alguns agradecimentos.

A Deus, pelos Dons da Ciência, do Entendimento e da Sabedoria.

Ao Gil, grande companheiro de todas as horas, por participar tão ativamente de tudo o que faço; por seguir ao meu lado, construindo sonhos e projetos de vida, e buscando juntos, os caminhos para sua realização.

À minha família de origem: aos meus pais, Edvino e Ivete, e meus irmãos Eloise e Wagner, meus grandes incentivadores e exemplos de vida, foi com vocês que aprendi a acreditar na realização de qualquer meta sinceramente proposta. E aos demais membros da família, cunhados, sobrinhos, meus sogros... pessoas que vieram compor o que hoje chamo de minha família.

Aos meus amigos, pela presença, pela compreensão e pelo carinho.

À professora Dr^a. Maria Aparecida Crepaldi, que tem me acompanhado em toda a minha trajetória de formação profissional, pela sua generosidade em ensinar e compartilhar experiências, e pelo seu exemplo de afetividade, de competência e de ética.

Aos professores, aos amigos e parceiros de pesquisa do Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC) e do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI), pelos ensinamentos, pelas constantes trocas e construções conjuntas. De forma especial à Simone, pela parceria nas coletas e análises; e à Rovana, pela ajuda com a formatação final da tese. A amizade e incrível disponibilidade de vocês duas foram essências.

Ao Dr. Diogo Lamela; e à Dr.^a. Maria Teresa Ribeiro, pesquisadores portugueses, pela disponibilização dos instrumentos sobre coparentalidade (ERC) e estilos parentais (QDEP) utilizados nesta pesquisa.

Às Secretarias de Educação de Florianópolis e São José e às Instituições de Educação Infantil que aceitaram participar da pesquisa e, de modo especial, às famílias que nos acolheram em suas casas, no período noturno e em finais de semana, dispondo seu tempo, dividindo conosco suas histórias e oferecendo sua fundamental contribuição.

Aos membros da Banca, Dr.^a. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré, Dr. Mauro Luis Vieira, Dr.^a. Ana Maria Pimenta Carvalho, Dr.^a. Ligia Ebner Melchiori, Dr.^a. Gimol Perosa, Dr.^a. Lucienne Martins Borges, que prontamente aceitaram o convite e se dispuseram a oferecer seu tempo e seu trabalho para contribuir com o aprimoramento deste estudo e de suas reflexões.

À Universidade Federal de Santa Catarina e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, pela oportunidade de realizar o curso de doutorado. E à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos durante parte do curso de doutorado.

BÖING, E. Relações entre coparentalidade, funcionamento familiar e estilos parentais em uma perspectiva intergeracional. 302 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

RESUMO

As mudanças na sociedade nas últimas décadas têm implicado em mudanças na configuração, na dinâmica familiar e nos papéis sociais de seus membros. Frente a estas mudanças, há um interesse crescente na temática da criação dos filhos. Percebe-se um movimento das pesquisas científicas de ampliação do foco: de relações diádicas, em geral mãe-criança, para interações triádicas ou mais amplas, ao incluir subsistemas familiares nas investigações. Na temática da criação dos filhos emerge, deste movimento, o conceito de coparentalidade. A relação coparental é compreendida como um subsistema familiar autônomo, triádico, produto da inter-relação entre dois adultos na condução e satisfação das necessidades das crianças. A presente tese teve por objetivo ampliar a compreensão da coparentalidade buscando identificar as relações desta com o funcionamento familiar em uma perspectiva intergeracional. Trata-se de um estudo exploratório descritivo e correlacional do qual participaram doze famílias biparentais com pelo menos uma criança de cinco a sete anos de idade. Os instrumentos utilizados foram: um questionário sociodemográfico; a *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales (FACES IV)*, para avaliar funcionamento familiar atual; o Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP), que avalia os estilos parentais atuais; a Escala de Lembranças sobre Práticas Parentais/*Egna Minnen Beträffande Uppfostran (EMBU)*, para identificar as dimensões das práticas parentais recebidas pelos pais na sua infância e adolescência; e a Escala de Relação Coparental (ERC), para avaliar a coparentalidade. Foi também realizada uma entrevista semi-estruturada com construção do Genograma Familiar, além do uso do Diário de Campo. Os dados quantitativos foram submetidos ao pacote estatístico *Statistical Package for Social Sciences (SPSS 18.0)* e analisados de forma descritiva e correlacional. Os dados qualitativos da entrevista e do genograma foram utilizados com intuito de integrar as análises. O conjunto dos resultados permitiu um delineamento das diversas relações entre o cuidado recebido na infância, funcionamento familiar atual, estilos parentais e coparentalidade; e evidenciou a recursividade destas relações. A vivência de práticas parentais com

predominância de calor emocional na infância se mostrou relacionada ao funcionamento familiar atual e estilos parentais mais apropriados. Em contrapartida, o histórico dos pais de superproteção materna na infância se relacionou a maior rigidez e menor flexibilidade no funcionamento familiar atual; e apresentou implicações negativas, diretas e indiretas, para a coparentalidade e estilos parentais. Os fatores da coparentalidade apresentaram relações com as experiências de cuidado recebido nas famílias de origem, com o funcionamento familiar atual e com os estilos parentais. O objetivo de ampliar a compreensão da coparentalidade, em uma perspectiva relacional sistêmica, foi atingido, e as implicações teóricas e práticas deste estudo podem contribuir para o incremento da pesquisa e da intervenção na educação de crianças e convivência familiar.

Palavras-chave: Coparentalidade. Funcionamento Familiar. Estilos Parentais. Intergeracionalidade.

BÖING, E. Relations between coparenting, family functioning and parenting styles in an intergenerational perspective. 302 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

ABSTRACT

Changes in society over the past decades have resulted in changes in the configuration, family dynamics and social roles of its members. Faced with these changes there is a growing interest in the subject of parenting. There is a movement of scientific research to expand the focus: from dyadic relationships in general mother-child one's, to triadic interactions or wider, to include family-subsystems themes. In child rearing theme emerges the concept of coparenting. The coparental relationship is understood as an autonomous triadic family subsystem, product of the inter-relationship between two adults in lead and satisfying the children needs. This study aimed to increase understanding of coparenting to identify its relations with family functioning in an intergenerational perspective. It is an exploratory, descriptive and correlational study with a sample of twelve families (mother and father), parents of a child between five to seven years old. Instruments were a sociodemographic questionnaire, Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales (FACES IV), to assess family functioning; Dimensions Questionnaire and Parenting Styles (QDEP), a parenting styles scale; Scale Memories of Parental Practices/Egna Minnen Beträffande Uppfostran (EMBU), to identify the dimensions of parenting received by parents in childhood and adolescence; and Scale Coparental Relationship (ERC), to assess coparenting. It was also performed a semi-structured interview to construct the family genogram, and a field journal. Quantitative data were submitted to the Statistical Package for Social Sciences (SPSS 18.0) and analyzed in a descriptive and correlational form. Qualitative interview data and genogram were used aiming to integrate the analysis. The results allowed an outline of the relationships between the care received in the parent's childhood, current family functioning, parenting styles and co-parenting; and showed these recursive relationships. The experience of parenting with a predominance of emotional warmth in childhood was related to the current family functioning and healthier parenting styles. In contrast, the parent's historical of maternal overprotection in childhood was related to greater rigidity and less flexibility in current family functioning; and showed negative, direct

and indirect implications for coparenting and parenting styles. The coparenting factors presented relationships with the experiences of care received in families of origin, with the current family functioning and parenting styles. The thesis extends the understanding of coparenting in a systemic relational perspective, and the theoretical and practical implications of this study contribute to the research and intervention in children rearing and family life.

Keywords: Coparenting. Family Functioning. Parenting Styles. Intergenerationality.

BÖING, E. Les relations avec le coparentalité, fonctionnement de la famille, styles parentaux dans une perspective intergénérationnelle. 302 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

RÉSUMÉ

Les changements de la société, au cours des dernières décennies, ont entraîné des changements aux configurations et à la dynamique de la famille et aux rôles sociaux de ses membres. Face à ces changements, il ya un intérêt croissant au sujet de l'éducation des enfants. Il y a, aussi, toute une tendance de la recherche scientifique à élargir le champ de rapports dyadiques, en général mère-enfant, aux interactions triadiques ou plus larges, y compris les sous-systèmes de la famille dans les enquêtes. De ce mouvement émerge le concept de coparentalité. La relation coparentale est entendue comme un sous-système familial triadique et autonome, produit de l'interaction entre deux adultes pour répondre aux besoins des enfants. Cette thèse visait à accroître la compréhension de coparentale cherchant à identifier ses relations avec le fonctionnement de la famille dans une perspective intergénérationnelle. Il s'agit d'une étude exploratoire, descriptive et corrélacionnelle y compris douze familles (mères et pères) avec un enfant ayant à au moins cinq à sept ans. Les instruments utilisés sont: un questionnaire sociodémographique, le *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales* (FACES IV) pour évaluer le fonctionnement actuel de la famille; le questionnaire de dimensions et styles parentaux (QDEP), qui évalue les styles parentaux actuels; l'échelle de souvenirs des pratiques parentales /Egna Minnen Beträffande Uppfostran (EMBU), à identifier les dimensions de la parentalité reçue par les parents dans son enfance et de l'adolescence; et l'échelle de relation coparentale (ERC), pour évaluer la coparentalité. Il a été également réalisé des entrevues semi-structurées avec la construction d'un génogramme de la famille, et l'utilisation du journal de terrain. Les données quantitatives ont été soumises à la Statistical Package for Social Sciences (SPSS 18.0) pour les analyses descriptives et corrélacionnelles. Les données du génogramme et des entrevues ont été utilisées visant à intégrer et illustrer l'analyse. L'ensemble des résultats a permis un aperçu des différentes relations entre les soins reçus dans l'enfance par les parents, le fonctionnement actuel de la famille, ses styles parentaux et la coparentalité; et ils ont montré ces relations de récursivité. L'expérience

de la parentalité avec une prédominance de chaleur affective dans l'enfance des parents a montré à être liée au fonctionnement actuel de la famille et aux styles parentaux plus appropriés. En revanche, les parents avec une histoire de la surprotection maternelle dans l'enfance étaient liés à une plus grande rigidité et moins de flexibilité dans le fonctionnement actuel de la famille; et ils ont montré, aussi, des effets négatifs, directs et indirects, sur la coparentalité et sur les styles parentaux. Les facteurs de la coparentalité ont eu des rapports significatifs avec les expériences des soins reçus dans les familles d'origine du parent, avec le fonctionnement de la famille, et les styles parentaux actuels. L'objectif de l'étude a été d'augmenter la compréhension de la coparentalité sous la perspective relationnelle systémique. Les implications théoriques et pratiques de cette étude peuvent contribuer à l'enrichissement de la recherche et de l'intervention dans l'éducation des enfants et la vie familiale.

Mots-clés: Coparentalité. Fonctionnement de la Famille. Styles Parentaux. Rapports Intergénérationnelles.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| <i>Figura 1.</i> Representação dos sistemas contextuais que compõem a Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner, com base em Halpern e Figueiras (2004). | 42 |
| <i>Figura 2.</i> Diagrama ilustrativo dos conceitos centrais utilizados na pesquisa e suas respectivas dimensões, produzido pela autora com base no diagrama da coparentalidade de Feinberg (2003)..... | 49 |
| <i>Figura 3.</i> Modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade de Feinberg (2003), traduzido e adaptado..... | 54 |
| <i>Figura 4.</i> Diagrama ilustrativo dos estilos parentais resultantes da classificação do modelo de Baumrind (1991) através das dimensões de controle e afeto..... | 62 |
| <i>Figura 5.</i> Representação gráfica do Modelo Circumplexo (Olson & Gorall, 2006)..... | 65 |
| <i>Figura 6.</i> Representação gráfica dos Estilos Parentais e os tipos de funcionamento familiar segundo o Modelo Circumplexo (Olson & Gorall, 2006)..... | 68 |
| <i>Figura 7.</i> Gráfico da média dos escores das subescala do funcionamento familiar segundo as respostas dos pais e das mães..... | 104 |
| <i>Figura 8.</i> Histograma das médias dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças das mães e dos pais. | 105 |
| <i>Figura 9.</i> Histograma das médias dos escores referentes aos estilos parentais atuais, segundo auto-avaliação e avaliação do parceiro..... | 107 |
| <i>Figura 10.</i> Histograma das médias dos escores das dimensões da relação coparental segundo avaliação dos pais e das mães. | 108 |
| <i>Figura 11.</i> Diagrama ilustrativo das correlações entre as variáveis de funcionamento familiar..... | 110 |
| <i>Figura 12.</i> Diagrama ilustrativo das correlações entre as variáveis de cuidados parentais recebidos na infância e adolescência segundo lembrança dos pais.. | 112 |
| <i>Figura 13.</i> Diagrama ilustrativo das correlações entre os estilos parentais segundo auto-avaliações e avaliações do estilo do parceiro..... | 113 |
| <i>Figura 14.</i> Diagrama ilustrativo das correlações entre os fatores do estilo democrático-recíproco, segundo auto-avaliações e avaliações do estilo do parceiro. | 115 |
| <i>Figura 15.</i> Diagrama ilustrativo das correlações entre os fatores do estilo autoritário, segundo auto-avaliações e avaliações do estilo do parceiro. | 117 |
| <i>Figura 16.</i> Diagrama ilustrativo das correlações dos fatores dos estilos autoritário e permissivo. | 121 |
| <i>Figura 17.</i> Diagrama ilustrativo das correlações dos fatores da relação coparental..... | 123 |
| <i>Figura 18.</i> Diagrama ilustrativo das correlações dos fatores do funcionamento familiar com os estilos parentais..... | 125 |

| | |
|---|-----|
| <i>Figura 19.</i> Diagrama ilustrativo das correlações dos fatores das práticas parentais recebidas na infância e adolescência com os estilos parentais atuais dos pais..... | 128 |
| <i>Figura 20.</i> Diagrama ilustrativo das correlações dos fatores da relação coparental com os fatores do estilo democrático-recíproco dos pais..... | 132 |
| <i>Figura 21.</i> Diagrama ilustrativo das correlações dos fatores da relação coparental com os fatores do estilo autoritário dos pais..... | 133 |
| <i>Figura 22.</i> Diagrama ilustrativo das correlações dos fatores da relação coparental com os fatores do permissivo dos pais..... | 135 |
| <i>Figura 23.</i> Diagrama ilustrativo das correlações dos fatores do funcionamento familiar com os fatores da relação coparental..... | 137 |
| <i>Figura 24.</i> Diagrama ilustrativo das correlações das dimensões das práticas parentais recebidas na infância e adolescência referidas pelos pais com os fatores da relação coparental atual..... | 139 |
| <i>Figura 25.</i> Diagrama ilustrativo das correlações das dimensões das práticas parentais recebidas na infância e adolescência referidas pelos pais com os fatores do funcionamento familiar atual..... | 142 |
| <i>Figura 26.</i> Genograma da família 01..... | 151 |
| <i>Figura 27.</i> Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o <i>Perfil FACES IV</i> (Olson & Grall, 2006) – Família 01..... | 154 |
| <i>Figura 28.</i> Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais (média de seus pais e valores referente ao pai e mãe, individualmente) – Família 01..... | 156 |
| <i>Figura 29.</i> Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 01..... | 157 |
| <i>Figura 30.</i> Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 01..... | 158 |
| <i>Figura 31.</i> Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 01..... | 158 |
| <i>Figura 32.</i> Histograma referente às dimensões do estilo permissivo (pais falando de si e do companheiro) – Família 01..... | 159 |
| <i>Figura 33.</i> Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 01..... | 160 |
| <i>Figura 34.</i> Genograma da família 02..... | 162 |
| <i>Figura 35.</i> Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o <i>Perfil FACES IV</i> (Olson & Grall, 2006) – Família 02..... | 166 |
| <i>Figura 36.</i> Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 02..... | 168 |
| <i>Figura 37.</i> Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 02..... | 169 |
| <i>Figura 38.</i> Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 02..... | 170 |
| <i>Figura 39.</i> Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 02..... | 170 |

| | |
|--|-----|
| <i>Figura 40.</i> Histograma referente às dimensões do estilo permissivo (pais falando de si e do companheiro) – Família 02..... | 171 |
| <i>Figura 41.</i> Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 02..... | 172 |
| <i>Figura 42.</i> Genograma da família 03..... | 173 |
| <i>Figura 43.</i> Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o <i>Perfil FACES IV</i> (Olson & Grall, 2006) – Família 03..... | 176 |
| <i>Figura 44.</i> Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 03. | 178 |
| <i>Figura 45.</i> Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 03..... | 179 |
| <i>Figura 46.</i> Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 03. | 180 |
| <i>Figura 47.</i> Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 03..... | 180 |
| <i>Figura 48.</i> Histograma referente às dimensões do estilo permissivo (pais falando de si e do companheiro) – Família 03..... | 181 |
| <i>Figura 49.</i> Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 03..... | 182 |
| <i>Figura 50.</i> Genograma da família 04..... | 183 |
| <i>Figura 51.</i> Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o <i>Perfil FACES IV</i> (Olson & Grall, 2006) – Família 04..... | 186 |
| <i>Figura 52.</i> Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 04. | 188 |
| <i>Figura 53.</i> Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 04..... | 189 |
| <i>Figura 54.</i> Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 04. | 189 |
| <i>Figura 55.</i> Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 04..... | 190 |
| <i>Figura 56.</i> Histograma referente às dimensões do estilo permissivo (pais falando de si e do companheiro) – Família 04..... | 190 |
| <i>Figura 57.</i> Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 04..... | 191 |
| <i>Figura 58.</i> Genograma da família 05..... | 193 |
| <i>Figura 59.</i> Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o <i>Perfil FACES IV</i> (Olson & Grall, 2006) – Família 05..... | 196 |
| <i>Figura 60.</i> Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 05. | 198 |
| <i>Figura 61.</i> Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 05..... | 199 |
| <i>Figura 62.</i> Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 05. | 199 |
| <i>Figura 63.</i> Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 05..... | 200 |

| | |
|---|-----|
| <i>Figura 64.</i> Histograma referente às dimensões do estilo permissivo (pais falando de si e do companheiro) – Família 05..... | 200 |
| <i>Figura 65.</i> Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 05..... | 201 |
| <i>Figura 66.</i> Genograma da família 06..... | 202 |
| <i>Figura 67.</i> Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o <i>Perfil FACES IV</i> (Olson & Grall, 2006) – Família 06. | 205 |
| <i>Figura 68.</i> Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 06. | 207 |
| <i>Figura 69.</i> Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 06..... | 208 |
| <i>Figura 70.</i> Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 06. | 208 |
| <i>Figura 71.</i> Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 06..... | 209 |
| <i>Figura 72.</i> Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 06..... | 210 |
| <i>Figura 73.</i> Genograma da família 07..... | 211 |
| <i>Figura 74.</i> Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o <i>Perfil FACES IV</i> (Olson & Grall, 2006) – Família 07. | 214 |
| <i>Figura 75.</i> Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 07. | 216 |
| <i>Figura 76.</i> Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 07..... | 217 |
| <i>Figura 77.</i> Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 07. | 218 |
| <i>Figura 78.</i> Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 07..... | 218 |
| <i>Figura 79.</i> Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 07..... | 219 |
| <i>Figura 80.</i> Genograma da família 08..... | 220 |
| <i>Figura 81.</i> Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o <i>Perfil FACES IV</i> (Olson & Grall, 2006) – Família 08. | 223 |
| <i>Figura 82.</i> Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 08. | 225 |
| <i>Figura 83.</i> Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 08..... | 226 |
| <i>Figura 84.</i> Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 08. | 226 |
| <i>Figura 85.</i> Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 08..... | 227 |
| <i>Figura 86.</i> Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 08..... | 228 |
| <i>Figura 87.</i> Genograma da família 09..... | 229 |

| | |
|---|-----|
| <i>Figura 88.</i> Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o <i>Perfil FACES IV</i> (Olson & Grall, 2006) – Família 09..... | 232 |
| <i>Figura 89.</i> Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 09. | 234 |
| <i>Figura 90.</i> Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 09..... | 235 |
| <i>Figura 91.</i> Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 09. | 236 |
| <i>Figura 92.</i> Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 09..... | 236 |
| <i>Figura 93.</i> Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 09. | 237 |
| <i>Figura 94.</i> Genograma da família 10..... | 238 |
| <i>Figura 95.</i> Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o <i>Perfil FACES IV</i> (Olson & Grall, 2006) – Família 10..... | 242 |
| <i>Figura 96.</i> Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 10. | 244 |
| <i>Figura 97.</i> Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 10..... | 245 |
| <i>Figura 98.</i> Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 10. | 245 |
| <i>Figura 99.</i> Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 10..... | 246 |
| <i>Figura 100.</i> Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 10..... | 247 |
| <i>Figura 101.</i> Genograma da família 11..... | 248 |
| <i>Figura 102.</i> Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o <i>Perfil FACES IV</i> (Olson & Grall, 2006) – Família 11..... | 252 |
| <i>Figura 103.</i> Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 11. | 254 |
| <i>Figura 104.</i> Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 11..... | 255 |
| <i>Figura 105.</i> Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 11. | 255 |
| <i>Figura 106.</i> Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 11..... | 256 |
| <i>Figura 107.</i> Histograma referente às dimensões do estilo permissivo (pais falando de si e do companheiro) – Família 11. | 256 |
| <i>Figura 108.</i> Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 11..... | 257 |
| <i>Figura 109.</i> Genograma da família 12..... | 258 |
| <i>Figura 110.</i> Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o <i>Perfil FACES IV</i> (Olson & Grall, 2006) – Família 12..... | 262 |

| | |
|--|-----|
| <i>Figura 111.</i> Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 12. | 264 |
| <i>Figura 112.</i> Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 12. | 265 |
| <i>Figura 113.</i> Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 12. | 265 |
| <i>Figura 114.</i> Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 12. | 266 |
| <i>Figura 115.</i> Histograma referente às dimensões do estilo permissivo (pais falando de si e do companheiro) – Família 12. | 266 |
| <i>Figura 116.</i> Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 12. | 267 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|-----------------|-----|
| Tabela 1 | 67 |
| Tabela 2 | 95 |
| Tabela 3 | 103 |
| Tabela 4 | 105 |
| Tabela 5 | 106 |
| Tabela 6 | 108 |
| Tabela 7 | 153 |
| Tabela 8 | 155 |
| Tabela 9 | 165 |
| Tabela 10 | 167 |
| Tabela 11 | 175 |
| Tabela 12 | 177 |
| Tabela 13 | 185 |
| Tabela 14 | 187 |
| Tabela 15 | 195 |
| Tabela 16 | 197 |
| Tabela 17 | 204 |
| Tabela 18 | 206 |
| Tabela 19 | 213 |
| Tabela 20 | 215 |
| Tabela 21 | 222 |
| Tabela 22 | 224 |
| Tabela 23 | 231 |
| Tabela 24 | 233 |
| Tabela 25 | 241 |
| Tabela 26 | 243 |
| Tabela 27 | 251 |
| Tabela 28 | 253 |
| Tabela 29 | 261 |
| Tabela 30 | 263 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| APRESENTAÇÃO..... | 27 |
| 1. INTRODUÇÃO..... | 29 |
| 2. OBJETIVOS..... | 33 |
| 2.1 OBJETIVO GERAL..... | 33 |
| 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 33 |
| 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 35 |
| 3.1 PENSAMENTO SISTÊMICO | 35 |
| 3.2 TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO | 37 |
| 3.2.1 Processos Proximais | 37 |
| 3.2.2 Pessoa..... | 39 |
| 3.2.3 Contexto | 40 |
| 3.2.4 Tempo..... | 41 |
| 3.3 TEORIA ESTRUTURAL DOS SISTEMAS FAMILIARES..... | 43 |
| 4. MAPA CONCEITUAL | 49 |
| 4.1 COPARENTALIDADE | 50 |
| 4.1.1 O Modelo da Estrutura Interna da Coparentalidade..... | 51 |
| 4.1.2 A Coparentalidade como Centro de um Modelo Ecológico . | 53 |
| 4.2 TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL | 56 |
| 4.3 ESTILOS PARENTAIS | 59 |
| 4.4 FUNCIONAMENTO FAMILIAR | 63 |
| 4.5 FUNCIONAMENTO FAMILIAR E ESTILOS PARENTAIS | 67 |
| 5. REVISÃO DE LITERATURA | 71 |
| 5.1 COPARENTALIDADE E VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS | 72 |
| 5.2 COPARENTALIDADE E AJUSTAMENTO INFANTIL E DO ADOLESCENTE..... | 73 |
| 5.3 COPARENTALIDADE E CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS DOS PAIS E DA CRIANÇA..... | 74 |

| | | |
|-----------|--|------------|
| 5.4 | COPARENTALIDADE, FATORES INDIVIDUAIS E SUBSISTEMAS FAMILIARES | 75 |
| 5.5 | COPARENTALIDADE E FUNCIONAMENTO FAMILIAR | 78 |
| 5.6 | ESTILOS PARENTAIS E COPARENTALIDADE EM UMA PERSPECTIVA INTERGERACIONAL | 79 |
| 5.7 | COPARENTALIDADE E PROGRAMAS DE INTERVENÇÃO | 82 |
| 6. | MÉTODO..... | 85 |
| 6.1 | CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA | 85 |
| 6.2 | LOCAL | 85 |
| 6.3 | PARTICIPANTES | 86 |
| 6.4 | INSTRUMENTOS | 86 |
| 6.4.1 | Questionário Sociodemográfico | 86 |
| 6.4.2 | Escala de Funcionamento Familiar (FACES IV) | 86 |
| 6.4.3 | Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP) | 88 |
| 6.4.4 | Escala da Relação Coparental (ERC)..... | 90 |
| 6.4.5 | Escala de Lembranças sobre Práticas Parentais (EMBU) .. | 92 |
| 6.4.6 | Roteiro de Entrevista com construção do Genograma Familiar..... | 93 |
| 6.4.7 | Diário de Campo | 94 |
| 6.5 | PROCEDIMENTOS ÉTICOS E DE COLETA DE DADOS | 96 |
| 6.5.1 | Procedimentos Éticos | 96 |
| 6.5.2 | Procedimentos para Coleta de Dados | 96 |
| 6.6 | PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS..... | 97 |
| 6.6.1 | Análise Quantitativa – Primeira Etapa | 98 |
| 6.6.2 | Análise Qualitativa – Segunda Etapa | 98 |
| 6.6.3 | Integração das Análises Quantitativa e Qualitativa | 99 |
| 7. | APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 101 |
| 7.1 | CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS FAMÍLIAS..... | 101 |
| 7.1.1 | Resultados Sociodemográficos | 101 |
| 7.1.2 | Resultados sobre o Funcionamento Familiar (FACES IV) .. | 102 |
| 7.1.3 | Resultados das Lembranças de Cuidados Parentais Recebidos na Infância e Adolescência (EMBU)..... | 104 |

| | |
|--|-----|
| 7.1.4 Resultados sobre as Dimensões e Estilos Parentais Atuais (QDEP)..... | 105 |
| 7.1.5 Resultados sobre a Relação Coparental (ERC)..... | 107 |
| 7.2 CORRELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS DOS INSTRUMENTOS QUANTITATIVOS | 108 |
| 7.2.1 Correlações entre as Variáveis do Funcionamento Familiar (FACES IV)..... | 109 |
| 7.2.2 Correlações entre as Variáveis das Práticas Parentais Recebidas pelas Mães e pelos Pais na sua Infância e Adolescência (EMBU) | 111 |
| 7.2.3 Correlações entre as Variáveis dos Estilos Parentais Atuais (QDEP)..... | 112 |
| 7.2.4 Correlações entre as Variáveis da Relação Coparental (ERC) | 122 |
| 7.2.5 Correlações entre os Fatores do Funcionamento Familiar e Estilos Parentais (FACES IV com QDEP) | 124 |
| 7.2.6 Correlações entre as Dimensões das Práticas Parentais Recebidas na Infância e Adolescência e Estilos Parentais Atuais (EMBU com QDEP) | 126 |
| 7.2.7 Correlações entre os Fatores da Relação Coparental e Estilos Parentais (ERC com QDEP)..... | 131 |
| 7.2.8 Correlações entre os Fatores da Relação Coparental e Funcionamento Familiar (ERC com FACES IV) | 136 |
| 7.2.9 Correlações entre os Fatores da Relação Coparental e as Dimensões das Práticas Parentais Recebidas na Infância e Adolescência (ERC com EMBU)..... | 138 |
| 7.2.10 Correlações entre as Dimensões das Práticas Parentais Recebidas na Infância e Adolescência e Funcionamento Familiar Atual (EMBU com FACES IV) | 141 |
| 7.2.11 Discussão das Análises Quantitativas | 144 |
| 7.3 CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS | 150 |
| 7.3.1 Família 01..... | 151 |
| 7.3.2 Família 02..... | 162 |
| 7.3.3 Família 03..... | 173 |
| 7.3.4 Família 04..... | 183 |
| 7.3.5 Família 05..... | 193 |

| | |
|--|------------|
| 7.3.6 Família 06..... | 202 |
| 7.3.7 Família 07..... | 211 |
| 7.3.8 Família 08..... | 220 |
| 7.3.9 Família 09..... | 229 |
| 7.3.10 Família 10..... | 238 |
| 7.3.11 Família 11..... | 248 |
| 7.3.12 Família 12..... | 258 |
| 7.3.13 Discussão das Análises Qualitativas..... | 267 |
| 8. CONCLUSÕES..... | 277 |
| 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 281 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 285 |
| APÊNDICE 01 - ROTEIRO DE ENTREVISTA | 297 |
| APÊNDICE 02..... | 299 |
| APÊNDICE 03..... | 301 |

APRESENTAÇÃO

Esta tese de doutorado se insere no âmbito de uma pesquisa mais ampla que vem sendo desenvolvida em parceria entre o Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC) e o Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI), ambos voltados à Linha de Pesquisa Saúde, Família e Desenvolvimento Psicológico, da Área de Concentração Processos Psicossociais, Saúde e Desenvolvimento Psicológico, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia de Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A referida pesquisa, intitulada: *A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de quatro a seis anos de idade*, teve seu início em novembro de 2009 e vem sendo realizada em convênio entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade do Québec em Montreal (UQÀM) e Universidade de Montreal (UM). Tem por objetivo investigar a relação entre relacionamentos conjugais e interparentais e a modulação do comportamento agressivo em crianças com idade entre quatro a seis anos, propondo um modelo de transmissão intergeracional das estratégias de gestão de conflitos.

As derivações do objetivo desta pesquisa estão organizadas em vários subprojetos com focos específicos, tais como: investigação da influência do engajamento paterno sobre a agressividade em crianças de quatro a seis anos (Gomes, 2011); a relação entre engajamento paterno e conflito conjugal dos pais (Bolze, 2011); relação do engajamento parental e relacionamento conjugal no investimento com os filhos (Bossardi, 2011); e relação entre relacionamento conjugal e temperamento de crianças (Schmidt, 2012).

Com o meu ingresso no grupo de pesquisa do LABSFAC, no início de 2011, passei a contribuir com o desenvolvimento da mesma e a refletir com o grupo de que forma o meu projeto inicial de doutorado poderia ser inserido na proposta da pesquisa. O projeto inicial pretendia a investigação da relação dos estilos parentais e a agressividade nas crianças. Assim, a variável “estilos parentais” seria incluída no contexto da pesquisa maior, onde já eram investigados o relacionamento conjugal e interparental. Contudo, os instrumentos para avaliação dos estilos parentais disponíveis não eram oriundos de uma abordagem sistêmica. Discussões e reflexões apontaram a necessidade de um constructo mais abrangente que permitisse a investigação de como o funcionamento

familiar e a intergeracionalidade influenciam na criação dos filhos. Diante disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica visando um levantamento de instrumentos que avaliassem a temática da criação dos filhos em uma perspectiva relacional sistêmica. E foi neste processo que encontramos o conceito de coparentalidade e a Teoria da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade (Feinberg, 2002, 2003) que responderam a nossa necessidade conceitual, teórica e metodológica. Este passou a ser, então, o conceito central da pesquisa de doutorado que deu origem a esta tese.

1. INTRODUÇÃO

A família representa o contexto primário em que ocorre o desenvolvimento humano. Constitui-se como um sistema complexo e dinâmico de relações interpessoais que pode assumir diversas configurações funcionais. As características funcionais da família se referem à maneira como os membros se relacionam, conferindo indícios da dinâmica familiar. Ou seja, como estabelecem e mantêm vínculos; como lidam com problemas e conflitos; os rituais que cultivam; a qualidade das regras familiares; a definição de sua hierarquia e o delineamento dos papéis assumidos pelos membros da família (Cervený & Berthoud, 1997, 2002).

O intenso desenvolvimento tecnológico do século XX e as decorrentes mudanças econômicas e culturais na sociedade tiveram impacto sobre a família, acarretando em mudanças estruturais e funcionais. Houve um decréscimo na convivência da família nuclear com a família extensa, um distanciamento gradativo dos jovens casais, de suas famílias de origem, em busca de melhores oportunidades de trabalho e a conseqüente necessidade de adaptação e estabelecimento de relações com a vizinhança e recursos da comunidade. Mudanças com relação ao papel feminino, a perda do prestígio social da função de cuidar da casa e criar os filhos e a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho; a redução do índice de natalidade com o advento de métodos contraceptivos mais efetivos; aumento do número de famílias chefiadas por mulheres. E o aumento do nível de escolaridade da população vem acompanhado pela escolarização precoce das crianças. Todas essas mudanças implicaram também em mudanças nas relações entre pais e filhos e têm levado a um crescente questionamento sobre a função dos pais na educação de suas crianças (Biasoli-Alves, 1999, 2000; Biasoli-Alves, Caldana & Silva, 1997).

Neste contexto, a temática da criação dos filhos tem sido constante no cotidiano das pessoas e na sociedade e vem sendo muito pesquisada nas últimas décadas. Diversos trabalhos têm dedicado atenção especial aos estilos e práticas parentais, isto é, às formas como os pais lidam com as questões de poder, hierarquia e apoio emocional na relação com os filhos, bem como, os efeitos dos estilos parentais no desenvolvimento das crianças. Estudos mais tradicionais na área de desenvolvimento enfocavam as díades mãe-criança considerando esta como representativa de todo o sistema familiar. Contudo, o envolvimento paterno vem sendo cada vez mais valorizado e a

compreensão de como a coparentalidade afeta o desenvolvimento humano tornou-se de grande importância.

A coparentalidade é definida pelo envolvimento conjunto e recíproco de ambos os pais na educação, formação e decisões sobre a vida de seus filhos. Tendo por base a perspectiva sistêmica de família, a relação coparental é compreendida como um subsistema autônomo que se inter-relaciona com os demais subsistemas familiares, tais como: a conjugalidade; a parentalidade e o subsistema fraternal.

Durante as últimas décadas, várias pesquisas tentaram demonstrar a relação direta entre a parentalidade, a qualidade da relação conjugal e as trajetórias desenvolvimentais das crianças nas famílias biparentais, pressupondo que o bom funcionamento da díade conjugal e parental explicariam os percursos (des)adaptativos dos filhos. Contudo, pesquisas recentes têm comprovado que os percursos desenvolvimentais das crianças podem ser mais bem explicados pela qualidade da coparentalidade e seu impacto nas relações familiares do que pela qualidade parental e conjugal em si. Nesse sentido, a coparentalidade representa a ponte conceitual entre a qualidade das interações da díade conjugal; as práticas e estilos parentais e os percursos desenvolvimentais ajustados da fratria (Lamela, Nunes-Costa & Figueiredo, 2010).

O estudo da coparentalidade permite uma compreensão sistêmica da temática da criação dos filhos e traz um avanço ao ampliar a compreensão das interações familiares, ao deslocar o foco das interações diádicas para as triádicas, ou outras mais amplas; ao destacar a relevância das relações harmônicas e seus efeitos no desenvolvimento das crianças, enfatizando a questão de que qualquer mudança em um dos componentes pode afetar o sistema como um todo. As dimensões da coparentalidade claramente se relacionam às dimensões gerais da parentalidade na literatura tradicional, contudo, mantém como foco as interações parentais relativas à(s) criança(s). Nesse contexto, a coparentalidade se diferencia do conceito de “boa parentalidade”, no sentido de que o bom funcionamento da relação coparental engloba as tarefas da parentalidade, mas também provê à criança sentimentos de solidariedade e objetivos comuns dos pais. Sobretudo, porque, o pai ou mãe, individualmente, pode ser excelente no manejo com a criança e ser muito responsivo (aspecto importante da parentalidade), mas ainda assim pode denegrir o parceiro frente à criança, possivelmente indicando conflito na relação coparental (Frizzo, Kreutz, Schmit, Piccinini & Basa, 2005; Stolberg, Ferrante & Schum, sd).

O uso do termo coparentalidade é relativamente novo. Enquanto construto psicológico esteve primeiramente associado ao estudo das relações familiares após o divórcio, sendo solidamente estudado nas famílias intactas, apenas na década de 90. Contudo, apenas nesta última década, a coparentalidade assume um estatuto universal e independente da configuração da família e das características individuais e diádicas dos parceiros coparentais (Frizzo et al., 2005; Lamela et al., 2010; Stolberg et al., sd).

Diversos estudos no campo da coparentalidade são narrativos e apenas há alguns anos as pesquisas têm se mostrado capazes de estimar a medida da associação entre a coparentalidade e o ajustamento da criança, por exemplo, ou, de examinar a relevância de moderadores desta associação (Teubert & Pinquart, 2010). Por se tratar de um tema em desenvolvimento e com muitos instrumentos de medida ainda em construção/ validação, é esperado que haja um número maior de estudos teóricos e narrativos. Apesar disso, nos últimos anos, tem sido crescente o número de pesquisas de abordagem quantitativa que buscam avaliar a relação da coparentalidade com características individuais dos pais e das crianças ou, com os demais subsistemas familiares (conjugal e parental).

Na literatura científica brasileira esta temática é incipente, foram encontrados poucos artigos, e de cunho teórico (Frizzo et al, 2005; Prati & Koller, 2011). Grande parte das publicações internacionais está voltada às relações e à influência da coparentalidade no ajustamento infantil. Gradualmente, o foco dos estudos vem se ampliando com a inclusão de outras variáveis moderadoras desta relação, tais como: o temperamento da criança ou a satisfação conjugal. E ainda são raros os estudos que investigam a coparentalidade no contexto do funcionamento geral da família – foram encontrados apenas três estudos internacionais (Fivaz-Depeursinge, Lopes, Python & Favez, 2009; Machado, 2008; Schoppe et al., 2001). Assim, esta pesquisa buscou ampliar o conhecimento a respeito da coparentalidade e dos fatores relacionados à mesma, elegendo como foco o estudo das relações entre a coparentalidade e o funcionamento familiar, em uma perspectiva intergeracional.

Independente da singularidade de cada família em como transmitir e elaborar seus modelos de relacionamento, toda família transmite o seu modelo, mesmo aquelas que cuidam muito para não o fazer. Existem sistemas familiares em que os padrões são repetidos como se deram no passado, podendo ainda assim, em muitos casos, não haver percepção da repetição. Em outras famílias, as repetições

aparecem de forma camuflada e quase que irreconhecíveis para o sistema atual. E ainda, a transmissão dos padrões interacionais pode não passar de uma geração à subseqüente, mas até pular gerações (Elkaim, 1990).

Falar de repetição de padrões interacionais, entretanto, não implica em uma posição determinista, entende-se que o sistema atual, de alguma forma, seleciona do passado o padrão de interação que vai incluir na sua própria história. Cerveny (2000) aponta que a questão da repetição de padrões familiares continua inesgotável e cada vez mais importante, pois não existe uma literatura abrangente e específica sobre padrões repetitivos. Destaca ainda a importância de alertar para um trabalho preventivo com as famílias por meio da identificação e percepção da repetição de forma a evitar os padrões de interação que imobilizem o sistema e sejam prejudiciais ao desenvolvimento de seus membros.

Prati e Koller (2011) ressaltam que a coparentalidade se constitui num campo relevante a atual para a prática clínica, visto que a configuração e a concepção de família contemporânea vêm se alterando em resposta às demandas sociais. As exigências atuais, somadas ao desejo de realização pessoal e profissional, demandam uma sobreposição de papéis e se refletem na dinâmica individual e familiar.

O conhecimento e a reflexão a respeito da coparentalidade e suas relações com o funcionamento familiar, em uma perspectiva intergeracional, pode ter aplicações diretas em intervenções familiares, auxiliando na promoção do desenvolvimento saudável de seus membros, em especial, das crianças que, por sua vez, serão os pais de amanhã, atingindo inclusive outras gerações.

Neste contexto, pressupondo que ocorre transmissão de padrões de relacionamento familiar, este estudo abordará o fenômeno da intergeracionalidade em relação à coparentalidade em famílias com crianças em idade pré-escolar, através da seguinte pergunta: **Quais são as relações entre coparentalidade, funcionamento familiar e estilos parentais em uma perspectiva intergeracional, em famílias com crianças de cinco a sete anos de idade?**

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender as relações entre coparentalidade, funcionamento familiar e estilos parentais em uma perspectiva intergeracional, em famílias com crianças de cinco a sete anos de idade.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar o funcionamento familiar em famílias com crianças de cinco a sete anos de idade.
- Identificar as dimensões dos estilos e práticas parentais predominantes em duas gerações: os estilos atuais dos pais das crianças focais e as dimensões das práticas parentais dos avós.
- Avaliar a qualidade da relação coparental dos pais.
- Relacionar as dimensões do funcionamento familiar, estilos parentais bigeracionais e coparentalidade atual.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 PENSAMENTO SISTÊMICO

Esta pesquisa tem por base os pressupostos epistemológicos do Pensamento Sistemico – complexidade, instabilidade e intersubjetividade – por entender que os mesmos permitem a compreensão da complexidade do fenômeno em estudo e os múltiplos elementos que convergem.

O pressuposto da complexidade tem por princípio básico o entendimento de que tudo no Universo está interligado através de um emaranhamento de ações, interações e retroações. Ao adotar o ponto de vista da complexidade sob um fenômeno, sabe-se que é impossível um ponto de vista onisciente e que o caminho possível é a construção de metapontos de vista (limitados e frágeis), requisito que diferencia o pensamento simples, que acredita em verdades absolutas, em realidade independente do observador; e o conhecimento complexo que aponta para uma necessidade da “curva auto-observável” do observador-conceituador sobre si mesmo (Morin, 1990, 1996).

O pressuposto da complexidade requer do pesquisador uma contextualização dos fenômenos e o reconhecimento da causalidade recursiva. A recursividade refere-se a uma causalidade complexa que pode ser representada por uma espiral, em que os efeitos e produtos de uma ação são necessários ao próprio processo que os gera, eles “retornam” a situação que lhes produziu, reforçando-a, quer dizer, gerando processo de produção, sempre num patamar diferente do anterior (Esteves de Vasconcellos, 2003, p. 116).

Uma vez que se reconhece a causalidade recursiva dos fenômenos e que a busca da compreensão dos mesmos deve ser de forma contextualizada, então, entende-se que o mundo está em processo dinâmico de constantes transformações, conferindo aos fenômenos, uma imprevisibilidade, trata-se do pressuposto da instabilidade. E o pressuposto da intersubjetividade, por sua vez, reconhece que não há uma realidade independente do observador e que o conhecimento científico é construção social, em espaços consensuais, por diferentes sujeitos/observadores (Esteves de Vasconcellos, 2003, 2005). De acordo com os pressupostos da complexidade e intersubjetividade, portanto, uma das tarefas do pesquisador é compreender e explicitar o próprio papel, seus limites, possibilidades e implicações, contextualizando o seu fazer (Böing, Crepaldi & Moré, 2008).

Pensar a família, sob a perspectiva sistêmica, implica em considerar que o comportamento de cada um de seus membros é interdependente do comportamento dos outros. E que a unidade familiar é um sistema composto por indivíduos que podem também ser considerados sistemas por si só e, ao mesmo tempo, uma parte de um sistema, ou seja, um subsistema. E ainda, que essa unidade familiar também faz parte de um sistema familiar maior que se inclui em outros sistemas mais amplos, como o sistema sociocultural e assim por diante (Cervený, 2000).

A família se mostra para a psicologia como um objeto de pesquisa precioso nos estudos sobre desenvolvimento humano, entendendo a família e a cultura como contextos essenciais para a compreensão do indivíduo em sua singularidade. Focalizar a singularidade e a complexidade da rede relacional familiar permite vislumbrar a família como um grupo específico em desenvolvimento, inserido em um contexto social, histórico e cultural também em desenvolvimento. Amplia-se o foco de atenção que passa a ser voltada para a comunicação e o comportamento de todos os membros envolvidos no sistema, nos elos de recursividade entre os membros e aos contextos em que estão inseridos (Aun, Esteves de Vasconcellos & Coelho, 2005; Dessen & Silva Neto, 2000; Grandesso, 2000).

A perspectiva sistêmica nos estudos com famílias trouxe implicações da ampliação do foco, mas também de uma mudança de postura e visão das famílias. Propõe a mudança de uma ótica voltada ao produto, na qual o mundo familiar tem como figura principal os desajustes, conflitos, déficits e fracassos (considerando as pessoas nos seus aspectos mais redutores e ainda, muitas vezes, culpabilizando os membros da família a partir de uma lógica de causalidade linear) para focar os processos, pesquisar, compreender e fortalecer os recursos e o sucesso do grupo familiar, através do estudo de percepções de elementos das experiências de vida, aspectos biológicos, de interações pessoais com o contexto, compreendidos na ótica sistêmica – contextualizada e intersubjetiva. Entende-se que a compreensão da complexidade dos fenômenos familiares, como a intergeracionalidade, não pode ser atingida com um único estudo, mas sim por meio da conjunção de diversos estudos, apontando a importância e necessidade da contextualização do processo de investigação para melhor responder às demandas científicas e sociais (Böing et al., 2008).

São várias as teorias sistêmicas que podem contribuir para o embasamento teórico dos estudos com famílias. Esta pesquisa se utiliza

da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Morris, 1998) e da Teoria Estrutural dos Sistemas Familiares (Minuchin, 1982).

3.2 TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

A implementação de pesquisas empíricas buscando a compreensão do indivíduo no contexto familiar ocorreu basicamente após a publicação dos trabalhos de Urie Bronfenbrenner, na década de 1970 (Dessen & Silva Neto, 2000). Este autor desenvolveu a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, através da qual se entende que o desenvolvimento humano se dá através de processos progressivamente mais complexos de interações recíprocas e ativas, desenvolvendo o organismo humano biopsicológico e as pessoas, objetos e símbolos no meio imediato. Desta forma, o desenvolvimento é compreendido como um fenômeno complexo que se dá através da interação de quatro núcleos principais: os processos proximais (interações que promovem desenvolvimento); as características pessoais; o contexto e o tempo, denominado "Modelo PPCT" (Bronfenbrenner, 1999, 2005; Bronfenbrenner & Morris, 1998).

3.2.1 Processos Proximais

Os processos proximais representam o mecanismo central do desenvolvimento e são definidos como uma troca de energia entre a pessoa em desenvolvimento e as pessoas, objetos e símbolos no ambiente externo imediato. São as interações “face a face”, recíprocas e ativas, com base regular e períodos prolongados. Sendo assim, para que as interações assumam caráter de processo proximal devem atender a cinco aspectos simultaneamente: (a) a pessoa deve estar engajada em uma atividade; (b) esta atividade deve acontecer em uma base relativamente regular, através de períodos estendidos de tempo; (c) as atividades devem ser progressivamente mais complexas; (d) deve haver reciprocidade nas relações interpessoais; e, (e) os objetos e símbolos presentes no ambiente imediato devem estimular a atenção, exploração, manipulação e imaginação da pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Os processos proximais podem ocorrer em atividades solitárias da pessoa em desenvolvimento; quando esta interage com objetos e

símbolos do meio; ou atividades com outras pessoas (formando sistemas diádicos, triádicos ou poliádicos). As díades constituem as estruturas interpessoais primárias e podem assumir três formas funcionais: díades observacionais; de atividade conjunta e díades primárias. As **díades observacionais** são aquelas em que um dos participantes presta atenção cuidadosa e continuada à atividade do outro (ex.: quando uma criança observa atentamente a mãe preparar uma refeição). As **díades de atividade conjunta** ocorrem quando os participantes se percebem realizando uma atividade em conjunto, mesmo que não estejam fazendo a mesma coisa (ex.: enquanto a mãe prepara a refeição e a criança lhe entrega os ingredientes). E as **díades primárias** são aquelas que continuam a existir para ambos os participantes mesmo quando não estão juntos fisicamente. Por estarem ligados por um vínculo emocional, um aparece nos pensamentos do outro e influencia o comportamento do outro (Bronfenbrenner, 1996).

Para Bronfenbrenner (1996), o poder desenvolvimental das díades está atrelado a três propriedades: intensidade e grau de reciprocidade; afeto; e equilíbrio de poder. A **reciprocidade** refere-se à capacidade de os membros coordenarem suas atividades entre si, o que favorece a aquisição de habilidades interativas, da noção de interdependência e estimula os participantes a se engajarem em padrões mais complexos de interação, produzindo importantes efeitos para o desenvolvimento cognitivo. O **afeto**, por sua vez, é resultante da regularidade das interações das díades. O vínculo emocional desenvolvido pela díade torna-se especialmente importante quando ocorre nas relações com pessoas fortemente comprometidas com o bem-estar e com o desenvolvimento da outra pessoa. Quanto mais positivos e mútuos forem os sentimentos, maior a possibilidade de ocorrência de processos desenvolvimentais, como exemplo, o aluno que aprende significativamente mais com o professor com o qual possui um relacionamento estreito e positivo. E a terceira propriedade desenvolvimental das díades, o **equilíbrio de poder**, reside na possibilidade de a pessoa em desenvolvimento adquirir, gradualmente, crescentes oportunidades de controlar a situação, desenvolvendo sua autonomia e a capacidade de lidar com relações de poder diferenciadas.

Entendendo o desenvolvimento humano como um processo contínuo ao longo de toda a vida, todos os participantes sofrem modificações e se desenvolvem nos processos proximais, que podem produzir efeitos positivos ou negativos no processo de desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Ceci, 1994).

Em relação aos efeitos dos processos proximais, Bronfenbrenner (2005) aponta que estes podem contribuir para a competência ou disfuncionalidade. A competência refere-se à aquisição e ao desenvolvimento de conhecimento, habilidade ou capacidade de dirigir o próprio comportamento, podendo ocorrer em qualquer domínio – intelectual, físico, emocional, artístico, social. A disfunção diz respeito às recorrentes manifestações de dificuldades em manter o controle e a integração do comportamento em diferentes situações e domínios do desenvolvimento, como exemplo, tem-se os comportamentos de internalização (timidez excessiva, sintomas depressivos) e externalização (agressividade, hiperatividade, conduta anti-social).

A capacidade das díades de gerarem desenvolvimento depende da participação, direta ou indireta, de outras pessoas na interação, formando um sistema poliádico que torna possível maior ocorrência e complexidade dos processos proximais (Bronfenbrenner, 1996). Em função do contato prolongado e constante que mantém com a criança, os pais e demais cuidadores são os principais engajados em processos proximais promotores de desenvolvimento. Dificuldades provenientes do estresse e do baixo nível de instrução podem prejudicar a capacidade responsiva em relação às necessidades das crianças e tendem a prejudicar a qualidade dos processos proximais, podendo gerar disfunções no desenvolvimento das crianças (Ceconello & Koller, 2004).

3.2.2 Pessoa

O segundo núcleo da Teoria Bioecológica, **a pessoa**, é entendida como produtora e produto do desenvolvimento. As características pessoais que influenciam os processos proximais são agrupadas em três domínios: (a) as disposições comportamentais; (b) os recursos biopsicológicos e (c) as demandas pessoais. As disposições comportamentais podem ser generativas ou inibidoras. São generativas quando influenciam de forma positiva os processos proximais, ou seja, quando envolvem orientações ativas, tais como: curiosidade, tendência em iniciar e engajar-se em atividades. E são classificadas como inibidoras quando influenciam negativamente os processos proximais, isto é, quando abrangem as características disruptivas da pessoa que dificultam a manutenção do controle sobre as emoções, como a impulsividade, a agressividade, a apatia, a insegurança (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Os recursos biopsicológicos se referem às características que influenciam a capacidade da pessoa para engajar-se nos processos proximais. Trata-se de características que podem tanto limitar a capacidade de engajamento, tais como: doenças crônicas ou dano cerebral; ou habilidades psicológicas relacionadas às capacidades, conhecimento e experiências. E as demandas pessoais, por sua vez, dizem respeito às características relacionadas à capacidade de provocar ou impedir a presença, no ambiente, de reações que favoreçam ou inibam a ocorrência dos processos proximais. Tais características englobam a aparência e a personalidade como, por exemplo, bebês risonhos que geralmente despertam mais a atenção e interesse dos adultos do que os bebês irritados. Características demográficas como idade, gênero e etnia também influenciam a direção e a força dos processos proximais e, conseqüentemente, os resultados evolutivos que deles decorrem (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

3.2.3 Contexto

O terceiro núcleo do Modelo Bioecológico é o **contexto** de vida das pessoas. Trata-se do sistema ecológico em que ocorre o desenvolvimento humano, organizado por subsistemas sobrepostos que ajudam a guiar e a amparar o crescimento. É analisado em quatro níveis: micro/meso/exo e macrosistema.

O microsistema é o nível onde operam os processos proximais, ou seja, onde a pessoa que se encontra em desenvolvimento vive e interage face a face. É seu meio imediato. No caso das crianças é, por exemplo, a família ou a escola. Estas interações apresentam características físicas, sociais e simbólicas particulares, que promovem ou inibem um engajamento nas interações de modo mais direto e atuante. No mesossistema, por sua vez, ocorrem inter-relações de microsistemas, ou seja, de ambientes dos quais a pessoa em desenvolvimento participa de forma frequente e ativa, tais como: as relações família-escola; família-vizinhança. O mesossistema, portanto, é considerado um sistema de microsistemas e é formado ou ampliado à medida que a pessoa passa a participar de um novo ambiente (Bronfenbrenner, 1996; Bronfenbrenner & Morris, 1998).

O exossistema diz respeito às inter-relações dos microsistemas da pessoa em desenvolvimento com outro ambiente do qual ela não participa diretamente, mas sofre influência. São exemplos do exossistema das crianças: escola-comunidade; família-local de trabalho

dos pais. E o macrossistema se refere aos modelos institucionais de cultura (economia; leis; políticas públicas; estilos de vida; religião; costumes) que estabelecem padrões no micro, meso e exossistema. Assim, por exemplo, a cultura, os valores e crenças segundo os quais os pais foram educados exercem forte influência sobre a maneira como educam seus filhos (Bronfenbrenner, 1996)

Estes subsistemas não são fixos ou mutuamente exclusivos; são dotados de dinamismo e caracterizam-se pela possibilidade simultânea de ocorrência. Além disso, o Modelo Bioecológico destaca a importância das interconexões entre os subsistemas, a ponto de estas poderem ser mais importantes para o desenvolvimento humano do que os próprios eventos que neles ocorrem (Bronfenbrenner, 1996, 1999, 2005).

3.2.4 Tempo

O quarto elemento do Modelo, o **tempo**, chamado de "cronossistema", abrange as mudanças, relacionadas ao tempo, no indivíduo e no ambiente em que vive. São as mudanças no ciclo de vida individual e familiar. É dividido em: microtempo (continuidades/descontinuidades dentro dos episódios de processo proximal); mesotempo (periodicidade dos episódios de processo proximal) e macrotempo (transgeracionalidade e mudanças na sociedade). Assim, o Modelo Bioecológico abarca as continuidades e mudanças que se operam nos ambientes, nos processos proximais e nas características biopsicológicas da pessoa em desenvolvimento e das gerações que a antecederam (Bronfenbrenner, 1999).

A *Figura 1* ilustra os sistemas contextuais do Modelo Bioecológico:

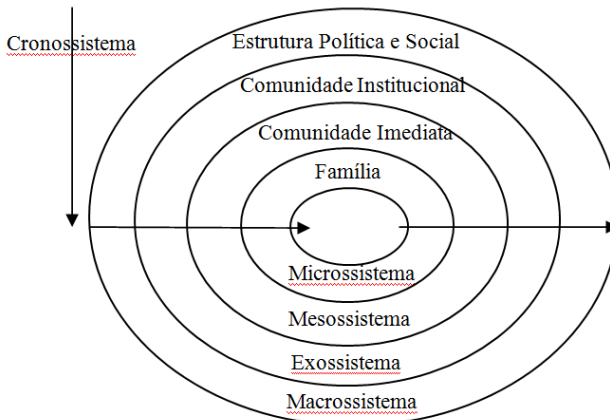


Figura 1. Representação dos sistemas contextuais que compõem a Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner, com base em Halpern e Figueiras (2004).

Assim, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano compreende a família como contexto primário de desenvolvimento, formado por um conjunto de relações que se caracterizam por influência recíproca, direta, intensa e duradoura. E destaca três características que se estabelecem nas relações familiares: a **reciprocidade**, o **equilíbrio de poder** e o **afeto**. Portanto, no contexto familiar, uma situação promotora do desenvolvimento é aquela em que o equilíbrio de poder gradualmente se altera em favor da pessoa em desenvolvimento, promovendo autonomia, sendo que o afeto desempenha um papel fundamental em todo o processo (Bronfenbrenner, 1996).

Esta breve apresentação da Teoria Bioecológica permite visualizar, sob a perspectiva da complexidade, a compreensão do desenvolvimento humano como um processo recursivo que ocorre ao longo de toda a vida. Esta teoria oferece ao pesquisador uma visão ampla das situações, das pessoas e suas inter-relações nos diversos contextos e no tempo, sendo, portanto, um referencial teórico aconselhável quando se pretende uma compreensão da complexidade do fenômeno família, considerando todos os contextos com os quais ela se relaciona (Böing et al., 2008).

Através da Teoria Bioecológica, entende-se que o sujeito está em estreita união com o ambiente no qual está inserido, transformando e sendo transformado nas relações que se estabelecem. Assim, os pais e mães, ao construírem seus valores, metas e estratégias educativas,

fazem-no através da interação com seu meio, de forma que esta construção se processa com interdependência dos vários aspectos do contexto em que vivem, em todo os seus níveis (Bem & Wagner, 2006).

3.3 TEORIA ESTRUTURAL DOS SISTEMAS FAMILIARES

O ciclo de vida individual – concebido como um processo ao longo de toda a vida – se desdobra dentro do ciclo de vida familiar em constante interdependência com as fases e transições vivenciadas pela família. A compreensão do Desenvolvimento Familiar complementa a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano no sentido de oferecer uma estrutura teórico-conceitual para a compreensão das famílias, seu funcionamento e dinâmica nas diversas etapas do ciclo vital, relacionando o desenvolvimento individual de cada membro ao desenvolvimento do grupo familiar (Carter & McGoldrick, 2001; Cerveny & Berthoud, 2002, 2009).

Existem diversas teorias sistêmicas que embasam a compreensão da dinâmica e desenvolvimento familiar. Nesta pesquisa será utilizada a **Teoria Estrutural dos Sistemas Familiares de Minuchin (1982)**, por ser este o referencial teórico dos atuais modelos de compreensão da coparentalidade, dentre eles, o Modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade (Feiberg, 2003), utilizado nesta pesquisa.

A grande variedade de configurações familiares e as singularidades de cada uma dificultam a construção de um conceito único de família. Para Minuchin, Lee e Simon (2008), famílias são diferentes e semelhantes, pois constituem:

Um grupo de pessoas conectadas por emoção e/ou sangue, que viveu junto o tempo suficiente para ter desenvolvido padrões de interação e histórias que explicam esses padrões de interações. Em suas interações padronizadas entre si, os membros familiares constroem uns aos outros. (p.52)

Para Minuchin (1982), a família é um sistema que passa por um desenvolvimento, atravessando estágios que requerem reestruturação, adaptando-se a circunstâncias modificadas para manter a continuidade e intensificar o crescimento psicossocial de cada membro. O sistema familiar opera através de transações repetidas que estabelecem padrões de como, quando e com quem se relacionar, e estes padrões reforçam o

sistema. Assim, a estrutura familiar é o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros interagem.

Os **padrões de relacionamento** são mantidos por dois sistemas de repressão. Um sistema genérico, que envolve regras universais que governam a organização familiar, tais como: *a hierarquia de poder* (pais e filhos têm diferentes níveis de autoridade) e *complementaridade das funções* (o casal aceitando a interdependência e operando como uma equipe – como na relação coparental). O segundo sistema de repressão que mantém os padrões de relacionamento é idiossincrático e envolve as *expectativas mútuas* de membros específicos da família. Estas expectativas têm origem em todo o histórico de negociações explícitas e implícitas entre os membros em torno de pequenos eventos cotidianos. Cientes da origem ou não, os padrões de relacionamento entre os membros permanecem, mantendo o sistema (Minuchin, 1982).

Para o autor, um dos principais meios de acesso à estrutura e à dinâmica da família é a análise dos **subsistemas familiares**. Um indivíduo pode participar de diferentes subsistemas nos quais terá diferentes níveis de poder; aprenderá diferentes habilidades e manterá diferentes relações complementares, tais como: o subsistema conjugal (formado pelo casal); subsistema parental (pais) e fraternal (irmãos). Cada subsistema familiar realiza e formula funções e demandas específicas de cada um de seus membros, sendo que o desenvolvimento das competências pessoais adquiridas em cada um desses subsistemas depende do grau de autonomia atingido pelos mesmos. Por exemplo, a capacidade de um cônjuge exercer uma função complementar com seu companheiro requer liberdade da interferência de parentes afins e de filhos; e entre os irmãos, o desenvolvimento de habilidades para negociação com iguais requer a não interferência dos pais.

As regras que definem a delimitação dos subsistemas e o padrão de relacionamento entre seus membros são definidas como **fronteiras**. O funcionamento saudável da família requer que as fronteiras dos subsistemas sejam **nítidas**, ou seja, quando os limites são suficientemente bem definidos para permitir contato entre os membros de diferentes subsistemas e o cumprimento de suas funções sem a interferência indevida dos outros. Quando não existem limites entre os subsistemas, as fronteiras tornam-se **difusas**, o que promove um padrão de funcionamento emaranhado na família. São famílias que giram em torno de si mesmas, e em geral, ficam sobrecarregadas e, sob circunstâncias estressantes, carecem de recursos para se adaptar e mudar. Por outro lado, quando os limites são excessivos, as fronteiras

podem se tornar **rígidas**, promovendo um padrão de desligamento, a comunicação através dos subsistemas se torna difícil e as funções protetoras da família ficam prejudicadas (Minuchin, 1982).

Todas as famílias, nos diferentes momentos de seu desenvolvimento, são concebidas como incidindo em algum lugar ao longo de um *continuum*, cujos pólos são os dois extremos de fronteiras difusas e excessivamente rígidas. Por exemplo, o subsistema mãe-filhos pode tender para o emaranhamento quando as crianças são pequenas, e o pai pode assumir uma posição desligada em relação aos filhos, ou mais ligada aos filhos mais velhos. Um subsistema pais-filhos pode tender para o desligamento à medida que as crianças crescem e começam a se separar da família. A persistência nos extremos, todavia, indica áreas de possível funcionamento patológico. Nos subsistemas ou nas famílias emaranhadas (com fronteiras difusas), o comportamento e os sentimentos de um membro afetam imediatamente os demais, o que pode produzir um aumento exacerbado do sentimento de pertencimento ao grupo. Esse sentimento, por seu turno, implica uma significativa renúncia à exploração da autonomia e domínio de problemas e pode se transformar em um importante fator de desenvolvimento de sintomas e inibição de habilidades cognitivo-afetivas. Nas famílias emaranhadas, os membros podem se tornar excessivamente dependentes entre si, e a dificuldade de diferenciação de sua família de origem implicará em dificuldades para estabelecer uma nova família. Por sua vez, nos subsistemas ou nas famílias desligadas (com predomínio de fronteiras rígidas) pode haver um senso distorcido de independência e carência de sentimentos de lealdade, pertencimento e interdependência, sendo necessários níveis elevados de stress para acionar o apoio dos demais membros (Minuchin, 1982).

A Teoria Estrutural dos Sistemas Familiares aborda os padrões de relacionamento e as funções de todos os subsistemas familiares, nos diferentes momentos do ciclo de vida da família. Em função dos objetivos desta pesquisa, serão focadas as questões relativas ao **subsistema parental**.

O nascimento do primeiro filho inicia uma nova etapa no ciclo de vida familiar, quando surge o subsistema parental e um novo nível de formação é atingido. Esse momento requer do subsistema parental uma diferenciação para desempenhar a tarefa de socialização da criança, sem perder o apoio mútuo que deveria caracterizar o sistema conjugal. As principais funções do subsistema parental são a educação e socialização dos filhos – por esta razão, denominado também de “**subsistema**

executivo". À medida que a criança cresce, suas exigências de desenvolvimento, de autonomia e de orientação impõem demandas ao subsistema parental, que deve ser modificado para atendê-las. Inicialmente predominam as funções de nutrição para posteriormente aparecerem às funções de controle e orientação. Assim, a parentalidade parece ser um processo de acomodação mútua entre pais e filhos, quando se deve buscar um equilíbrio entre o controle por parte dos pais e a autonomia dos filhos. Contudo, a parentalidade sempre vai requerer o uso de autoridade. Os pais não podem exercer suas funções executivas a menos que tenham o poder para fazê-lo. Assim, o funcionamento familiar eficiente necessita que pais e filhos aceitem o uso diferenciado de autoridade pelo subsistema parental. Este se torna um laboratório social para a criança aprender a lidar com conflitos e negociações em situações de poder desigual que estarão presentes nos diferentes ambientes que a criança, e posteriormente o adulto, se defrontarão ao longo de suas vidas (Minuchin, 1982; Minuchin & Fishman, 1990).

No conjunto de subsistemas que compõem a família, o subsistema executivo (formado, em geral, pelos pais) mostra-se particularmente importante para a adaptação e funcionamento global das crianças. Uma família pode ter dificuldade de estabelecer fronteiras nítidas entre o subsistema conjugal e suas crianças pequenas; ou pode não responder de forma flexível às mudanças necessárias para crianças mais velhas; ou, ainda, pode ser incapaz de conter o conflito no subsistema apropriado de marido e mulher e utilizar as crianças em funções mediadoras ou como "bodes expiatórios" (Minuchin, 1985).

Para Minuchin (1982), a dinâmica processual e estrutural da família permite compreender os níveis de ajustamento psicológico dos seus membros, assumindo particular poder na predição dos resultados desenvolvimentais das crianças. Para o autor, as negociações no cotidiano familiar demonstram o funcionamento e a delimitação de poder, pois a hierarquia pode ser pensada como um aspecto da organização familiar, podendo revelar qual subsistema é dominante, que estilo é exercido, se é coercitivo e autoritário ou se permite negociação, se tolera discordâncias, se há resistência à criação de regras, dentre outras questões. Um sistema pode ser funcional ou disfuncional dependendo da organização da sua estrutura, mas também há interferências das situações sociais, bem como o nível de estresse e desenvolvimento dos filhos, o qual também deve ser levado em consideração.

Todos estes aspectos relacionais da teoria Estrutural dos Sistemas Familiares (Minuchin, 1982) podem ser contextualizados na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner). O subsistema parental ou executivo encontra-se no microssistema da criança, é onde ocorrem as relações coparentais, que são exemplos de processos proximais promotores de desenvolvimento. As dimensões relacionais da Teoria Estrutural (coesão, flexibilidade e comunicação) também aparecem com destaque na Teoria Bioecológica (afeto, equilíbrio de poder e reciprocidade). Ambas as teorias postulam que as dinâmicas relacionais pais-filhos implicam um equilíbrio de poder que se altera em favor da criança de forma a promover sua autonomia, e destacam a relevância da autoridade parental e do afeto neste processo. E com relação aos efeitos desta dinâmica relacional pais-filhos, ambas as teorias apontam possibilidades de efeitos positivos e negativos, com ênfase no âmbito individual (desenvolvimento de competência ou disfuncionalidades na criança, na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento) e no âmbito familiar (sistema funcional ou disfuncional, na Teoria Estrutural dos Sistemas Familiares).

4. MAPA CONCEITUAL

Os conceitos centrais envolvidos nesta pesquisa são: **coparentalidade** e **intergeracionalidade**. Considerando que as dimensões da coparentalidade incluem aspectos da parentalidade (estilos parentais) com ênfase na relação interparental e dimensões do funcionamento familiar, a abordagem intergeracional será considerada através da análise dos estilos parentais de duas gerações; do funcionamento familiar de pelo menos três gerações. Com isso, destacam-se outros dois conceitos importantes: **funcionamento familiar** e **estilos parentais** (*Figura 2*).

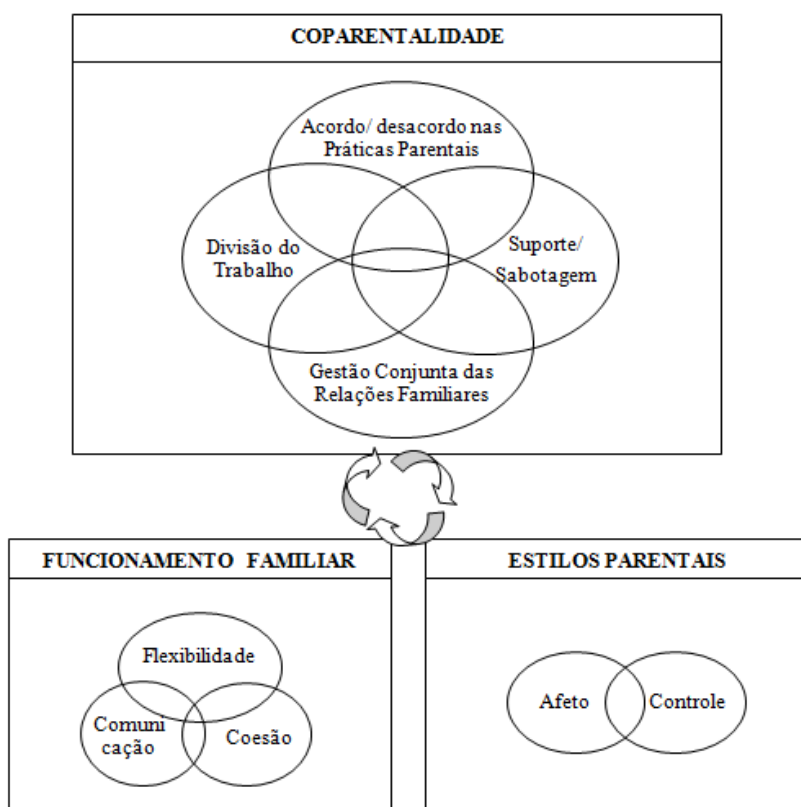


Figura 2. Diagrama ilustrativo dos conceitos centrais utilizados na pesquisa e suas respectivas dimensões, produzido pela autora com base no diagrama da coparentalidade de Feinberg (2003).

4.1 COPARENTALIDADE

Como apontado, o estudo da coparentalidade, ou aliança parental, sustenta-se nos conceitos e nos princípios da Teoria Estrutural dos Sistemas Familiares de Minuchin (1982). O conceito de coparentalidade não é abordado diretamente pelas formulações teóricas de Minuchin, sendo que a definição de **subsistema executivo** é a que mais se aproxima da definição contemporânea da coparentalidade. Assim, a *relação coparental* é o produto da interação entre dois adultos na condução e satisfação das necessidades das crianças que fazem parte do sistema familiar (Lamela et al., 2010).

Coparentalidade, portanto, difere dos subsistemas de relacionamento conjugal (conjugalidade) e de relacionamento entre pai/mãe e filho (parentalidade). Ela apresenta características específicas que influenciam no desenvolvimento da criança e no sistema familiar em sua totalidade. Trata-se, portanto, de um subsistema autônomo que se inter-relaciona com os demais subsistemas familiares – tais como, conjugalidade e estilos parentais individuais (Bonds & Gondoli, 2007; Feinberg, 2002, 2003; Van Egeren & Hawkins, 2004).

Lamela et al. (2010) pontuam que apesar da relevância da teoria de Minuchin no estudo e compreensão das transações dentro da família, as suas contribuições para operacionalização e especificação processual das relações coparentais são limitadas. Estes autores apresentam três modelos de conceitualização da coparentalidade que vêm sendo construídos nesta última década, devido à importância que este construto assumiu na compreensão do funcionamento individual e familiar e aos crescentes dados da investigação empírica sobre o tema. Estas propostas incidem na compreensão dos fatores que sustentam a aliança coparental na vida familiar. Em comum, têm a possibilidade de serem aplicados a qualquer tipo de configuração familiar e a qualquer faixa etária dos filhos. Trata-se do Modelo de Margolin, Gordis e John (2001); do Modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade de Feinberg (2003) e do Modelo de Van Egeren e Hawkins (2004). Estes três modelos teóricos são ricos em descrever as características, funções e consequências do exercício da coparentalidade. As suas formulações e propostas teóricas definem a coparentalidade como um processo diádico, triádico, familiar e contextual.

No presente estudo foi utilizado o Modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade (Feinberg, 2002, 2003) por ser um modelo teórico sistêmico condizente à proposta de pesquisa. Este modelo, segundo Lamela et al. (2010), representa um marco no desenvolvimento teórico da coparentalidade e tem sido o ponto de referência nos estudos, por apresentar uma definição consistente do construto, identificação das suas dimensões, e sobretudo, uma proposta de integração da aliança coparental ao contexto ecológico.

4.1.1 O Modelo da Estrutura Interna da Coparentalidade

A coparentalidade é compreendida como uma **função** que requer o desejo mútuo entre os cuidadores principais de proporcionar segurança, proteção, suporte emocional e físico das necessidades da criança ao longo do seu crescimento, independentemente do tipo de laço relacional. Refere-se, portanto, à forma como os pais coordenam as suas funções parentais, como se apoiam ou não, e como gerem os conflitos face à educação dos filhos (Feinberg, 2002, 2003).

As quatro dimensões do subsistema coparental, identificadas por Feinberg (2002, 2003), são: **acordo ou desacordo nas práticas parentais**; **divisão do trabalho** relacionado à criança; **suporte/sabotagem** da função coparental e **gestão conjunta das relações familiares**. Na ausência de dados empíricos sobre as inter-relações dos componentes, o autor assumiu que as quatro dimensões estão moderadamente relacionadas entre si, ao mesmo tempo em que se distinguem umas das outras.

4.1.1.1 Acordo ou Desacordo nas Práticas Parentais

A primeira dimensão – acordo ou desacordo nas práticas parentais – é o componente associado ao grau de entendimento da díade parental em assuntos relacionados à criança, dentre eles: princípios morais; disciplina; estilos e práticas parentais; decisões sobre educação ou necessidades emocionais da criança. Trata-se de uma dimensão única, em que a concordância e discordância ocupam posições opostas em uma escala bipolar (Feinberg, 2003).

Feinberg (2003) pontua que, considerando que as atitudes parentais são parcialmente baseadas nas vivências com suas famílias de origem, não é de se surpreender que um acordo quanto às questões da criação dos filhos seja, por vezes, difícil. E aponta estudos que

relacionam os desacordos parentais relativos a estas questões com problemas de comportamento e ajustamento nas crianças pré-escolares, em idade escolar, em adolescentes e na vida adulta. Contudo, ressalta que o desacordo por si só não traz efeitos negativos, pois os pais podem, por exemplo, “concordar em discordar”, negociando os pontos de discordância, e assim, serem capazes de manter altos níveis de suporte coparental.

Desta primeira dimensão, para o presente estudo, destaca-se a importância de conhecer os estilos parentais de cada integrante da díade coparental, considerando suas experiências em suas famílias de origem (os estilos parentais de seus pais), associados a um componente relacional da díade coparental (dimensão do funcionamento familiar).

4.1.1.2 Divisão do Trabalho

O segundo componente – divisão do trabalho – corresponde à partilha entre a díade coparental das tarefas e responsabilidades da rotina da criança (relativas aos cuidados; assuntos financeiros, de saúde e legais). Este componente envolve negociação sobre as atividades e funções de cada um com relação à criação dos filhos e apresenta um expressivo impacto na satisfação com a relação coparental e com os níveis de estresse parental. Assim, a satisfação é um indicador desta dimensão. É o resultado de quanto a divisão do trabalho atende às expectativas e crenças parentais acerca das contribuições de cada um para os cuidados da criança. Quando as expectativas não são supridas, a insatisfação aumenta o estresse parental e pode interferir na responsividade dos pais para com as crianças (Feinberg, 2002, 2003).

Um aspecto potencialmente importante da forma como os pais negociam a divisão do trabalho das questões relativas aos filhos é o grau de flexibilidade *versus* rigidez no funcionamento parental e familiar.

4.1.1.3 Suporte/ Sabotagem

Suporte/sabotagem (ou apoio/ desmerecimento) da função coparental é a dimensão que enfatiza a forma como os adultos se valorizam e se apóiam como pais. Envolve a afirmação da competência do outro, reconhecimento, respeito e manutenção das decisões do outro adulto no que se refere à criança. O pólo negativo deste componente é manifestado por um padrão de hostilidade; crítica; culpa e afeto negativo perante o outro da díade coparental. A qualidade do suporte

parental mostra-se associada ao ajustamento da criança e dos progenitores e contribui para sentimentos de competência parental e trajetória adaptativa nos filhos (Feinberg, 2003).

4.1.1.4 Gestão Conjunta das Relações Familiares

O quarto componente, gestão conjunta das relações familiares, integra a pontuação, a modelação e a gerência das interações familiares. Uma gestão familiar conjunta eficaz resulta num auto-controle eficiente da díade (subsistema executivo) sobre os seus comportamentos, padrões de relacionamento e comunicação. A díade coparental é responsável por estabelecer as fronteiras familiares, das quais dependerá a qualidade do funcionamento estrutural da família. Um dos aspectos negativos são os casos nos quais os pais não conseguem manejar seus próprios conflitos, expondo a criança a situações de hostilidade. Ou ainda, situações nas quais os pais criam coalizões¹ e/ou triangulações², envolvendo as crianças nas soluções de seus desentendimentos (Feinberg, 2003).

Feinberg (2003) ressalta que não há dúvidas de que há outros aspectos do funcionamento familiar que se relacionam com a coparentalidade, mas selecionou estas quatro dimensões em função da atenção dada a elas nas pesquisas que embasaram sua teoria.

4.1.2 A Coparentalidade como Centro de um Modelo Ecológico

Em uma perspectiva sistêmica, Feinberg (2003) considera que existe uma influência mútua entre **fatores individuais, familiares e extra-familiares** e a coparentalidade, uma vez que esta não só é influenciada por estes três aspectos, como influencia os comportamentos resultantes destes. Tendo em conta esta influência, o autor considera que a coparentalidade pode funcionar como mediador entre os fatores de risco e os comportamentos familiares. Além de descrever um modelo de estrutura interna da coparentalidade, partindo de diversos estudos, propôs um modelo ecológico no qual a coparentalidade assume papel central, conforme *Figura 3*.

¹ A coalizão é uma propriedade relacional específica das tríades, e consiste na aliança de duas pessoas contra uma terceira (Wendt & Crepaldi, 2008).

² A triangulação é configuração emocional de três pessoas, na qual a pessoa “triangulada” cumpre uma função de regulação da tensão que existe entre as outras duas (Wendt & Crepaldi, 2008).

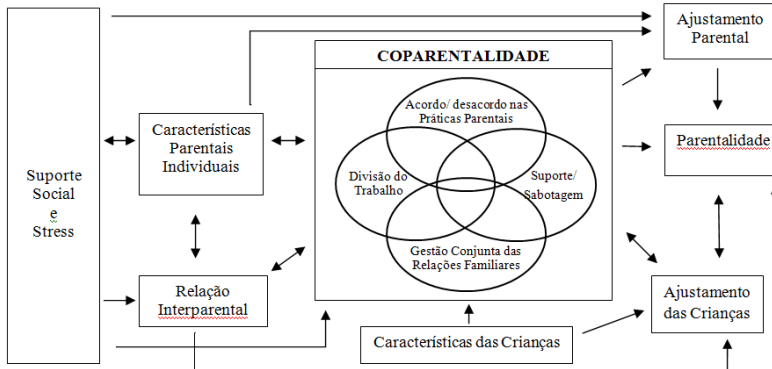


Figura 3. Modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade de Feinberg (2003), traduzido e adaptado.

Os quatro componentes da coparentalidade são agora considerados como um conjunto inserido em um contexto ecológico interagindo recursivamente com fatores individuais, familiares e extra-familiares. Tal qual como são destacados os elementos “pessoa” e “contexto” e a interação de seus componentes com os “processos proximais”, na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner.

As características individuais dos pais, como, atitudes e saúde física e mental, influenciam tanto a coparentalidade como a relação interparental. E as características individuais da criança, como temperamento, também podem exercer influência na forma como os pais cooperam na sua educação e interferir no grau de satisfação e harmonia na relação coparental. É esperado que a relação coparental medie parcialmente as influências do temperamento da criança na relação do casal e na parentalidade (Feinberg, 2003).

Dos fatores familiares, o mais influente na coparentalidade é a relação da díade parental. Novos parceiros coparentais trazem para a relação coparental suas habilidades de demonstrar suporte e respeito um pelo outro e habilidade para discussão sobre desacordos e negociação (aspectos da relação interparental). Feinberg (2003) cita estudos que testaram, longitudinalmente, as associações entre a relação interparental e coparental, dentre eles, o estudo de Schoppe, Mangelsdorf & Frosch (2001) que testou ambas direções e constatou que a coparentalidade, aos 6 meses da criança, influenciou o relacionamento conjugal aos 3 anos, mas a relação conjugal aos 6 meses não predisse a coparentalidade aos 3 anos. Assim, uma vez formada, a relação coparental assume papel

central no cotidiano dos parceiros coparentais e da família, e influencia o curso da relação interparental.

Os fatores extra-familiares, incluídos no modelo, dizem respeito aos fatores de estresse e de suporte social. De forma geral, a rede de suporte social extra-familiar pode ser um fator de proteção, no sentido de facilitar o enfrentamento familiar de experiências estressantes. Neste modelo, o suporte social é visto como reforçador da relação coparental em ambas as direções, direta e indiretamente, através das características parentais e da relação interparental. Além disso, independente da relação coparental, espera-se que o suporte social extra-familiar reforce o ajustamento parental (conforme Figura 2). Os fatores socioeconômicos são também considerados como possíveis fatores de risco para a coparentalidade (Feinberg, 2003).

De forma geral, o modelo ecológico ressalta o papel central e mediador da coparentalidade nas associações envolvendo a relação interparental, a parentalidade e ajustamento da criança. Esta função mediadora da relação coparental pode ser exemplificada no estudo de Margolin et al. (2001) em que a associação entre conflito interparental e parentalidade se tornou insignificante quando a coparentalidade foi adicionada no modelo. Neste modelo, a qualidade da relação coparental influencia diretamente a parentalidade e o ajustamento da criança, bem como, indiretamente (através do ajustamento parental) (vide Figura 3).

O papel mediador da coparentalidade também auxilia na compreensão de como as características individuais dos pais são filtradas através do sistema familiar e posteriormente afetam a criança. Pesquisas revisadas por Feinberg (2003) sugerem que a coparentalidade media parcialmente as influências das características individuais dos pais ou das crianças na parentalidade e no ajustamento da criança.

Assim, o modelo ecológico evidencia que a relação coparental se mostra mais intimamente ligada ao ajustamento da criança do que os outros aspectos da relação interparental. Uma relação coparental forte será preditora de um melhor ajustamento e desenvolvimento da criança. A relação coparental também tem um potencial transformativo no que se refere aos fatores da parentalidade, de um modo geral, e no processo de desenvolvimento das crianças; sendo também mediador através das influências das características individuais de cada progenitor, das características parentais, da relação conjugal, dentre outros (Feinberg, 2002).

4.2 TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL

Os padrões interacionais familiares tendem a se repetir ao longo das gerações e este fenômeno pode ser visto nas pesquisas e atendimentos de famílias. Cerveny (2000) faz uma síntese histórica e aponta que a preocupação com as repetições, no âmbito do intergeracional familiar, é antiga e de certa forma, as repetições já foram estudadas por vários teóricos em diversas linhas.

Laing (1969), citado por Cerveny (2000), afirma que o que se internaliza nos indivíduos não são os objetos como tais, mas sim, padrões de relação, por meio de operações internas. Segundo este autor, cada geração projeta na seguinte elementos derivados do produto de pelo menos três fatores: (1) o que foi projetado nela por gerações anteriores; (2) o que foi induzido nela por gerações anteriores e (3) o que foi sua resposta a essa projeção e a essa indução. Cerveny aponta que esta posição de Laing se mostra similar a do filósofo Sartre quando afirma que *somos aquilo que fazemos com o que fizeram conosco*.

Bowlby (1990), por sua vez, em sua teoria sobre o apego, também propôs que as pessoas internalizam as experiências com seus significantes na forma de modelos de relacionamento e ressalta que estes, uma vez formados, são resistentes a mudanças. Sobretudo pelo fato de que, nos seus relacionamentos ao longo da vida, as pessoas provavelmente escolhem parceiros que validam suas estratégias internas e, quando estas pessoas se tornam pais, geralmente estabelecem com seus filhos um padrão de relacionamento similar.

Destacam-se também, os teóricos sistêmicos que observaram e pontuaram a repetição de certos padrões de interação familiar. Cerveny (2000) ressalta que cada autor privilegiava a descrição da repetição no padrão mais envolvido com seus aportes teóricos específicos, sendo a repetição enfocada apenas sob esses aspectos. Por exemplo, para Haley (1976), as repetições foram anotadas na forma de padrões de hierarquia e poder dentro da família. Ferreira e Andolfi (1987) descreveram mitos que se perpetuam através das gerações. Watzlawick (1973) pressupõe a repetição a partir da comunicação, usando o conceito de *feedback*. Bowen (1998) refere-se à transmissão multigeracional de pautas familiares que têm uma força expressiva na vida emocional das famílias. Minuchin (1982), em sua Teoria Estrutural, fala da força da matriz familiar que está presente na repetição dos padrões interacionais. Boszormenyi-Nagy e Spark (1973) referindo-se às pautas do conflito de lealdades no casamento, dizem que quando um casal se une, um dos

componentes motivacionais para o novo compromisso é a fantasia de criar uma unidade familiar melhor do que a família de origem, e que pode haver críticas do casal quanto aos padrões que eram seguidos nas famílias de origem (ou mesmo pacto de mudá-los) contudo, continuam repetindo-os.

Como exposto, os teóricos sistêmicos estudaram e descreveram as repetições com foco específico de acordo com seus pressupostos teóricos. Diante disso, Cerveny (2000) e seu grupo de pesquisa se propuseram a estudar a repetição em quase todos os padrões de interação e ressaltam a necessidade de se desenvolver mais pesquisas desta amplitude. A autora afirma que:

Ampliar os modelos de repetição para o máximo de padrões de interação, ver as possibilidades de como se faz a transmissão dessa repetição, poder trabalhar preventivamente e não só curativamente, assumir que existem boas repetições e que elas devem ser conservadas na identidade de cada família também faz parte desse trabalho. (p. 41)

Em uma pesquisa qualitativa, através de estudo de casos, Cerveny (2000) estudou e identificou a transmissão intergeracional pela análise de sete categorias de padrões de interação, fundamentadas em diversas teorias sistêmicas: a comunicação; as regras familiares; os mitos; as sequências da repetição de modelos; as triangulações; os padrões de afetividade na família; e hierarquias. Dentre os sujeitos pesquisados, percebeu-se que as famílias de origem são pouco conhecidas e que as histórias das famílias se perderam, propiciando o enfraquecimento da identidade das famílias, com rupturas e distanciamentos. A autora destaca a importância de se voltar às famílias de origem para mudar a natureza das transações do passado e no presente. E ainda, que a percepção e o descobrimento da repetição de padrões interacionais, intergeracionalmente, podem levar a mudanças significativas e também paralisações angustiantes, mas, sobretudo, tende a transformar a experiência em conhecimento.

A partir da reunião de autores de diversas universidades brasileiras e do exterior, Tomizaki (2010ab) apresenta uma discussão sobre os desafios teórico-metodológicos enfrentados pelos pesquisadores ao se debruçarem sobre a análise de variados processos de transmissão intergeracional. A autora destaca os aspectos fundamentais que devem compor um quadro de análise dos conjuntos

geracionais, que são: (1) idade; (2) situação de classe; (3) experiências comuns (concretas ou simbólicas); (4) relação com outras gerações (sucessoras ou antecessoras); (5) conjuntura histórica (social, econômica e política) na qual se inscrevem as gerações; e (6) família/relações de parentesco.

Segundo a autora, todo e qualquer estudo que se proponha a analisar as práticas, percepções e discursos de um dado grupo social em uma perspectiva geracional precisa, necessariamente, partir da composição das duas primeiras variáveis: idade e situação de classe, sendo que estas só farão sentido na compreensão de uma geração na medida em que puderem ser relacionadas a um conjunto significativo de experiências compartilhadas pelos membros do grupo estudado. De forma que, somente a conjugação desses três elementos (idade, situação de classe e experiências comuns) pode revelar, de modo preciso, os contornos de uma geração. Além disso, há que se considerar a dimensão familiar e a conjuntura histórica do período no qual se inscrevem as gerações assumidas como objeto de estudo, pois as gerações familiares nunca se encontram descoladas da realidade das gerações sociais ou históricas e são continuamente influenciados pela ordem social, política e econômica vigente. Neste contexto, vê-se que transformações sociais são capazes de apresentar desafios suficientemente significativos, a ponto de provocarem o surgimento de novos comportamentos e atitudes nos grupos familiares e sociais (Tomizaki, 2010b).

Os aspectos fundamentais apontados por Tomizaki (2010b), a serem considerados nos estudos dos processos intergeracionais, contém elementos de contextualização característicos de uma abordagem sistêmica dos fenômenos e podem ser relacionados, de certa forma, às dimensões de análise propostas pela Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. Por exemplo, o aspecto da “dimensão familiar/ relações de parentesco” e as “experiências comuns” podem ser relacionadas aos microsistemas e os processos proximais que neles ocorrem. E aspectos da “situação de classe” e “conjuntura histórica, social, econômica e política” aos elementos do macrossistema e cronossistema.

De acordo com Tomizaki (2010b), transmitir e herdar são duas facetas de um mesmo movimento que coloca as gerações diante do desafio de definir como devem se conduzir em relação à sua herança, que pode ir dos bens estritamente materiais aos totalmente simbólicos, bem como pode ser pensada tanto no plano das microrrelações sociais

(como as familiares), quanto em uma dimensão macrosocial (como os sistemas previdenciários, regulados pelo Estado).

No contexto da temática da criação dos filhos, estudos indicam a ocorrência da transmissão intergeracional de estilos parentais (Carmo & Harada, 2006; Oliveira et al., 2002; Weber, Selig, Bernardi & Salvador, 2006) e nesta tese buscar-se-á uma compreensão de como a coparentalidade é influenciada pela intergeracionalidade.

4.3 ESTILOS PARENTAIS

No contexto desta pesquisa, os estilos parentais de duas gerações (pais e avós) serão variáveis importantes na investigação da coparentalidade em uma perspectiva intergeracional. A identificação de estilos parentais de duas gerações permite a aproximação da primeira dimensão da coparentalidade (acordo/desacordo com relação às práticas parentais) em uma perspectiva intergeracional. Sendo assim, segue uma breve apresentação conceitual e teórica referente aos estilos parentais.

Para cumprir o papel de agentes de socialização dos filhos, os pais utilizam diversas estratégias e técnicas para orientar seus comportamentos. Essas estratégias de socialização são denominadas de práticas educativas parentais e correspondem a comportamentos definidos por conteúdos específicos. São estratégias usadas para suprimir comportamentos considerados inadequados ou incentivar a ocorrência de comportamentos desejados. Desta forma, o estilo e a prática educativa estão normalmente associados, uma vez que o conjunto de práticas educativas utilizadas pelos pais na interação com os filhos formará o estilo parental, ou seja, as práticas educativas, combinadas de diferentes formas, resultam em estilos parentais diversos (Alvarenga & Piccinini, 2001; Carvalho & Gomide, 2005; Kobarg; Vieira & Vieira, 2010; Oliveira et al., 2002; Piccinini, Frizzo, Alvarenga, Lopes & Tudge, 2007; Weber et al., 2006).

O modelo teórico de Baumrind (Baumrind, 1966, 1971; Baumrind & Black, 1967) sobre os tipos de controle parental foi um marco nos estudos sobre a educação pais-filhos, servindo como base para um novo conceito de estilos parentais que integra aspectos emocionais e comportamentais (Weber et al., 2004, 2006).

A partir de pesquisas de observação de crianças em idade pré-escolar, com o objetivo de identificar comportamentos dos pais associados a comportamentos competentes dos filhos, Baumrind (1966, 1971) constatou que as crianças educadas por diferentes estilos de

comportamento dos pais diferiam no grau de competência social. Maior assertividade, maior maturidade, conduta independente e empreendedora, responsabilidade social, todos esses aspectos investigados nas crianças foram associados com o estilo parental chamado de autoritativo (ou democrático-recíproco³), considerado, portanto, como sendo o mais efetivo que os dois outros tipos de controle: o autoritário e o permissivo, o que foi comprovado em suas pesquisas.

Na década de oitenta, Maccoby e Martin (1983) reorganizaram a classificação do modelo de Baumrind (1966, 1971) através das dimensões de **controle** (exigência) e **afeto** (relacionado ao conceito de responsividade). Por exigência, entende-se a atitude dos pais de impor limites e regras e se refere a comportamentos parentais que requerem supervisão e disciplina. E responsividade são as atitudes de compreensão deles para com os filhos, refere-se aos comportamentos de apoio e aquiescência, que favorecem a individualidade e a autoafirmação dos filhos. Os estilos parentais que surgem desta combinação são os mesmo propostos por Baumrind, porém, com o desmembramento do estilo permissivo em dois: indulgente e negligente.

Em estudo longitudinal posterior, Baumrind (1991) investigou o impacto dos estilos parentais no desenvolvimento de 139 crianças aos 15 anos de idade, as quais já haviam participado do estudo aos 4 e 10 anos de idade. Com base nas análises do estudo que contemplou as idades de 4 e 10 anos, a partir das duas dimensões do comportamento parental utilizadas nas revisões de Maccoby e Martin (1983) – controle e afeto – Baumrind derivou uma classificação de quatro tipos de comportamento parental: **democrático-recíproco; autoritário; permissivo e rejeitador-negligente**. Estes quatro protótipos diferem em relação ao contexto social, ao período de desenvolvimento e ao método de acesso, mas assumem características específicas.

Pais com estilo **democrático-recíproco** possuem altos níveis de exigência e de responsividade; são assertivos, mas não intrusivos ou restritivos. São pais que tentam direcionar as atividades de suas crianças de maneira racional e orientada; incentivam o diálogo, compartilhando com a criança o raciocínio por detrás da forma como eles agem. Solicitam suas objeções quando ela se recusa a concordar; exercem firme controle nos pontos de divergência, colocando sua perspectiva de adulto, sem restringir a criança, reconhecendo que esta possui interesses

³ Será utilizado o termo “democrático-recíproco” para facilitar a compreensão e evitar confusão entre os termos “autoritativo” e “autoritário” ao longo do texto.

próprios e maneiras particulares. Não baseiam suas decisões em consensos ou no desejo da criança. Há, portanto, regras claras e consistentes, os pais monitoram as condutas dos filhos, corrigindo atitudes negativas e gratificando atitudes positivas (Baumrind, 1966, 1991).

Os pais de estilo **autoritário** possuem alta exigência e baixa responsividade (são pouco afetivos). Modelam, controlam e avaliam o comportamento da criança de acordo com regras de conduta estabelecidas através de padrões, em geral, absolutos. Enfatizam a obediência como uma virtude e são a favor de medidas punitivas para lidar com aspectos da criança que entram em conflito com o que eles pensam ser certo. Há restrições da autonomia da criança e o ponto de vista dela não é considerado. Pais autoritários são rígidos e autocráticos, utilizam com frequência punições e reforçamento negativo (Baumrind, 1966, 1991).

Já os pais **permissivos** (equivalente ao conceito de pais indulgentes da classificação de Maccoby & Martin, 1983) apresentam baixos níveis de exigência e altos níveis de afeto. Tentam se comportar de maneira não-punitiva e receptiva diante dos desejos e ações da criança; apresentam-se para ela como um recurso para realização de seus desejos e não como um modelo, nem como um agente responsável por moldar ou direcionar seu comportamento. Não estabelecem regras nem limites para a criança, estabelecendo poucas demandas de responsabilidade e maturidade. São excessivamente tolerantes, permitindo que a criança monitore seu próprio comportamento. São afetivos, comunicativos e receptivos com seus filhos, tendendo a satisfazer qualquer demanda que a criança apresente (Baumrind, 1991).

E os pais com estilo **rejeitador-negligente** (equivalente a categoria “negligente” de Maccoby & Martin, 1983) apresentam baixos níveis de exigência e de responsividade, ou seja, mostram-se indiferentes. Demonstram pouco envolvimento com a tarefa de socialização da criança, não monitorando seu comportamento. Tendem a manter seus filhos à distância, respondendo somente às suas necessidades básicas, o que pode estar associado a algum tipo de maltrato.

A *Figura 4* apresenta os quatro tipos de comportamento parental identificados por Baumrind (1991) a partir das dimensões de controle e afeto utilizadas nas revisões de Maccoby e Martin (1983).

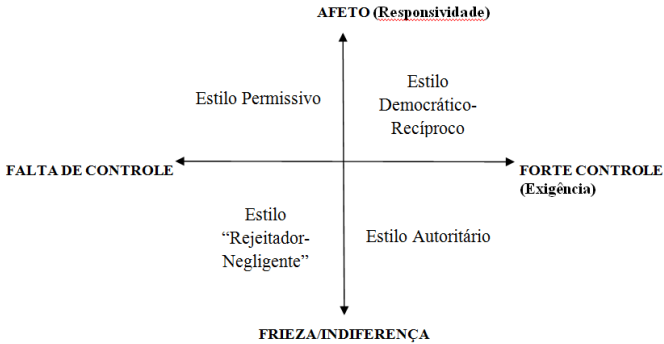


Figura 4. Diagrama ilustrativo dos estilos parentais resultantes da classificação do modelo de Baumrind (1991) através das dimensões de controle e afeto.

Cabe uma clarificação referente ao uso dos termos estilos e práticas educativas parentais. Em geral, os autores utilizam o termo “estilos parentais” com um significado mais abrangente relativo às formas com que os pais lidam com as questões de **poder**, **hierarquia** e **apoio emocional** na relação com os filhos. Conforme exposto, os estilos parentais podem ser classificados em: democrático-recíproco; autoritário; permissivo e rejeitador-negligente. A premissa é de que os pais possuem determinados valores que querem ver desenvolvidos em seus filhos e que esses valores embasam suas metas educativas. Para verem estas realizadas nos filhos, eles utilizam determinadas práticas (ou estratégias) de socialização, as quais compõem seu estilo educativo. Os estilos parentais representam, portanto, o contexto em que os pais influenciam seus filhos através de suas práticas de acordo com suas crenças e valores. São tendências relativamente estáveis através das quais os pais reagem com uma conduta (ou prática) dirigida à criança. Portanto, na maioria das vezes, a maneira como os pais e mães agem com os filhos não é simplesmente improvisada, vários estudos têm comprovado essa premissa, afirmando que a seleção das práticas educativas está guiada pelas metas, as quais são embasadas pelos valores parentais – os estilos parentais (Bem & Wagner, 2006; Oliveira et al., 2002; Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

Na reinterpretção do trabalho de Baumrind, Lewis (1981, citado por Brás, 2008) sugeriu que não são as características de controle das famílias democrático-recíprocas que ajudam as crianças a desenvolverem o seu sentido de independência e autonomia, conformando-se assim com as regras parentais; mas sim, que as

características comunicativas recíprocas deste estilo parental e a experiência das crianças nestas famílias tem modificado, positivamente, as regras parentais através da argumentação. Esta reinterpretação corrobora com as conclusões do estudo de revisão de Lamela et al. (2010) de que as pesquisas têm comprovado que os percursos desenvolvimentais das crianças podem ser melhor explicados pela **qualidade da relação coparental** e pelo seu **impacto nas relações sistêmicas** do que pela qualidade parental em si ou pelos estilos parentais individuais.

Na temática da criação dos filhos, entretanto, os estilos parentais mantêm-se como dimensões importantes relacionadas à coparentalidade. Abidin e Brunner (1995) mostraram que existe uma correlação positiva e significativa entre coparentalidade positiva e o estilo democrático-recíproco, em ambos os progenitores. E em seu Modelo Ecológico da Coparentalidade, Feinberg (2002, 2003) descreve que coparentalidade positiva está relacionada com a competência parental percebida pelos progenitores, com o comportamento das crianças e adolescentes, com baixos níveis de stress e com uma parentalidade democrático-recíproca.

4.4 FUNCIONAMENTO FAMILIAR

A Teoria Estrutural dos Sistemas Familiares de Minuchin (1982) oferece um modelo de compreensão do funcionamento familiar. Uma vez que esta teoria já foi descrita, resgata-se aqui uma breve síntese com intuito de destacar alguns conceitos-chaves.

Para Minuchin (1982), a família é composta por **subsistemas** que operam através de transações repetidas que estabelecem **padrões de relacionamento** que reforçam o sistema. As regras que definem a delimitação dos subsistemas e o padrão de relacionamento entre seus membros são definidas como **fronteiras**. O **funcionamento saudável** da família requer que as fronteiras dos subsistemas sejam **nítidas**. Quando não existem limites entre os subsistemas, as fronteiras tornam-se **difusas**, o que promove um padrão de **funcionamento emaranhado** na família. Por outro lado, quando os limites são excessivos, as fronteiras podem se tornar **rígidas**, promovendo um **padrão de desligamento**, a comunicação através dos subsistemas se torna difícil e as funções protetoras da família ficam prejudicadas.

Consoante com estes conceitos tem-se o Modelo Circumplexo, um modelo teórico e descritivo de análise do funcionamento dos sistemas conjugal e familiar que tem sido largamente utilizado tanto no

âmbito da clínica como em pesquisas. A aplicação do modelo se dá através da utilização da Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Familiar (FACES). Tanto o modelo como a escala têm sido frequentemente revisados e alterados desde a sua concepção inicial, em 1979, por Olson, Sprenkle e Russell (Olson & Gorall, 2006).

A mais recente versão da Escala de Avaliação da Coesão e Adaptabilidade Familiar é a FACES IV. Um instrumento de auto-relato que acessa as dimensões de coesão e flexibilidade através de seis escalas: três escalas de coesão (desengajada, coesão equilibrada e emaranhada) e três escalas de flexibilidade (rígida, flexibilidade equilibrada e caótica). As escalas indicam, de forma geral, aspectos do funcionamento familiar saudável (equilibrado) e do funcionamento familiar problemático (desequilibrado) (Olson & Gorall, 2006; Olson; Gorall & Tiesel, 2007). A FACES IV foi utilizada no presente estudo, assim, uma descrição detalhada se encontra na seção de descrição dos instrumentos (item 6.4).

O modelo Circumplexo, portanto, resulta de diferentes combinações das dimensões de coesão e adaptabilidade. A compreensão do funcionamento familiar se dá através de três conceitos-chave: coesão, flexibilidade e comunicação. A **coesão** é definida como a ligação emocional que os membros da família têm entre si. A **flexibilidade** é a qualidade e expressão da liderança e organização, relações entre os papéis, e relações entre regras e negociações. E a **comunicação** diz respeito às habilidades positivas em se comunicar utilizadas pelo casal ou sistema familiar. A comunicação é vista como dimensão facilitadora que ajuda a família a alterar seus níveis de coesão e flexibilidade (Olson & Gorall, 2006; Olson; Gorall & Tiesel, 2007).

A principal hipótese do Modelo Circumplexo é de que níveis razoáveis (equilibrados) de coesão e flexibilidade estão relacionados ao funcionamento familiar saudável. Em contrapartida, níveis muito baixos ou muito altos estão associados com problemas de funcionamento familiar. O Modelo Circumplexo apresenta uma representação gráfica do funcionamento familiar a partir da análise dos escores obtidos nas seis escalas da FACES IV. No gráfico, a coesão e a flexibilidade equilibradas são situadas em uma das seis células centrais (equilibrado); e os escores das quatro escalas desequilibradas são situados ao final das dimensões de coesão e flexibilidade, conforme a *Figura 5* (Olson & Gorall, 2006; Olson et al., 2007).

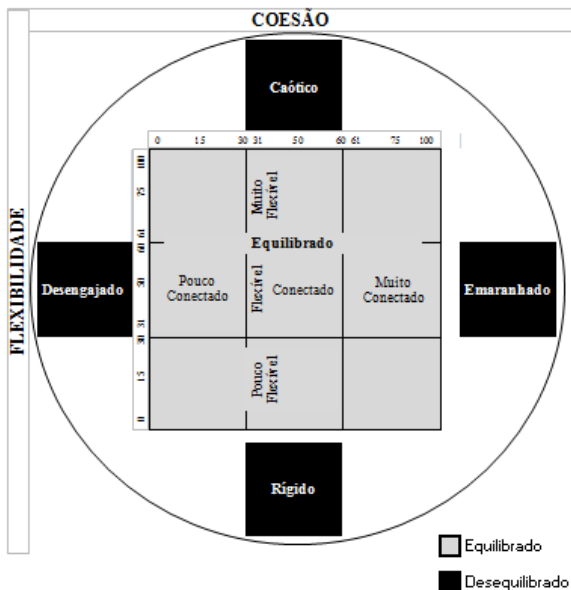


Figura 5. Representação gráfica do Modelo Circumplexo (Olson & Gorall, 2006).

Com base nos valores das seis escalas que compõem a FACES IV, o Modelo Circumplexo proporciona uma nova tipologia de família para estudar e analisar as relações familiares. Os seis tipos de família variam dos mais saudáveis e felizes até os menos felizes e mais problemáticos, são eles: *Equilibrado*, *Rigidamente Coeso*, *Mediano*, *Flexibilidade Instável*, *Desordenadamente Frouxo* e *Desequilibrado*. Famílias individuais podem ser comparadas com estes seis padrões de funcionamento, fazendo uma aproximação do seu funcionamento (Olson & Gorall, 2006; Olson et al., 2007).

O funcionamento *Equilibrado* caracteriza-se pela maior pontuação nas subescalas equilibradas de coesão e flexibilidade, e com a menor pontuação nos demais níveis. Esta combinação de escores equilibrada alta e de desequilibrado baixa indica um tipo de família com altos níveis de funcionamento saudável e baixos níveis de funcionamento problemático. Estas famílias são hipoteticamente capazes de lidar melhor com os estressores da vida diária e as tensões relacionais de mudanças na família ao longo do tempo. Este tipo de família é o menos provável de ser visto na terapia (Olson & Gorall, 2006).

O funcionamento *Rigidamente Coeso* é caracterizado por uma proximidade alta entre os membros, razoável disposição a mudanças, altos índices de rigidez e entrelaçamento. Este tipo de família tem como característica elevados níveis de proximidade emocional e um alto grau de rigidez. Hipoteticamente, esta família funcionaria bem, dado o seu alto grau de proximidade. No entanto, eles podem ter dificuldade em fazer as alterações exigidas por mudanças situacionais ou de desenvolvimento devido à sua alta rigidez (Olson & Gorall, 2006).

O funcionamento *Mediano* apresenta escores moderados em todas as subescalas com exceção da escala rigidez. Os valores da escala rigidez podem aparecer de duas maneiras: alto e baixo, aparentemente devido à distribuição bi-modal dos valores de percentil para essa escala. Este tipo de família hipoteticamente funciona adequadamente. Devido a sua pontuação balanceada, não demonstra os altos níveis de força e fatores de proteção das subescalas equilibradas, nem os altos níveis de dificuldades ou fatores de risco das subescalas desequilibradas (Olson & Gorall, 2006).

O funcionamento denominado de *Flexibilidade Instável* caracteriza-se por altas pontuações em todas as escalas, exceto coesão, onde aparecem pontuações de moderadas a baixas. Os altos escores nas escalas desequilibrado combinado com o escore de baixo a moderado em coesão, poderiam indicar funcionamento problemático, no entanto, as pontuações mais altas na escala de flexibilidade podem indicar que estas famílias são capazes de alterar seus níveis problemáticos quando necessário. De todos os tipos de famílias este é o mais difícil de se caracterizar claramente (Olson & Gorall, 2006).

Já o funcionamento *Desordenadamente Frouxo* é caracterizado por escores baixos na escala equilibrado; baixos escores nas escalas emaranhados e rígidos; e altas pontuações nas escalas caótico e desengajado. Hipoteticamente apresentam muitos problemas familiares em virtude da sua falta de proximidade emocional, indicada pela baixa proximidade e altas pontuações em desengajamento; e alto nível de mudança problemática indicado pelos altos escores de caos e baixos escores de mudança. Este tipo de família pode ser tão problemático como o tipo desequilibrado, como os dois indicadores de problemas menores para este tipo, de baixos escores em emaranhamento e altos em rigidez, são também as duas escalas que são as menos efetivas na diferenciação entre grupos problemáticos e não problemáticos (Olson & Gorall, 2006).

Por fim, o funcionamento *Desequilibrado* é quase uma imagem espelho do tipo de família equilibrada. O tipo de família desequilibrada é caracterizado por altas pontuações em todas as quatro escalas desequilibradas e pontuações baixas nas duas escalas equilibradas. Estas famílias são hipoteticamente as mais problemáticas em termos de seu funcionamento geral. Elas têm funcionamento problemático, indicado por altos escores nas escalas desequilibradas e pela falta dos pontos fortes e fatores de proteção nas escalas de equilíbrio. Este é o tipo de família mais provável de ser visto na terapia (Olson & Gorall, 2006).

Para cada um dos seis tipos de família foi calculado uma Taxa de Coesão, Taxa de Flexibilidade e uma Taxa Total Circumplexo, conforme Tabela 1. Quanto mais alto o escore da taxa acima de um, mais saudável é o funcionamento do sistema familiar; e quanto mais baixo o escore da taxa abaixo de um, menos saudável é o funcionamento.

Tabela 1

Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circumplexo Para Cada Um dos Seis Tipos de Família, Segundo Olson e Gorall (2006)

| TIPOS DE FAMÍLIA | Taxa de Coesão ¹ | Taxa de Flexibilidade ² | Taxa do Total Circumplexo ³ |
|--------------------------------|-----------------------------|------------------------------------|--|
| Equilibrado | 2,6 | 2,4 | 2,5 |
| Rigidamente Coeso | 1,5 | 1 | 1,3 |
| Mediano | 0,87 | 0,77 | 0,82 |
| Flexibilidade Instável | 0,63 | 0,87 | 0,75 |
| Desordenadamente Frouxo | 0,29 | 0,47 | 0,38 |
| Desequilibrado | 0,24 | 0,24 | 0,24 |

(1) **Taxa de Coesão** = Coesão Balanceada / (Desengajado + Emaranhado / 2)

(2) **Taxa de Flexibilidade** = Flexibilidade Balanceada / (Rígido + Caótico/2)

(3) **Taxa Total Circumplexo** = Taxa de Coesão + Taxa de Flexibilidade / 2

4.5 FUNCIONAMENTO FAMILIAR E ESTILOS PARENTAIS

A partir da constatação das semelhanças entre as principais dimensões do funcionamento familiar (coesão e flexibilidade) e as dimensões dos estilos parentais (afeto e controle), Olson e Gorall (2006) localizaram os quatro estilos parentais identificados por Baumrind

(1991) (*democrático-recíproco; autoritário; permissivo e rejeitador*) no Modelo Circumplexo. Feito isso, restou um quadrante (esquerdo superior) sem estilo parental. Conceitualmente, então, adicionaram o estilo “*não envolvido*”, que seria extremamente alto em flexibilidade (caótica) e extremamente baixo na coesão (desengajado), conforme a *Figura 6*.

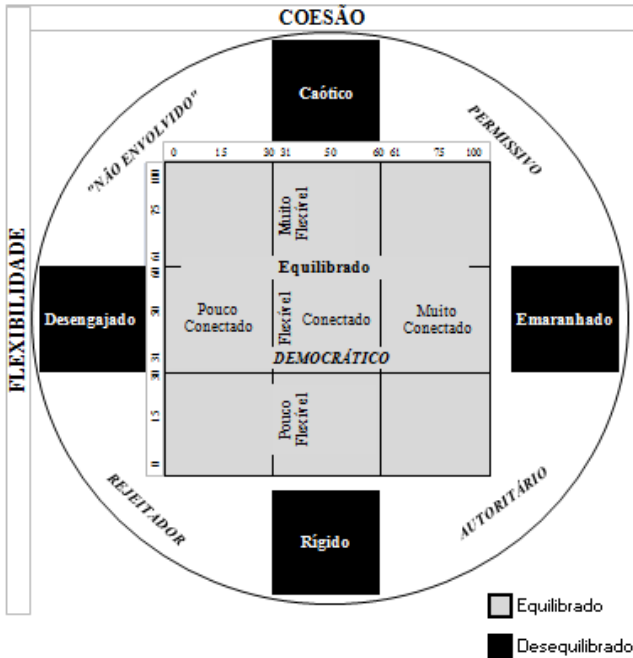


Figura 6. Representação gráfica dos Estilos Parentais e os tipos de funcionamento familiar segundo o Modelo Circumplexo (Olson & Gorall, 2006).

Conforme ilustrado na *Figura 06*, o estilo *democrático-recíproco* é representado pelo tipo de sistema *Equilibrado* no modelo circumplexo. Famílias democráticas, portanto, tendem a variar de um pouco ligado a muito ligada na dimensão de coesão e de um pouco a muito flexível na dimensão flexibilidade. Na parentalidade democrática, os pais estabelecem regras claras e expectativas e discutem-nas com a criança. Embora reconheçam a perspectiva da criança, usam a razão e poder para impor seus padrões. A parentalidade democrática é representada por escores mais elevados de coesão equilibrada e flexibilidade equilibrada

e escores baixos nas quatro escalas desequilibradas. Dentro da área “Equilibrada” do modelo, quanto maior o nível de coesão equilibrada e flexibilidade equilibrada, mais funcional é o sistema familiar (Olson & Gorall, 2006). Pesquisas demonstram que as crianças das famílias mais equilibradas, com estilo democrático-recíproco, tendem a ser mais saudáveis e felizes, exibem um comportamento “energético-amigável”, são auto-confiantes, lidam bem com o estresse e têm mais sucesso na escola e na vida (Baumrind, 1991; Kouneski, 1996, citado por Olson & Gorall, 2006).

De forma geral, os outros quatro estilos parentais tendem a ser mais desequilibrados no Modelo Circumplexo. Eles tendem a ter escores mais baixos na área Equilibrado (coesão equilibrada e flexibilidade equilibrada) e pontuações mais altas em uma ou mais das escalas desequilibradas.

O estilo *autoritário* está localizado no quadrante inferior direito do modelo circumplexo, indicando altos níveis de rigidez e emaranhamento. Na parentalidade autoritária, os pais têm regras e expectativas mais rígidas que são impostas com rigor. Estes pais esperam e exigem obediência e lealdade de seus filhos. A medida que o estilo autoritário torna-se mais intenso, a família se move rumo ao estilo desequilibrado chamado "rigidamente emaranhado." Este tipo de sistema familiar é particularmente problemático para adolescentes, que tendem a se rebelar contra ele (Olson & Gorall, 2006). As crianças de pais com estilo autoritário muitas vezes apresentam comportamento irritável-conflituoso, tendem a ser mal-humoradas, não amigáveis, infelizes e vulneráveis ao estresse (Baumrind, 1991).

O estilo parental *permissivo* está no quadrante superior direito do modelo circumplexo, indicando família em que o caos e o emaranhamento são altos. Na parentalidade permissiva, os pais deixam as preferências do filho ter prioridade sobre seus ideais e raramente forçam a criança a estar de acordo com as suas normas. As crianças estão no controle da família no lugar dos pais. A medida que o estilo permissivo se torna mais extremo, a família se move para o estilo "caótica enredado". O estilo caótico enredado é problemático para a parentalidade pois a constante mudança e a união forçada não é saudável para as crianças (Olson & Gorall, 2006). Baumrind (1991) observou que filhos de pais com estilo permissivos geralmente apresentam comportamento impulsivo-agressivo. Estas crianças são frequentemente rebeldes, dominadoras, e com um nível inferior de conquistas.

O estilo *rejeitador* está situado no quadrante inferior esquerdo do modelo circunplexo, com altos níveis de rigidez e desengajamento. No estilo rejeitador, os pais não prestam muita atenção às necessidades da criança e raramente têm expectativas a respeito de como a criança deve se comportar. A medida que o estilo rejeitador se torna mais extremo, a família se move para o estilo "rigidamente desengajado". Este estilo faz com que seja difícil para a criança se sentir cuidada, ainda que é esperado que ela se comporte porque há muitas regras. Como resultado, estas crianças são imaturas e muitas vezes apresentam problemas psicológicos (Olson & Gorall, 2006).

Por fim, o estilo "*não envolvido*" está localizado no quadrante superior esquerdo do Modelo Circunplexo, com altos níveis de caos e desengajamento. Na parentalidade "*não envolvida*", os pais frequentemente ignoram a criança, deixando as preferências da criança prevalecer enquanto essas preferências não interferem nas atividades dos pais. A medida que o estilo "*não envolvido*" se torna mais extremo, ele se move para o padrão "caótico desengajado". Este padrão é problemático para as crianças porque são deixados à própria sorte, sem apoio emocional e falta de regras consistentes e expectativas. O estilo parental "*não envolvido*" não é frequentemente discutido nas pesquisas publicadas, mas, em muitos casos, é combinado com o estilo negligente. Filhos de pais "*não envolvidos*" são muitas vezes solitários e pouco empreendedores (Olson & Gorall, 2006).

5. REVISÃO DE LITERATURA

Diante da compreensão da coparentalidade inserida em um contexto ecológico no qual interage recursivamente com fatores individuais, familiares e extra-familiares, entende-se que um estudo, isoladamente, não consegue abarcar a complexidade deste fenômeno. Os estudos representam recortes, segundo seus objetivos, e a complexidade do fenômeno pode ser vislumbrada com a sua conjugação. Assim, as pesquisas sobre coparentalidade variam a amplitude de investigação de acordo com o foco e delimitação de alguns fatores envolvidos e a relação entre eles. Fatores estes que podem ser relacionadas aos elementos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner. Dentre elas: as características específicas da criança e dos pais, tais como temperamento, personalidade, comportamento, idade, gênero (o elemento “pessoa”); as relações estabelecidas entre pais e filhos e entre os cônjuges (elementos do micro e mesossistemas); o contexto socio-econômico-cultural em que estão inseridos (elementos do macrosistemas); bem como a história de criação e de desenvolvimento dos progenitores (elemento “tempo”, ligado aos conceitos de transgeracionalidade e estressores verticais da família).

Nos estudos, destaca-se a importância da compreensão dos mecanismos envolvidos na variação da qualidade da relação coparental. Pesquisas têm confirmado as ideias centrais do modelo ecológico da coparentalidade (Feinberg, 2002, 2003), bem como, contribuído para a sua atualização.

Assim, com intuito de verificar os recortes dos estudos sobre coparentalidade e suas contribuições para a compreensão deste fenômeno, foi realizada uma busca em bases de dados, tais como: BVSPsi; Scielo; Lilacs; Medline; PubMed; PsycINFO; APA PsycNET e Google Scholar. Pelos descritores: coparentalidade/ coparenting e aliança parental/ parental alliance, uma vez que a literatura tem apresentado estes dois termos como sinônimos, sendo mais frequente o uso do termo coparentalidade.

A partir da revisão bibliográfica realizada, foram encontrados setenta e nove artigos, a grande maioria de revistas americanas da área de Psicologia da Família e de Desenvolvimento Infantil; oito teses (de universidades americanas); cinco dissertações (todas da Universidade de Lisboa – Portugal) e um livro. Para a revisão de literatura, foram selecionados estudos com os seguintes recortes temáticos: 1) Coparentalidade e Variáveis Sociodemográficas; 2) Coparentalidade e

Ajustamento Infantil/ Adolescente; 3) Coparentalidade e Características Individuais dos Pais e da Criança; 4) Coparentalidade, Fatores Individuais e Subsistemas Familiares; 5) Coparentalidade e Funcionamento Familiar; 6) Estilos parentais e Coparentalidade em uma Perspectiva Intergeracional; e 7) Coparentalidade e Programas de Intervenção.

5.1 COPARENTALIDADE E VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS

Estudos sobre as influências de diferentes fatores sociodemográficos na coparentalidade e nos estilos parentais indicam que a coparentalidade e os estilos parentais se correlacionam positiva e fortemente, sendo que esta correlação não varia de acordo com os fatores demográficos, tais como: sexo; religiosidade, nível socioeconômico e situação relacional. Contudo, ao analisar separadamente os estilos parentais e a coparentalidade, viu-se que as quatro variáveis exercem influência na determinação dos estilos parentais, enquanto que apenas o sexo e o nível socioeconômico influenciam a coparentalidade (Brás, 2008; Esteves, 2010).

Ao discutir sobre as variáveis socioeconômicas e educacionais na relação coparental, Mangelsdorf, Laxman e Jessee (2011) fazem considerações importantes a partir de diferentes estudos. Apontam que altos níveis educacionais e de status socioeconômico podem estar associados com interações coparentais mais harmônicas e com suporte coparental (Stright & Bales, 2003; Van Egeren, 2003). Contudo, ressaltam que o estudo de Belsky, Crnic e Gable (1995) indica que a relação mais importante não é com o nível educacional em si, mas com a compatibilidade dos níveis educacionais do pai e da mãe (os casais com maior diferença nos níveis educacionais apresentavam menos suporte coparental). Mangelsdorf e colaboradores destacam ainda que a influência da variável socioeconômica pode ser indireta, no sentido de que quanto menor o nível socioeconômico, maiores são os níveis de estresses, e que seria o estresse que afeta negativamente a qualidade parental e coparental.

Com relação à influência da idade dos pais na qualidade da coparentalidade, Mangelsdorf et al. (2011) afirmam que os estudos não apresentam dados conclusivos e sugerem que o ajustamento coparental está mais relacionado com a maturidade emocional dos pais do que com a sua idade em si.

5.2 COPARENTALIDADE E AJUSTAMENTO INFANTIL E DO ADOLESCENTE

Grande parte dos estudos revisados inclui a variável ajustamento infantil na investigação. De forma geral, eles confirmam a tese do modelo ecológico (Feinberg, 2002, 2003) de que a relação coparental se mostra mais intimamente ligada ao ajustamento da criança do que os outros aspectos da relação interpaparental.

Teubert e Pinquart (2010) realizaram uma meta-análise de 59 estudos sobre coparentalidade e ajustamento da criança e concluíram que a coparentalidade é preditora de mudanças no ajustamento infantil. Observaram que o tamanho de efeito era geralmente menor e, em alguma extensão, moderado pela idade da criança, pela porcentagem de meninas na amostra, mono informantes, renda anual da família, e porcentagem de pais separados. E que o tamanho do efeito se tornou significativo depois de controlar a parentalidade individual e a qualidade conjugal.

Estudos sobre o auto-regulação das emoções em crianças pré-escolares indicam que, embora a parentalidade (maternidade/paternidade) se mostre relacionada à auto-regulação em crianças, esta se mostrou mais fortemente predita pela coparentalidade (Karreman; van Tuijl; van Aken & Dekovic, 2008). Os autores sugerem que a qualidade da relação coparental pode ajudar as crianças a desenvolver comportamentos saudáveis; habilidade de interação e regulação de suas emoções; enquanto que a hostilidade entre os pais pode criar uma atmosfera negativa e de incertezas que pode afetar a maneira pela qual a criança regulará suas emoções.

Caldera e Lindsey (2006) verificaram que a coparentalidade competitiva se mostra associada com percepções maternas e paternas de relação de apego pais-crianças menos seguras. Por outro lado, uma relação coparental cooperativa mostra-se como moderadora da associação entre práticas parentais positivas e desenvolvimento de comportamento pró-social nas crianças (Scrimgeour, Blandon, Stifter & Buss, 2013). Especificamente, estudos evidenciam o potencial protetivo do suporte coparental. Schoppe-Sullivan, Weldon, Cook, Davis e Buckley (2009) verificaram que o comportamento coparental de suporte moderou longitudinalmente a relação entre controle das crianças e relato dos pais sobre seus problemas de comportamentos de externalização, mesmo quando se levou em conta os níveis iniciais destes

comportamentos. Kolak e Volling (2013) ampliaram o foco de investigação e ressaltam a importância do suporte coparental como fator protetivo para o ajustamento do primeiro filho, no nascimento do segundo filho.

Suporte coparental e a satisfação parental são positivamente relacionados entre si e ambos, negativamente relacionados com problemas de comportamento das crianças (Scott, 2009). Em contrapartida, a sabotagem coparental mostra uma relação positiva com os problemas de ajustamento infantil, em especial, a sabotagem referida pelos pais (LeRoy, Mahoney, Pargament & DeMaris, 2013). E o conflito coparental sobre questões gerais relativas à criança também mostra relação significativa com problemas infantil de internalização/externalização (Barzel & Reid, 2011).

Quanto à coparentalidade de pais com filhos adolescentes, foram encontrados poucos estudos. Mas, assim como nos estudos de famílias com crianças, as pesquisas têm indicado relações entre a coparentalidade e o ajustamento do adolescente. Por exemplo, no estudo de Baril, Crouter e McHale (2007), o conflito coparental predisps o incremento dos comportamentos de risco no adolescente por mais de dois anos. Outro estudo evidenciou que a incongruência interparental, expressa no tratamento desigual dos filhos, mostrou-se associada com qualidade conjugal baixa e mais problemas de ajustamento do adolescente (Solmeyer, Killoren, McHale & Updegraff, 2011). Riina e McHale (2014) encontraram evidências de uma influência bidirecional entre as dimensões da coparentalidade e ajustamento do adolescente.

5.3 COPARENTALIDADE E CARACTERÍSTICAS INDIVIDUAIS DOS PAIS E DA CRIANÇA

Estudos revelam a plasticidade da relação coparental em famílias jovens e o importante papel do temperamento da criança na modelação da coparentalidade. Em geral, os estudos que investigam o relato dos pais sobre o temperamento da criança apontam uma relação coparental mais positiva em famílias com crianças consideradas “fáceis de lidar”; e uma relação coparental menos positiva em famílias com crianças consideradas “difíceis” (Gordon & Feldman, 2008; Laxman et al., 2013; Lindsey, Caldera & Colwell, 2005; McHale & Rotman, 2007; Schoppe-Sullivan, Mangelsdorf, Brown & Sokolowski, 2007; Solmeyer & Feinberg, 2011; Szabó, Dubas & van Aken, 2012). E que esta

associação se evidencia mais para pais do que para mães (Donnally, 2011).

Laxman et al. (2013) investigaram os papéis das características de personalidade dos pais e o temperamento das crianças na coparentalidade e verificaram que ambos estão associados direta e indiretamente com o desenvolvimento da relação coparental através dos primeiros anos da criança. Tanto o suporte, como a sabotagem coparental apresentaram estabilidade moderada, entretanto, a estabilidade da sabotagem coparental esteve presente apenas para as famílias com crianças “menos difíceis”. Emoção negativa materna foi associada com qualidade coparental mais elevada. Já a empatia e emoção negativa paterna foram associadas com alta e baixa qualidade coparental respectivamente, mas apenas para famílias com uma criança com temperamento mais exigente.

Ao estudar a qualidade da relação coparental durante os três primeiros meses do bebê, McDaniel e Teti (2012) constataram que a qualidade do sono do bebê traz efeitos indiretos significativos à coparentalidade. A baixa qualidade do sono dos pais predisse sintomas depressivos elevados, e estes foram relacionados negativamente com a percepção da qualidade da relação coparental.

Cook, Schoppe-Sullivan, Buckley e Davis (2009) buscaram verificar se o ajustamento conjugal atua como moderador da relação entre afeto negativo nas crianças e coparentalidade. Identificaram que pais de crianças com maior nível de afeto negativo demonstraram maior comportamento de sabotagem coparental, e que o ajustamento conjugal moderou a relação entre afeto negativo da criança e comportamento de suporte coparental. E ao contrário do esperado pelos pesquisadores, casais com alto nível de ajustamento conjugal mostraram-se mais vulneráveis aos efeitos do afeto negativo das crianças no suporte coparental. Diante dos resultados, os autores sugerem que a alta qualidade de ajustamento conjugal pode não salvaguardar a relação coparental dos efeitos do temperamento difícil em pré-escolares.

5.4 COPARENTALIDADE, FATORES INDIVIDUAIS E SUBSISTEMAS FAMILIARES

A complexidade da interação da coparentalidade com fatores individuais e familiares fica mais evidente em pesquisas que incluem estas diferentes variáveis. Como exemplo, tem-se os estudos que avaliaram as associações entre coparentalidade, temperamento infantil

(fator individual) e qualidade da relação conjugal e parental (subsistemas familiares).

Um estudo evidenciou que as associações entre temperamento da criança e coparentalidade dependem da relação conjugal: casais com alta qualidade conjugal mostraram maior comportamento coparental ótimo quando diante de uma criança considerada “difícil”. Enquanto que casais com baixa qualidade conjugal mostraram menor comportamento coparental ótimo quando cuidavam de uma criança considerada “difícil” (Schoppe-Sullivan et al., 2007).

Contudo, ao ampliar o foco e incluir outras variáveis, Burney e Leerkes (2010) verificaram que a dimensão de reatividade do temperamento foi apenas associada com redução da qualidade da relação coparental se outros estressores estivessem presentes; e seus efeitos foram diferentes para mães e pais. As mães que perceberam suas crianças como mais reativas, apenas relatam maior coparentalidade negativa quando também relatavam sua insatisfação com as divisões das tarefas parentais (dada sua expectativa anterior quanto à divisão do trabalho). Enquanto que os pais relataram mais coparentalidade negativa quando encaravam suas crianças como mais reativas e relatavam também baixa qualidade da relação conjugal.

Ippolito, Hines, Mahmood e Córdova (2010) testaram modelos preditores da coparentalidade com a relação conjugal e práticas parentais: o modelo indireto tradicional (saúde conjugal para coparentalidade para práticas parentais); e o modelo alternativo, no qual a coparentalidade simultaneamente prediz ambos: relacionamento conjugal e práticas parentais. Os dois modelos foram confirmados, sugerindo que papéis dinâmicos e múltiplos podem ser desempenhados pela coparentalidade em todo o sistema familiar.

Um estudo com pais mutuamente agressivos identificou que o uso de táticas de resoluções destrutivas de conflito na relação interparental tem impacto significativo na percepção da qualidade da relação coparental. Em especial, o relato a respeito do uso de agressão psicológica pelo parceiro predisse a maior variância na percepção da qualidade da relação coparental para ambos, pais e mães: o relato de agressão psicológica foi negativamente relacionado com a qualidade coparental percebida. Além disso, também houve indícios de implicações para a percepção dos estilos parentais (na auto-avaliação e avaliação do parceiro). Pai e mãe viram a si mesmos como mais democráticos e menos autoritários do que o parceiro e foram também

divergentes em referir o nível de parentalidade democrática do outro (Gerstle, 2011).

Em estudo longitudinal, tanto a coparentalidade quanto o comportamento conjugal mostraram moderada estabilidade entre 6 meses e 3 anos de idade da criança. Sendo que a coparentalidade e comportamento conjugal estavam mais consistentemente associados no terceiro ano do que aos 6 meses. E ainda, a relação coparental inicial predisse comportamento marital posterior, mas não vice-versa. Este estudo esclarece a importância do comportamento coparental inicial, especialmente o sabotador, para o entendimento de ambos: comportamento coparental e marital subsequentes. Em especial, a qualidade conjugal pode ser especialmente afetada pela qualidade da relação coparental, durante os anos pré-escolares, em virtude do aumento do envolvimento paterno no cuidado com a criança (Schoppe-Sullivan, Mangelsdorf, Frosch & McHale, 2004).

Diversos estudos têm evidenciado relações entre a qualidade da relação conjugal e a coparentalidade (Bonds & Gondoli, 2007; Bouchard, 2013; Merrifield & Gamble (2013), Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013) e que esta é mais forte para os homens do que para as mulheres (Burney & Leerkes, 2010; Pedro, Ribeiro & Shelton, 2012; Riina, 2012). E ainda, que a percepção materna e paterna sobre a relação coparental media a relação entre a qualidade da relação conjugal e a relação pais-criança (Holland & McElwain, 2013); bem como, media a satisfação conjugal e práticas parentais (Bonds e Gondoli, 2007; Margolin et al., 2001; Pedro et al., 2012).

Pedro et al. (2012) pontuam que parece ocorrer uma “transferência” da experiência de satisfação conjugal para a relação coparental. O efeito maior aparece na relação entre satisfação conjugal materna e práticas parentais paternas, indicando que a parentalidade do pai, mais do que a da mãe, é afetada pela satisfação conjugal. As autoras sugerem que as mulheres distinguem melhor os papéis de mãe e esposa, o que as tornariam capazes de manter melhor vínculo emocional entre os subsistemas familiares. Além disso, é possível que as mulheres satisfeitas com sua relação conjugal sejam mais propensas a oferecer apoio e encorajamento aos seus esposos na sua parentalidade que, por sua vez, apresenta impacto no papel parental dos pais (homens).

A relação entre conjugalidade e parentalidade paterna também foi evienciada no estudo de Bossardi (2011). Quanto mais satisfeito com o relacionamento conjugal, mais o pai realiza jogos físicos e cuidados básicos com os filhos. Este estudo constatou ainda, que a satisfação

conjugal interfere somente no envolvimento do pai, corroborando os achados de Pedro et al. (2012).

A importância da atitude materna de crítica ou encorajamento em relação à parentalidade dos esposos também foi evidenciada no estudo de Schoppe-Sullivan, Brown, Cannon, Mangelsdorf & Sokolowski (2008). Maior encorajamento materno mostrou-se associado com maior relato dos pais e mães sobre envolvimento paterno. Além disso, o encorajamento materno também mediou a associação entre qualidade coparental e envolvimento paterno relatado. Ou seja, a percepção paterna sobre qualidade da relação coparental foi relevante em seu envolvimento apenas quando as mães se ocupavam com menores níveis de crítica e altos níveis de encorajamento. Segundo os autores estes resultados são consistentes com a noção de que as mães podem moldar o envolvimento paterno através de suas atitudes de crítica ou encorajamento.

5.5 COPARENTALIDADE E FUNCIONAMENTO FAMILIAR

Em geral, os estudos são focados nos subsistemas familiares, como o conjugal e o parental. São poucos os que investigam a coparentalidade e o funcionamento global da família. Na literatura científica nacional não foram encontrados estudos com este recorte. Os estudos internacionais encontrados mostram como diferentes níveis de funcionamento familiar interagem com a coparentalidade e afetam a qualidade das relações pais-criança, trazendo implicações para o desenvolvimento infantil.

Funcionamento familiar mais adaptativo e altos níveis de suporte coparental, por exemplo, mostram-se associados com poucos problemas de comportamento de externalização nas crianças. Enquanto que altos níveis de sabotagem coparental, afeto negativo e funcionamento familiar de baixa adaptação mostram-se associados com mais problemas de externalização nas crianças (Schoppe et al., 2001).

Machado (2008) estudou as relações entre coparentalidade, coesão e adaptabilidade familiar e verificou que as três variáveis apresentam-se correlacionadas entre si com uma variação semelhante ao longo do ciclo vital da família. Em consonância ao modelo ecológico da coparentalidade de Feinberg (2003), a autora destaca o papel mediador da coparentalidade na coesão e na adaptabilidade familiar. Verificou-se ainda que a relação entre a coparentalidade e a adaptabilidade é maior, justificada pelo caráter funcional da relação coparental.

Fivaz-Depeursinge, Lopes, Python e Favez (2009) estudaram a coparentalidade e os estilos interacionais na família e destacaram como a capacidade triangular da criança (de estabelecer relações de coalizões), ou sua habilidade de se comunicar simultaneamente com ambos os pais, é usada para regular a relação dos pais. Destacando assim, a recursividade das relações pais-criança no desenvolvimento da coparentalidade.

5.6 ESTILOS PARENTAIS E COPARENTALIDADE EM UMA PERSPECTIVA INTERGERACIONAL

A perspectiva intergeracional nos estudos com famílias busca compreender as influências das experiências precoces nas famílias de origem ao longo do ciclo de vida individual e familiar. Na temática da criação dos filhos, estudos indicam que há transmissão intergeracional de estilos parentais. Uma transmissão mediada por diferentes fatores (Hennig, 2008; Oliveira et al., 2002; Weber et al., 2006).

Oliveira et al. (2002) testaram a hipótese da transmissão intergeracional dos estilos parentais autoritário e democrático-recíproco através de modelos longitudinais de risco e proteção, respectivamente. As análises de correlações e regressões múltiplas indicaram, de forma moderada, a presença de transmissão intergeracional do estilo autoritário, mas não do democrático-recíproco, sendo essa transmissão intergeracional mediada por uma atitude conjugal conflituosa da mãe. Ou seja, a experiência relacional com uma mãe autoritária, na infância, se repete no estilo parental da geração seguinte através de um aumento da atitude conjugal conflituosa. Além disso, o estudo revelou que o estilo autoritário materno previu tanto externalização como internalização nas crianças, enquanto a atitude conjugal conflituosa previu apenas externalização.

Weber et al. (2006) pesquisaram a transmissão intergeracional dos estilos parentais através de entrevistas com 21 mulheres, de sete famílias distintas, respeitando a linearidade trigeracional (avó-filha-neta). As autoras apontam dois aspectos fundamentais: ficou evidenciada a transmissão intergeracional dos aspectos negativos (como punição inadequada, modelos inconsistentes, entre outras variáveis), no entanto, as mudanças ocorridas nos casos de não transmissão foram para melhor (mais envolvimento, mais afeto e maior comunicação entre mães e filhos). Nesse sentido, afirmam que os pais tendem a repetir o modelo parental aprendido, trazendo para sua forma de cuidar as estratégias

desenvolvidas pela sua experiência de serem filhos. Entretanto, ressaltam que isto nem sempre ocorre, que existem pessoas que quebram os padrões vivenciados.

São vários os fatores que podem influenciar nesta “quebra de padrões” e a teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano pode auxiliar na localização destes fatores e na compreensão da interação recursiva entre eles. Weber et al. (2006) apontam que algumas mães que lembram terem se sentido rejeitadas ao invés de aceitas durante a sua infância podem se tornar mais responsivas com seus próprios filhos, demonstrando que uma diferenciação pode otimizar as estratégias maternas. Este seria um exemplo de fator relacionado a características pessoais – seus recursos psicológicos. A relação conjugal e o desenvolvimento da coparentalidade também podem influenciar na quebra de padrões das práticas educativas parentais (fator do mesossistema). As autoras também ressaltam as mudanças socioculturais ao longo das gerações e a maior divulgação de informações científicas a respeito de educação de filhos (fatores do macro e cronossistema). Assim, a abordagem sistêmica do fenômeno da transmissão intergeracional dos estilos e práticas parentais requer um olhar amplo e contextualizado, considerando os diferentes elementos influentes: aspectos pessoais; relacionais; do contexto e do tempo.

Feinberg (2003) pontua que, considerando que as atitudes parentais são parcialmente baseadas nas vivências com suas famílias de origem, não é de se surpreender que um acordo quanto às questões da criação dos filhos seja, por vezes, difícil. Nesse sentido, os conflitos coparentais podem estar relacionados a diferentes valores sociais e familiares sobre papéis e funções parentais.

Estudos indicam que as crenças parentais sobre parentalidade, isoladamente e quando vistas em conjunto entre o casal, exercem grande influência no ajustamento precoce da relação coparental (Mangelsdorf et al., 2011). O estudo de McHale & Rotman (2007), por exemplo, demonstrou que as expectativas de homens e mulheres durante a gravidez e o grau de diferença entre suas crenças sobre parentalidade predisse o ajustamento coparental após o nascimento do bebê até 30 meses para alguns casais.

A participação das famílias de origem na construção da coparentalidade é evidente, contudo, são poucas as pesquisas voltadas à investigação de como as representações de parentalidade e coparentalidade das famílias de origem dos casais estão relacionadas à

própria coparentalidade (Mangelsdorf et al., 2011; Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013).

Alguns estudos indicam que pais (Van Egeren, 2003) e mães (Stright & Bales, 2003) que relataram melhor coparentalidade em suas famílias de origem, também referiram melhor qualidade na sua relação coparental atual.

Talbot, Baker e McHale (2009) investigaram o tipo de relação de apego (seguro/inseguro) exibido pelos pais e mães e o ajustamento coparental. Constataram que as famílias com mães com apego inseguro demonstraram maior conflito coparental; e as famílias com pais com apego seguro apresentaram maiores níveis de qualidade na relação coparental. Essas relações foram mantidas, mesmo após o controle de qualidade conjugal pré-natal. Considerando que o apego adulto reflete as vivências nas famílias de origem, os autores sugerem que experiências positivas nas famílias de origem estão associadas a um comportamento coparental mais positivo.

Já o estudo de Schoppe-Sullivan e Mangelsdorf (2013), com casais no período de transição para a parentalidade, não encontrou associações diretas entre percepções maternas da relação com sua própria mãe na sua infância e comportamentos de suporte ou sabotagem coparentais atuais. As associações mostraram ser indiretas e mediadas pela qualidade da relação conjugal pré-natal do casal coparental. Quando as mães percebiam maior aceitação de suas próprias mães na infância, os casais apresentavam menos comportamentos de sabotagem coparental quando a qualidade da relação conjugal pré-natal era alta. Em contrapartida, apresentavam mais comportamentos de sabotagem quando a qualidade da relação conjugal era baixa. Resultado semelhante foi constatado com as percepções dos pais de aceitação materna na sua infância. Assim, pode-se inferir que os benefícios das lembranças de boa coparentalidade nas famílias de origem só são refletidos na qualidade da coparentalidade atual em casais com alta qualidade na relação conjugal.

Além disso, este estudo também revelou que casais cuja qualidade da relação conjugal era baixa ou média, apresentaram maior apoio coparental pós-parto quando as mães tinham crenças mais progressistas sobre os papéis dos pais, de forma que as crenças maternas sobre o papel paterno mostrou ser um preditor de suporte coparental neste contexto. Contudo, na relação conjugal de alta qualidade, tais crenças não influenciavam o desenvolvimento do suporte coparental. As autoras discutem estes resultados inferindo que, de forma geral, os pais/mães com melhores modelos de relacionamento são menos

susceptível a prejudicar os seus parceiros e/ou ser prejudicado, enquanto eles estão em um relacionamento do casal com bom funcionamento. Em contrapartida, a vivência das mães de relações iniciais positivas em suas famílias de origem pode torná-las mais confiantes na sua própria parentalidade, e esta auto-confiança, num contexto de baixa qualidade conjugal, pode vir a ter um impacto negativo na relação coparental. No sentido de que a auto-confiança materna pode contribuir para comportamentos de sabotagem coparental em relação a seus parceiros quando as dificuldades já estão presentes no relacionamento de casal (Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013).

Resultado semelhante foi relatado no estudo de Talbot et al. (2009), quando as famílias com pais seguros foram emparelhadas com as mães inseguras e foi constatado níveis mais elevados de conflito coparental. Segundo os pesquisadores, os pais seguros podem ser pais mais motivados e participativos, portanto, podem ter mais oportunidades de “confronto” com as esposas.

Hipóteses, como estas, buscam elucidar os resultados, mas, em geral, elas seguem um raciocínio linear ou circular. É provável que haja outros fatores envolvidos simultaneamente (causalidade recursiva). Assim, o que se pode afirmar é que as experiências nas famílias de origem dos pais são relevantes para coparentalidade atual, mas é preciso ampliar a compreensão dos papéis dessas experiências. Schoppe-Sullivan e Mangelsdorf (2013) destacam a necessidade de pesquisas futuras para especificar e testar facetas particulares destas experiências, as contribuições conjuntas das histórias de desenvolvimento dos pais e das mães, e continuar a investigação dos papéis de variáveis moderadoras.

5.7 COPARENTALIDADE E PROGRAMAS DE INTERVENÇÃO

Estudos apontam evidências de que programas de intervenção mostram-se efetivos na promoção da qualidade coparental e ajustamento das crianças. Feinberg e Kan (2008) observaram efeitos significativos do programa no suporte coparental na ansiedade e depressão materna, na relação pais-criança, e em diversos indicadores da regulação da criança. Relatara ainda, indícios de impacto positivo maior para os pais com menor nível educacional e para famílias cujos pais referiram maior nível de apego inseguro em relações próximas.

Feinberg, Kan e Goslin (2009) relatam um programa psico-educacional de oito sessões e apresentam evidencia significativa de que

o programa influencia os quatro domínios (coparentalidade; parentalidade; relação de casal; e comportamentos de auto-regulação da criança). Os autores discutem pesquisas que indicam que a relação coparental se apresenta mais intimamente relacionada à parentalidade do que a outros aspectos da relação do casal; e pesquisas que indicam que a coparentalidade influencia a relação conjugal, mas não vice-versa (Schoppe et al., 2001). Com base na avaliação do programa de intervenção e em tais discussões teóricas, os autores sugerem que intervenções com foco na relação coparental são mais apropriadas do que as focadas na relação conjugal, quando o objetivo for promover a parentalidade e o ajustamento da criança.

Prati e Koller (2011) destacam três assuntos focais que surgem no contexto clínico, especialmente com casais com o primeiro filho. A regulação do distanciamento com as famílias de origem; a definição do espaço de trabalho de cada um e de cuidados com a criança; e a reestruturação psicológica exigida pela absorção de novos papéis.

Estudos apontam que intervenções voltadas à promoção da relação coparental mostram-se efetivas em diferentes contextos e momentos do ciclo de vida da família: para casais grávidos (Feinberg & Sakuma, 2011); na transição para a parentalidade (Feinberg, 2002; Feinberg et al., 2009; Petch, Halford, Creedy & Gamble, 2012); para pais divorciados (Cookston, Braver, Griffin, De Lusé & Miles, 2007; Sullivan, 2008). Assim, a coparentalidade se mostra potencialmente maleável através de intervenções e estas podem influenciar as relações familiares, promovendo saúde e favorecendo o desenvolvimento dos pais e das crianças (Feinberg & Kan, 2008; Prati & Koller, 2011).

6. MÉTODO

6.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como objetivo gerar conhecimentos científicos a respeito do funcionamento familiar e da coparentalidade em uma perspectiva intergeracional para aplicações práticas preventivas e promotoras do desenvolvimento saudável das crianças e das famílias. Procurou-se uma compreensão de como a coparentalidade é influenciada pela intergeracionalidade, através da avaliação da coparentalidade atual; análise do funcionamento e da dinâmica familiar de pelo menos três gerações; de estilos/ práticas educativas de duas gerações, fatores sócio-econômico-culturais. Esta pesquisa apresenta-se, portanto, como um levantamento de dados de cunho descritivo e relacional, em que foram utilizadas técnicas padronizadas de coleta de dados com objetivo primordial de descrever as características da população e dos fenômenos estudados e estabelecer relações entre variáveis e fatos (Gil, 2002).

O problema de pesquisa foi estudado através de uma combinação das abordagens quantitativa e qualitativa. A abordagem qualitativa parte de pressupostos epistemológicos do Pensamento Sistemico e teorias sistêmicas adotadas na compreensão do objeto de estudo, e se evidencia ao longo de todo o delineamento do projeto. Dentre as características de pesquisas qualitativas encontradas neste projeto, têm-se: o ambiente natural como campo de pesquisa; pesquisador como instrumento primário na coleta de dados; caráter descritivo dos dados e, sobretudo, o foco nas percepções, nas experiências dos participantes, buscando os significados de fatos, vivências e das relações para as pessoas (Creswell, 2007; Turato, 2005). Além disso, a estruturação das etapas não é linear, devido à recursividade do processo. E o problema de pesquisa e os objetivos foram ajustados ao longo do processo da pesquisa – na fase exploratória e de coleta de dados (Flick, 2004).

6.2 LOCAL

A pesquisa foi desenvolvida nos municípios de Florianópolis/SC e São José/SC. O contato inicial com as famílias foi feito por telefone, e a coleta de dados foi realizada na residência das famílias participantes, através de visitas domiciliares.

6.3 PARTICIPANTES

Como referido, esta pesquisa se insere no âmbito de uma pesquisa maior. Esta teve as famílias participantes selecionadas a partir de cartas convites enviadas através das Instituições de Ensino Infantil, por intermédio dos professores. As famílias que aceitaram participar fizeram-no através do retorno das cartas para os professores. A partir das cartas que retornaram, a equipe de pesquisa passou a fazer o contato com as famílias e agendamento das visitas domiciliares.

Para a presente pesquisa, foram selecionadas famílias participantes do projeto maior com as quais a pesquisadora já havia realizado visita domiciliar (na ocasião da coleta dos dados da pesquisa maior). Este foi o critério de seleção das famílias participantes, pressupondo que o contato pessoal prévio do pesquisador com a família facilitaria nova aproximação, sobretudo para a coleta qualitativa (entrevista com genograma). Participaram da presente pesquisa as primeiras doze famílias desta seleção que aceitaram contribuir e receber nova visita domiciliar para coleta dos dados.

Foram famílias biparentais, com crianças de cinco a sete anos de idade, em que os pais (biológicos ou não) estavam vivendo juntos por um período mínimo de seis meses e que já haviam completado 18 anos quando do nascimento do filho mais velho.

6.4 INSTRUMENTOS

6.4.1 Questionário Sociodemográfico

Este instrumento foi desenvolvido pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI/ UFSC). É composto por questões que abordam os seguintes elementos: composição familiar; escolaridade dos pais; atividade profissional; rendimento familiar; cultura de origem; idade dos pais na ocasião do nascimento do primeiro filho, idade; sexo e posição de nascimento da criança focal; status conjugal; status parental (biológico ou não).

6.4.2 Escala de Funcionamento Familiar (FACES IV)

A FACES IV (*Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales*) é um instrumento para a avaliação do funcionamento familiar

(Olson & Grall, 2006; Olson, Gorall & Tiesel, 2007). Esta Escala de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar na versão IV ainda não é validada para a população brasileira. No estudo de Minetto (2010) foi realizado *Back-Translation* e adaptação semântica, bem como se buscou os índices de Cronbach do instrumento feitos a partir da população de amostra do estudo que variaram entre 0,79 a 0,84. Embora não tenha sido uma amostra de validação, de acordo com a autora, os índices encontrados sugerem que a FACES IV é um instrumento que tem boas chances de ser validado para utilização em pesquisas no Brasil.

Cabe destacar que, atualmente, pesquisadores do Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC/ UFSC), em parceria com pesquisadores da Universidade de São Paulo estão desenvolvendo um estudo de validação da FACES IV. Com a devida autorização dos autores americanos, foi produzida uma versão brasileira cujo estudo de validação encontra-se em andamento. Na presente pesquisa foi utilizada esta versão, uma vez que as pesquisadoras (doutoranda e orientadora) trabalham em colaboração na validação da versão brasileira em estudo.

A FACES IV é a mais recente versão para avaliar a coesão, flexibilidade e comunicação familiar e atualmente utilizada em âmbito internacional com maior confiabilidade (Olson et al., 2007). A análise é feita a partir do Modelo Circumplexo, descrito anteriormente. É um instrumento auto-aplicativo, composto por 62 itens, divididos em três escalas: *Inventário de Autopercepção Familiar*, *Dispositivo de Avaliação Familiar* e *Escala de Satisfação Familiar*. Os itens são afirmações respondidas através de uma escala de cinco pontos (1 = discordo totalmente; 5 = concordo totalmente), para as duas primeiras escalas; e (1 = muito insatisfeito; 5 = extremamente satisfeito) para a terceira escala. Destas três, derivam duas subescalas positivas (funcionamento saudável): **Coesão e Flexibilidade**; quatro subescalas negativas (funcionamento problemático): **Desengajada**; **Emaranhada**; **Rígida**; **Caótica**; uma subescala de **Comunicação** e uma subescala de **Satisfação**.

O modelo prevê novas formas de entender e analisar os relacionamentos familiares. Permite a comparação de seis diferentes tipos familiares em diversos critérios e variáveis. Descreve seis tipos de famílias que se classificam como os mais saudáveis e felizes, até os menos saudáveis e problemáticos (*Equilibrados*, *Rigidamente Coesos*, *Medianos*, *Flexibilidade Instável*, *Desordenadamente Frouxo e Desequilibrados*). A correção e interpretação dos resultados se dão em

três etapas, que caracterizam e estruturam o sistema familiar. A primeira parte da correção diz respeito a aspectos relacionados à coesão e flexibilidade dentro do sistema familiar. A segunda etapa faz menção a conteúdos relacionados à comunicação. Enquanto na terceira etapa pode-se avaliar a satisfação do sujeito quanto ao seu relacionamento familiar. Aliando os três resultados é possível levantar dimensões e pontos específicos a serem trabalhados na família. Para isso, os valores obtidos na soma da pontuação das subescalas, resultado bruto, são transformados em percentil equivalente de acordo com uma tabela. Os resultados mostram como o indivíduo observa a coesão e a flexibilidade dentro da sua família, bem como avalia os extremos de ambos os índices. Os índices obtidos são transportados a uma tabela denominada *Perfil FACES IV*, que determina a que modelo esta família mais se aproxima com base nos seis tipos familiares (Olson & Grall, 2006).

6.4.3 Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP)

O instrumento original de Robinson e colaboradores, o *Parenting Practices Questionnaire* (PPQ; Robinson, Mandlco, Olsen & Hart, 1995), foi desenvolvido com o intuito de criar uma medida de avaliação dos estilos parentais consistentes com os principais conceitos de Baumrind, bem como identificar as práticas parentais específicas que ocorrem no contexto dessas tipologias (Darling & Steinberg, 1993). Para cada uma das três dimensões gerais reveladas pela análise fatorial (democrático-recíproco, autoritário e permissivo) foram identificadas subescalas específicas. O questionário original é constituído por 62 itens agrupados segundo os três estilos parentais. São 27 itens relativos ao estilo democrático-recíproco, com uma consistência interna de .91 (*alpha* de Cronbach); 20 itens relativos ao estilo autoritário, com uma consistência interna de .86 (*alpha* de Cronbach); e 15 itens relativos ao estilo permissivo, com uma consistência interna de .75 (*alpha* de Cronbach).

Estudos posteriores resultaram em uma versão reduzida deste instrumento, o *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire (PSDQ) – Short Form* (Robinson, Mandlco, Olsen & Hart, 2001) constituído por 32 itens, com coeficientes de .86, .82 e .64 para os estilos democrático-recíproco, autoritário e permissivo, respectivamente. O estilo democrático-recíproco (15 itens) está dividido em quatro subescalas: **calor e envolvimento** (ex.: *Conforto e sou compreensivo(a) quando o meu filho está “pra baixo”*); **estimulação do raciocínio** (ex.:

Ajudo o meu filho a compreender o impacto do seu comportamento, encorajando-o a falar sobre as consequências das suas ações) **participação democrática** (ex.: *Encorajo o meu filho a expressar-se livremente mesmo quando ele não concorda comigo*); **paciência e respeito** (ex.: *Mostro respeito pelas opiniões do meu filho, encorajando-o a expressá-las*). O estilo autoritário também apresenta quatro subescalas: **hostilidade verbal** (ex.: *Quando o meu filho se comporta mal falo alto ou grito*); **castigos físicos** (ex.: *Castigo fisicamente o meu filho para discipliná-lo*); **estratégias punitivas/ sem explicar razões** (ex.: *Uso ameaças como castigos dando pouca ou nenhuma explicação*) e **diretividade excessiva** (ex.: *Repreendo ou critico o meu filho quando ele não se comporta como nós esperamos*). E o estilo permissivo apresenta duas subescalas: **falta de firmeza** (ex.: *Ameaço o meu filho com castigos mais vezes do que o castigo efetivamente*) e **excesso ou falta de auto-confiança** (*Acho difícil disciplinar o meu filho*).

Este instrumento compreende uma versão “Mãe” e uma versão “Pai”, sendo que cada uma é constituída pelos mesmos 32 itens, cuja resposta se situa numa escala *Likert* de cinco pontos (1 = Nunca; 5 = Sempre), de acordo com a frequência com que ocorrem as situações que estão descritas nas afirmações. As duas versões diferem apenas quanto ao gênero no qual se formulam os itens, sendo que na primeira parte as respostas se referem ao modo como o respondente age em relação ao seu filho(a) e na segunda parte, ao modo de atuação do cônjuge com relação ao seu filho(a).

Embora seja um instrumento de auto-avaliação, a configuração do QDEP nas versões “Mãe” e “Pai” (por apreender o relato de ambos os pais sobre as práticas parentais, deles próprios, e com relação ao cônjuge) ajuda a contornar o possível efeito da desejabilidade social, quando os respondentes tendem a assumir as suas práticas parentais como as mais desejáveis e aceitas socialmente (Brás, 2008).

As qualidades psicométricas do PSDQ estão bem estabelecidas internacionalmente e este instrumento tem sido frequentemente utilizado na literatura e adaptado para utilização em diversos contextos culturais. O instrumento ainda não está validado para a população brasileira, e foi utilizada, na presente pesquisa, a versão portuguesa, o *Questionário de Dimensões e Estilos Parentais* (QDEP) (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001; adaptado por Carapito, Pedro & Ribeiro, com a devida autorização por parte das autoras). A escolha desta versão se deu em função das similaridades da cultura e da língua entre Brasil e Portugal.

O estudo de adaptação do instrumento à população portuguesa foi realizado com uma amostra de 398 indivíduos, casados ou em união estável, com filhos. A análise mostrou uma elevada fiabilidade do instrumento, apresentando para o estilo democrático-recíproco um *alpha* de Cronbach de .86; para o estilo autoritário um *alpha* de Cronbach de .82 e para o permissivo um *alpha* de .64, tendo-se verificado uma estrutura trifatorial, através da análise de componentes principais (Brás, 2008; Esteves, 2010).

Outro estudo que teve por objetivo apresentar uma versão portuguesa do *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Short Form* (Robinson et al, 2001) foi realizado por Miguel, Valentim e Carugati (2009), com uma amostra de 344 pais e mães com filhos do Primeiro Ciclo do Ensino Básico em Portugal. A versão utilizada neste estudo é bastante semelhante à versão adaptada por Carapito, Pedro e Ribeiro, que manteve os 32 itens da escala original.

A análise fatorial confirmatória do estudo de Miguel, Valentim e Carugati (2009) revelou que a estrutura da versão portuguesa mostra-se semelhante à original: multidimensional e hierárquica, formada por fatores que diferenciam os estilos parentais democrático-recíproco, autoritário e permissivo, bem como as respectivas dimensões (suas subescalas). Em termos gerais, segundo os autores, os resultados finais revelaram um bom ajustamento do modelo teórico aos dados. A análise dos valores demonstrou uma boa consistência interna para duas das dimensões, com *alpha* de Cronbach de .82 para o estilo democrático-recíproco e .80 para o estilo autoritário. O estilo permissivo mostrou-se o menos consistente dos três, com um coeficiente *alpha* de .63, fato que pode decorrer do reduzido número de itens (5) desta dimensão. Em termos gerais, os resultados obtidos aproximaram-se bastante dos valores da versão original do *PSDQ – Short Form*, cujos autores (Robinson et al, 2001) reportam coeficientes de .86, .82 e .64 para os estilos democrático-recíproco, autoritário e permissivo, respectivamente, podendo, assim, ser considerada satisfatória.

6.4.4 Escala da Relação Coparental (ERC)

A Escala da Relação Coparental (*Coparenting Relationships Scale/ CRS*) é a medida de auto-relato mais recente, desenvolvida por Feinberg, Brown e Kan (2012), para avaliar a coparentalidade com base na Teoria Ecológica da Coparentalidade, do primeiro autor (Feingberg, 2002, 2003).

Inicialmente, os autores selecionaram e adaptaram um conjunto de itens de instrumentos anteriores de coparentalidade (*Coparenting Scale*, McHale, 1997; *Parenting Alliance Measure*, Abidin & Brunner, 1995, Abidin & Konold, 1999; *Parenting Alliance Coparenting Questionnaire*, Margolin et al., 2001; dentre outros) e criaram itens adicionais. Com base na teoria Ecológica da Coparentalidade (Feinberg, 2002, 2003) foram propostas sete subescalas com intuito de abranger as quatro dimensões principais do modelo (acordo/desacordo das práticas parentais; suporte/sabotagem; satisfação com a divisão do trabalho e gestão conjunta das relações familiares). Os itens foram escolhidos com base na sua validade facial em relação às sete subescalas (Feinber et al., 2012).

A dimensão de acordo/desacordo foi representada pela subescala **acordo coparental** (4 itens). A dimensão de suporte/sabotagem foi representada por três subescalas: **suporte coparental** (6 itens); **endossar a parentalidade do parceiro** (7 itens) e **sabotagem coparental** (6 itens). Sendo que a subescala “suporte coparental” acessa a percepção de um sobre o suporte coparental do parceiro, enquanto que a subescala “endossar a parentalidade do parceiro” acessa a própria atitude positiva de um com relação à parentalidade do parceiro. A dimensão da gestão conjunta das relações familiares foi representada por uma subescala focada em se os pais expõem a criança aos seus conflitos: **exposição ao conflito** (5 itens). E a dimensão sobre a divisão do trabalho das questões relacionadas à criança foi representada pela subescala **divisão do trabalho** (2 itens) que mede a satisfação com as contribuições do parceiro e seu envolvimento com às questões relacionadas à criança. Por fim, os autores criaram uma subescala para medir o grau do laço de intimidade coparental e proximidade do relacionamento do casal: **proximidade coparental** (5 itens). Esta subescala foi adicionada com base em entrevistas qualitativas com pais (Feinberg, 2002) que revelaram um aspecto significativo da coparentalidade: o prazer em compartilhar a parentalidade, que é conceitualmente relacionado, mas distinto do suporte coparental. Enquanto o suporte coparental se refere ao respeito e suporte às decisões parentais, a proximidade coparental relaciona-se com a celebração compartilhada de realização dos marcos de desenvolvimento da criança, a experiência de trabalhar como uma equipe, e testemunhando um parceiro desenvolver-se como um parceiro. Com isso esta dimensão foi agregada, ao instrumento, às quatro dimensões originais do modelo.

Assim, a Escala da Relação Coparental é composta por 35 itens cujas respostas variam numa escala de sete pontos (0 = não é verdadeiro sobre nós; 6 = muito verdadeiro sobre nós). O estudo psicométrico da escala demonstrou excelente consistência interna, com *Alfas de Cronbach* entre .91 e .94., para a versão completa (de 35 itens); e .81 e .89 para a versão reduzida da escala (de 14 itens). Foi constatada uma excelente correlação entre as versões completas e reduzida, com uma correlação de .97 para as mães e .94 para os pais. De forma geral, os resultados indicaram que o instrumento possui boas propriedades psicométricas: consistência interna e correlação entre as versões; uma forte estabilidade e validade de constructo (Feinberg et al., 2012).

Segundo Lamela et al. (2010), o estudo psicométrico preliminar da escala (Feinberg et al., 2008) já indicava que este instrumento tinha capacidade de operacionalizar e medir as dimensões da coparentalidade de Feinberg (2003), tornando-se assim uma das medidas mais promissoras no estudo da coparentalidade. Existe uma versão em língua portuguesa deste instrumento, de Lamela, Figueiredo e Feinberg (2012), cujo estudo de validação, para a população portuguesa, encontra-se em andamento (em ambas versões, completa e reduzida). Na presente pesquisa, foi utilizada a versão portuguesa completa (35 itens), disponibilizada pelo primeiro autor.

6.4.5 Escala de Lembranças sobre Práticas Parentais (EMBU)

A escala *Egna Minnen Beträffande Uppfostran- EMBU* (“Nossas Memórias sobre Educação Parental”) é um instrumento utilizado para recorrer às lembranças dos filhos sobre a educação recebida durante a infância/adolescência. A versão original foi traduzida e validada para a população de Portugal e esta, por sua vez, foi validada para amostras brasileiras por Kobarg et al. (2010), em função das similaridades das línguas e das culturas entre Brasil e Portugal. Esta versão, validada por Kobarg et al. (2010), foi utilizada neste estudo.

A escala é composta de 23 itens e abrange três dimensões: suporte emocional, rejeição e superproteção. A dimensão do *Suporte* ou *Calor Emocional* é definida como uma série de comportamentos parentais que geram nos filhos a sensação de conforto e a certeza de ser aprovado como pessoa pelos pais (ex.: *Os meus pais mostravam com gestos e palavras que gostavam mim*). A *Rejeição* é compreendida como comportamentos com a intenção de mudar a vontade do filho,

compreendidos como rejeição do filho como indivíduo (ex.: *Os meus pais eram severos ou zangavam-se comigo sem me explicar o porquê*). E a terceira dimensão, a *Superproteção*, é caracterizada pelo comportamento parental com excessiva preocupação indutora de estresse: intrusão nas atividades dos filhos, altos níveis de padrão de realização e imposição de regras rígidas (ex.: *Os meus pais proibiam-me de fazer coisas que a outras crianças eram permitidas por terem medo que acontecesse algo comigo*) (Kobarg et al., 2010).

A análise dos dados da validação da escala mostrou que o instrumento com 21 itens apresenta bons coeficientes de fidedignidade (Alfa de Cronbach de 0,75), além de fatorabilidade KMO=0,89 e Bartlett significativos ($p < 0,01$), permanecendo com três dimensões – como no estudo original. Apesar de algumas mudanças (exclusão de dois itens e mudança de dimensão de um item), o s-EMBU validado no contexto brasileiro mostra-se muito próximo à versão de Portugal (Kobarg et al., 2010).

6.4.6 Roteiro de Entrevista com construção do Genograma Familiar

O genograma é uma representação gráfica multigeracional da família que pressupõe, na sua elaboração, três níveis: o traçado da estrutura familiar (demografia); o registro informativo da família (dados da sua história); e a representação das relações e funcionamento familiares. Desta forma, o genograma se mostra um instrumento de pesquisa que se destaca por sua praticidade e organização na apresentação dos dados (Castoldi, Lopes & Prati, 2006; McGoldrick & Gerson, 2001; Wendt & Crepaldi, 2008).

Originário do *setting* clínico, o genograma deve ser adaptado para o uso em pesquisas, sobretudo a entrevista que orienta sua construção, que é uma entrevista aberta e bastante peculiar. Ainda assim, é possível que o uso do genograma produza algum nível de mobilização emocional na família, de forma que o pesquisador, por questões éticas, deve ser um profissional habilitado ao manejo deste instrumento e a oferecer apoio aos participantes, em qualquer momento do processo de pesquisa (Böing et al., 2008; Wendt & Crepaldi, 2008).

O roteiro de entrevista utilizado em conjunto com a construção do genograma (APÊNDICE 01) abordou questões advindas dos objetivos deste estudo.

6.4.7 Diário de Campo

O diário de campo foi utilizado para registro de descrições do campo de pesquisa, paralelas à utilização dos demais instrumentos. Essas descrições se ancoram, por um lado, nos objetivos propostos no planejamento inicial da pesquisa, assim como nos aspectos de intercorrências, derivadas do reconhecimento da imprevisibilidade do campo da pesquisa.

No diário de campo são realizadas descrições sistemáticas das impressões do pesquisador, seja a respeito do campo, como do processo da pesquisa. Os dados do diário de campo se constituem em “dados integradores” relevantes para a análise dos outros instrumentos utilizados, pois auxiliam tanto na compreensão, como na melhor contextualização da análise do campo de pesquisa (Böing et al., 2008).

Para facilitar a compreensão, segue a Tabela 2 que sintetiza os instrumentos utilizados, as variáveis que cada um se propõe a medir e os objetivos do uso.

Tabela 2
Síntese dos Instrumentos Utilizados na Coleta de Dados, Dimensões Avaliadas e Objetivos

| Instrumentos | Dimensões Avaliadas | Objetivos |
|---|--|---|
| Questionário sócio-demográfico | Composição familiar; escolaridade dos pais; atividade profissional; renda familiar; cultura de origem; idade dos pais na ocasião do nascimento do primeiro filho, idade; sexo e posição de nascimento da criança focal; status conjugal; status parental (biológico ou não). | Caracterizar a composição e estrutura familiar |
| FACES IV | Coesão, flexibilidade, funcionamento desengajado emaranhado, rígido, caótico, comunicação e satisfação familiar. | Caracterizar o funcionamento familiar atual |
| QDEP | Diversos fatores dos estilos parentais democrático-recíproco, autoritário e permissivo ; segundo auto-avaliação e avaliação das práticas parentais do parceiro. | Caracterizar os dimensões e estilos parentais da geração atual (pais das crianças). |
| ERC | Acordo; Suporte; Proximidade e Sabotagem Coparental; Endossar a Parentalidade do Parceiro; Exposição ao Conflito; Divisão do Trabalho. | Avaliar a coparentalidade |
| EMBU | Dimensões das práticas educativas (recebidas na infância e adolescência, segundo lembranças): suporte/calor emocional, rejeição e superproteção. | Caracterizar as práticas e estilos parentais (geração anterior) |
| Roteiro de entrevista com construção de genograma | Variáveis referentes à estrutura familiar; dados da sua história; representação das relações e funcionamento familiares. | Caracterizar a composição, estrutura e funcionamento familiar em uma perspectiva trigeracional. |

6.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS E DE COLETA DE DADOS

6.5.1 Procedimentos Éticos

O projeto maior em que este se insere foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC) e aprovado sob o Certificado número 520/2009, conforme as resoluções nº 196, de 10 de outubro de 1996, e nº 251 de 05 de agosto de 1997, ambas do Ministério da Saúde, em vigor por acatamento da qualificação do projeto.

Na ocasião da solicitação de renovação do Certificado, foi realizada a inclusão dos objetivos e método da presente pesquisa cuja aprovação se deu através do Parecer Consubstanciado do CEP, número 378881, de 17 de Junho de 2012.

Foram considerados todos os procedimentos éticos referente aos princípios da proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes, tais como: a apresentação das informações aos participantes; a garantia do caráter voluntário e anônimo; assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE - APÊNDICE 02); confidencialidade de todos os dados coletados; e a possibilidade de desistência, em qualquer fase da pesquisa. Foram assinadas duas vias do TCLE, sendo que uma delas, com os dados para contato com as pesquisadoras, ficou de posse dos participantes.

Além disso, ao longo da coleta de dados, foram tomados todos os cuidados éticos para preservar o bem-estar dos participantes, visando minimizar mobilizações emocionais e oferecendo suporte a qualquer momento, quando necessário.

6.5.2 Procedimentos para Coleta de Dados

Através de contato telefônico, as famílias pré-selecionadas foram convidadas a participar da pesquisa. Prestadas as informações a respeito do estudo, foi agendado a visita domiciliar com aquelas que aceitaram participar.

Em visita domiciliar, após breve apresentação da pesquisa e esclarecimento de possíveis dúvidas, foi apresentado aos casais o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após assinatura deste, foi realizada a coleta de dados.

A coleta foi realizada por uma dupla de pesquisadoras. Optou-se por iniciar a coleta com a aplicação dos instrumentos objetivos:

questionário e escalas. As pesquisadoras se dividiam para fazer a aplicação com pai e mãe, ao mesmo tempo, em ambientes diferentes da casa. Esta aplicação dos instrumentos objetivos teve duração aproximada de 30 minutos e ajudou a estabelecer uma aproximação pesquisador-família para o segundo momento, quando foi realizada a entrevista com genograma, o instrumento mais complexo e subjetivo. Este requer estabelecimento de um vínculo com os participantes, visando facilitar a obtenção de informações de cunho mais íntimo, conforme proposta de Wendt e Crepaldi (2008). A entrevista seguiu um roteiro semi-estruturado e ao final, foi oportunizado à família acrescentar mais informações que julgasse necessárias ou quisesse compartilhar. O tempo deste segundo momento da coleta variou entre uma hora e uma hora e trinta minutos.

Ao final da visita domiciliar, as pesquisadoras faziam uma síntese das principais temáticas que haviam sido abordadas ao longo da coleta e verificavam com o casal como eles estavam se sentindo, pontuando que a verbalização de lembranças de suas histórias de vida, e de diversas informações de cunho íntimo, sobre suas famílias de origem e atual, não era um exercício fácil e poderia incorrer em mobilização emocional. Era então realizado um acolhimento dos sentimentos e das percepções do casal sobre a experiência da coleta, seguido dos agradecimentos e despedida.

6.6 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

A compreensão de fenômenos sistêmicos complexos, como os que ocorrem nas famílias, requer a combinação de variadas estratégias qualitativas e quantitativas de coleta e análise de dados (Dessen, Silva & Dessen, 2009). Assim, nesta pesquisa, os dados coletados foram analisados segundo uma combinação destas duas abordagens.

A análise quantitativa reúne, registra e analisa fenômenos que são categorizados em dados numéricos; utiliza métodos estatísticos de confiabilidade e fidedignidade; busca identificar, quantificar as diferenças que existem em um mesmo segmento e verificar relações entre variáveis de um ou mais grupos e, em vez de simplesmente interpretar os dados subjetivamente, utiliza a estatística e fornece resultados que permitem afirmar ou não a existência de relações funcionais de diferentes variáveis em fenômenos humanos complexos. Para a análise quantitativa dos dados são utilizadas técnicas estatísticas que podem ser descritivas ou inferenciais. A análise descritiva apresenta

informações sobre frequência, média, desvio padrão, etc.; e a análise inferencial verifica comparações entre as médias, correlações, regressões, análises multivariadas, entre outras (Dessen et al., 2009).

A análise qualitativa, por sua vez, visa à demonstração da variedade das perspectivas dos participantes sobre o objeto, partindo dos significados subjetivos e sociais a ele relacionados. Busca uma apreensão que se mostra delimitada pela abordagem teórica do pesquisador, através de uma sistematização baseada na qualidade, sem a pretensão de atingir a representatividade (Flick, 2004). Nesta pesquisa, a análise qualitativa buscou a compreensão do funcionamento e dinâmica familiar em uma dimensão trigeracional; bem como uma perspectiva intergeracional das práticas e estilos parentais a partir dos significados subjetivos e sociais dos participantes. A análise contou com estratégias para assegurar a sua validade interna, tais como: triangulação de dados e de análise; e esclarecimento dos vieses do pesquisador ao longo de todo o processo (Creswell, 2007).

6.6.1 Análise Quantitativa – Primeira Etapa

A primeira etapa da análise teve como foco o conjunto das doze famílias. Foi realizada uma caracterização geral das doze famílias, com a utilização de estatística descritiva de cada instrumento (média das repostas; mediana; moda e desvio padrão).

Em seguida, foram realizadas análises correlacionais entre as diferentes dimensões dos quatro instrumentos quantitativos. Por se tratar de um número pequeno de participantes, foi utilizada a análise de correlação de Spearman (ρ de Spearman), um teste não-paramétrico, que não exige condições de distribuição normal dos dados, e que analisa todas as variáveis e identifica as correlações de duas a duas. Para a análise deste estudo, foram consideradas apenas as relações fortes (com coeficientes de correlação de 0,7 a 0,9) e moderadas (coeficientes de 0,4 a 0,6), com valores de $p < 0,05$ (Dancey & Reidy, 2013).

Todos os dados quantitativos foram analisados por meio do *Statistical Package of Social Sciences* (SPSS versão 18.0).

6.6.2 Análise Qualitativa – Segunda Etapa

Em um segundo momento, cada família foi analisada individualmente e os instrumentos serviram para uma caracterização das famílias quanto ao seu funcionamento; relação coparental e estilos

parentais atuais e lembranças de cuidados parentais na infância e adolescência do pai e da mãe.

Os dados qualitativos das entrevistas e do diário de campo foram utilizados com intuito de integrar as análises e aprimorar os resultados. Esta segunda etapa buscou identificar peculiaridades das famílias, nos dados qualitativos da sua história e situação atual, que não são capturadas pela análise quantitativa.

6.6.3 Integração das Análises Quantitativa e Qualitativa

A análise final foi realizada a partir da combinação das análises parciais compondo a “triangulação metodológica”, que é a complementaridade das análises quantitativas e qualitativas e dos dados observacionais e de entrevista. Estas análises representam recortes diferentes de expressão da realidade e a combinação entre elas aumenta a confiabilidade dos dados e a validade do estudo, permitindo uma melhor compreensão da complexidade do fenômeno (Biasoli-Alves, s.d; Creswell, 2007). A análise final, portanto, buscou uma compreensão das relações entre coparentalidade, funcionamento familiar e estilos parentais em uma perspectiva intergeracional em famílias com crianças em idade pré-escolar.

7. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados em duas partes, conforme se procedeu a análise. Em função da quantidade de informações, ao longo da apresentação dos resultados, estão delineadas algumas discussões e sínteses parciais. Além disso, após cada parte dos resultados será apresentada uma discussão integradora que inclui sínteses conclusivas.

Com intuito de facilitar a visualização dos resultados, o uso de cores foi padronizado. Todas as respostas do pai sobre a sua avaliação do funcionamento familiar, da relação coparental e o seu auto-relato sobre estilo parental atual, estão identificadas pela cor azul; e as mesmas repostas por parte da mãe estão em cor rosa. Na avaliação do estilo parental do parceiro, as respostas do pai sobre a mãe estão em lilás; e as respostas da mãe sobre o pai estão em verde. Os demais histogramas trazem cores aleatórias, pois se relacionam a variáveis e não ao respondente. Vale esclarecer ainda que o termo “pais” foi utilizado exclusivamente como plural de pai, nunca para designar o casal parental. E ainda assim, para facilitar a compreensão, foi priorizado o uso no singular, mesmo quando se referia ao conjunto de respostas dos homens.

7.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS FAMÍLIAS

7.1.1 Resultados Sociodemográficos

Participaram do estudo doze famílias (doze pais e doze mães). Os pais apresentaram uma média de idade de 37,5 anos, com desvio padrão (SD) de 7,5 anos. As mães apresentaram média de idade de 34,8 anos (SD = 7,1). Quanto às crianças focais, sete são meninos e cinco meninas. Seis crianças são filhos únicos; duas são primogênicas e quatro são caçulas. A média de idade das crianças é de 6,2 anos (SD = 0,7).

A média de anos de escolaridade dos pais é de 11,6 (SD = 3,4); e das mães é de 13,9 anos (SD = 2,8). Três casais apresentam o mesmo nível de escolaridade (pai e mãe entre si); um pai apresenta nível acima da esposa; e oito mães apresentam nível de escolaridade acima dos esposos.

A média do total de rendimentos mensais dos pais é de R\$ 2.037,5 (SD = 1.621,04); e das mães é de R\$ 1.239,09 (SD = 602,00). Quanto à jornada de trabalho, dez pais têm uma jornada de 40 horas semanais; um pai, acima de 40h; e um pai tem jornada de 20h semanais.

Dentre as mães: três apresentam jornada de 20h; uma de 30h; três de 40h e três acima de 40h. Uma delas não estava trabalhando no momento da coleta. A média aproximada da jornada de trabalho dos pais é de 38,7h (SD = 6,0), e das mães é de 34,7 horas (SD = 10,2). A média mensal da renda familiar para uma família é entre R\$ 1.301,00 e R\$ 1.600,00; para seis famílias é entre R\$ 2.001,00 e R\$ 3.000,00; para duas famílias é de R\$ 3.001,00 a R\$ 4.000,00; para outras duas é acima de R\$ 4.000,00 e uma família não soube informar. De acordo com o Critério de Classificação Econômica Brasileira (CCEB) da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2011), a maior parte das famílias pesquisadas pode ser considerada pertencente às classes econômicas B2 e B1, que apresentam, respectivamente, valores médios de renda familiar de R\$ 2.656,00 e R\$ 4.754,00.

Sobre quem leva a criança para a creche, apareceram as seguintes respostas: “pai e a mãe” (em 4 famílias); “mãe” (em 3 famílias); “pai” (1); “pais e irmãos” (1); “mãe e avó” (1); “avó materna” (1) e “vizinho” (1). E quando a criança não está na creche, oito das doze crianças ficam sob os cuidados de avós; duas ficam sob os cuidados dos pais; e outras duas, dos pais e irmãos.

7.1.2 Resultados sobre o Funcionamento Familiar (FACES IV)

As médias dos escores das respostas dos pais e das mães quanto ao funcionamento familiar foram semelhantes, conforme Tabela 3 e *Figura 7*. E dentro dos grupos de pais e de mães as respostas também foram semelhantes. Ambos indicam funcionamento, de forma geral, saudável: com altos níveis nas subescalas equilibradas de coesão e flexibilidade, e níveis mais baixos nas escalas desequilibradas de funcionamento emaranhado e caótico; exceto os níveis de rigidez, que mostram valores moderados.

Tabela 3

Estatística Descritiva das Respostas das Mães e dos Pais Referente ao Funcionamento Familiar

| | | Equilibradas | | Desequilibradas | | | | | |
|---------------|-------------|---------------------|---------------|------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| | | Coesão | Flexibilidade | Desengajada | Emaranhada | Rígida | Caótica | Comunicação | Satisfação |
| Média | Mães | 4,22 | 3,90 | 1,98 | 2,66 | 2,93 | 2,18 | 3,93 | 3,53 |
| | Pais | 4,17 | 4,05 | 2,21 | 2,53 | 3,10 | 2,21 | 3,64 | 3,38 |
| Desvio | Mães | ,27 | ,41 | ,32 | ,43 | ,48 | ,41 | ,38 | ,52 |
| Padrão | Pais | ,41 | ,22 | ,82 | ,41 | ,53 | ,66 | ,48 | ,52 |

Nota: Média e desvio padrão das respostas de 12 mães e 12 pais. Não houve *missing* nas respostas.

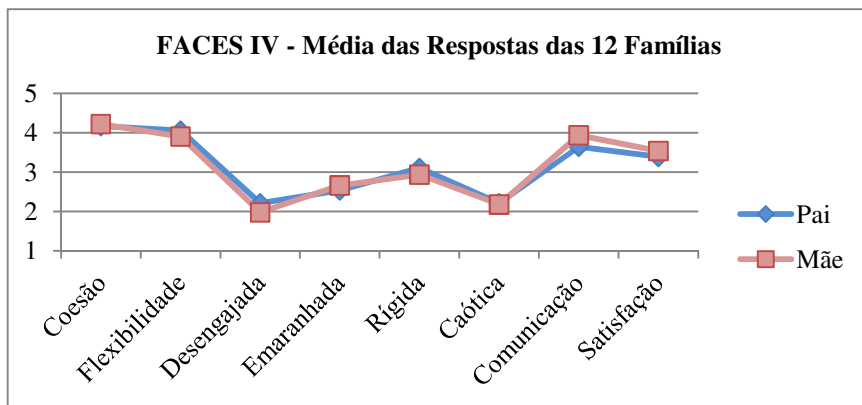


Figura 7. Gráfico da média dos escores das subescalas do funcionamento familiar segundo as respostas dos pais e das mães.

7.1.3 Resultados das Lembranças de Cuidados Parentais Recebidos na Infância e Adolescência (EMBU)

A Tabela 4 e a *Figura 8* apresentam as médias dos escores referentes às lembranças de cuidados parentais recebidos na infância e adolescência. Como as médias das respostas, tanto dos pais quanto das mães, para o avô e a avó da criança focal foram bastante próximas (de um a três décimos de diferença), optou-se por apresentar as médias referentes ao casal: avós paternos e avós maternos. Os pais e as mães apresentaram respostas semelhantes, com valores maiores para a dimensão de calor emocional, seguido de superproteção e menores para rejeição.

Para uma compreensão qualitativa dos resultados, e considerando os valores de referência da escala (que 1 representa “nunca”; e 2, 3, e 4 representam “sim: ocasionalmente; frequentemente e a maior parte do tempo”, respectivamente), optou-se por nomear, de forma aproximada, os resultados. Tanto os pais, quanto as mães referiram que sentiam, quase que frequentemente, calor emocional nas práticas parentais recebidas; ocasionalmente sentiam-se superprotegidos (um pouco mais os pais, do que as mães); e quase nunca se sentiram rejeitados.

Tabela 4

Estatística Descritiva das Respostas, das Mães e dos Pais, Referentes às Práticas Parentais Recebidas na Infância e Adolescência Pelos Seus Pais (Avós Maternos e Paternos)

| | | Calor Emocional | Rejeição | Superproteção |
|---------------|---------------|-----------------|-------------|---------------|
| Média | Avós Maternos | 2,74 | 1,52 | 1,86 |
| | Avós Paternos | 2,95 | 1,49 | 2,19 |
| Desvio Padrão | Avós Maternos | ,67 | ,61 | ,55 |
| | Avós Paternos | ,39 | ,26 | ,43 |

Nota: Estatística descritiva baseada nas respostas de 12 mães e 12 pais. Não houve *missing* nas respostas.

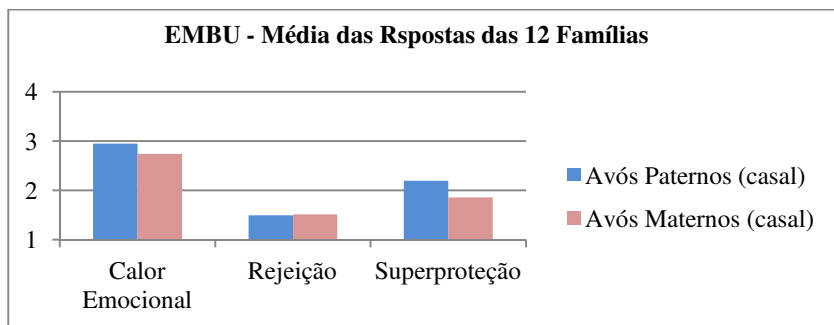


Figura 8. Histograma das médias dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças das mães e dos pais.

7.1.4 Resultados sobre as Dimensões e Estilos Parentais Atuais (QDEP)

As respostas das mães e dos pais sobre seu próprio estilo e estilo parental do parceiro foram semelhantes. Considerando os valores de referência da escala (1 = “nunca”; 2 = “algumas vezes”; 3 = “metade das vezes”; 4 = “muitas vezes” e 5 = “sempre”), é possível inferir uma frequência aproximada das respostas em porcentagens, (1 = 0%; 2 = 25%; 3 = 50%; 4 = 75% e 5 = 100%). Assim, tanto as mães, quanto os pais referiram uso do estilo democrático-recíproco, a respeito de si e do parceiro, em aproximadamente 75% das interações com a criança. Referiram uso do estilo autoritário em 25% das interações. Quanto ao

uso do estilo permissivo, foi referido pelos pais (a respeito de si e das esposas) uso em, aproximadamente, 25% das interações; e na avaliação das mães a referência a este estilo é em torno de 25 % com relação a si mesmas e um pouco menor na avaliação delas sobre os esposos: aproximadamente em 20% das interações deles com as crianças (Tabela 5 e *Figura 9*).

Embora haja uma predominância do uso do estilo democrático-recíproco, vale destacar que um estilo parental nunca é único ou homogêneo. Os resultados refletem uma porcentagem considerável de uso dos estilos autoritário e permissivo, cada um deles em, aproximadamente, um quarto das interações com as crianças. E mais do que caracterizar a predominância do estilo, a análise que será apresentada adiante buscou identificar as peculiaridades do uso dos diferentes estilos e quais os fatores relacionados a eles no inter-jogo das relações.

Tabela 5

Estatística Descritiva das Respostas, das Mães e dos Pais, Referentes aos Estilos Parentais Atuais, Segundo Auto-Avaliação e Avaliação do Parceiro

| | | Democrático | Autoritário | Permissivo |
|---------------|-----------|--------------------|-------------|------------|
| Média | Mãe - si | 4,04 | 2,03 | 1,88 |
| | Mae - pai | 3,92 | 2,08 | 1,66 |
| | PAI - SI | 3,93 | 2,20 | 2,13 |
| | PAI - MÃE | 3,89 | 2,15 | 1,92 |
| Desvio Padrão | Mãe - si | ,49 | ,59 | ,71 |
| | Mae - pai | ,77 | ,63 | ,55 |
| | PAI - SI | ,74 | ,37 | ,58 |
| | PAI - MÃE | ,83 | ,25 | ,49 |

Nota: Participantes: 12 mães e 12 pais. Não houve *missing* nas respostas.

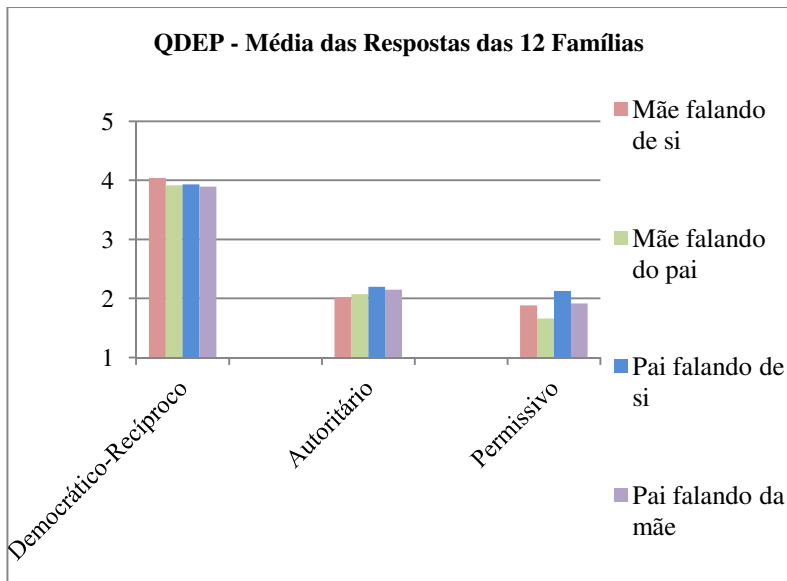


Figura 9. Histograma das médias dos escores referentes aos estilos parentais atuais, segundo auto-avaliação e avaliação do parceiro.

7.1.5 Resultados sobre a Relação Coparental (ERC)

De forma geral, os doze casais avaliaram bem a sua relação coparental, com escores altos para os fatores positivos (“acordo, suporte e proximidade coparentais”; e o fator “endossar a parentalidade do parceiro”), e escores baixos para os fatores negativos (“sabotagem coparental” e “exposição da criança ao conflito”). O fator relativo à satisfação com relação à divisão do trabalho coparental apresentou escores menores que os demais fatores positivos, mas ainda com valores acima da média da escala. Este fator também foi o que apresentou maior desvio padrão (média de 3,67 para as mães, $SD = 2,2$; e média de 3,92 para os pais, $SD = 1,56$) (Tabela 6 e Figura 10).

Tabela 6

Estatística Descritiva das Respostas, das Mães e dos Pais, Referentes às Dimensões da Relação Coparental Atual

| | | Acordo Copar. | Suporte Copar. | Endossar Parent. | Divisão Traba. | Proxim Copar. | Sabotagem Copar. | Exposição Conflito |
|---------------|------------|---------------|----------------|------------------|----------------|---------------|------------------|--------------------|
| Média | Mãe | 4,73 | 5,01 | 5,40 | 3,67 | 5,17 | 0,24 | 0,75 |
| | Pai | 4,53 | 5,23 | 5,23 | 3,92 | 5,20 | 0,85 | 1,15 |
| Desvio Padrão | Mãe | 1,17 | 0,85 | 0,60 | 2,20 | 0,68 | 0,30 | 0,51 |
| | Pai | 0,82 | 0,79 | 0,37 | 1,56 | 0,90 | 1,00 | 0,98 |

Nota: Média e desvio padrão das respostas de 12 mães e 12 pais. Não houve missing nas respostas.

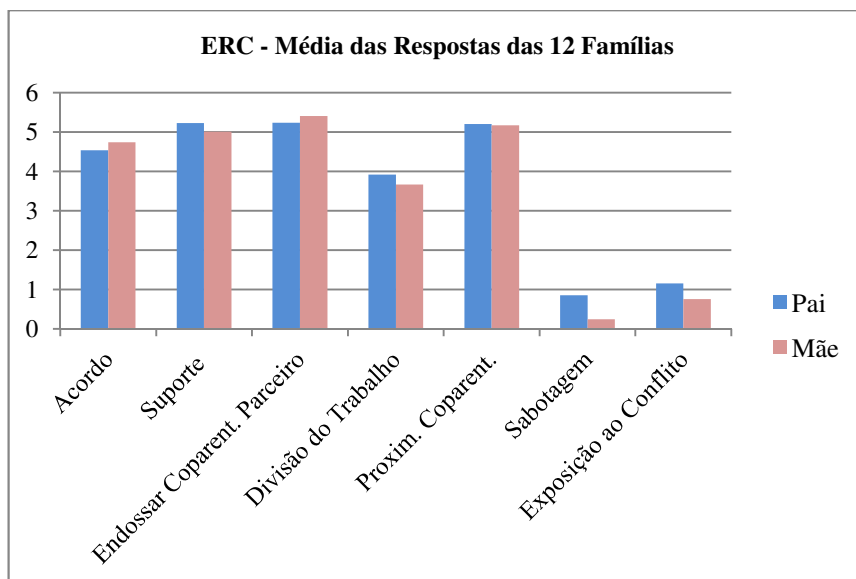


Figura 10. Histograma das médias dos escores das dimensões da relação coparental segundo avaliação dos pais e das mães.

7.2 CORRELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS DOS INSTRUMENTOS QUANTITATIVOS

Foram realizadas análises de correlações com as variáveis de cada instrumento, individualmente, e com as variáveis dos instrumentos correlacionados dois a dois. Para facilitar a compreensão e visualização

dos resultados, optou-se por apresentar as correlações de forma descritiva, acompanhada de um diagrama ilustrativo no lugar das matrizes de correlações.

Nos diagramas, foram mantidas as padronizações de cores. As relações estão identificadas por uma linha, sem flecha, pois a análise de correlações indica que há uma variância compartilhada entre as variáveis, sem que se possa inferir relação de causa e efeito, ou seja, a determinação de uma sobre a outra. E com intuito de facilitar a compreensão, foram utilizadas linhas verdes para indicar as correlações consideradas “boas” (relações saudáveis), e linhas vermelhas para correlações consideradas “ruins”, conforme descrição dos resultados, quando foi possível fazer tal indicação. Os diagramas são padronizados e contêm o conjunto de fatores de cada instrumento. Nas correlações de um único instrumento, todas as variáveis foram nomeadas. Contudo, nas correlações entre dois instrumentos, foram nomeados apenas os fatores que apresentaram correlações, para facilitar a sua visualização. Os demais não foram nomeados, ficando apenas os “campos” daqueles fatores em branco no diagrama, para indicar sua existência, e que, naquela análise correlacional, eles não apresentaram relações com os fatores do outro instrumento.

Para a análise, foram consideradas apenas as relações fortes (com coeficientes de correlação de 0,7 a 0,9) e moderadas (coeficientes de 0,4 a 0,6), com valores de $p < 0,05$, indicado por um asterísco e $p < 0,001$, indicado por dois asterísco (Dancey & Reidy, 2013).

7.2.1 Correlações entre as Variáveis do Funcionamento Familiar (FACES IV)

Dentre as correlações das variáveis de funcionamento familiar, destacam-se as relações do fator **comunicação**, na avaliação paterna, que se relacionou com outros quatro fatores, conforme *Figura 11*.

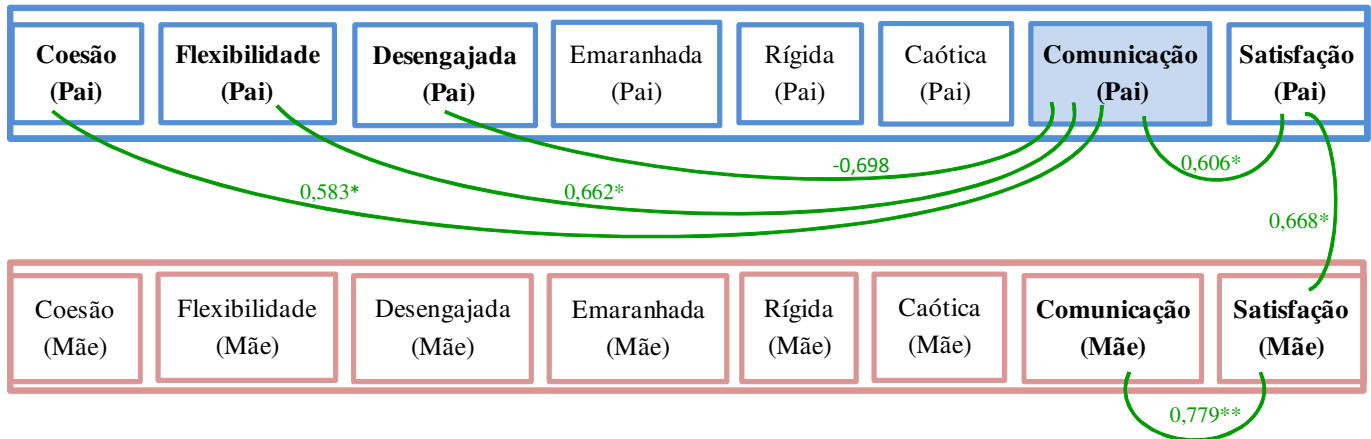


Figura 11. Diagrama ilustrativo das correlações entre as variáveis de funcionamento familiar.

Quanto mais o pai avalia positivamente a qualidade da comunicação familiar, mais ele também refere haver **coesão** ($,583^*$, $p = 0,047$); mais **flexibilidade** ($,662^*$, $p = 0,019$); e menos funcionamento **desengajado** ($-,698^*$, $p = 0,012$). E ainda, mais refere **satisfação** com relação ao funcionamento familiar ($,606^*$; $p = 0,037$).

A satisfação da mãe com relação ao funcionamento familiar se mostra fortemente correlacionada a sua avaliação da qualidade da comunicação familiar ($,779^{**}$; $p = 0,003$). E a satisfação da mãe e do pai com relação ao funcionamento familiar mostrou-se correlacionada positivamente ($,668^*$, $p = 0,018$).

7.2.2 Correlações entre as Variáveis das Práticas Parentais Recebidas pelas Mães e pelos Pais na sua Infância e Adolescência (EMBU)

Conforme *Figura 12* vê-se que a mãe refere uma percepção de que foi cuidada por seus pais (pai e mãe) de forma semelhante. Quer dizer, houve forte correlação entre as respostas sobre seu pai e sua mãe. Quanto mais apontava calor emocional referente à sua mãe, mais apontava calor emocional referente ao pai ($,897^{**}$, $p < 0,001$). E quanto mais referia rejeição de sua mãe, mais referiam também rejeição de seu pai ($,750^{**}$, $p = 0,005$).

7.2.3.1 Correlações entre os Fatores do Estilo Democrático-Recíproco

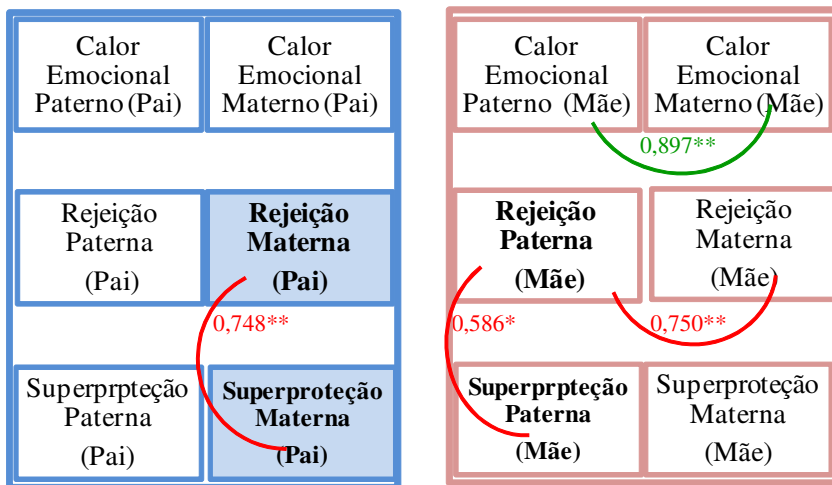


Figura 12. Diagrama ilustrativo das correlações entre as variáveis de cuidados parentais recebidos na infância e adolescência segundo lembrança dos pais.

É interessante observar também que, na percepção da mãe referente aos cuidados recebidos na infância e adolescência pelo seu pai, a superproteção mostrou-se relacionada à rejeição, também do pai ($,586^*$, $p = 0,045$). E esta correlação apareceu ainda mais forte nas respostas do pai referente aos cuidados maternos recebidos na infância e adolescência. Quanto mais o pai referiu **superproteção materna**, mais referiu também **rejeição materna** ($,748^{**}$, $p = 0,005$). Evidenciando assim, uma relação entre estas dimensões nas práticas parentais.

7.2.3 Correlações entre as Variáveis dos Estilos Parentais Atuais (QDEP)

As correlações entre os estilos parentais atuais, segundo auto-avaliação e avaliação do parceiro estão representadas na *Figura 13*. Neste momento, os estilos foram considerados na sua totalidade, sem especificar os fatores de cada um.

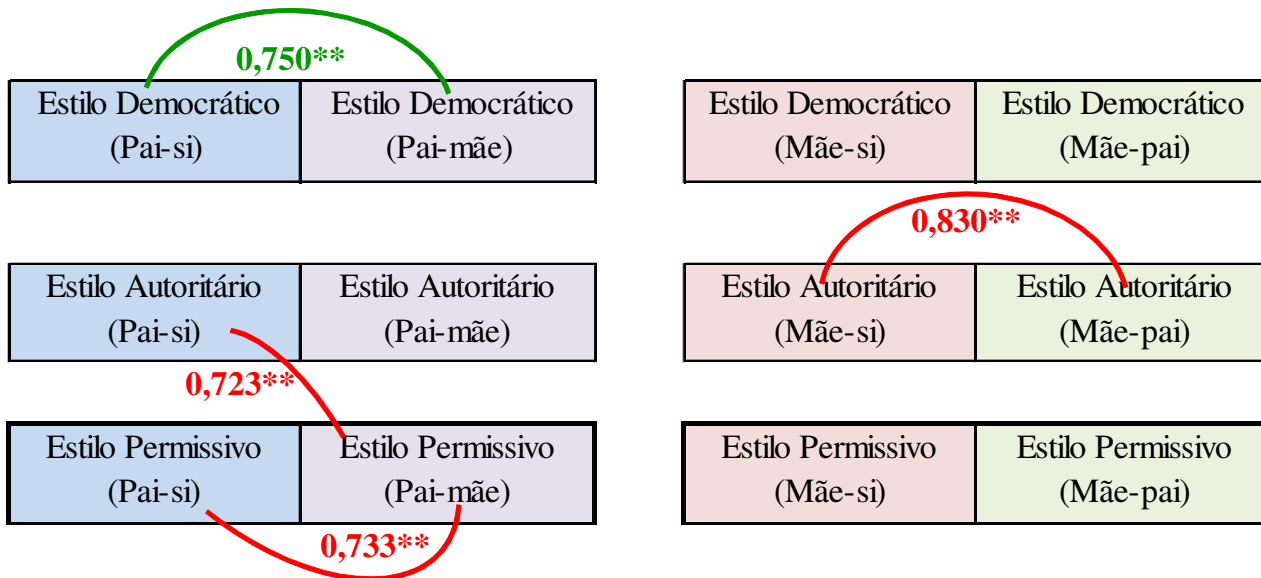


Figura 13. Diagrama ilustrativo das correlações entre os estilos parentais segundo auto-avaliações e avaliações do estilo do parceiro.

De forma geral, o estilo parental democrático-recíproco apresentou correlação forte e positiva entre o relato do pai a respeito de si mesmo e o seu relato com relação a sua esposa ($,750^{**}$, $p = 0,005$). Quer dizer, quanto mais o pai refere fazer uso do estilo democrático, mais ele também faz esta referência a respeito da mãe. Correlação semelhante ocorreu com o relato do pai sobre o estilo permissivo: quanto mais referiu estilo permissivo a respeito de si, mais referiu também este estilo com relação a sua esposa ($,733^{**}$, $p = 0,007$).

E quanto mais a mãe referiu uso de estilo autoritário, mais ela o faz sobre o estilo do pai ($,830^{**}$, $p = 0,001$). Contudo, quanto mais o pai referiu fazer uso do estilo autoritário, mais ele referiu o estilo permissivo em sua esposa ($,723^{**}$, $p = 0,008$).

7.2.3.1 Correlações entre os Fatores do Estilo Democrático-Recíproco

Dentro do estilo democrático apareceram correlações fortes e positivas entre os fatores. No relato paterno sobre seu próprio estilo, os fatores calor/envolvimento; participação democrática e paciência/respeito mostraram-se correlacionados entre si. Quanto mais calor/envolvimento o pai referiu sobre si, mais referiu também fazer uso da participação democrática ($,870^{**}$, $p < 0,001$); e paciência/respeito ($,937^{**}$, $p < 0,001$). E quanto mais ele referiu ter paciência/respeito no seu estilo, mais referiu uso da participação democrática ($,805^{**}$, $p = 0,002$).

O calor/envolvimento do pai (na sua auto-avaliação) também se relacionou positivamente com a avaliação dele do uso da participação democrática no estilo materno ($,736^{**}$, $p = 0,006$). E ainda, quanto mais o pai referiu o uso da participação democrática por sua esposa, mais ele também referiu utilizar-se deste fator ($,809^{**}$, $p = 0,001$).

Quanto mais o pai referiu que sua esposa se utiliza da paciência/respeito, mais referiu também o uso dela da participação democrática ($,802^{**}$, $p = 0,002$), bem como o uso da participação democrática por ele ($,724^{**}$, $p = 0,008$).

A paciência/respeito mostrou ainda forte correlação com o estímulo ao raciocínio, tanto no relato do pai como da mãe (um sobre o outro). Ou seja, quanto mais a mãe relatou paciência/respeito no estilo parental de seu esposo, mais ela também referiu que ele faz uso do estímulo ao raciocínio ($,904^{**}$, $p < 0,001$), e vice-versa ($,878^{**}$, $p < 0,001$).

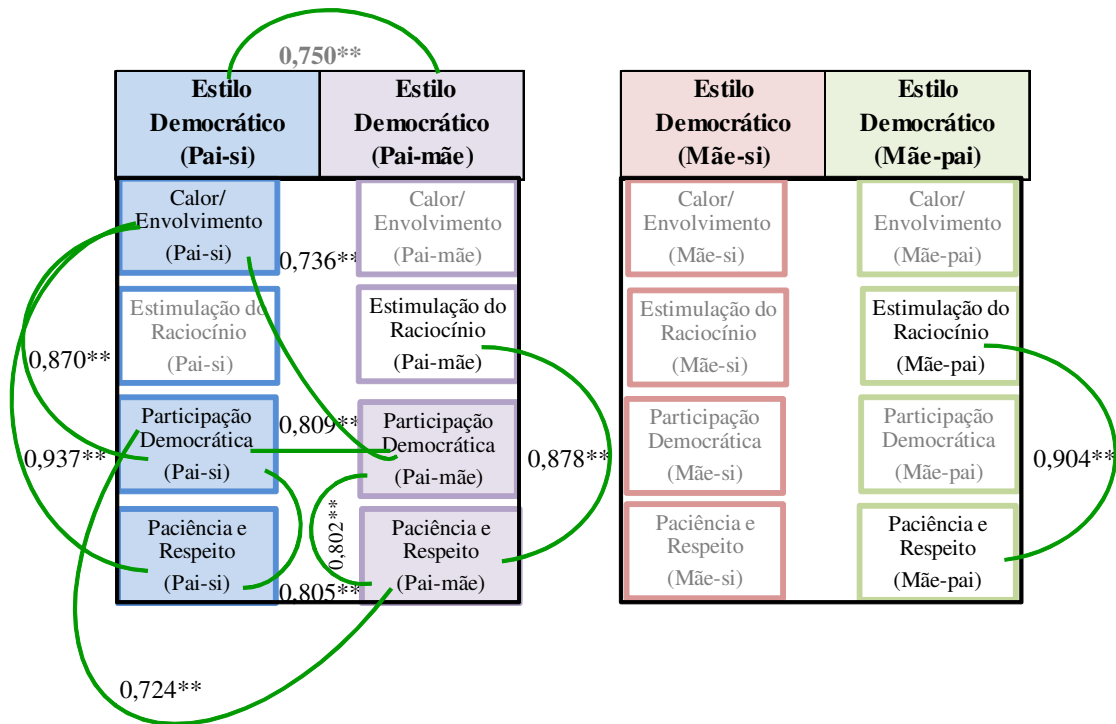


Figura 14. Diagrama ilustrativo das correlações entre os fatores do estilo democrático-recíproco, segundo auto-avaliações e avaliações do estilo do parceiro.

É interessante observar que o estilo democrático paterno se relaciona com as percepções dele sobre o estilo democrático materno ($r = 0,750^{**}$, $p = 0,005$), o que não acontece com o estilo democrático materno (mãe falando de si). Ao observar a *Figura 14*, vê-se que a coluna azul (pai falando de si) e a lilás (pai falando da mãe) apresentam relações entre si. Já a coluna rosa (mãe falando de si) não apresenta relação nenhuma. Pode-se inferir que o estilo democrático materno “não depende” do estilo paterno, nem da percepção das mães sobre o estilo do companheiro.

7.2.3.2 Correlações entre os Fatores do Estilo Autoritário

Dentro do estilo autoritário, apareceram correlações fortes e positivas entre os relatos do pai e da mãe para os mesmos fatores, falando de si e do(a) parceiro(a) (*Figura 15*).

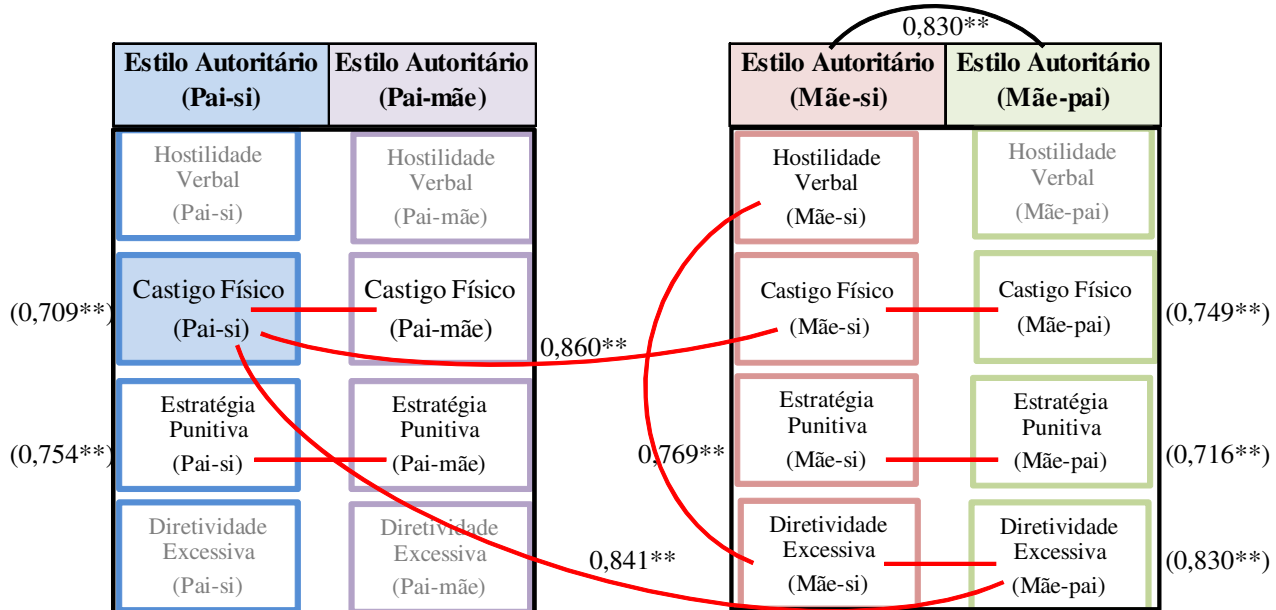


Figura 15. Diagrama ilustrativo das correlações entre os fatores do estilo autoritário, segundo auto-avaliações e avaliações do estilo do parceiro.

Quanto mais a mãe referiu uso de castigo físico ($,749^{**}$, $p = 0,005$); de estratégia punitiva ($,716^{**}$, $p = 0,009$) e diretividade excessiva ($,830^{**}$, $p = 0,001$), mais ela também referiam uso destes fatores no estilo do companheiro. E quanto mais o pai referiu uso de castigo físico ($,709^{**}$, $p = 0,010$) e estratégia punitiva ($,754^{**}$, $p = 0,005$), mais fez referência a estes fatores no estilo materno. E ainda, quanto mais o pai relatou uso de castigo físico no seu próprio estilo, mais a mãe também relatou uso de castigo físico em seu próprio estilo ($,860^{**}$, $p < 0,001$)

O uso materno da diretividade excessiva, referida por ela própria, apresentou relação positiva com a hostilidade verbal, também referida por ela ($,769^{**}$, $p = 0,003$). E a diretividade excessiva no estilo paterno, referida pela mãe, relacionou-se positivamente com a referência do pai em fazer uso de castigo físico ($,841^{**}$, $p = 0,001$).

Diferente do que ocorre com o estilo democrático-recíproco, o estilo autoritário apresenta relações entre estilo materno e paterno, especialmente na avaliação da mãe. Quanto mais ela refere fazer uso do estilo autoritário, mais faz esta referência sobre seu esposo também ($,830^{**}$, $p = 0,001$). Aqui se evidencia a recursividade do uso do estilo autoritário pelo casal, em especial nos fatores castigo físico e estratégia punitiva. Ou seja, há indícios de que o comportamento punitivo de um influencia o comportamento punitivo do outro, reforçando-o.

7.2.3.3 Considerações sobre os Estilos Permissivo e Autoritário

A diretividade excessiva da mãe (relatada por ela própria) mostrou correlações positivas com fatores do estilo democrático-recíproco, tanto em si mesma, quanto em seu companheiro. Quanto mais ela refere diretividade excessiva em seu estilo parental, mais refere também participação democrática a respeito de si ($,647^*$, $p = 0,023$); e participação democrática ($,609^*$, $p = 0,036$), estimulação do raciocínio ($,593^*$, $p = 0,042$) e paciência/respeito ($,657^*$, $p = 0,020$) no estilo parental do companheiro. E a diretividade excessiva do pai (relatada pela mãe) mostrou correlações fortes e positivas com paciência/respeito ($,830^{**}$, $p = 0,001$) e estimulação do raciocínio ($,782^{**}$, $p = 0,003$) dos pai (também segundo avaliação da mãe).

Em contrapartida, a diretividade excessiva do pai, relatada por ele próprio, mostrou-se negativamente relacionada a fatores do estilo democrático-recíproco paterno. Quanto mais o pai referiu uso de diretividade excessiva, menos paciência/respeito ($-,799^{**}$, $p = 0,002$) e

menos estimulação do raciocínio (-,598^{*}, p = ,040) ele apresentou, segundo o relato da mãe.

E ainda, a diretividade excessiva paterna, relatada por ele próprio, apresentou correlação positiva com sua falta de firmeza, também na sua auto-avaliação (,721^{**}, p = 0,008), uma dimensão do estilo permissivo. Contudo, quanto mais o pai referiu falta de firmeza em si, menos a mãe referiu diretividade excessiva paterna (-,729^{**}, p = 0,007), e também menos ela referiu diretividade excessiva em si (-,612^{*}, p = 0,034).

A diretividade excessiva que o pai refere parece ser diferente da diretividade excessiva que sua esposa relata sobre ele. A diretividade excessiva está representada no questionário por dois itens: *Repreendo e critico o meu filho para o bem dele; Repreendo ou critico o meu filho quando ele não se comporta como nós esperamos*. As respostas a estes itens sugerem que a diretividade excessiva pode se relacionar tanto a fatores do estilo democrático, como do estilo autoritário. Em outras palavras, pode-se inferir que a diferença encontrada reside na forma de utilização da diretividade excessiva (fator do estilo autoritário): que pode se relacionar positivamente a fatores do estilo democrático-recíproco (como participação democrática; paciência/respeito), e por outro lado, pode vir acompanhada de hostilidade verbal e castigos físicos.

A diretividade excessiva identificada pelo pai também se relacionou positivamente à falta de firmeza, que por sua vez, apresentou relações com vários fatores do estilo autoritário (uso de hostilidade verbal, estratégias punitivas e castigos físicos), como será descrito a seguir.

A falta de firmeza (fator do estilo permissivo) está representada no questionário por quatro itens, dentre eles: *Eu cedo quando o meu filho faz birra; e Digo ao meu filho que vou castigá-lo e depois não cumpro*. É interessante observar que a falta de firmeza mostrou correlações positivas fortes e moderadas com todos os fatores do estilo autoritário, tanto na avaliação do pai, como da mãe.

A falta de firmeza materna, na avaliação da mãe, mostrou-se fortemente correlacionada com hostilidade verbal materna (,752^{**}, p = 0,005); castigo físico materno (,712^{**}, p = 0,009); e castigo físico paterno (,855^{**}, p < 0,001). E moderadamente correlacionada com hostilidade verbal paterna (,648^{*}, p = 0,023); estratégia punitiva paterna (,619^{*}, p = 0,032); e diretividade excessiva materna (,675^{*}, p = 0,016) e paterna (,590^{*}, p = 0,043).

A falta de firmeza relatada pela mãe (falando de si), também se mostrou fortemente correlacionada com o relato paterno de uso de castigo físico por parte dele ($,737^{**}$, $p = 0,006$).

E quanto mais a mãe refere falta de firmeza paterna, mais o pai refere uso de estratégia punitiva pela mãe ($,655^*$, $p = 0,021$). Assim como, o uso de estratégia punitiva pelo pai (relatado por ele próprio) está relacionado à falta de firmeza materna identificada por ele ($,588^*$, $p = 0,044$), bem como, à sua própria falta de firmeza (também identificada por ele) ($,590^*$, $p = 0,044$).

Há ainda, uma correlação forte e negativa entre a falta de firmeza do pai (relatada por ele próprio) e a paciência e respeito no estilo parental paterno (relatado pela mãe) ($-,727^{**}$, $p = 0,007$). Quer dizer, quanto mais o pai relata falta de firmeza em si, menos a mãe refere paciência e respeito no estilo paterno.

Os resultados sugerem que a falta de firmeza (fator do estilo permissivo), tanto no relato do pai quanto da mãe, está correlacionada positivamente com fatores do estilo autoritário. Parece haver um “mecanismo compensatório”, uma “complementaridade” entre falta de firmeza e uso de estratégia punitiva, verificada dentro do estilo individual, como também no interjogo dos estilos de ambos.

Ao comparar, isoladamente, as relações da falta de firmeza e da diretividade excessiva, pode-se inferir que a falta de firmeza se mostra “mais prejudicial” do que a diretividade excessiva (fator do estilo autoritário), por se mostrar fortemente relacionada ao uso do castigo físico, de estratégias punitivas e hostilidade verbal. Já a diretividade excessiva, em especial aquela relatada pela mãe, mostra-se relacionada positivamente a fatores do estilo democrático-recíproco. Talvez esta diretividade referida pela mãe assemelhe-se à assertividade: uma postura firme acompanhada de responsividade, que são características do estilo democrático-recíproco, ou seja: uma postura que mantém o equilíbrio entre afeto e controle.

Em função do número de correlações entre os estilos autoritário e permissivo, o diagrama (Figura 16) não traz os valores, apenas a direção das correlações descritas (se é positiva ou negativa). Nele, é possível visualizar as relações positivas da diretividade excessiva relatada pela mãe, com fatores do estilo democrático; e as relações negativas da diretividade excessiva, relatada pelo pai, com alguns dos mesmos fatores do estilo democrático. Também é possível observar as diversas relações positivas da falta de firmeza com fatores do estilo autoritário, especialmente na falta de firmeza materna, referida por ela própria.

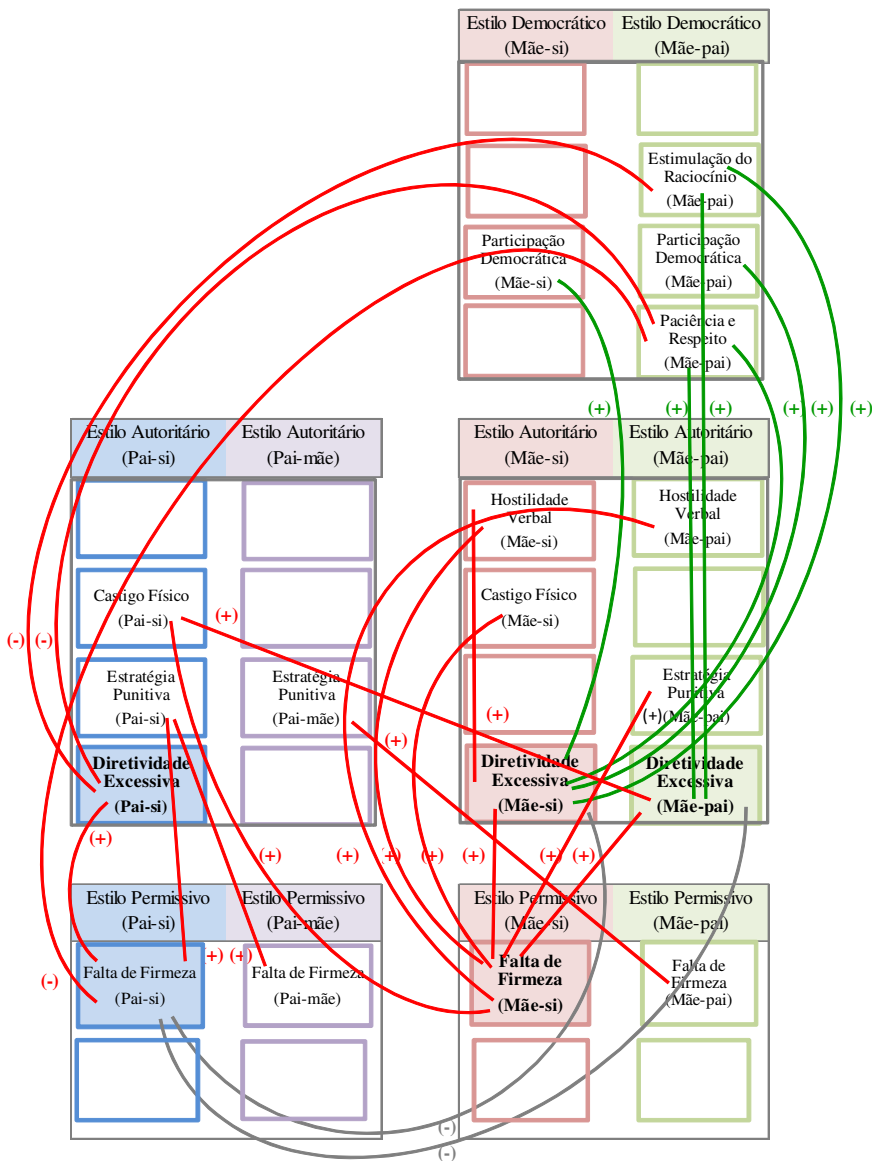


Figura 16. Diagrama ilustrativo das correlações dos fatores dos estilos autoritário e permissivo.

Outro fator do estilo permissivo é a “falta de autoconfiança”. Mas antes de apresentar as correlações deste fator, vale destacar que ele está representado no questionário por um único item (“*Acho difícil disciplinar o meu filho*”), incorrendo o risco de aparecer sub ou superestimado em função do escore advir de uma única resposta. E buscando uma maior proximidade dos resultados com o relato dos participantes, o item será nomeado, no lugar do fator.

Assim, quanto mais a mãe referiu dificuldade sua em disciplinar seu filho, menos referiu calor/envolvimento ($-,605^*$, $p = 0,037$) e menos referiu paciência e respeito ($-,647^*$, $p = 0,023$) no seu estilo parental. Em contrapartida, referiu mais estímulo ao raciocínio ($,615^*$, $p = 0,033$). E quanto mais o pai referiu que a esposa achava difícil disciplinar seu filho, ele também referiu um uso maior do estímulo ao raciocínio ($,633^*$, $p = 0,027$), e, ao contrário dela, referiu mais paciência/respeito ($,645^*$, $p = 0,024$) no estilo parental dela.

E quanto mais o pai referiu dificuldade em disciplinar seu filho, mais referiu uso de hostilidade verbal ($,638^*$, $p = ,026$) no seu próprio estilo e uso de estratégia punitiva da mãe ($,609^*$, $p = ,036$). A hostilidade verbal paterna também se mostrou moderadamente correlacionada com a referência dele a respeito da dificuldade da mãe em disciplinar os filhos ($,620^*$, $p = 0,032$).

Contudo, as correlações mais fortes apareceram entre o relato do pai sobre a dificuldade da mãe em disciplinar os filhos e fatores do estilo democrático no seu próprio estilo. Quanto mais o pai referiu que sua esposa acha difícil disciplinar os filhos, mais ele referiu calor/envolvimento ($,838^{**}$, $p = 0,001$); participação democrática ($,738^{**}$, $p = 0,006$) e paciência e respeito ($,786^{**}$, $p = 0,002$) no seu próprio estilo parental.

7.2.4 Correlações entre as Variáveis da Relação Coparental (ERC)

A *Figura 17* ilustra as correlações encontradas entre as variáveis da coparentalidade segundo avaliação das mães e dos pais.

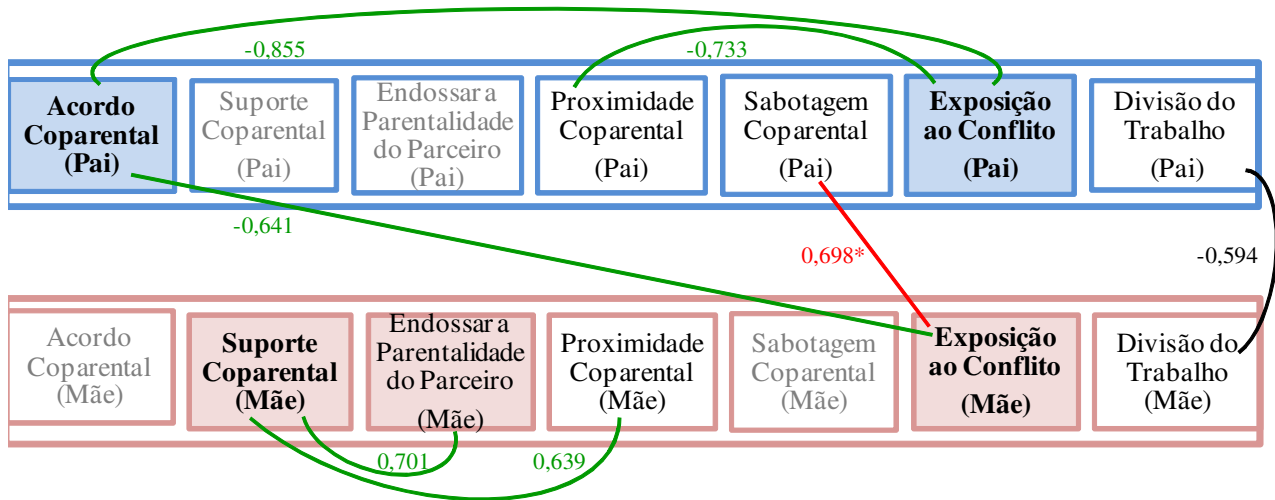


Figura 17. Diagrama ilustrativo das correlações dos fatores da relação coparental.

As correlações das dimensões da coparentalidade mostram que a exposição da criança ao conflito, na avaliação do pai, está fortemente correlacionada à sua avaliação do acordo coparental ($-,855^{**}$, $p < 0,001$) e sua avaliação da proximidade coparental ($-,733^{**}$, $p = 0,007$). Ou seja, quanto mais o pai percebe acordo e proximidade coparentais, menos a criança é exposta a conflitos.

A avaliação materna sobre a exposição da criança ao conflito também se relacionou com a avaliação paterna sobre acordo e sabotagem coparental. Quanto mais o pai refere sabotagem coparental ($,698^*$, $p = 0,012$) e quanto menos refere acordo coparental ($-,641^*$, $p = 0,025$), mais a mãe refere exposição da criança ao conflito.

E quanto mais a mãe percebe suporte coparental de seu parceiro, mais referem também endossar a parentalidade dele ($,701^*$, $p = 0,011$) e haver mais proximidade coparental ($,639^*$, $p = 0,025$).

É importante observar que pai e mãe divergem quanto à satisfação com relação à divisão do trabalho das questões relacionadas à criança ($-,594^*$, $p = 0,042$). Quanto mais o pai refere se sentir satisfeito, menos a mãe faz esta referência, e vice-versa.

O componente “divisão do trabalho coparental” envolve negociação sobre as atividades e funções de cada um com relação à criação dos filhos e apresenta um expressivo impacto na satisfação com a relação coparental e com os níveis de estresse parental. A satisfação é, portanto, um indicador desta dimensão. É o resultado de quanto a divisão do trabalho atende às expectativas e crenças parentais acerca das contribuições de cada um para os cuidados da criança. Quando as expectativas não são supridas, a insatisfação aumenta o estresse parental e pode interferir na responsividade dos pais para com as crianças (Feinberg, 2002, 2003).

Assim, pode-se inferir que, nos casais, há uma insatisfação, de um deles, relacionada às expectativas não realizadas quanto à negociação e contribuição do parceiro na divisão do trabalho coparental. Adiante, as análises buscarão compreender esta divergência de satisfação a partir da identificação de outros fatores relacionados a este componente.

7.2.5 Correlações entre os Fatores do Funcionamento Familiar e Estilos Parentais (FACES IV com QDEP)

A partir da visualização geral da *Figura 18*, seguem as descrições das correlações dos fatores do funcionamento familiar com os estilos parentais dos pais e das mães.

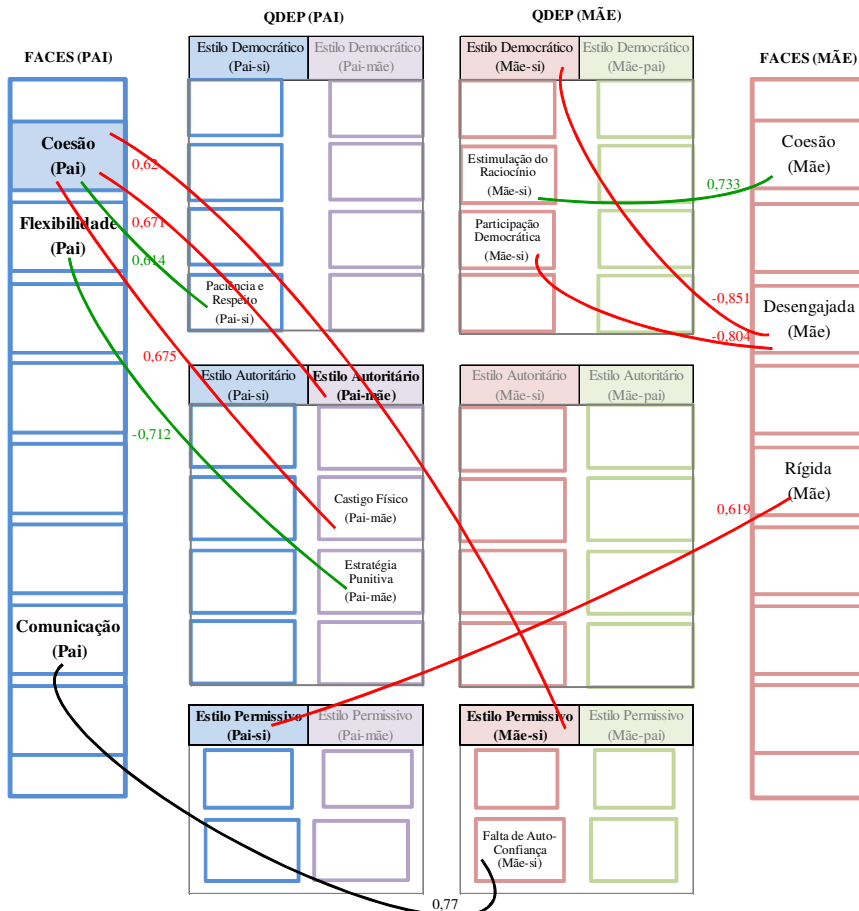


Figura 18. Diagrama ilustrativo das correlações dos fatores do funcionamento familiar com os estilos parentais.

7.2.5.1 Funcionamento Familiar e Estilo Democrático-Recíproco

Quanto mais a mãe referiu funcionamento familiar desengajado, menos fazia referência ao uso do estilo democrático a respeito de si (-,851^{**}, $p < 0,001$). Esta relação se evidencia, sobretudo, no fator participação democrática (-,804^{**}, $p = 0,002$).

A coesão familiar mostrou-se relacionada a fatores do estilo democrático na auto-avaliação tanto do pai, como da mãe. Quanto mais

a mãe refere coesão familiar, mais refere uso de estimulação do raciocínio em seu estilo parental ($,733^{**}$, $p = 0,007$). E quanto mais o pai refere coesão familiar, mais refere utilizar-se de paciência/respeito em seu estilo parental ($,614^*$, $p = 0,034$).

7.2.5.2 Funcionamento Familiar e Estilo Autoritário

Embora a avaliação paterna sobre coesão familiar tenha se relacionado positivamente com fator do estilo democrático em seu próprio estilo (na auto-avaliação); na avaliação dele sobre o estilo da esposa, a coesão familiar (referida por ele) relacionou-se positivamente com o estilo autoritário. Quanto mais o pai referiu haver coesão familiar, mais fazia referência ao uso do estilo autoritário por sua esposa ($,671^*$, $p = 0,017$), em especial, ao uso de castigo físico ($,675^*$, $p = 0,016$).

Por outro lado, quanto mais o pai referiu haver flexibilidade no funcionamento familiar, menos ele referiu o uso de estratégia punitiva por suas esposas ($-,712^{**}$, $p = 0,009$).

O funcionamento saudável das famílias depende de níveis elevados de coesão e de flexibilidade (Olson & Gorall, 2006). Estes resultados indicam a importância da flexibilidade familiar na adoção de estilos parentais mais saudáveis.

7.2.5.3 Funcionamento Familiar e Estilo Permissivo

A rigidez no funcionamento familiar mostrou-se relacionada ao uso do estilo permissivo. Quanto mais a mãe refere rigidez, mais o pai menciona estilo parental permissivo a respeito de si ($,619^*$, $p = 0,032$).

E a coesão familiar referida pelo pai mostrou relação moderada e positiva com o relato da mãe sobre estilo permissivo em si ($,620^*$, $p = 0,032$) e com o relato do pai de estilo autoritário em sua esposa, como descrito ($,671^*$, $p = 0,017$). Retomando as correlações entre os estilos parentais, este resultado se mostra coerente, considerando que o estilo permissivo da mãe (em especial a “falta de firmeza” referida por ela própria) apresentou correlações fortes e positivas com os fatores do estilo autoritário.

7.2.6 Correlações entre as Dimensões das Práticas Parentais Recebidas na Infância e Adolescência e Estilos Parentais Atuais (EMBU com QDEP)

A partir da visualização geral da *Figura 19*, seguem as descrições das correlações das dimensões das práticas parentais recebidas pelos pais e pelas mães na sua infância e adolescência com os fatores dos seus estilos parentais atuais. A descrição das correlações partiu da dimensão “calor emocional”, a mais referida tanto pelos pais, como pelas mães (sentiam, quase que frequentemente, calor emocional nas práticas parentais recebidas); seguido do fator “superproteção” (ocasionalmente, sentiam-se superprotegidos); e a dimensão de “rejeição”, a menos referida (quase nunca se sentiram rejeitados pelos seus próprios pais).

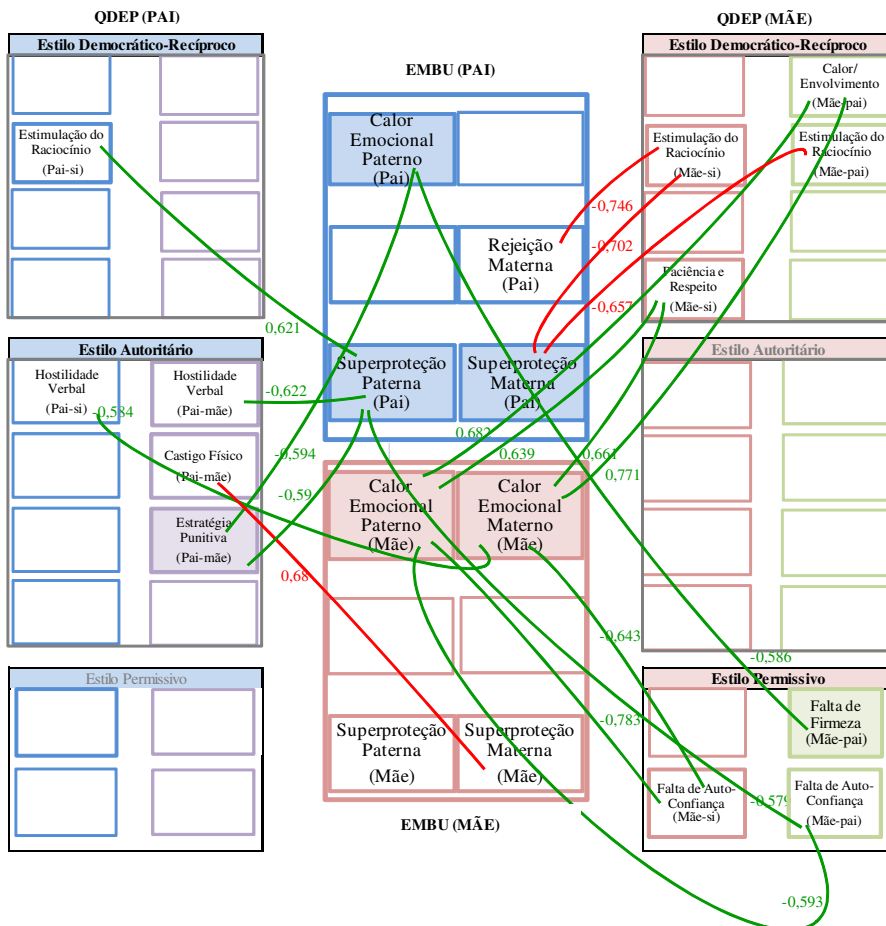


Figura 19. Diagrama ilustrativo das correlações dos fatores das práticas parentais recebidas na infância e adolescência com os estilos parentais atuais dos pais.

O calor emocional nas práticas parentais recebidas na infância e adolescência da mãe mostrou correlações positivas com dimensões do estilo democrático-recíproco e negativas com dimensões do estilo permissivo. Quanto mais a mãe referir calor emocional materno e paterno na sua infância e adolescência, mais referiu paciência/respeito no seu estilo parental atual ($,661^*$, $p = 0,019$ e $,639^*$, $p = 0,025$, respectivamente). E também, quanto mais a mãe relatou ter recebido

calor emocional materno e paterno, mais relatou calor/envolvimento de seu esposo em seu estilo parental ($,771^{**}$, $p = 0,003$ para o calor materno; e $,682^*$, $p = 0,014$, para o calor paterno).

O relato da mãe de calor emocional materno apresentou correlação moderada e negativa com um fator do estilo permissivo (falta de autoconfiança). Quanto mais a mãe referiu calor materno na sua infância, menos referiu dificuldade em disciplinar seu filho atualmente ($-,643^*$, $p = 0,024$). Esta correlação mostrou-se ainda mais forte com relação ao calor emocional paterno. Quanto mais calor paterno a mãe referiu em sua infância, menos referiu dificuldade de disciplinar seu filho ($-,783^{**}$, $p = 0,003$) e também, menos dificuldade mencionava a respeito de seu esposo ($-,593^*$, $p = ,042$).

O relato da mãe de calor materno em sua infância relacionou-se ainda com o relato do pai quanto ao seu uso de hostilidade verbal: quanto mais calor materno a mãe relatava ter recebido, menos o pai mencionava utilizar-se da hostilidade verbal em seu estilo parental ($-,584^*$, $p = 0,046$).

E o relato do pai de calor emocional paterno recebido na infância e adolescência apresentou correlações negativas com fatores do estilo permissivo e autoritário nele e em sua esposa. Quanto mais o pai referiu ter recebido calor emocional paterno, menos ele referiu o uso de estratégias punitivas por sua esposa ($-,594^*$, $p = 0,042$); e menos a esposa mencionava falta de firmeza do esposo em seu estilo parental ($-,586^*$, $p = 0,045$).

Até aqui, pode-se afirmar que a vivência de calor emocional na família de origem se relaciona positivamente com a adoção de estilos parentais mais saudáveis. Ou seja, o calor emocional recebido na infância e adolescência se relaciona positivamente com a adoção de fatores do estilo democrático-recíproco e negativamente com a adoção de fatores do estilo autoritário e permissivo. Vale destacar que estas relações não acontecem apenas com o estilo parental individual (vivência da mãe – estilo materno; vivência do pai – estilo paterno). Elas são observadas, também, entre a vivência de calor emocional de um com o estilo atual do companheiro.

Já a vivência de superproteção materna na família de origem mostrou relações negativas com fatores do estilo democrático e positivas com fatores do estilo autoritário. Quanto mais a mãe referiu ter sido superprotegida por sua própria mãe na sua infância e adolescência, mais seu esposo mencionava uso de castigo físico no estilo parental atual de sua esposa ($,680^*$, $p = 0,015$). E quanto mais o pai referiu superproteção

materna, menos sua esposa mencionava uso de estimulação do raciocínio no estilo parental atual dele (-,657*, p = 0,020) e menos também ela referia uso deste fator em seu próprio estilo parental (-,702*, p = 0,011).

Em contrapartida, a superproteção paterna vivenciada na família de origem do pai mostrou relação positiva com fator do estilo democrático e negativa com fatores dos estilos permissivo e autoritário, tanto em si, quanto em sua esposa. Quanto mais o pai referiu ter sido superprotegido por seu próprio pai, mais relatou uso de estimulação do raciocínio no seu próprio estilo parental atual (,621*, p = 0,031); e menos sua esposa referiu falta de firmeza no estilo do esposo (-,579*, p = 0,049). E ainda, menos ele referiu uso de hostilidade verbal e estratégia punitiva no estilo de sua esposa (-,622*, p = 0,031; e -,590*, p = 0,043, respectivamente).

Assim, com relação à vivência de superproteção na família de origem, a superproteção materna se mostra relacionada à adoção de estilos parentais atuais menos saudáveis (ao se relacionar negativamente a fatores do estilo democrático e positivamente a fatores do estilo autoritário). Contudo, a vivência de superproteção paterna, em especial na família de origem do pai, parece repercutir positivamente na adoção de estilos parentais mais saudáveis, tanto por ele quanto pela esposa. A relação que a superproteção paterna estabelece com os estilos atuais é inversa a da superproteção materna. A superproteção paterna se relaciona positivamente com fatores do estilo democrático, e negativamente com fatores do estilo autoritário na parentalidade atual.

Semelhante a relação negativa entre superproteção materna relatada pelos pais e fator do estilo democrático em suas esposas, ocorreu com a rejeição materna. Quanto mais os pais relatavam ter sofrido rejeição materna, menos suas esposas mencionavam utilizar-se do estímulo ao raciocínio no seu estilo parental atual (-,746**, p = 0,005). Vale lembrar que nas correlações das dimensões das práticas recebidas, a rejeição materna e superproteção materna relatadas pelos pais, em sua infância, apresentaram relação forte e positiva entre si (,748**, p = 0,005).

No presente estudo, a rejeição materna/paterna referida pelas mães não apresentou correlações com as variáveis dos estilos parentais atuais. Talvez pelo número reduzido de participantes e pela pouca referência das mães à rejeição na sua infância.

7.2.7 Correlações entre os Fatores da Relação Coparental e Estilos Parentais (ERC com QDEP)

7.2.7.1 Relação Coparental e Estilo Democrático-Recíproco

Apenas a avaliação materna sobre a relação coparental apresentou correlações com fatores do estilo democrático, conforme *Figura 20*.

Quanto mais a mãe refere endossar a parentalidade do parceiro, mais ela também refere que ele faz uso do estilo democrático-recíproco ($,711^{**}$, $p = 0,010$). Especificamente nos fatores: calor e envolvimento ($,757^{**}$, $p = 0,004$); estímulo ao raciocínio ($,725^{**}$, $p = 0,008$) e paciência e respeito ($,638^*$, $p = 0,026$).

E quanto mais a mãe refer suporte na relação coparental, menos o pai refere fazer uso do estímulo ao raciocínio em seu próprio estilo ($-,735^{**}$, $p = 0,006$).

7.2.7.2 Relação Coparental e Estilo Autoritário

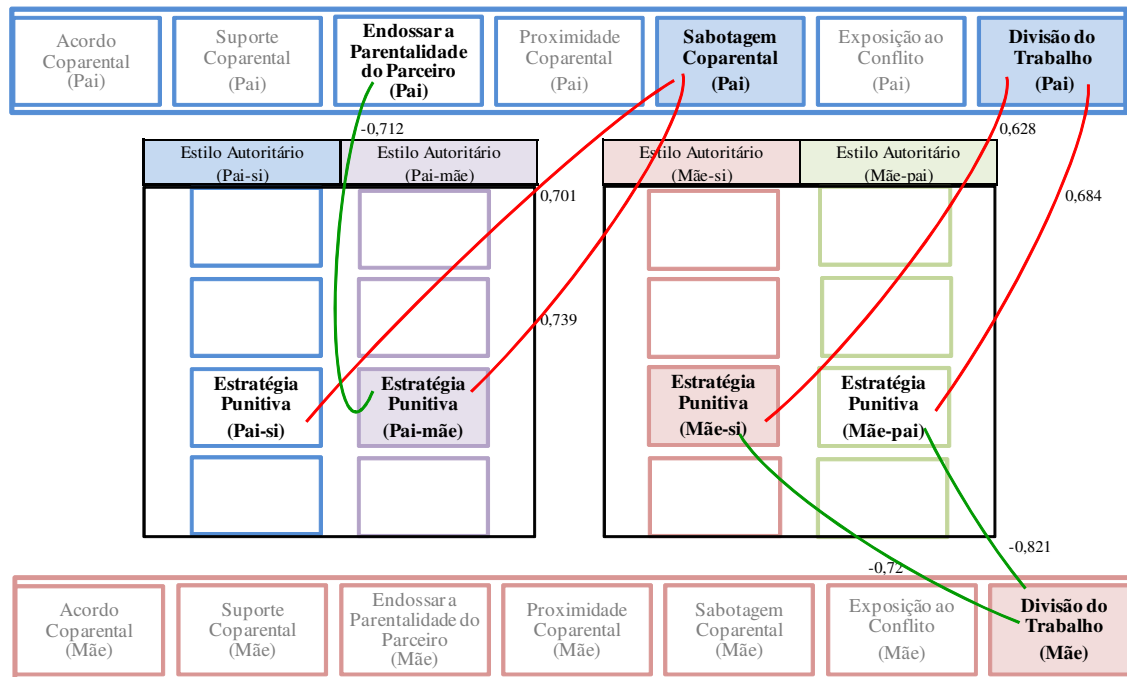


Figura 21. Diagrama ilustrativo das correlações dos fatores da relação coparental com os fatores do estilo autoritário dos pais.

Conforme *Figura 21*, a percepção paterna de sabotagem coparental mostrou-se fortemente relacionada com o uso da estratégia punitiva referida pelo pai, sobre si, ($.701^*$, $p = 0,011$), e ao uso de estratégia punitiva pela mãe, também referida por ele ($.739^{**}$, $p = 0,006$).

O uso de estratégia punitiva pela mãe, segundo relato do pai, mostrou ainda, correlação forte e negativa com a validação (endossamento) da parentalidade materna por ele ($-.712^{**}$, $p = 0,009$). Ou seja, quanto mais o pai afirma endossar a parentalidade da mãe, menos ele observa que ela se utiliza de estratégias punitivas no seu estilo parental.

A satisfação da mãe com relação à divisão do trabalho coparental mostra-se negativamente relacionada à referência a fatores do estilo autoritário, tanto em si, quanto em seu esposo. Quanto mais ela refere satisfação com a divisão do trabalho, menos refere fazer uso de estratégia punitiva ($-.720^{**}$, $p = ,008$) e menos ela refere uso de estratégia punitiva pelo companheiro ($-.821^{**}$, $p = ,001$). Em contrapartida, a satisfação paterna com relação à divisão do trabalho coparental relaciona-se positivamente com os mesmos fatores do estilo autoritário referido pela esposa. Quanto mais a mãe refere utilizar-se de estratégias punitivas em seu estilo ($.628^*$, $p = 0,029$) e mais refere uso de tais estratégias pelo companheiro ($.684^*$, $p = 0,014$), mais o pai refere satisfação com a divisão do trabalho coparental. Este é um resultado curioso, mas até aqui, não é possível inferir alguma razão para esta divergência. O que se pode verificar é que há uma diferença na percepção dos pais e das mães sobre o uso de estratégia punitiva; e/ou uma diferença na avaliação de cada um sobre a sua satisfação com a divisão do trabalho coparental e que, por alguma razão, estas percepções se relacionam.

7.2.7.3 *Relação Coparental e Estilo Permissivo*

A *Figura 22* mostra as correlações entre a coparentalidade e o estilo permissivo em que são evidenciados os fatores sabotagem coparental e falta de firmeza, respectivamente.

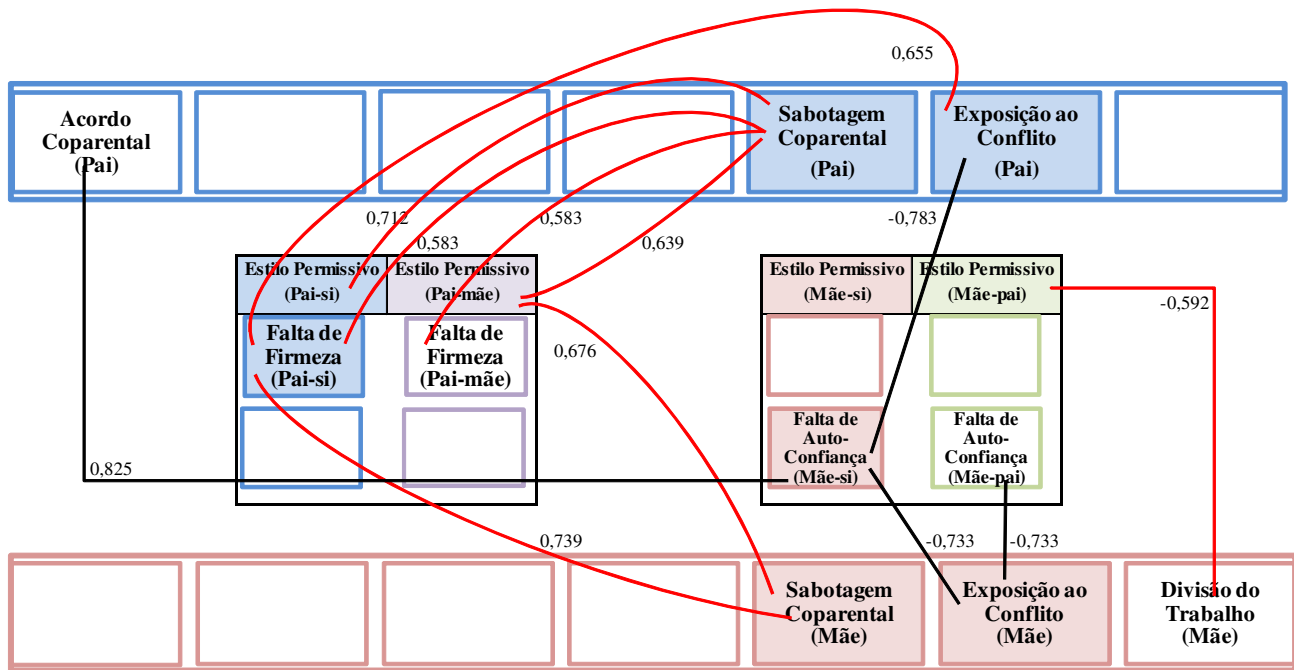


Figura 22. Diagrama ilustrativo das correlações dos fatores da relação coparental com os fatores do permissivo dos pais.

A sabotagem coparental mostrou correlações moderadas e fortes com o estilo permissivo. Quanto mais a mãe refere que há sabotagem coparental, mais o pai aponta o estilo permissivo em sua esposa ($,676^*$, $p = 0,016$). E quanto mais o pai refere a sabotagem coparental, mais ele também refere o estilo permissivo em sua esposa ($,639^*$, $p = 0,025$) e em si ($,712^{**}$, $p = 0,009$). Especificamente, a referência materna sobre sabotagem coparental apresentou correlação forte e positiva com a falta de firmeza paterna, referida por ele próprio ($,739^{**}$, $p = 0,006$). E a referência paterna de sabotagem coparental apresentou correlações moderadas e positivas com falta de firmeza em seu próprio estilo ($,583^*$, $p = 0,047$) e falta de firmeza no estilo de sua esposa ($,583^*$, $p = 0,047$).

A falta de firmeza paterna, referida por ele próprio, também se mostrou moderadamente relacionada com a sua referência sobre a exposição da criança ao conflito ($,655^*$, $p = 0,021$). Quanto mais ele refere falta de firmeza em seu estilo, mais também refere exposição da criança ao conflito.

Quanto mais a mãe refere achar difícil disciplinar seus filhos (item do fator falta de autoconfiança, do estilo permissivo), mais o pai refere que há acordo coparental ($,825^{**}$, $p = 0,001$), e menos ambos referem exposição da criança ao conflito ($-,733^{**}$, $p = 0,007$; $-,783^{**}$, $p = 0,003$, mãe e pai, respectivamente). A avaliação da mãe de que seu esposo acha difícil disciplinar seus filhos também se mostrou relacionada negativamente com a referência dela quanto à exposição da criança ao conflito ($-,773^{**}$, $p = ,003$).

E ainda, quanto mais a mãe refere o estilo permissivo em seu esposo, menos ela refere satisfação com a divisão do trabalho coparental ($-,592^*$, $p = 0,042$).

7.2.8 Correlações entre os Fatores da Relação Coparental e Funcionamento Familiar (ERC com FACES IV)

A *Figura 23* ilustra as correlações das dimensões do funcionamento familiar com a coparentalidade.

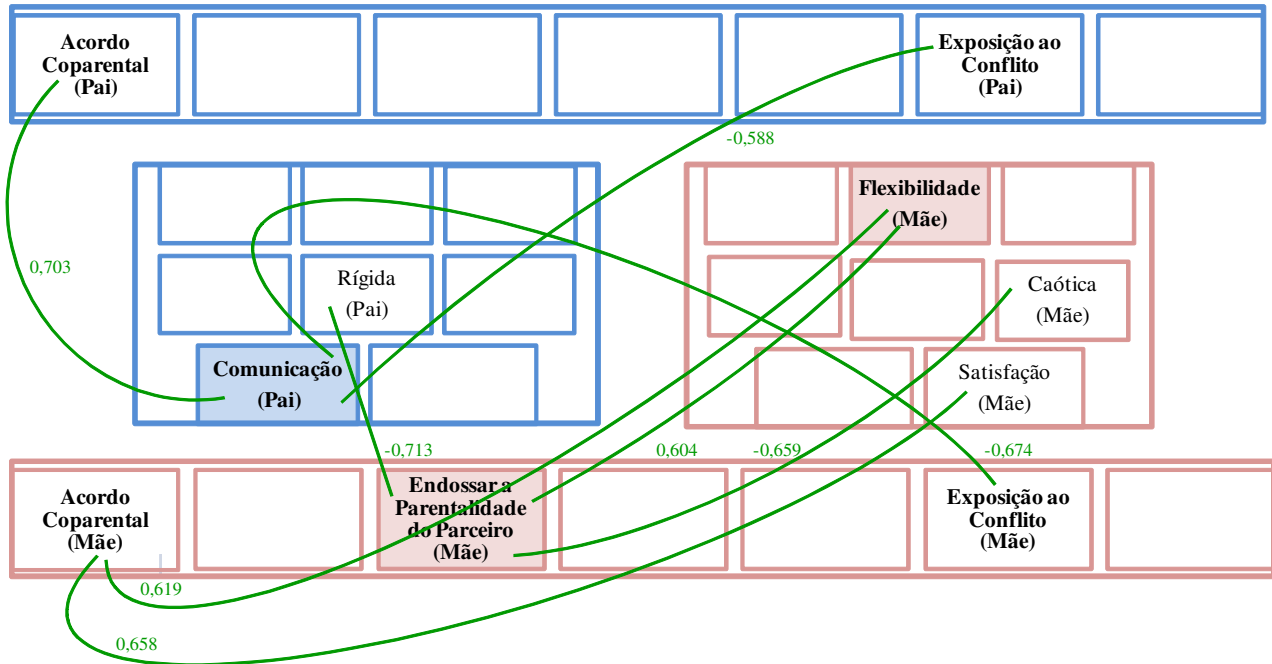


Figura 23. Diagrama ilustrativo das correlações dos fatores do funcionamento familiar com os fatores da relação coparental.

A flexibilidade no funcionamento familiar está relacionada ao acordo e endossamento materno da parentalidade do parceiro coparental. Quanto mais a mãe refere flexibilidade, mais refere também acordo coparental ($,619^*$, $p = 0,032$) e, também, mais refere endossar a parentalidade do parceiro ($,604^*$, $p = 0,037$). O acordo coparental referido pela mãe também se relacionou com a sua satisfação com relação ao funcionamento familiar ($,658^*$, $p = 0,020$).

Quanto mais a mãe refere endossar a parentalidade dos pais, menos caótico ela avalia ser o funcionamento familiar ($-,659^*$, $p = 0,020$) e menos o pai relata funcionamento rígido na família ($-,713^{**}$, $p = 0,009$).

E quanto mais o pai avaliara positivamente a qualidade da comunicação familiar, mais ele refere acordo coparental ($,703^*$, $p = 0,011$); e menos ocorre exposição da criança ao conflito, tanto no relato do pai ($-,588^*$, $p = 0,044$) quanto da mãe ($-,674^*$, $p = 0,016$).

Estes resultados evidenciam a importância da flexibilidade e da comunicação no funcionamento familiar. Particularmente, a comunicação é vista como dimensão facilitadora que ajuda a família a alterar seus níveis de coesão e flexibilidade (Olson & Gorall, 2006; Olson; Gorall & Tiesel, 2007). Os resultados evidenciam também, as relações da qualidade da comunicação com a qualidade da relação coparental (com potencial de promoção de acordo coparental e de prevenção de exposição da criança ao conflito).

7.2.9 Correlações entre os Fatores da Relação Coparental e as Dimensões das Práticas Parentais Recebidas na Infância e Adolescência (ERC com EMBU)

A *Figura 24* ilustra as correlações entre as vivências dos pais e das mães nas suas famílias de origem, referente às práticas parentais recebidas, e a sua relação coparental atual.

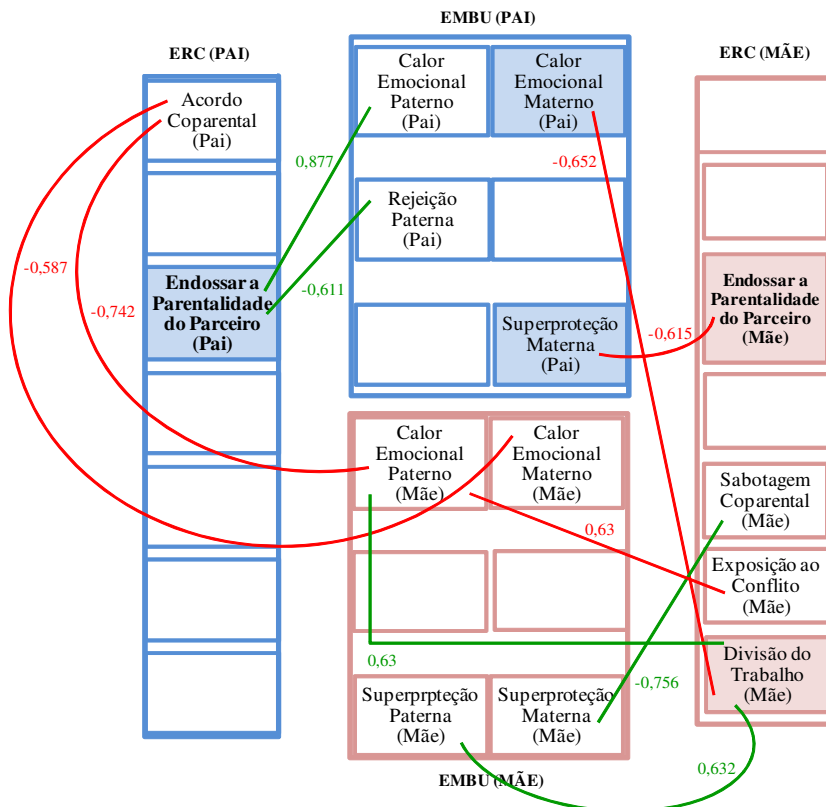


Figura 24. Diagrama ilustrativo das correlações das dimensões das práticas parentais recebidas na infância e adolescência referidas pelos pais com os fatores da relação coparental atual.

As vivências do pai na sua família de origem mostraram relações com o fator de validação (endossamento) da coparentalidade. Quanto mais o pai refere ter recebido calor emocional paterno, mais refere endossar a parentalidade da parceira coparental atual ($,877^{**}$, $p < 0,001$). E o seu relato de rejeição paterna se relacionou negativamente com a validação da parentalidade da parceira, ou seja, quanto mais o pai relatou rejeição paterna, menos relatou endossar a parentalidade da parceira coparental ($-,611^*$, $p = 0,035$). Já a vivência do pai de superproteção materna se relacionou negativamente com a validação da sua parentalidade por parte da esposa. Ou seja: quanto mais o pai relatava superproteção materna na sua infância e adolescência, menos

sua esposa referia endossar a parentalidade do parceiro coparental (-,615^{*}, p = 0,033).

E ainda, quanto mais calor emocional materno o pai refere ter recebido, menos a esposa refere estar satisfeita com a divisão do trabalho coparental atual (-,652^{*}, p = 0,022).

A vivência da mãe em sua família de origem também mostrou relação com a sua satisfação com relação à divisão do trabalho coparental atual. Neste caso, a sua satisfação com a divisão do trabalho se mostrou relacionada com seu relato de superproteção paterna recebida na infância e adolescência (,632^{*}, p = 0,028). Quanto mais a mãe referiu ter recebido superproteção paterna, mais referiu satisfação com a divisão do trabalho coparental atual.

Já o relato da mãe de superproteção materna em sua infância e adolescência apresentou correlação forte e negativa com a sabotagem coparental, ou seja, quanto mais ela relatava superproteção materna, menos referia sabotagem coparental atual (-,756^{**}, p = 0,004).

Quanto às relações entre as vivências da mãe de calor emocional na sua família de origem e a coparentalidade atual os resultados foram diferentes do esperado. Considerando que a vivência de calor emocional se relacionou positivamente à adoção de um estilo parental mais saudável por ambos, pai e mãe, esperava-se que esta mesma vivência também contribuísse para a qualidade da relação coparental. Contudo, quanto mais calor emocional materno e paterno a mãe refere ter recebido na infância e adolescência, menos o esposo refere acordo coparental atual (-,587^{*}, p = 0,045 para o calor materno; -,742^{**}, p = 0,006 para o calor paterno). E ainda, quanto mais as mães referem calor emocional paterno, mais relatam exposição da criança ao conflito na coparentalidade atual (,630^{*}, p = 0,028).

Num primeiro momento estes resultados parecem contraditórios, contudo, outros estudos encontraram resultados semelhantes. Schoppe-Sullivan e Mangelsdorf (2013) identificaram que os benefícios das lembranças de boa parentalidade nas famílias de origem só são refletidos na qualidade da coparentalidade atual em casais com alta qualidade na relação conjugal. E que, em um contexto de baixa qualidade conjugal, as vivências positivas das mães nas relações iniciais em sua família de origem pode ter um impacto negativo na relação coparental. Os autores sugerem que tais vivências positivas na infância podem contribuir para a auto-confiança das mães, e que esta, frente a dificuldades da relação conjugal, pode contribuir para comportamentos de sabotagem das mães em relação a seus parceiros.

Esta hipótese pode ser útil para compreender os resultados relatados, considerando que as lembranças da mãe de calor emocional recebido na infância relacionaram-se negativamente com a avaliação do esposo sobre o acordo coparental; e à exposição da criança ao conflito (no relato da mãe).

Na dimensão rejeição apenas a rejeição paterna, referida pelo pai, relacionou-se com fator da relação coparental atual (com endossamento paterno da parentalidade de sua parceira: $-,611^*$, $p = 0,035$, como relatado). A rejeição materna relatada pelo pai e a rejeição materna e paterna relatada pela mãe em sua infância e adolescência não apresentaram correlações com a relação coparental atual, talvez por esta dimensão ter sido pouco referida pelos casais participantes da pesquisa.

7.2.10 Correlações entre as Dimensões das Práticas Parentais Recebidas na Infância e Adolescência e Funcionamento Familiar Atual (EMBU com FACES IV)

Por fim, as vivências nas famílias de origem com relação às práticas parentais recebidas foram relacionadas ao funcionamento familiar atual, conforme *Figura 25*.

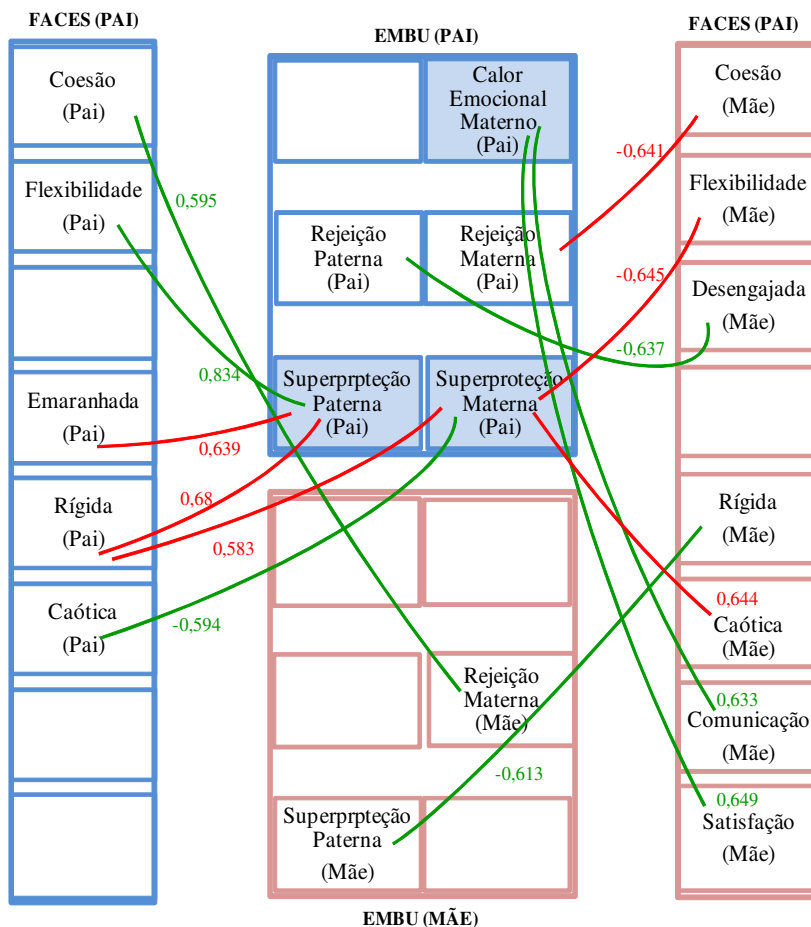


Figura 25. Diagrama ilustrativo das correlações das dimensões das práticas parentais recebidas na infância e adolescência referidas pelos pais com os fatores do funcionamento familiar atual.

A vivência de calor emocional materno na família de origem do pai se relacionou positivamente à percepção da esposa quanto ao funcionamento familiar atual. Quanto mais calor emocional materno o pai refere ter recebido em sua infância e adolescência, mais sua esposa refere boa comunicação ($,633^*$, $p = 0,027$) e satisfação ($,649^*$, $p = 0,022$) com relação ao funcionamento familiar atual.

A vivência de calor emocional nas práticas parentais da família de origem da mãe não apresentou correlações com o funcionamento familiar atual. A vivência de superproteção sim: quanto mais superproteção paterna a mãe refere ter recebido, menos ela refere rigidez no funcionamento familiar atual ($-.613^*$, $p = 0,034$)

O relato do pai de superproteção paterna em sua família de origem mostrou forte correlação com o seu relato quanto à flexibilidade no funcionamento familiar atual ($.834^{**}$, $p = 0,001$), mas também mostrou relações moderadas com seu relato quanto às dimensões de rigidez ($.680^*$, $p = 0,015$) e emaranhamento ($.639^*$, $p = 0,025$).

E o relato do pai de superproteção materna recebida também se mostrou moderadamente relacionado ao seu relato quanto à rigidez familiar ($.583^*$, $p = 0,047$); e negativamente relacionado ao relato de funcionamento caótico ($-.594^*$, $p = 0,042$). Ou seja, quanto mais o pai referiu ter sido superprotegido por sua mãe, mais rigidez e menos funcionamento caótico eles relataram em sua família atual. Contudo, na avaliação de sua esposa, quanto mais ele referiu superproteção materna, mais ela relatou funcionamento caótico ($.644^*$, $p = 0,024$) e menos flexibilidade ($-.645^*$, $p = 0,024$) no funcionamento familiar atual.

Quanto às vivências de rejeição nas famílias de origem, a rejeição materna vivida pela mãe se relacionou positivamente com avaliação do pai de coesão familiar atual, mas para a vivência de rejeição materna pelo pai, a percepção da esposa sobre coesão familiar foi inversa. Quanto mais a mãe referiu rejeição materna em sua infância e adolescência, mais seu esposo relatava coesão no funcionamento familiar atual ($.594^*$, $p = 0,042$). Contudo, quando era o pai que relatava rejeição materna na infância, menor era a avaliação da esposa quanto à coesão no funcionamento familiar atual ($-.641^*$, $p = 0,025$).

Já o relato do pai de rejeição paterna mostrou-se negativamente relacionado ao relato da mãe sobre a dimensão de desengajamento familiar. Ou seja, quanto mais o pai relatava ter sofrido rejeição paterna, menos a esposa relatava desengajamento no funcionamento familiar atual ($-.637^*$, $p = 0,026$).

De forma geral vê-se que as vivências nas famílias de origem se relacionam a fatores do funcionamento familiar atual. Em especial, destacam-se as relações positivas das vivências de calor emocional materno, vivido pelo pai, com a percepção de sua esposa da qualidade da comunicação e satisfação familiar; bem como, as “repercussões negativas” da superproteção materna vivida pelo pai na avaliação de sua esposa quanto ao funcionamento familiar atual.

7.2.11 Discussão das Análises Quantitativas

Com intuito de vislumbrar algumas sínteses da análise quantitativa, segue a apresentação de alguns agrupamentos de correlações. Estas evidenciam a recursividade entre os diversos fatores dos estilos parentais atuais; as dimensões das práticas parentais recebidas na infância e adolescência (que indicam estilo parental da geração anterior); funcionamento familiar e coparentalidade atuais.

Tomando como ponto de partida os estilos parentais, viu-se que o estilo democrático-recíproco foi referido como sendo o mais utilizado nas interações dos pais e das mães com as crianças (tanto na auto-avaliação como na avaliação do parceiro) – em aproximadamente 75% das suas interações com a criança.

O estilo democrático paterno se relacionou com as percepções dele sobre o estilo democrático materno, ou seja, quanto mais o pai refere fazer uso do estilo democrático, mais faz esta referência sobre sua esposa, e vice-versa. Esta relação não acontece com o estilo democrático materno (mãe falando de si), indicando que o estilo democrático da mãe não se relaciona ao estilo paterno (referido por ele ou ao que ela observa no estilo do esposo).

A validação da parentalidade do pai, pela sua esposa – representada pelo fator: *Endossar a Parentalidade do Parceiro (Mãe)* – mostrou ser um importante fator relacionado ao uso do estilo democrático por ele. Quanto mais a mãe refere endossar a parentalidade do parceiro coparental, mais ela refere também que ele faz uso do estilo democrático-recíproco. Especificamente nos fatores: calor/envolvimento; estímulo ao raciocínio e paciência/respeito.

É possível levantar algumas hipóteses sistêmicas para compreender estes resultados. Por um lado, eles podem indicar uma influência materna na parentalidade do pai, semelhante à descrita na literatura. Estudos evidenciam que o engajamento paterno está relacionado ao engajamento materno (mas não vice-versa), e ainda, que o engajamento materno não apresenta correlações com o relacionamento conjugal, enquanto que o paterno tende a aumentar de acordo com a qualidade do relacionamento com a companheira (Bossardi, 2011). Resultados semelhantes são apresentados por Schoppe-Sullivan et al. (2008), sugerindo que as mães podem moldar o envolvimento paterno através de suas atitudes de crítica ou encorajamento, e que o envolvimento traz repercussões para a qualidade da sua parentalidade.

Assim a influência materna na parentalidade do pai é evidente, contudo as relações não são unidirecionais, de forma que os resultados encontrados podem indicar uma relação recursiva, no sentido de que: quanto mais a mãe observa o uso do estilo democrático por seu esposo, mais ela endossa a sua parentalidade, reforçando-a.

Esta recursividade foi apontada no estudo de Bossardi (2011) ao analisar as especificidades do engajamento materno e paterno e a dinâmica entre eles. Por exemplo, quando a mãe se engaja em jogos físicos (mais realizado pelo pai), o pai aumenta o engajamento em cuidados básicos (mais realizado pela mãe). E quanto mais a mãe se engaja nas funções compartilhadas (tarefas de casa, evocações e abertura ao mundo) mais o pai também se engaja nestas tarefas. E ainda, quando o pai realiza mais jogos físicos com a criança, mais a mãe tende a avaliar positivamente a qualidade do relacionamento conjugal. E o pai tende a se envolver mais em jogos físicos e em cuidados básicos quanto mais positivamente avalia a qualidade do seu relacionamento com a companheira.

Quanto às relações entre os estilos parentais e funcionamento familiar, a percepção de coesão, tanto do pai, quanto da mãe, mostrou-se relacionada a fatores do estilo democrático nas suas auto-avaliações (quanto mais cada um referia coesão, mais fazia auto-referência de uso do estilo democrático). Contudo, quanto mais o pai referia coesão familiar, mais a mãe referia fazer uso do estilo permissivo, e mais o pai mencionava uso de estilo autoritário por sua esposa, em especial, uso de castigos físicos. Vale lembrar que o estilo permissivo da mãe, em especial a falta de firmeza referida por ela própria, mostrou correlações fortes com uso de fatores do estilo autoritário. Aqui, pode-se levantar a hipótese, por exemplo, de que a “falta de controle”, ou dificuldade em colocar limites na educação dos filhos, pode levar a mãe a adotar práticas autoritárias, como: hostilidade verbal, estratégia punitiva e castigos físicos, em situações de estresses com a criança.

Já a flexibilidade no funcionamento familiar, referida pelo pai, relacionou-se negativamente com uso de estratégia punitiva por sua esposa. E quanto mais a mãe referiu flexibilidade, mais ela também referiu endossar a parentalidade do esposo e mais referiu acordo coparental.

Um funcionamento familiar saudável, de forma geral, requer níveis equilibrados de coesão e de flexibilidade. E estes resultados evidenciam a importância destas duas dimensões também para a adoção de estilos parentais mais saudáveis e para a qualidade da relação

coparental. Em especial, a flexibilidade, pois esta dimensão inclui, dentre outras coisas, a capacidade das pessoas para negociar as regras familiares, essencial na relação parental e coparental. Ou seja, os resultados indicam que a coesão familiar, por si só, não garante a adoção de estilos parentais saudáveis. Sem a flexibilidade, mesmo com altos níveis de coesão, as mães podem exibir um estilo permissivo e, em função da “falta de firmeza” nas práticas parentais, recorrer ao uso de hostilidade verbal, estratégia punitiva ou castigos físicos para lidar com a criança. A aqui, novamente, a recursividade pode “reforçar” os padrões de relacionamento: coesão sem flexibilidade – dificuldade em negociar regras familiares - falta de firmeza no estilo parental – uso de práticas autoritárias para lidar com a criança em situações de estresse, e assim por diante.

As famílias pesquisadas, de forma geral, mencionaram altos níveis de coesão, mas também níveis moderados de rigidez no seu funcionamento, o que prejudica a flexibilidade. A rigidez, na avaliação da mãe, relacionou-se positivamente ao uso do estilo permissivo pelo pai (referido por ele próprio). E a rigidez familiar mencionada pelo pai relacionou-se negativamente com a validação da parentalidade dele por sua esposa. Ou seja, quanto mais o pai mencionou rigidez, menos sua esposa referiu endossar a parentalidade do parceiro. O que pode ter implicações indiretas para o estilo parental do pai (considerando que a validação da parentalidade paterna pela esposa apresentou relações positivas com o estilo democrático dele). Assim, vê-se que há implicações da falta de flexibilidade no funcionamento familiar (decorrente da rigidez) também para o estilo parental paterno, direta e indiretamente.

Um fator que se mostrou relacionado à referência paterna de rigidez no funcionamento familiar atual foi a superproteção materna nas práticas parentais recebidas em sua família de origem. Quanto mais o pai refere ter sido superprotegido por sua própria mãe, na sua infância e adolescência, mais ele menciona rigidez no funcionamento familiar atual. E o histórico do pai de superproteção materna também se relacionou com fatores do funcionamento familiar; do estilo parental; e da coparentalidade na avaliação das suas esposas. Quanto mais o pai referiu histórico de superproteção materna: a) mais sua esposa mencionou funcionamento caótico e menos flexibilidade na família atual; b) menos ela também referiu uso do estímulo ao raciocínio no seu próprio estilo parental e no estilo do esposo; e, c) menos ela referiu endossar a parentalidade do esposo.

Mais uma vez, aqui, aparecem as relações recursivas entre: rigidez familiar – pouca flexibilidade – dificuldade em negociar regras familiares – implicações negativas para os estilos parentais (evidenciada no pouco uso do estímulo ao raciocínio por ambos) – prejuízo para o endossamento da mãe com relação à parentalidade do esposo – o que também traz implicações negativas para o estilo parental paterno. E para ampliar a compreensão deste interjogo de relações, soma-se, agora, o histórico de superproteção materna na família de origem do pai.

É interessante observar que, de todas essas “implicações negativas” do histórico do pai de superproteção materna, apenas a referência da rigidez no funcionamento familiar atual é que foi mencionada pelo pai. As demais implicações (para o funcionamento familiar; para os estilos parentais e para a relação coparental) foram mencionadas pela esposa.

Já o histórico do pai de superproteção paterna não parece ter as “implicações negativas” da superproteção materna. Pelo contrário, quanto mais o pai refere ter sido superprotegido por seu próprio pai: a) mais flexibilidade ele refere no funcionamento familiar atual; b) maior uso do estímulo ao raciocínio no seu próprio estilo parental; c) menor uso de estratégia punitiva e hostilidade verbal por sua esposa e, e) menos a sua esposa refere falta de firmeza no estilo paterno.

E a superproteção nas práticas parentais na família de origem da mãe apresentou poucas correlações (uma “negativa” e três “positivas”). Quanto mais a mãe referiu ter sido superprotegida por sua mãe, mais o pai refere que ela se utiliza de castigos físicos com seus filhos atualmente; mas por outro lado, menos a sabotagem coparental é referida (pela mãe). E quanto mais a mãe refere histórico de superproteção paterna, menos ela menciona rigidez no funcionamento familiar atual e mais refere satisfação com a divisão do trabalho coparental.

As análises intergeracionais mostraram ainda as repercussões do histórico, do pai e da mãe, de calor emocional nas práticas parentais recebidas na sua infância e adolescência para os estilos parentais atuais, funcionamento familiar e relação coparental.

Se por um lado, o histórico de superproteção materna na família de origem do pai repercutiu negativamente na avaliação da esposa com relação ao funcionamento familiar atual (ela referiu mais funcionamento caótico e menos flexibilidade); o histórico do pai de calor emocional materno mostrou repercussões positivas. Quanto mais o pai referiu calor emocional materno na sua infância e adolescência, mais sua esposa

avaliou bem a qualidade da comunicação e sua satisfação com relação ao funcionamento familiar atual. Em contrapartida, menos ela referiu satisfação com a divisão do trabalho coparental.

E quanto mais o pai referiu calor emocional nas práticas paternas recebidas: a) mais ele referiu endossar a parentalidade das esposas; b) menos ele referiu uso de estratégia punitiva pela esposa; e c) menos a esposa referiu a falta de firmeza do pai.

Quanto à família de origem da mãe, quanto mais calor emocional materno e paterno a mãe referiu ter recebido: a) menos ela referiu achar difícil disciplinar seus filhos; b) mais ela referiu paciência e respeito no seu estilo parental atual; e c) mais ela referiu calor e envolvimento no estilo do esposo. E ainda, especificamente, o relato da mãe de calor materno recebido apresentou relação negativa com o uso de hostilidade verbal do pai (referido por ele). E quanto mais calor paterno foi relatado pela mãe, menos ela referiu que seu esposo sentia dificuldade em disciplinar os filhos.

De forma geral, estes resultados corroboram os achados do estudo de Hennig (2008) de que as lembranças das mães de calor emocional nas práticas parentais recebidas na infância relacionam-se positivamente ao uso da monitoria positiva; e negativamente ao uso de punição inconsistente e de abuso físico na educação de seus filhos.

Contudo, tais “repercussões positivas” das vivências de calor emocional, na família de origem, na parentalidade não apareceram na relação coparental. Pois, quanto mais a mãe refere calor materno e paterno na sua infância e adolescência, menos o esposo refere acordo coparental atual; e especificamente, quanto mais a mãe refere calor paterno recebido, mais ela refere exposição da criança ao conflito. Buscando a compreensão destes dados na literatura, estudos sobre a parentalidade mostram as influências da família de origem ou mesmo a transmissão intergeracional de estilos parentais (Hennig, 2008; Oliveira et al., 2002; Weber et al., 2006). Contudo, estudos voltados à coparentalidade indicam que as associações entre as experiências nas famílias de origem e a relação coparental atual são indiretas e mediadas pela relação conjugal. Ou seja, os benefícios das lembranças de boa coparentalidade nas famílias de origem só seriam refletidos na qualidade da coparentalidade atual em casais com alta qualidade na relação conjugal (Schoppe-Sullivan & Mangelsdorf, 2013).

Embora a qualidade da relação conjugal não tenha sido avaliada, é possível que esta seja uma hipótese para compreender a relação negativa entre calor materno/paterno recebido pela mãe na infância e

avaliação do acordo coparental pelo pai; e relação positiva entre o calor paterno recebido pela mãe e a exposição da criança ao conflito (também referido por ela). Segundo Schoppe-Sullivan e Mangelsdorf (2013), as mães com tais vivências na família de origem seriam mais seguras em sua parentalidade e, num contexto de baixa qualidade conjugal, a sua auto-confiança poderia contribuir para comportamentos de sabotagem coparental em relação a seus esposos. Vale pontuar que o relato da mãe de exposição da criança ao conflito, além de se relacionar com a vivência da mãe de calor paterno na sua infância, também se relacionou positivamente com o relato do pai de sabotagem coparental.

Por fim, destacam-se mais algumas relações de fatores da coparentalidade que se mostraram relevantes nesta síntese das análises quantitativas. A validação da parentalidade do parceiro apareceu como um fator especialmente importante para os estilos parentais. Quanto mais a mãe referiu endossar a parentalidade dos esposos, mais ela mencionava uso de vários fatores do estilo democrático por ele. E quanto mais o pai referiu endossar a parentalidade das mães, menos ele referiu uso de estratégia punitiva no estilo materno.

A validação por parte do pai se relacionou com sua experiência em sua família de origem: quanto mais calor paterno e menos rejeição paterna ele vivenciou, mais ele refere endossar a parentalidade da parceira coparental atual. E a validação por parte da mãe se relacionou positivamente ao suporte coparental (quanto mais ela percebe o suporte de seu esposo, mais ela endossa a parentalidade dele). Além disso, como descrito, a validação materna apresentou correlação positiva com a flexibilidade e negativa com a rigidez do funcionamento familiar atual. E relação negativa, também, com o histórico de seu esposo de superproteção materna, direta e indiretamente – considerando que a superproteção materna vivida pelo pai também se relacionou com rigidez no funcionamento familiar atual.

A sabotagem coparental, referida tanto pelo pai como pela mãe, apresentou relações positivas com uso do estilo permissivo (falta de firmeza) em ambos. E o relato do pai de sabotagem se relacionou ao uso de estratégia punitiva por ele mesmo e pela esposa (também referido por ele). Além disso, quanto mais o pai refere perceber sabotagem coparental, mais a mãe refere exposição da criança ao conflito.

A exposição da criança ao conflito é um fator de particular interesse e diz respeito à capacidade do casal em gerenciar as relações familiares (ao preservar ou expor os filhos aos conflitos entre eles). As análises mostraram que a mãe relata maior exposição da criança ao

conflito quanto mais calor paterno ela recebeu na sua infância e quanto mais o pai refere sabotagem coparental, como já foi discutido. E a referência paterna de exposição da criança ao conflito se relacionou positivamente a sua auto-referência de falta de firmeza no estilo parental e negativamente a sua avaliação de proximidade coparental. E ainda, quanto mais o pai referiu acordo coparental e maior qualidade na comunicação familiar, menos ambos referiram exposição da criança ao conflito.

7.3 CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS

7.3.1 Família 01

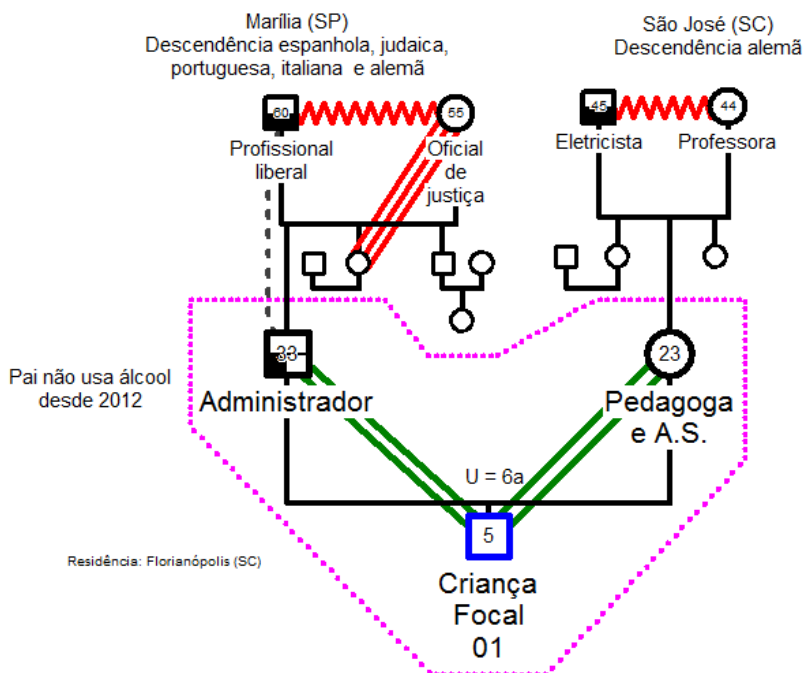


Figura 26. Genograma da família 01.
Nota: Legenda (Apêndice 03)

A família 01 é formada pelo pai, 33 anos, primogênito de uma fratria de três; mãe, 23 anos, filha do meio, também de uma fratria de três; e a criança focal, menino, filho único, de cinco anos de idade. O tempo união do casal é de seis anos.

Há histórico de alcoolismo em ambas as famílias de origem (avô paterno e avô materno) que, segundo relato dos pais na entrevista, implicava em conflitos e dificuldade de relacionamento familiar, em especial, conflitos conjugais.

Na sua relação de casal, os pais referem ter tido conflitos em função do uso de álcool por parte do pai, desde o início do relacionamento até o ano de 2012 (quando o pai parou de beber).

Tanto o pai quanto a mãe referem que, ao longo da sua infância, seus pais costumavam discordar entre si na forma de educá-los, sendo o pai mais “liberal” e a mãe mais zelosa, protetora. E referem agir de forma diferente com relação à criação de seu filho, embora o pai reconheça que, por vezes, mostra-se zeloso e que seu próprio filho lhe diz: *Ai pai, você está parecendo a sua mãe.*

O pai ressalta, também, alguns comportamentos seus que relaciona a comportamentos de seu próprio pai. Atitudes machistas, confirmadas pela esposa, de considerar que algumas tarefas são atribuições das mulheres, por exemplo, limpar a criança quando esta vai ao banheiro.

A mãe refere não recordar de nenhum conflito entre ela e seus pais quando era criança: *acho que nunca tive porque nunca bati de frente com os dois, nunca mesmo.* O pai referiu conflitos com a mãe, na sua adolescência, em função da superproteção dela; e com relação ao pai, lembra-se de ficar muito bravo com a questão do alcoolismo, mas não chegava a confrontá-lo. O relacionamento era sentido como distante, e nessas ocasiões, ficavam sem se falar por alguns dias.

Atualmente, em situações de conflito com seu filho, o pai refere que procura fazer diferente: conversa e expõe os motivos das discordâncias. Embora, por vezes, reconheça que o estresse e o nervosismo o deixam sem a paciência necessária para priorizar a conversa e ele acaba utilizando a bronca e o castigo sem muita explicação. Nessas ocasiões, procura se desculpar e conversar com a criança em um segundo momento.

Os pais referem ter uma relação próxima com seu filho, e que procuram aproveitar o tempo disponível para ficarem juntos (ambos trabalham em turno integral).

Ao serem questionados se, de forma geral, costumam concordar ou discordar na forma de criação de seu filho, o pai respondeu que, por vezes, discordam: *Eu acho que uns sessenta por cento do tempo a gente concorda e uns quarenta por cento, discorda*. Discordam, por exemplo, em questões referentes a hábitos alimentares. A mãe ressalta que eles procuram não tirar a autoridade um do outro, nas ocasiões de desacordo.

Com relação a situações de conflito entre o casal, ambos referem que frequentemente o filho presencia discussões; que eles se preocupam com isso, mas nem sempre conseguem evitar. Quanto à reação da criança, relatam que ela pede pra eles pararem de brigar e tampa os ouvidos. Em resposta, eles pedem para o filho sair, ir para o seu quarto. Em geral, referem que não conversam com ele sobre o conflito, nem durante, nem depois. E percebem que o filho fica bravo e triste. Os pais demonstram ter crítica quanto a isso, verbalizando que *este é um ponto a se melhorar*.

7.3.1.1 Coesão e Adaptabilidade Familiar (FACES)

Os resultados das subescalas da FACES IV (Tabela 7 e Figura 27) e das Taxas de Coesão, de Flexibilidade e do Total Circumplexo (Tabela 8) mostram que o casal apresenta uma percepção similar com relação ao funcionamento familiar.

Tabela 7

Escores de Cada Subescala Transformado em Percentil e sua Respectiva Categorização de Acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006)- Família 01

| FAMÍLIA 01 | Pai | | Mãe | |
|----------------------|-----------|-----------------|-----------|-----------------|
| | Percentil | Categoria | Percentil | Categoria |
| Coesão | 76 | Muito conectado | 69 | Muito conectado |
| Flexibilidade | 75 | Muito flexível | 75 | Muito flexível |
| Desengajada | 24 | Muito baixo | 18 | Muito baixo |
| Emaranhada | 20 | Muito baixo | 16 | Muito baixo |
| Rígida | 50 | Moderado | 55 | Moderado |
| Caótica | 15 | Muito baixo | 32 | Baixo |
| Comunicação | | | | |
| Familiar | 32 | Baixo | 70 | Alto |
| Satisfação | | | | |
| Familiar | 21 | Baixo | 45 | Moderado |

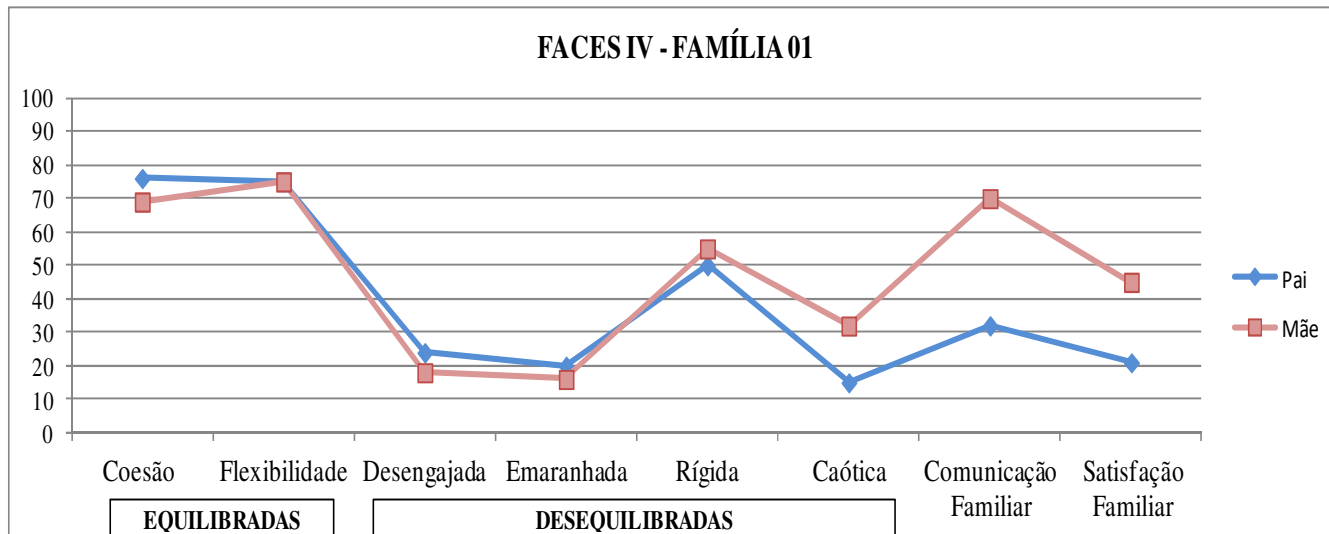


Figura 27. Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006) – Família 01.

Tabela 8
Aproximação do Tipo de Família Segundo Escores das Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circumplexo – Família 01

| FAMÍLIA 01 | PAI | | MÃE | |
|-------------------------------|------|-------------------|------|-------------------|
| | Taxa | Tipo de Família | Taxa | Tipo de Família |
| Taxa de Coesão | 2,14 | Equilibrado | 2,32 | Equilibrado |
| Taxa de Flexibilidade | 1,65 | Rigidamente Coeso | 1,33 | Rigidamente Coeso |
| Taxa Total Circumplexo | 1,89 | Rigidamente Coeso | 1,82 | Rigidamente Coeso |

De acordo com a Taxa Total Circumplexo (pai = 1,89; mãe = 1,82), o modelo de funcionamento desta família se aproxima dos modelos *Equilibrado* (que apresenta taxa de 2,5) e *Rigidamente Coeso* (taxa de 1,3). Ou seja, as suas Taxas do Total Circumplexo encontram-se próximas da média das taxas destes dois modelos (média entre as taxas do modelo Equilibrado e Rigidamente Coeso = 1,9). De forma geral, conforme Tabela 07, vê-se que as subescalas equilibradas de coesão e flexibilidade apresentam maior pontuação; menor pontuação nos níveis desengajado, emaranhado e caótica; e nível moderado de rigidez. Esta combinação de escores equilibrada alta e de desequilibrado baixa indica um tipo de família com bons níveis de funcionamento saudável e baixos níveis de funcionamento problemático. O nível moderado de rigidez pode implicar em certa dificuldade da família em fazer alterações exigidas por mudanças situacionais ou de desenvolvimento (Olson & Gorall, 2006).

Cabe esclarecer que se trata de uma aproximação aos modelos de funcionamento. De forma geral, o funcionamento desta família é saudável, considerando que os escores das Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circumplexo são todos acima de um; em especial a Taxa do Total Circumplexo e de Coesão, com escores próximo e acima de dois, respectivamente. Sendo a Taxa de flexibilidade um pouco menor, mas ainda acima de um.

Com relação à percepção da **comunicação familiar**, conforme Figura 27, há uma divergência entre o casal. De acordo com o pai, o índice de comunicação é baixo, no sentido de que os membros da família têm várias preocupações sobre a qualidade da comunicação familiar. E segundo a mãe, o índice é alto, ou seja, ela julga que os

membros da família sentem-se bem com relação à comunicação e têm poucas preocupações quanto a isso.

E com relação ao índice de **satisfação familiar**, para o pai, os membros estão um pouco insatisfeitos e tem algumas preocupações sobre sua família (índice baixo). E segundo a mãe, há alguma satisfação dos familiares e eles apreciam alguns aspectos da sua família (índice moderado).

7.3.1.2 Lembranças Sobre Práticas Parentais (EMBU)

Tanto para o pai como para a mãe evidencia-se o fator calor emocional nas práticas parentais recebidas na sua infância e adolescência (*Figura 28*).

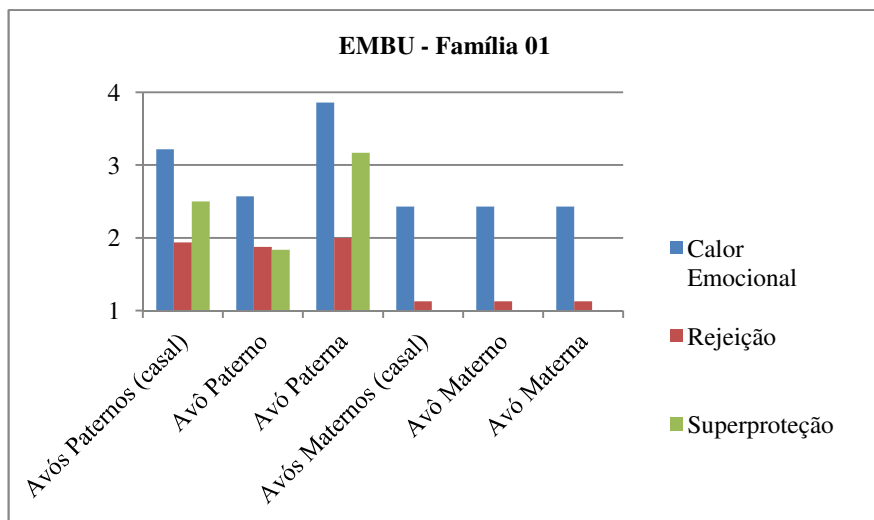


Figura 28. Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais (média de seus pais e valores referente ao pai e mãe, individualmente) – Família 01.

Segundo a mãe, a percepção dos cuidados recebidos pelo seu pai e pela sua mãe é a mesma: predomínio de calor emocional; quase nunca se sentiu rejeitada e nunca se sentiu superprotegida. E o pai, ocasionalmente, sentia-se rejeitado por ambos os pais; frequentemente sentia-se superprotegido pela mãe e ocasionalmente pelo pai; com predomínio de calor emocional (frequentemente pelo pai e, a maior parte do tempo, pela mãe).

7.3.1.3 Estilos Parentais (QDEP)

Tanto o pai, quanto a mãe, referem predomínio do estilo democrático-recíproco (*Figura 29*). O pai é quem mais se utiliza deste estilo (em, aproximadamente, 88% das suas interações com a criança, segundo a sua auto-avaliação; e em 75% das vezes, segundo a mãe). A mãe se utiliza do estilo democrático 75% das vezes, segundo auto-relato e na metade das vezes (50%) na percepção do pai sobre ela.

Quanto aos demais estilos, a mãe faz uso do estilo autoritário em, aproximadamente, 38% das interações, tanto na sua auto-avaliação, quanto do pai sobre ela. E o pai acredita ainda, utilizar-se do estilo permissivo em metade das interações com a criança (mas esta percepção dele sobre si não é corroborada pela mãe).

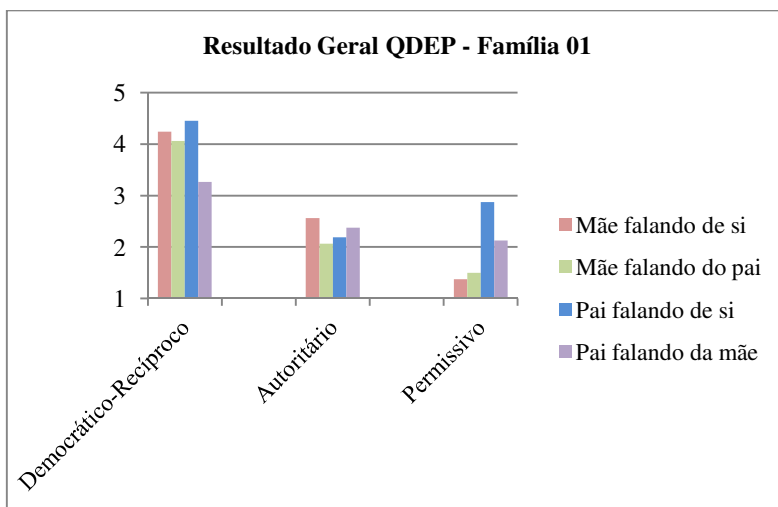


Figura 29. Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 01.

E dentro do estilo democrático-recíproco, ambos referem percepções similares com relação a si e ao parceiro na avaliação dos diferentes fatores (“calor e envolvimento”; “estimulação do raciocínio”; “participação democrática”). Com uma diferença de percepção apenas no fator “Respeito/Paciência”, entre o que a mãe refere sobre si (escore 4) e o que o pai refere sobre a mãe (escore 2), conforme *Figura 30*.

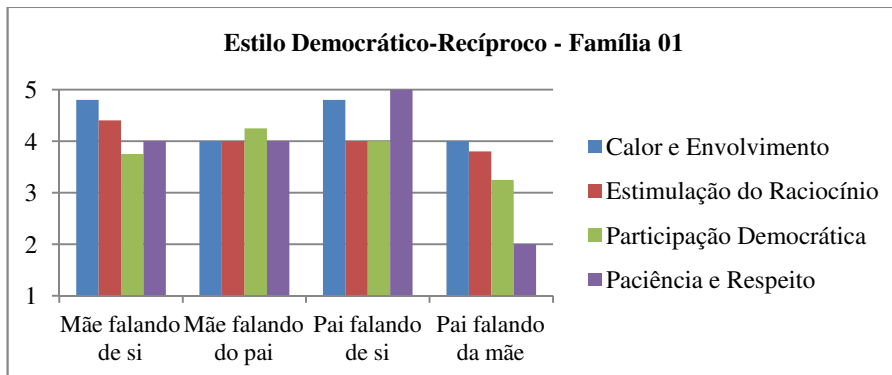


Figura 30. Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 01.

Os estilos autoritário e permissivo, de forma geral, obtiveram escores baixos. Vale destacar que, como pode ser visualizado na *Figura 31*, no estilo autoritário, por exemplo, os escores mais elevados referem-se a **diretividade excessiva**, em especial da mãe falando de si; e **hostilidade verbal**, do pai falando da mãe (o que corrobora o escore baixo da avaliação do pai com relação à mãe no item “paciência/respeito”, do estilo democrático). Destaca-se ainda que **estratégias punitivas** tiveram escores reduzidos e **castigos físicos** foi quase inexistente (apareceu apenas na fala do pai a respeito de si, em escore bastante reduzido).

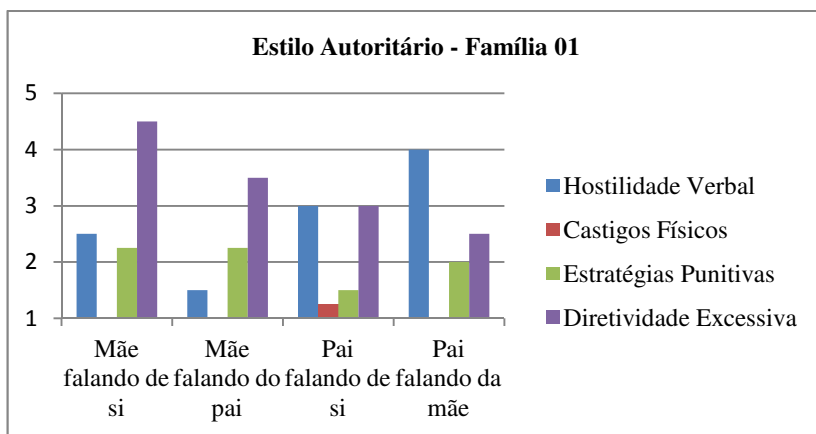


Figura 31. Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 01.

E com relação ao estilo permissivo (*Figura 32*), destacou-se a referência paterna de falta de auto-confiança no seu estilo. Contudo, vale destacar que este está representado no questionário por apenas um item (“Acho difícil disciplinar meu filho”) incorrendo o risco de aparecer sub ou superestimado em função do escore advir de uma única resposta.

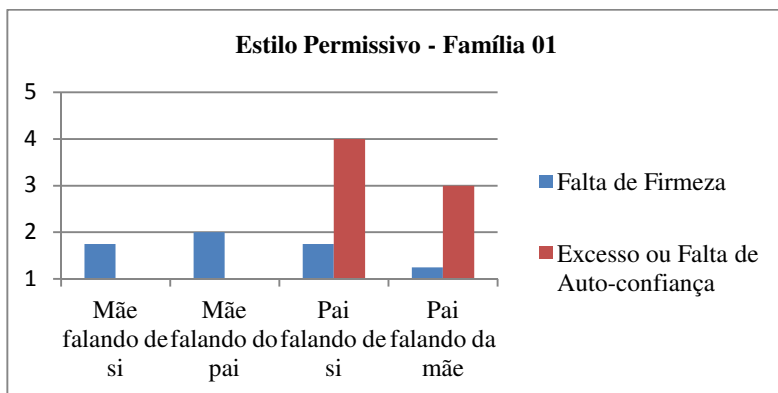


Figura 32. Histograma referente às dimensões do estilo permissivo (pais falando de si e do companheiro) – Família 01.

7.3.1.4 Relação Coparental (ERC)

De forma geral, conforme *Figura 33*, o casal apresenta uma boa relação coparental, com escores acima da média para os fatores positivos (acordo coparental; suporte coparental; endossar a parentalidade do parceiro; proximidade coparental), sendo a percepção da mãe nestes fatores, mais positiva que a do pai (com escores mais elevados). E escores reduzidos para os fatores negativos (sabotagem coparental e exposição ao conflito).

Destaca-se a diferença de percepção entre o pai e a mãe com relação ao fator divisão do trabalho. O pai mostra-se satisfeito e acredita que há uma boa divisão do trabalho entre o casal relativo às questões da criança (escore elevado neste fator: 5,5); em contrapartida, a mãe avalia negativamente este fator (escore 1,5), evidenciando sua insatisfação quanto à divisão do trabalho.

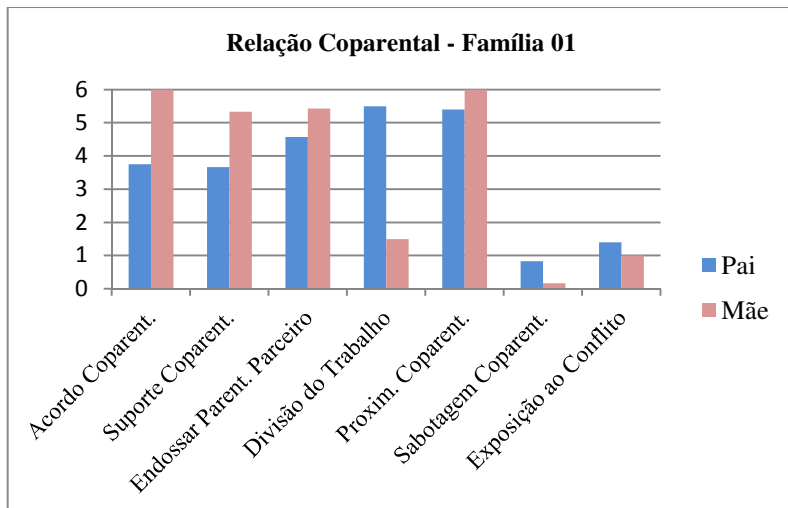


Figura 33. Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 01.

Retomando as análises quantitativas é possível identificar fatores relacionados ao baixo índice de satisfação materna quanto à divisão do trabalho coparental presentes na família 01: o histórico de calor emocional materno recebido pelo pai na sua infância e a referência materna de uso de estratégia punitiva por ela e pelo esposo. Segundo análises correlacionais, quanto mais o pai refere ter recebido calor emocional de sua própria mãe na infância; e quanto mais a esposa refere uso dela e do esposo de estratégia punitiva no estilo parental atual, menos a mãe refere se sentir satisfeita com a divisão do trabalho coparental. Contudo, pouco se pode inferir sobre a dinâmica relacional destes fatores.

A literatura aponta que conflitos e insatisfações coparentais podem estar relacionados a diferentes valores sociais e familiares sobre papéis e funções parentais (Feinberg, 2003; Mangelsdorf et al., 2011; McHale & Rotman, 2007). Retomando os dados da entrevista desta família, um dos fatores que talvez possa contribuir para a diferença de satisfação com relação à divisão do trabalho é a discrepância das crenças e expectativas de cada um com relação ao papel parental. O pai referiu crenças, adquiridas em sua família de origem, de que algumas atribuições relativas ao cuidado da criança são femininas, ou seja, são de responsabilidades de sua esposa e não requerem divisão. E dentre as atribuições que talvez ele considere como sendo de ambos, ele acredite serem bem divididas. Contudo, sua esposa verbalizou não compartilhar

de tal crença, de forma que as suas expectativas quanto ao papel parental do companheiro e à divisão do trabalho coparental não tem sido supridas, gerando insatisfação.

7.3.2 Família 02

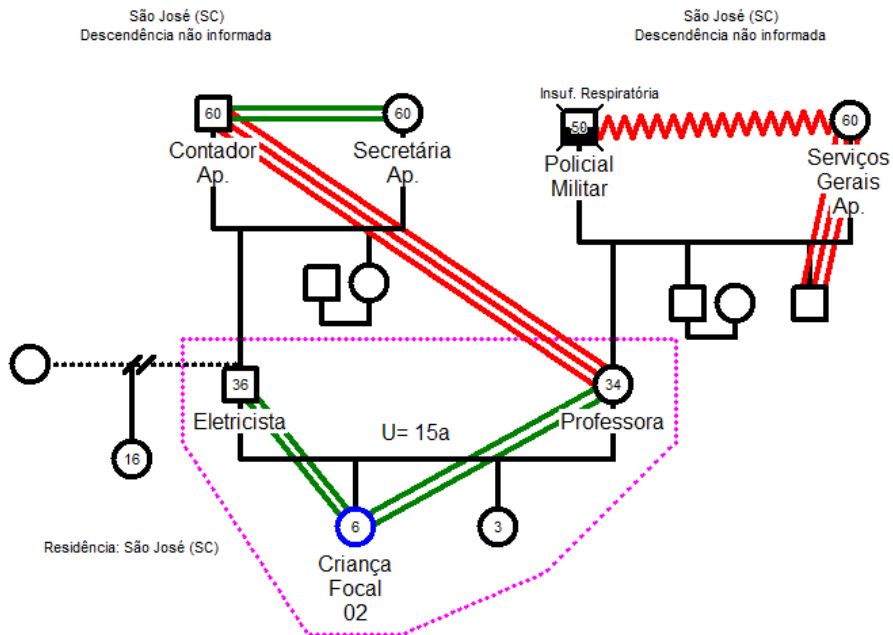


Figura 34. Genograma da família 02.

Nota: Legenda (Apêndice 03)

A família 02 é formada pelo pai, 36 anos, primogênito de uma fratria de dois; mãe, 34 anos, também primogênita, de uma fratria de três. A criança focal é uma menina de 6 anos que tem uma irmã de três anos de idade. O casal está junto há quinze anos. O pai tem uma filha de um relacionamento anterior, que hoje tem 16 anos de idade e convive com todos eles (não chegou a casar ou morar junto com a mãe desta filha).

Quanto às famílias de origem, o pai refere que seus pais sempre tiveram um relacionamento muito bom entre eles, e que procura seguir o exemplo deles de união, companheirismo e dedicação à família. Relata que seus pais costumavam sempre concordar entre si na forma de educar os filhos. Que seu pai era bastante protetor e hoje ele se vê agindo assim com as filhas, “fica em cima delas”, restringindo as brincadeiras para evitar que elas se machuquem.

Já a mãe referiu que teve uma infância *mais conturbada*, que em função do alcoolismo do pai havia brigas recorrentes entre seus pais, que incluíam agressões físicas. De forma geral, eles raramente conseguiam conversar, necessitando intervenção de sua avó paterna para amenizar os conflitos. Em decorrência disso, refere que sua mãe ficava preocupada e, por vezes, ocupava-se muito do marido e não dava a devida atenção aos filhos. Também em função do alcoolismo de seu pai, refere que as responsabilidades quanto ao cuidado e educação dela e dos irmãos foi assumido pela sua mãe: *o pai já não opinava muito, porque vivia bêbado. Aí mais era a mãe. Eu tenho mais referência dela (...). As regras, tudo que eu tinha que pedir ou fazer, era sempre pra ela, já não dava mesmo pra contar com ele.* Seu pai faleceu em 2001, ano em que ela e o marido se casaram.

Ao ser questionada se tem algo de seus pais como modelo na sua relação de casal atualmente, a mãe referiu que não: *tirei tudo que eu vi de ruim eu transformei em bom.* E quanto à forma de educar de seus pais, na sua infância, a mãe referiu que pretende seguir algumas coisas de sua mãe, estimulando a autonomia das filhas:

A mãe sempre me deu liberdade pra eu fazer... não, assim, o que eu quisesse, mas ela sempre me deu um voto de confiança, e eu pretendo passar isso pra elas também. Porque eu acho que não é proibindo ou querendo que elas façam o que eu quero. Eu vou querer passar isso pra elas... Pra elas terem autonomia de fazer o que decidirem e se der errado elas vão aprender, se der certo também. Isso eu acho legal.

Quanto ao relacionamento deles com a criança focal, ambos referem ser *muito bom e tranquilo*. Pontuam que a criança é muito carinhosa e fácil de lidar, mas é exigente com relação à atenção e afeto deles: *ela tem que dar dez beijos pra dormir. É todo aquele ritual: beija ela, beija a boneca, tapa ela... Sabe? É toda cheia de coisa (...). E, se tu não faz, ela fica toda triste. Então, aí ela exige da gente muito, assim.*

De forma geral, os pais referem que costumam discordar entre si na forma de criação da filha, especialmente em função da superproteção paterna. O pai referiu que, às vezes, sente-se desautorizado pela esposa, e a esposa confirma dizendo: *É. Por que o jeito de pensar é diferente, né*. Referem que, por vezes, os desacordos geram discussões que são presenciadas pela filha, que esta fica triste e chateada e que eles não costumam falar com a filha sobre o que aconteceu: *não, porque daí já é assunto nosso, né?* (pai).

Referem que, entre si, também não conversam muito nas ocasiões de conflito. Pai: *a gente procura ficar mais quieto que é o melhor que tem pra fazer. Por que não adianta ficar discutindo o tempo todo, por que quanto mais tu discute, pior é. Então é melhor calar e deixar esfriar*. Ambos concordam que é o tempo que resolve os seus conflitos.

7.3.2.1 Coesão e Adaptabilidade Familiar (FACES)

Conforme resultados da FACES IV (Tabela 9 e Figura 35), o casal da família 02 difere, em alguns pontos, na percepção do funcionamento familiar. Tal diferença se dá especialmente nos índices de desengajamento e rigidez.

Quanto à qualidade da comunicação familiar, a mãe avalia como muito boa (alta), ou seja, que os membros da família se sentem bem quanto à comunicação familiar. Já o pai refere ser moderada. Acredita que os membros se sentem, em geral bem, mas têm algumas preocupações quanto à comunicação. Ambos referiram satisfação moderada com relação ao funcionamento familiar: há satisfação e os membros apreciam alguns aspectos da família.

Tabela 9

Escores de Cada Subescala Transformado em Percentil e sua Respectiva Categorização de Acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006)- Família 02

| FAMÍLIA 02 | PAI | | MÃE | |
|-----------------------------|-----------|-----------------|-----------|--------------------|
| | Percentil | Categoria | Percentil | Categoria |
| Coesão | 69 | Muito conectado | 76 | Muito conectado |
| Flexibilidade | 83 | Muito flexível | 60 | Flexível |
| Desengajada | 75 | Alto | 16 | Muito baixo |
| Emaranhada | 55 | Moderado | 32 | Baixo |
| Rígida | 64 | Alto | 34 | Baixo |
| Caótica | 20 | Muito baixo | 24 | Muito baixo |
| Comunicação Familiar | 58 | Moderado | 80 | Alto |
| Satisfação Familiar | 51 | Moderado | 51 | Moderado |

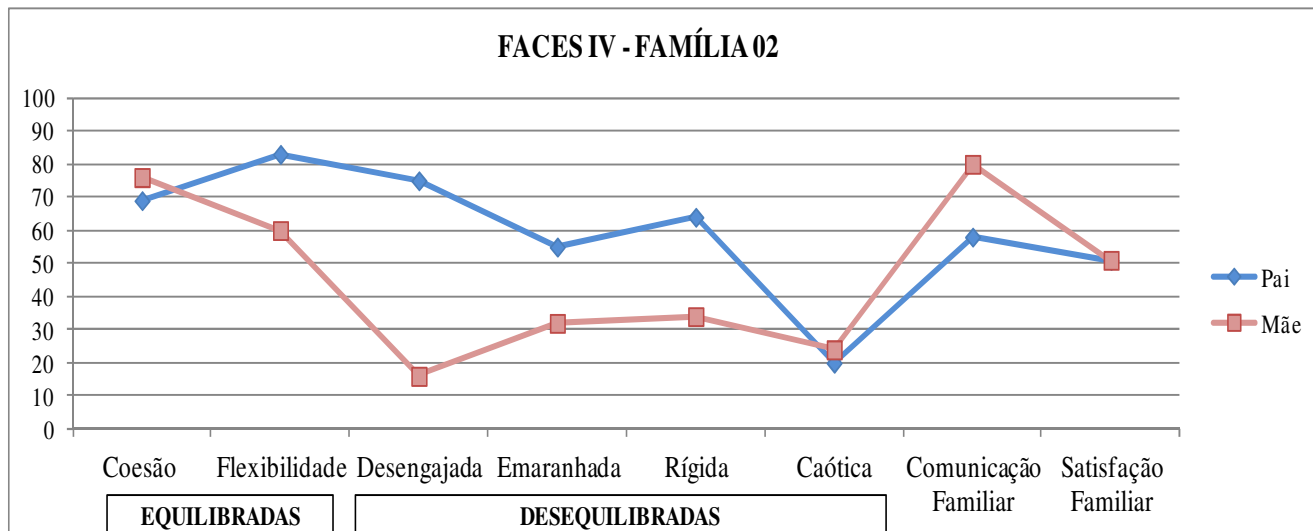


Figura 35. Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006) – Família 02.

Apesar das diferenças de percepções em algumas subescalas, de acordo com a Taxa do Total Circumplexo (Tabela 10), a percepção de ambos se aproxima de um funcionamento *Rigidamente Coeso* (caracterizado pelo Total Circumplexo de 1,3). Este tipo de família tem como característica elevados níveis de proximidade emocional e um alto grau de rigidez. Hipoteticamente funcionaria bem, dado o seu alto grau de proximidade. No entanto, eles podem ter dificuldade em fazer as alterações exigidas por mudanças situacionais ou de desenvolvimento devido à sua alta rigidez (Olson & Gorall, 2006).

Tabela 10

Aproximação do Tipo de Família Segundo Escores das Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circumplexo – Família 02

| FAMÍLIA 02 | PAI | | MÃE | |
|-------------------------------|------|-------------------|------|-------------------|
| | Taxa | Tipo de Família | Taxa | Tipo de Família |
| Taxa de Coesão | 1,09 | Mediano | 2,0 | Rigidamente Coesa |
| Taxa de Flexibilidade | 1,45 | Rigidamente Coeso | 1,47 | Rigidamente Coeso |
| Taxa Total Circumplexo | 1,27 | Rigidamente Coeso | 1,73 | Rigidamente Coeso |

7.3.2.2 Lembranças Sobre Práticas Parentais (EMBU)

Tanto o pai quanto a mãe da família 02 avaliam os cuidados recebidos na sua infância e adolescência, por seus pais, de forma semelhante: pai e mãe individualmente, e a média de ambos, como casal (Figura 36).

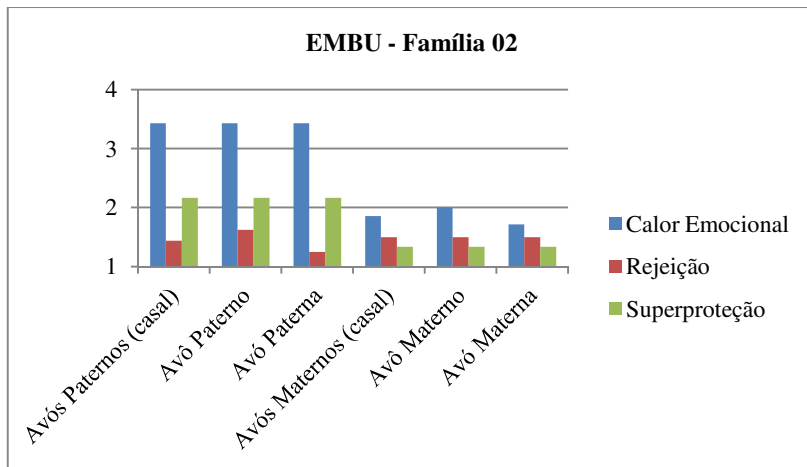


Figura 36. Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 02.

De acordo com as lembranças do pai, houve predomínio do calor emocional nas práticas de cuidado recebido pelos seus pais, pois sentia calor emocional quase a maior parte do tempo. Ocasionalmente, sentia-se superprotegido; e quase nunca se sentiu rejeitado.

Já os resultados da mãe mostraram índices baixos em todas as dimensões. Refere que quase nunca se sentiu rejeitada ou superprotegida, e que ocasionalmente sentia calor emocional nos cuidados recebidos, um pouco mais por parte de sua mãe. É possível relacionar estas lembranças de cuidados recebidos com o relato materno do histórico de alcoolismo de seu pai e que, em função das implicações negativas do mesmo, sua mãe ficava sobrecarregada e “acabava não dando a devida atenção aos filhos”.

7.3.2.3 Estilos Parentais (QDEP)

Conforme resultados do QDEP da família 02 (Figura 37), a mãe apresenta estilo democrático-recíproco a maior parte do tempo em que interage com a criança em, aproximadamente, 75% das interações, tanto na sua auto-avaliação, quanto na avaliação do pai a respeito dela. As avaliações do estilo paterno, tanto a auto-avaliação quanto a avaliação da mãe, foram unânimes em apontar que o pai assume estilo democrático-recíproco na metade das vezes em que interage com a filha.

O pai considera, ainda, que se utiliza do estilo permissivo em quase metade das suas interações com a criança, mas esta percepção não é corroborada pela mãe.

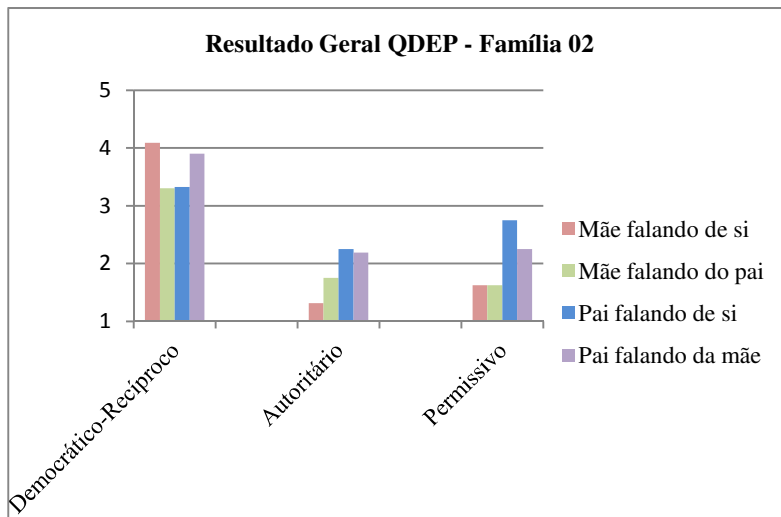


Figura 37. Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 02.

Dentro do estilo democrático-recíproco (*Figura 38*), as percepções de si e do outro são semelhantes para quase todos os fatores (e pontuações acima da média), exceto no fator paciência e respeito em que o pai atribuiu a si uma pontuação baixa, indicando que ele se utiliza de paciência e respeito apenas algumas vezes em que interage com a filha.

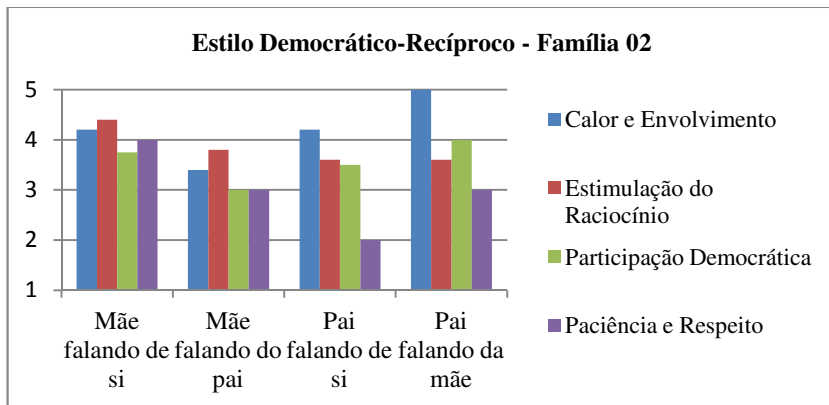


Figura 38. Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 02.

Vale destacar que o estilo autoritário, utilizado pelo pai algumas vezes (segundo a sua auto-avaliação e avaliação da mãe sobre ele) e algumas vezes pela mãe (segundo avaliação do pai sobre ela) refere-se, quase que exclusivamente, à diretividade excessiva; com uso eventual de hostilidade verbal e estratégias punitivas. O castigo físico não foi referido por nenhum deles.

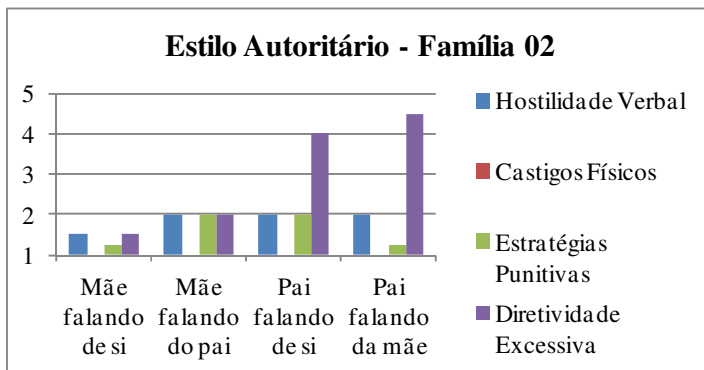


Figura 39. Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 02.

Dentro do estilo permissivo (*Figura 40*), referido apenas pelo pai, tanto a respeito de si (na metade das vezes em que interage com a

criança), quanto a respeito da esposa (algumas vezes), destaca-se o fator falta de firmeza.

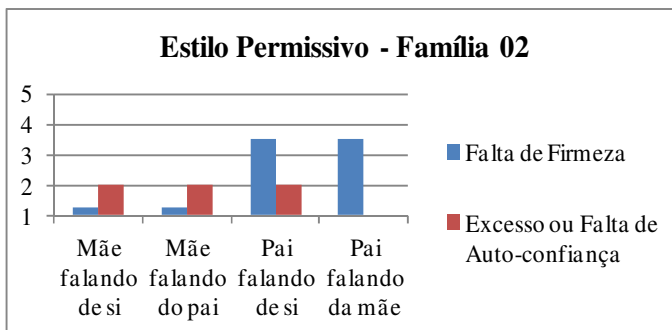


Figura 40. Histograma referente às dimensões do estilo permissivo (pais falando de si e do companheiro) – Família 02.

7.3.2.4 Relação Coparental (ERC)

De acordo com a *Figura 41*, o casal da família 02 avalia positivamente a sua relação coparental, com escores acima da média para todos os fatores positivos e escores baixos para os fatores negativos, tanto na avaliação do pai, quanto da mãe. A divisão do trabalho, embora ainda acima da média da escala, foi o fator que recebeu menor pontuação, indicando satisfação moderada de ambos com relação à divisão do trabalho das questões relativas à criança.

A avaliação do pai quanto ao suporte coparental, embora positiva, mostra-se inferior à avaliação materna, e a de sabotagem um pouco acima, o que condiz com o relato dele de que, por vezes, sente-se desautorizado pela esposa.

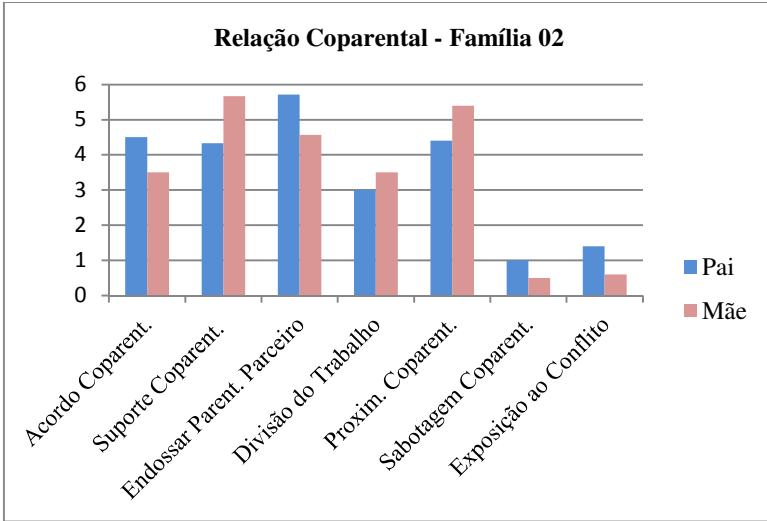


Figura 41. Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 02.

7.3.3 Família 03

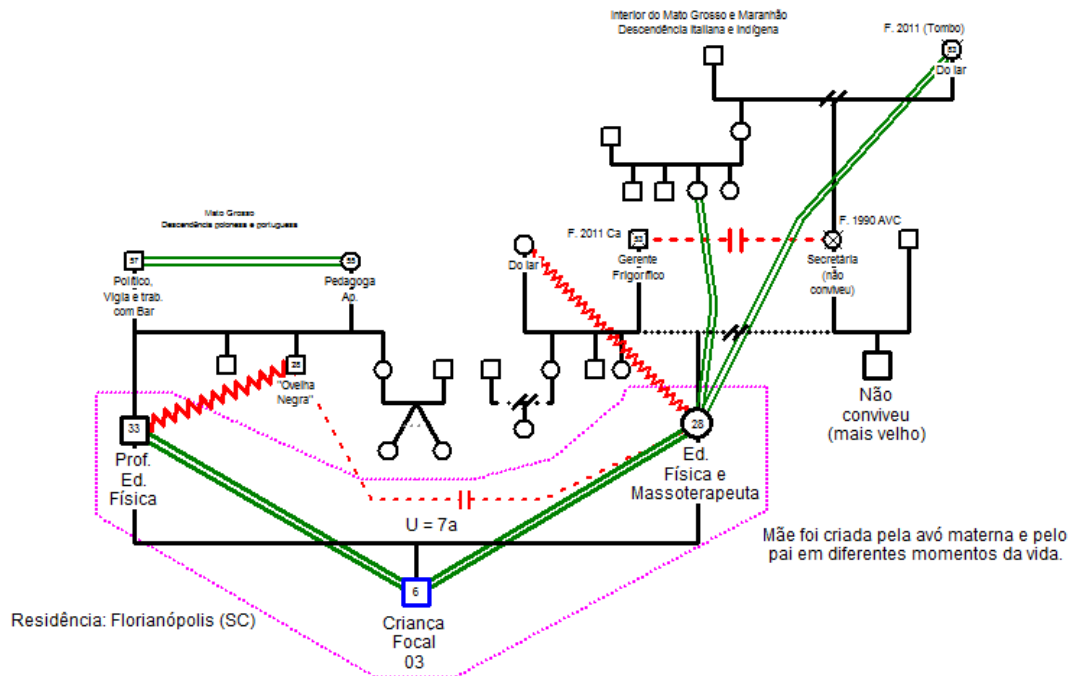


Figura 42. Genograma da família 03.

Nota: Legenda (Apêndice 03)

A família 03 é formada pelo pai, 33 anos, primogênito de uma fratria de quatro; pela mãe, 28 anos, também primogênita de uma fratria de quatro (irmãos por parte de pai) e a criança focal, menino, 6 anos de idade, filho único. O casal está junto há 7 anos.

A mãe foi criada pela avó materna. Ela e sua mãe moravam com esta avó, a mãe trabalhava fora. Quando tinha cinco anos de idade, sua mãe faleceu e ela ficou com sua avó, que já era separada do seu avô. Aos 8 anos de idade foi morar com o pai, com quem ficou até seus dezessete anos, quando terminou o curso colegial. Depois disso, voltou a morar com a avó materna e refere que a família da sua tia materna passou a ser a sua família (casal de tios e quatro primos).

Quanto ao relacionamento dos pais ao longo da infância, o pai referiu que seus pais sempre se deram muito bem, tinham uma convivência boa e respeitosa. Ambos trabalhavam fora, mas se faziam presentes e costumavam concordar entre si na forma de educar os filhos. E hoje, o pai refere considerar o respeito como um valor muito importante na sua relação de casal. Assim como o diálogo na relação com o filho: *Sentar, conversar, explicar bem por que aquilo ali não é certo, porque tem que respeitar as pessoas.*

A mãe relatou que o tempo que viveu com seu pai, sua madrasta e irmãos (dos 8 aos 17 anos de idade) foi muito difícil. Sentia-se como uma estranha naquela família, e depois, veio a entender que seu pai havia requerido a sua guarda por interesse na pensão que ela tinha direito a receber em função da morte da mãe. Relata que sempre teve um relacionamento muito conflituoso com a madrasta; seu pai passava a semana fora, em função do trabalho, e só vinha para casa nos finais de semana. Lembra-se de presenciar muitos conflitos entre seu pai e sua madrasta, em geral, por questões relacionadas a ela. Sofreu muitos castigos e agressões físicas por parte da madrasta e estes eram os principais motivos das brigas conjugais: *Às vezes ele passava a semana inteira sem me ver e quando chegava eu tava com marca de cinta nas pernas... Aí ele ia discutir com ela o porquê que ela bateu... As discussões eram basicamente por conta disso, por conta das agressões e dos castigos.* E atualmente, tanto na sua relação de casal, como com seu filho, refere procurar fazer o inverso do que viveu na sua infância, na casa do pai e da madrasta.

Ambos referem ter bom relacionamento com o filho, que dão muito valor ao diálogo com a criança e, em geral, costumam concordar entre si na forma de criação dele. Os pontos de discordância são

relativos à proteção materna e atitude paterna de querer deixar o filho mais “solto”.

7.3.3.1 Coesão e Adaptabilidade Familiar (FACES)

Na família 03, ambos, pai e mãe, avaliaram muito bem o funcionamento familiar, com pontuações altas em todas as escalas equilibradas e baixas nas escalas desequilibradas (Tabela 11 e Figura 43).

Tabela 11

Escores de Cada Subescala Transformado em Percentil e sua Respectiva Categorização de Acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006)- Família 03

| FAMÍLIA 03 | PAI | | MÃE | |
|-----------------------------|-----------|-----------------|-----------|-----------------|
| | Percentil | Categoria | Percentil | Categoria |
| Coesão | 90 | Muito conectado | 81 | Muito conectado |
| Flexibilidade | 75 | Muito flexível | 88 | Muito flexível |
| Desengajada | 13 | Muito baixo | 20 | Muito baixo |
| Emaranhada | 32 | Baixo | 24 | Muito baixo |
| Rígida | 24 | Muito baixo | 26 | Muito baixo |
| Caótica | 24 | Muito baixo | 18 | Muito baixo |
| Comunicação Familiar | 74 | Alto | 74 | Alto |
| Satisfação Familiar | 74 | Alto | 83 | Alto |

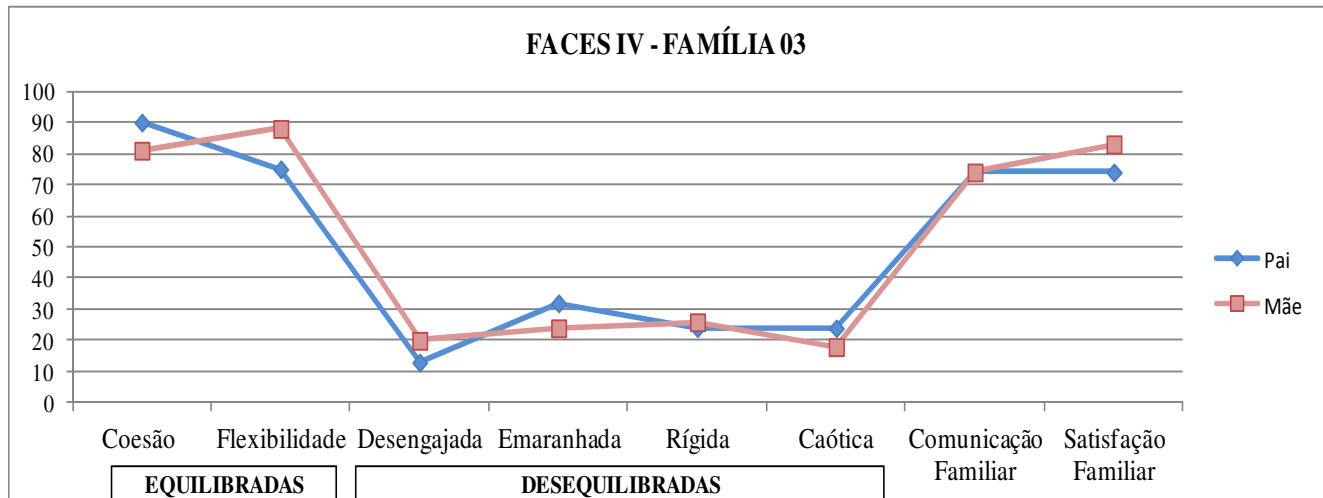


Figura 43. Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006) – Família 03.

De acordo com todas as respostas do pai e da mãe (Taxas de Coesão, de Flexibilidade e do Total Circumplexo – Tabela 12), o funcionamento desta família se mostra Equilibrado. Segundo Olson e Gorall (2006) esta combinação de escores equilibrada alta e de desequilibrado baixa indica um tipo de família com altos níveis de funcionamento saudável e baixos níveis de funcionamento problemático. *Famílias Equilibradas* são hipoteticamente capazes de lidar melhor com os estressores da vida diária e as tensões relacionais de mudanças na família ao longo do tempo.

Tabela 12

Aproximação do Tipo de Família Segundo Escores das Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circumplexo – Família 03

| FAMÍLIA 03 | PAI | | MÃE | |
|-------------------------------|------|-----------------|------|-----------------|
| | Taxa | Tipo de Família | Taxa | Tipo de Família |
| Taxa de Coesão | 2,44 | Equilibrado | 2,07 | Equilibrado |
| Taxa de Flexibilidade | 1,87 | Equilibrado | 2,07 | Equilibrado |
| Taxa Total Circumplexo | 2,15 | Equilibrado | 2,07 | Equilibrado |

7.3.3.2 Lembranças Sobre Práticas Parentais (EMBU)

Conforme *Figura 44*, o pai refere predomínio do calor emocional nos cuidados recebidos na sua infância e adolescência por seus pais: frequentemente sentia calor emocional; eventualmente sentia-se superprotegido e nunca se sentiu rejeitado.

Já para mãe, a menor pontuação diz respeito a dimensão de calor emocional. Apenas ocasionalmente sentia calor emocional nos cuidados recebidos, tanto por parte de seu pai, quanto por sua madrasta. Em sua infância e adolescência, a mãe sentia-se frequentemente rejeitada pela madrasta e ocasionalmente pelo pai.

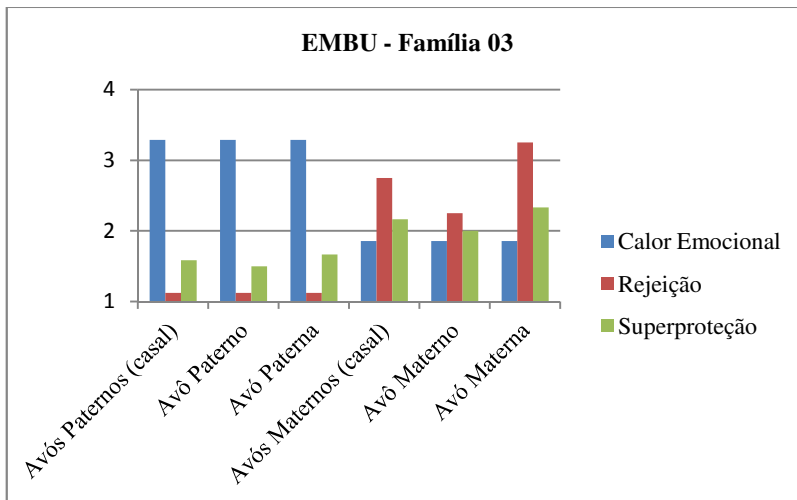


Figura 44. Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 03.

7.3.3.3 Estilos Parentais (QDEP)

A avaliação dos estilos parentais, tanto a respeito de si, como do companheiro, se mostra semelhante. Na maior parte das vezes, o casal parental refere se utilizar do estilo democrático-recíproco. Uso paterno em 75% das interações com a criança (tanto na sua auto-avaliação, quanto na avaliação da mãe sobre ele) e uso materno em 75%, na avaliação do pai sobre ela e aproximadamente, em 63% das interações dela com a criança na sua auto-avaliação (Figura 45).

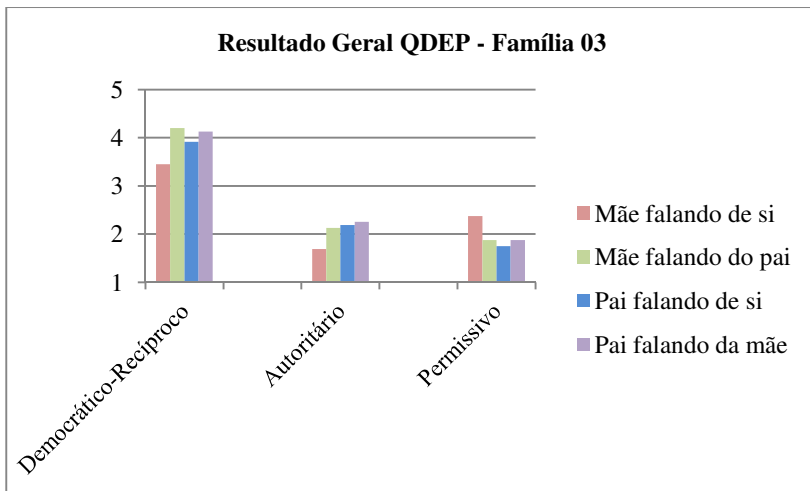


Figura 45. Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 03.

Dentro do estilo democrático-recíproco (*Figura 46*), os fatores com maior pontuação foram: calor/envolvimento e estimulação do raciocínio, na avaliação de ambos. Os fatores com menor pontuação foram participação democrática, na avaliação da mãe a respeito de si e do parceiro; e paciência/respeito na auto-avaliação materna.

Estes resultados mostram que, apesar do histórico de rejeição na infância e adolescência por parte da madrasta e do pai, a mãe apresenta um estilo parental saudável com seu filho, com altos índices de calor/envolvimento e de estimulação do raciocínio. Apenas referiu dificuldade no uso da participação democrática e paciência/respeito. Contudo, tal dificuldade não é percebida pelo seu esposo, que avaliou de forma diferente estes fatores no estilo materno (com escores altos), o que talvez possa sugerir uma auto-exigência e maior auto-crítica materna com relação ao seu próprio estilo parental.

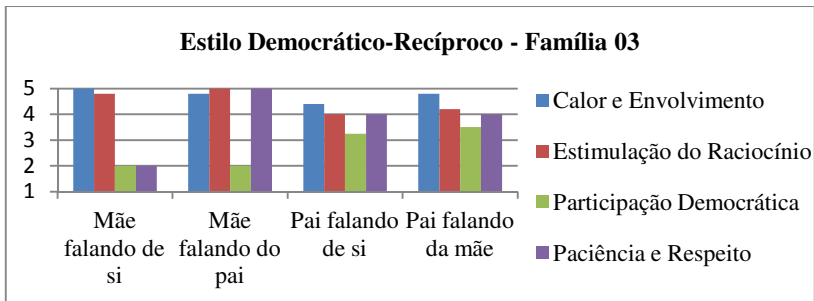


Figura 46. Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 03.

Os estilos autoritário e permissivo (*Figura 47 e Figura 48*), de forma geral, tiveram pontuações baixas. E, como aconteceu com as famílias anteriores, dentro do estilo autoritário evidencio-se a diretividade excessiva.

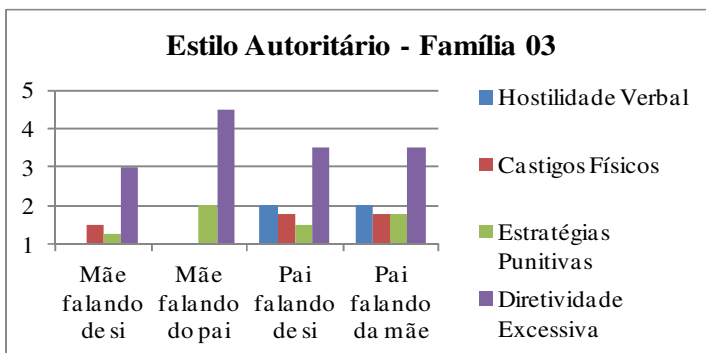


Figura 47. Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 03.

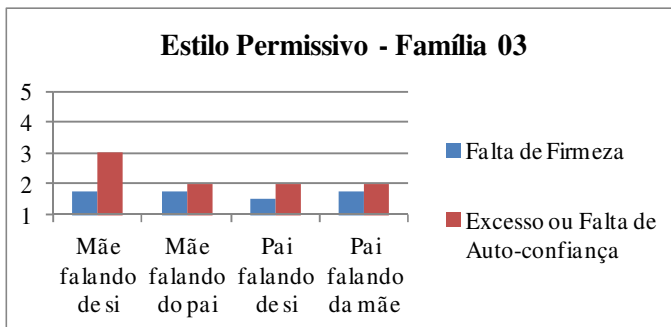


Figura 48. Histograma referente às dimensões do estilo permissivo (pais falando de si e do companheiro) – Família 03.

7.3.3.4 Relação Coparental (ERC)

Conforme *Figura 49*, a avaliação tanto do pai quanto da mãe é de que sua relação coparental é muito boa, com escores elevados para os fatores positivos (acordo, suporte e proximidade coparentais e endossamento da parentalidade do parceiro) e escores quase nulos para os fatores negativos (sabotagem coparental e exposição da criança ao conflito).

A única discrepância entre as respostas dos pais apareceu no fator que avalia a satisfação com relação à divisão do trabalho das questões relacionadas à criança: o pai referiu sentir-se satisfeito (com pontuação máxima neste fator: 6), em contrapartida a mãe referiu pontuação abaixo da média da escala de resposta (2,5).

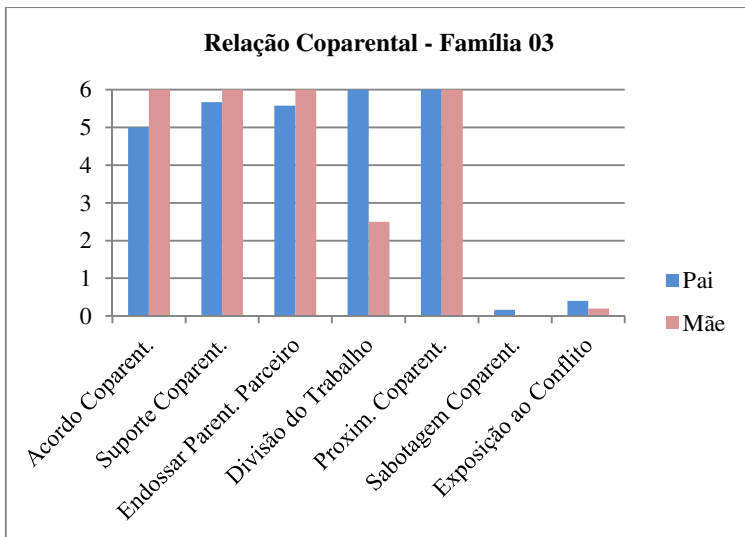


Figura 49. Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 03.

Talvez nesta família, as especificidades de trabalho do casal, referidas na entrevista, podem auxiliar na compreensão da diferença entre os índices de satisfação coparental. A mãe é autônoma e trabalha em casa, referiu passar a maior parte do tempo com o filho; e seu esposo, além de trabalhar fora, por vezes viaja em função de seu trabalho.

7.3.4 Família 04

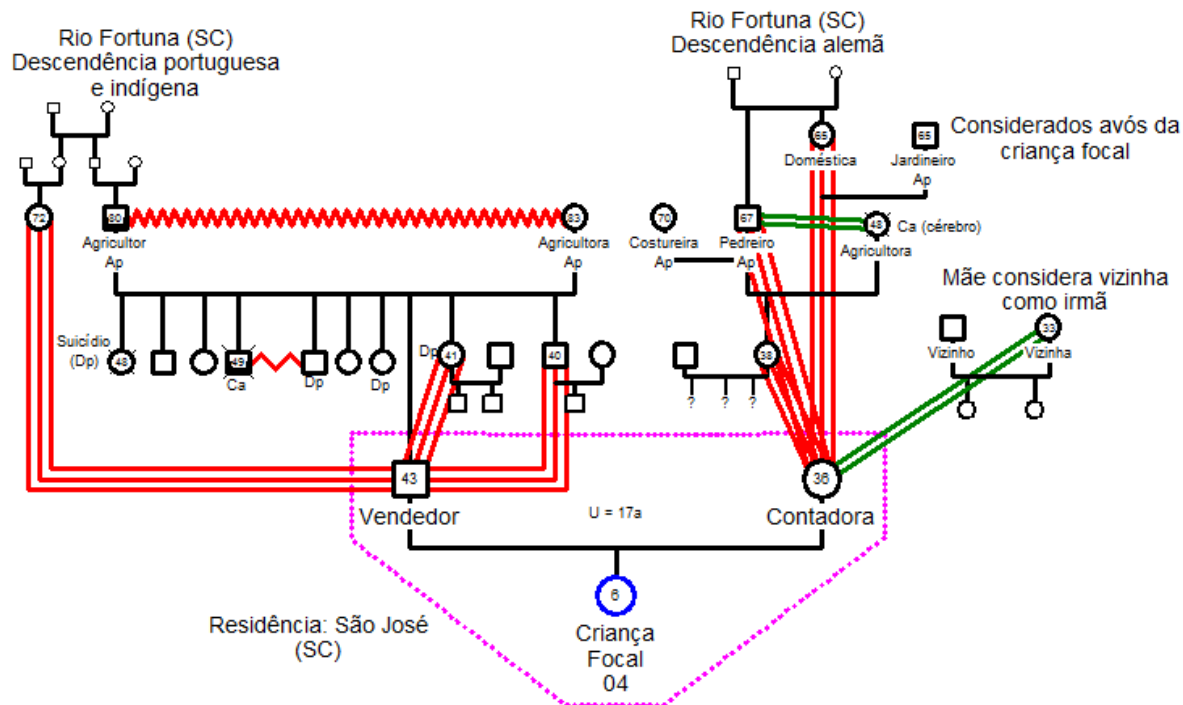


Figura 50. Genograma da família 04.

Nota: Legenda (Apêndice 03)

A família 04 é formada pelo pai, 43 anos, oitavo filho de uma fratria de dez; a mãe, 36 anos, caçula de uma fratria de dois e a criança focal, menina de 6 anos de idade, filha única.

Na família de origem do pai há histórico de alcoolismo de seu pai e de um irmão, (este faleceu devido um câncer aos 49 anos); e de depressão de três irmãs e um irmão (dentre eles, sua irmã mais velha, que cometeu suicídio aos 48 anos de idade). O pai refere ter uma ligação muito próxima com seus dois irmãos mais novos e com uma prima. Atualmente, o pai refere que seu pai está livre do alcoolismo e se mostra carinhoso e atencioso com os netos, mas que ao longo de sua infância o alcoolismo de seu pai implicava em muitos conflitos familiares. Seu pai bebia com frequência e ficava agressivo e violento com a esposa e os filhos: *nós apanhávamos bastante*. Esta vivência ao longo da infância fez com que o pai decidisse *ser diferente*, como marido e como pai. *Porque eu não gostava daquela atitude... que nós passava, né? ... Nós se incomodava um bocadinho. O pai chegava em casa bêbado. Botava nós tudo a correr de lá. Ele batia na mãe... E aí... Ah... Eu decidi que eu não vou ser assim*.

Segundo a mãe, seu marido e os irmãos *foram educados pra ouvir, nunca pra falar, por causa da severidade do pai, devido à bebida*. E pontua que esta é uma característica de seu marido e cunhados: *são mais calados, fechados, não são de falar*.

Já a mãe lembra-se de ter tido uma infância tranquila. *A mãe era uma pessoa muito tranquila. E o pai sempre foi de dialogar. Tudo tinha que conversar, sabe? Tinha que sentar... Até hoje é assim. A gente já era uma família com mais harmonia*. Refere que, em geral, seus pais concordavam entre si sobre a forma de educação dos filhos. E atualmente, na relação com sua filha, procura manter os valores do diálogo e da importância do estudo vividos na família de origem.

Tanto o pai, como a mãe referem que costumam concordar na forma de criação da filha. Em eventuais desacordos, procuram conversar entre eles, sozinhos, para um não desautorizar o outro na frente da filha.

Ao longo de toda a entrevista, foi a mãe quem mais interagiu com a pesquisadora. Mesmo quando as perguntas eram dirigidas ao pai, quando se utilizava palavras de reforço e estímulo para a sua participação, ele respondia com poucas palavras. A esposa acabava “respondendo por ele”, e ele confirmava o relato dela.

7.3.4.1 Coesão e Adaptabilidade Familiar (FACES)

A

Tabela 13 e a Figura 51 mostram que o pai e a mãe da família 04 divergem em alguns pontos quanto à percepção do funcionamento familiar. A coesão, segundo a mãe, atingiu quase a pontuação máxima (95%); o pai também considera que os membros da família estão conectados, mas com percentil de 40%. Ainda, de acordo com o pai, há níveis moderados de desengajamento e de funcionamento caótico, estes, na avaliação da mãe, são muito baixos. Outras discrepâncias aparecem na avaliação da qualidade da comunicação familiar, que para o pai é muito baixa e para a mãe muito alta; e na satisfação familiar: baixa para o pai e alta para a mãe.

Tabela 13

Escores de Cada Subescala Transformado em Percentil e sua Respectiva Categorização de Acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006)- Família 04

| FAMÍLIA 04 | PAI | | MÃE | |
|-----------------------------|-----------|--------------------|-----------|-------------------|
| | Percentil | Categoria | Percentil | Categoria |
| Coesão | 40 | Conectado | 95 | Muito conectado |
| Flexibilidade | 65 | Muito flexível | 96 | Muito flexível |
| Desengajada | 45 | Moderado | 16 | Muito baixo |
| Emaranhada | 20 | Muito baixo | 36 | Baixo |
| Rígida | 34 | Baixo | 55 | Moderado |
| Caótica | 45 | Moderado | 15 | Muito baixo |
| Comunicação Familiar | 14 | Muito baixo | 97 | Muito alto |
| Satisfação Familiar | 30 | Baixo | 75 | Alto |

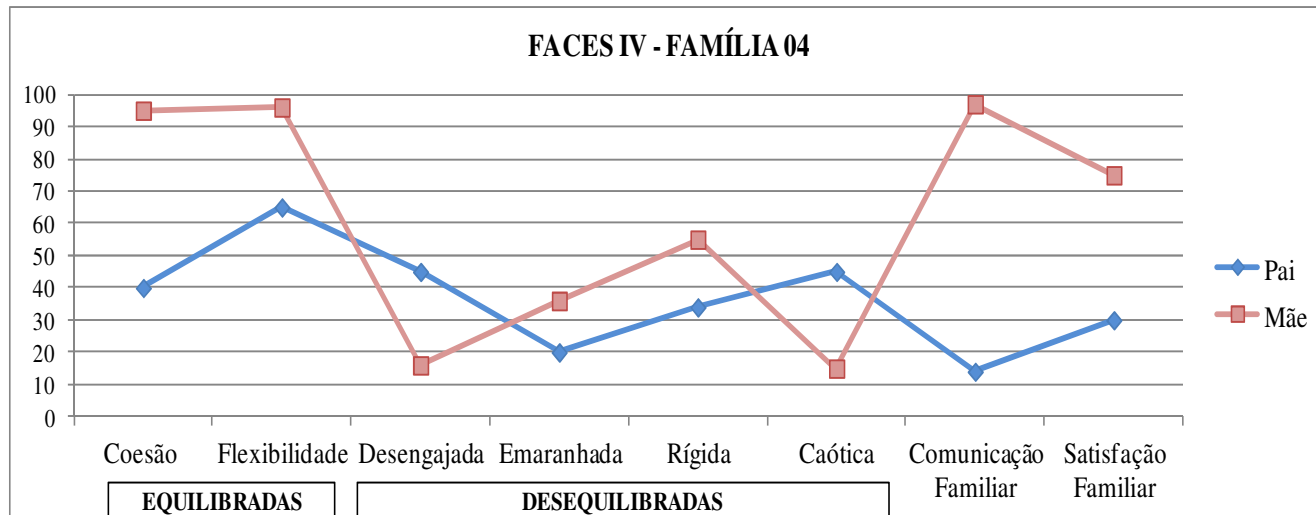


Figura 51. Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006) – Família 04.

De acordo com as Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circumplexo (Tabela 14), a percepção do pai é de que o funcionamento de sua família se aproxima do tipo *Rigidamente Coeso*. E a percepção da mãe é de que o funcionamento é *Equilibrado*. Ambos os tipos de funcionamento são considerados saudáveis (taxas acima de um) sendo que no rigidamente coeso os membros podem apresentar dificuldades em fazer as alterações exigidas por mudanças situacionais ou de desenvolvimento (Olson & Gorall, 2006).

Tabela 14

Aproximação do Tipo de Família Segundo Escores das Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circumplexo – Família 04

| FAMÍLIA 04 | PAI | | MÃE | |
|-------------------------------|------|-------------------|------|-----------------|
| | Taxa | Tipo de Família | Taxa | Tipo de Família |
| Taxa de Coesão | 1,44 | Rigidamente Coeso | 2,12 | Equilibrado |
| Taxa de Flexibilidade | 1,27 | Rigidamente Coeso | 1,83 | Equilibrado |
| Taxa Total Circumplexo | 1,35 | Rigidamente Coeso | 1,98 | Equilibrado |

7.3.4.2 Lembranças Sobre Práticas Parentais (EMBU)

Tanto o pai quanto a mãe referiram escores muito semelhantes para seu pai e sua mãe – no sentido de que não percebiam diferença entre seus pais nas dimensões de cuidado recebido. Ambos referiram que frequentemente sentiam calor emocional nos cuidados recebidos de seus pais e que quase nunca se sentiram rejeitados. O pai quase nunca se sentiu superprotegido e a mãe, nesta dimensão, referiu que ocasionalmente sentia-se superprotegida (*Figura 52*).

Apesar do histórico de alcoolismo paterno da família de origem do pai e de seu relato sobre os conflitos e agressões físicas vividos na infância, suas lembranças quanto aos cuidados parentais mostram predomínio do calor emocional tanto com relação a sua mãe, como com relação a seu pai.

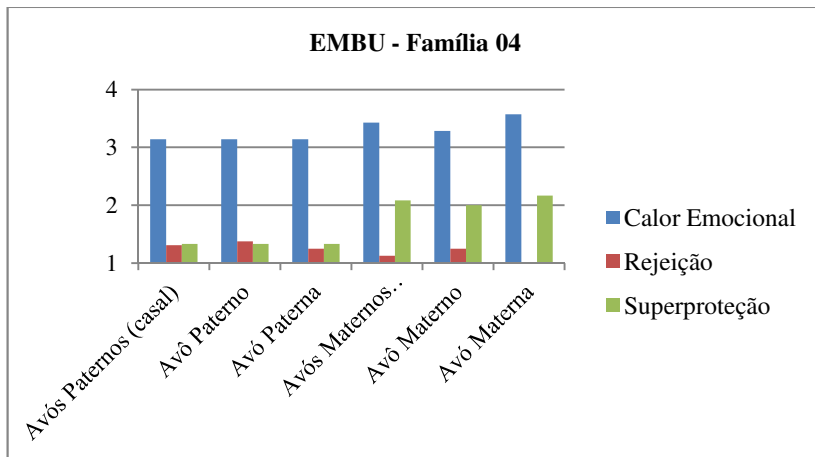


Figura 52. Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 04.

7.3.4.3 Estilos Parentais (QDEP)

Na avaliação da mãe sobre os estilos parentais atuais, sobre si e sobre o companheiro, destacou-se o estilo democrático-recíproco (em quase 100% das interações com a criança) e uso do estilo autoritário em, aproximadamente, 38% das interações.

As respostas do pai, de forma geral, apresentam-se com escores baixos, indicando que “algumas vezes” tanto ele quanto a esposa se utilizam do estilo democrático-recíproco (ele, aproximadamente em 38% das interações com a criança e ela, em 25%). Ainda segundo o pai, “algumas vezes” (aproximadamente 38%) ele se utiliza do estilo permissivo (sua esposa “quase nunca”) e “algumas vezes” (aproximadamente 38%) sua esposa utiliza o estilo autoritário (“quase nunca” utilizado por ele).

Como aconteceu com a avaliação da comunicação e satisfação com o funcionamento familiar, destaca-se a divergência de percepção do casal, desta vez, com relação à frequência do uso do estilo democrático.

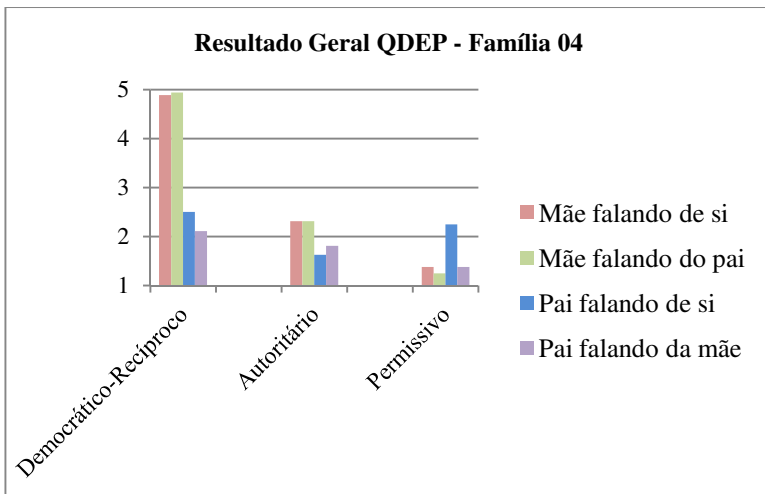


Figura 53. Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 04.

Dentro do estilo democrático-recíproco, referido com maior frequência pela mãe, todas as dimensões apresentam escores elevados (quase máximos), tanto na sua auto-avaliação, como na sua avaliação do estilo do esposo. E na avaliação paterna, com relação a si e à esposa, os escores mais elevados são de calor/envolvimento e estimulação do raciocínio (Figura 54).

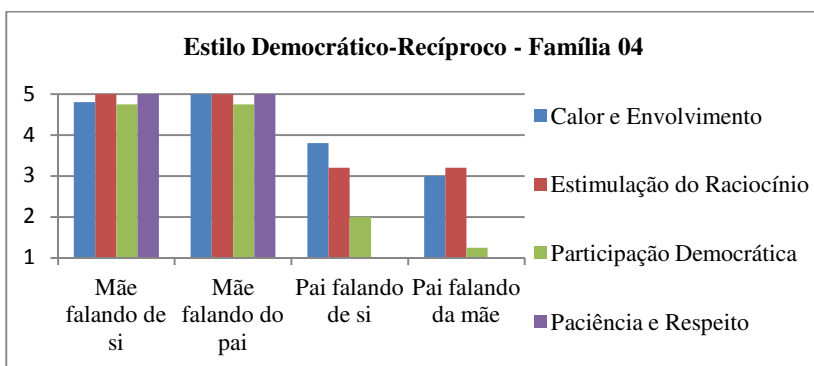


Figura 54. Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 04.

Os estilos autoritário e permissivo (*Figura 55* e *Figura 56*, respectivamente) obtiveram escores baixos, valendo destacar, como nas famílias anteriores, que a dimensão do estilo autoritário que sobressaiu (na avaliação da mãe), foi a diretividade excessiva.

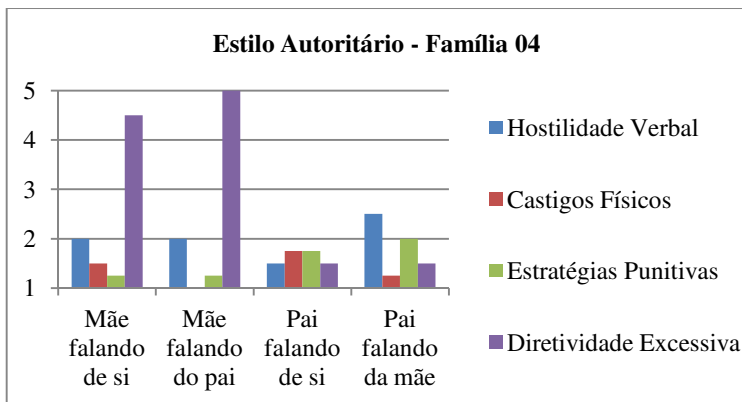


Figura 55. Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 04.

O estilo permissivo foi apontado pelo pai, que acredita apresentá-lo em aproximadamente 38% das suas interações com a criança. Mas esta sua percepção não é corroborada pela esposa (*Figura 56*).

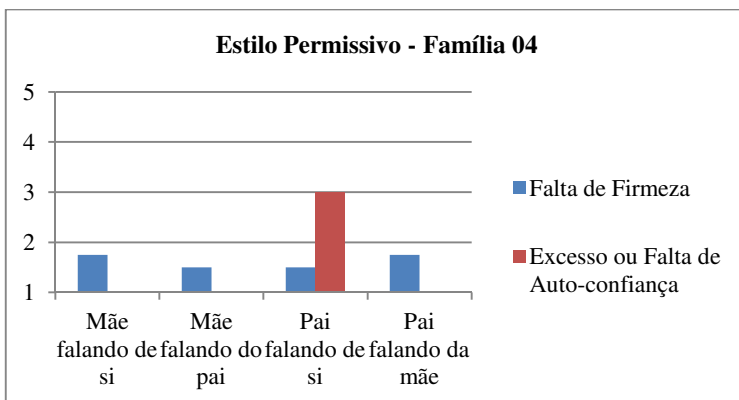


Figura 56. Histograma referente às dimensões do estilo permissivo (pais falando de si e do companheiro) – Família 04.

7.3.4.4 Relação Coparental (ERC)

De forma geral, tanto o pai quanto a mãe da família 04 avaliam a sua relação coparental como muito boa: com escores altos para os fatores positivos (acordo, suporte e proximidade coparentais; e endossamento da parentalidade do parceiro) e escores baixos nos fatores negativos (sabotagem coparental e exposição ao conflito). A única discrepância se encontra, como também apareceu em famílias anteriores, na satisfação com relação à divisão do trabalho das questões relativas à criança. A mãe refere-se sentir muito satisfeita (5, em uma escala de 0 a 6) e o pai mostra-se mais insatisfeito (escore 2).

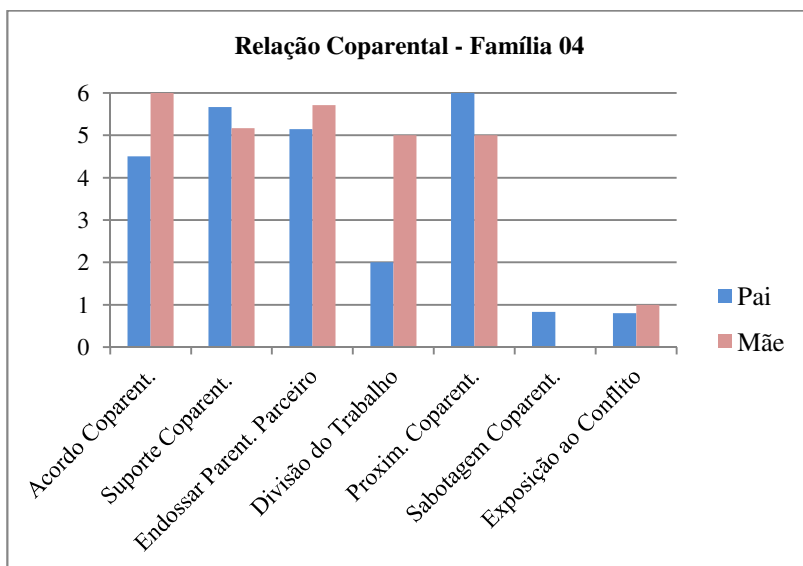


Figura 57. Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 04.

Na entrevista, a mãe ressaltou que apesar da “educação severa” vivida pelo marido na infância, ele sempre se mostrou bastante próximo e carinhoso com a filha e que, em função do seu horário do trabalho é o marido que assume grande parte do cuidado com a filha (refeição, banho). Esta situação relatada pode se relacionar à satisfação da mãe com relação à divisão do trabalho (no sentido de que a divisão atende a suas expectativas quanto aos papéis parentais de cada um) e à insatisfação do pai, que talvez se sinta sobrecarregado.

7.3.4.5 Comentários

A discrepância na comunicação constatada nos resultados da escala de Funcionamento Familiar, foi evidenciada na entrevista e nos registros do diário de campo, com o protagonismo da mãe ao longo da entrevista e sua referência de que o marido e os cunhados *foram educados pra ouvir, nunca pra falar, por causa da severidade do pai, devido à bebida. (...) Eles são mais calados, fechados, não são de falar.*

Os dados da entrevista trazem indícios de um padrão disfuncional no relacionamento da família de origem do pai. O alcoolismo do seu próprio pai e as decorrentes agressões e conflitos conjugais, e o histórico psiquiátrico familiar (quatro irmãos com histórico de depressão, incluindo suicídio de sua irmã mais velha) delineiam o contexto de uma família onde provavelmente havia fronteiras rígidas com dificuldade acentuada de comunicação. É possível que tais vivências na família de origem estejam relacionadas à dificuldade do pai em se comunicar. Além disso, a postura da esposa de encarar isso como uma característica do marido e de “tomar a palavra”, “falar por ele”, acaba limitando as oportunidades do pai de interagir, de se comunicar. Nesta dinâmica relacional, é possível que a esposa se sinta bem neste papel, ou simplesmente não perceba isso como um problema. Contudo, as respostas do pai indicam que a percepção dele quanto ao funcionamento familiar atual é diferente da percepção da esposa: ele se mostra insatisfeito com o funcionamento geral da família, em especial, com relação à qualidade da comunicação familiar.

7.3.5 Família 05

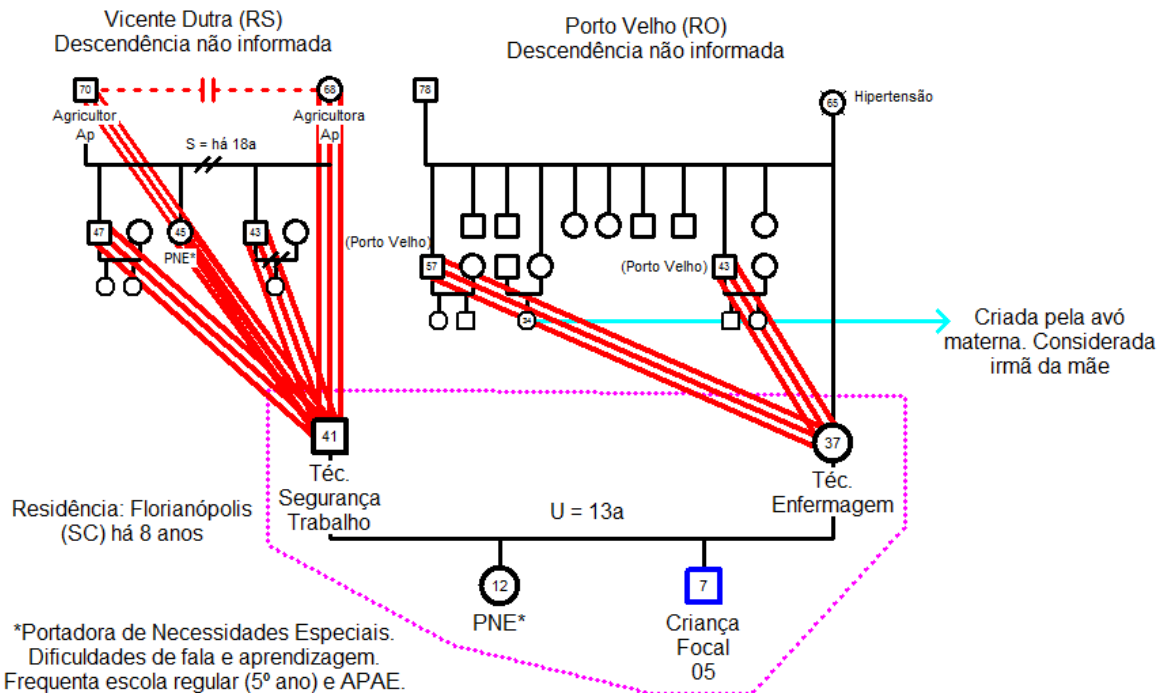


Figura 58. Genograma da família 05.

Nota: Legenda (Apêndice 03)

A família 05 é formada pelo pai, 41 anos, caçula de uma fratria de quatro; a mãe, 37 anos, também caçula, mas de uma fratria de onze; uma filha de 12 anos de idade e a criança focal, menino, caçula, de 7 anos de idade. A filha de 12 anos é portadora de necessidades especiais, apresenta dificuldade de fala e aprendizagem, frequenta escola regular e APAE.

Os avós paternos são separados há dezoito anos, e atualmente, são “rompidos”, “não se falam” e todos os demais membros mantêm uma relação muito próxima entre si. O pai refere que não se lembra de presenciar conflitos entre seus pais ao longo da sua infância, apenas se recorda de ouvir de seu pai que quando ele, que era o filho caçula, completasse dezoito anos, ele iria se separar da esposa. E assim aconteceu. Durante a infância, o pai refere que sua família era unida, moravam no sítio e lembra-se que todas as noites ficavam juntos, ao redor do fogão à lenha, e seu pai contava-lhes histórias. Refere que o pai era muito *brincalhão e atencioso* e que, hoje, procura ser assim com seus filhos também.

A mãe relata que sua família de origem também morava em um sítio, mas depois de seu nascimento (é a caçula de onze), sua mãe se mudou com os filhos para uma casa na cidade, para ela trabalhar e os filhos estudarem. E a rotina da família passou a ser: mãe e crianças morando na cidade de segunda à sexta, e todos iam para o sítio nos finais de semana, onde ficava o pai, morando e trabalhando. O carinho, o diálogo e o valor dado à educação em sua família de origem é o que procura trazer hoje na sua relação com seu filho.

De forma geral, o pai lembra que seus pais concordavam entre si na forma de educar. Em situações de conflito entre pais e filhos, o seu relato mostra que seus pais, por vezes, faziam uso de estratégias punitivas e castigos físicos:

a mãe chegava a bater, ou dizer que ia botar de castigo, coisa assim. (...) Lembro da mãe xingando... Dizendo que ia bater com o chinelo... Coisa assim, mas... Meu pai não. Meu pai era mais sério, ele... O dolorido era dizer que tinha que buscar uma vara de vimbe. Ele não batia. Mas tu tinha que ir lá cortar e dar na mão dele. (...) Ele não batia. Era só o psicológico. Era só o... cortar. É por que a gente nunca sabia se ia bater ou não. Mas meu pai nunca bateu.

Ambos, pai e mãe, referem que costumam concordar entre si na

forma de criação dos filhos. Que conversam muito e procuram discutir os desacordos só entre eles, para evitar que um desautorize o outro na frente das crianças. E quando há situações de conflito parental, procuram conversar com os filhos e também se utilizam de castigos, buscando sempre expor os motivos dos mesmos.

7.3.5.1 Coesão e Adaptabilidade Familiar (FACES)

Conforme Tabela 15 e *Figura 59*, o pai e a mãe da família 05 apresentam percepções semelhantes quanto ao funcionamento familiar. Com discrepância apenas no fator satisfação familiar, baixo para o pai e alto para a mãe. Para o pai, os membros da família apresentam alguma insatisfação e têm algumas preocupações sobre a família. E na visão da mãe, os membros estão satisfeitos com a maior parte dos aspectos da família.

Tabela 15

Escores de Cada Subescala Transformado em Percentil e sua Respectiva Categorização de Acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006) - Família 05

| FAMÍLIA 05 | PAI | | MÃE | |
|-----------------------------|-----------|-----------------|-----------|----------------|
| | Percentil | Categoria | Percentil | Categoria |
| Coesão | 81 | Muito conectado | 50 | Conectado |
| Flexibilidade | 93 | Muito flexível | 75 | Muito flexível |
| Desengajada | 15 | Muito baixo | 20 | Muito baixo |
| Emananhada | 36 | Baixo | 45 | Moderado |
| Rígida | 45 | Moderado | 60 | Moderado |
| Caótica | 20 | Muito baixo | 20 | Muito baixo |
| Comunicação Familiar | 70 | Alto | 70 | Alto |
| Satisfação Familiar | 28 | Baixo | 71 | Alto |

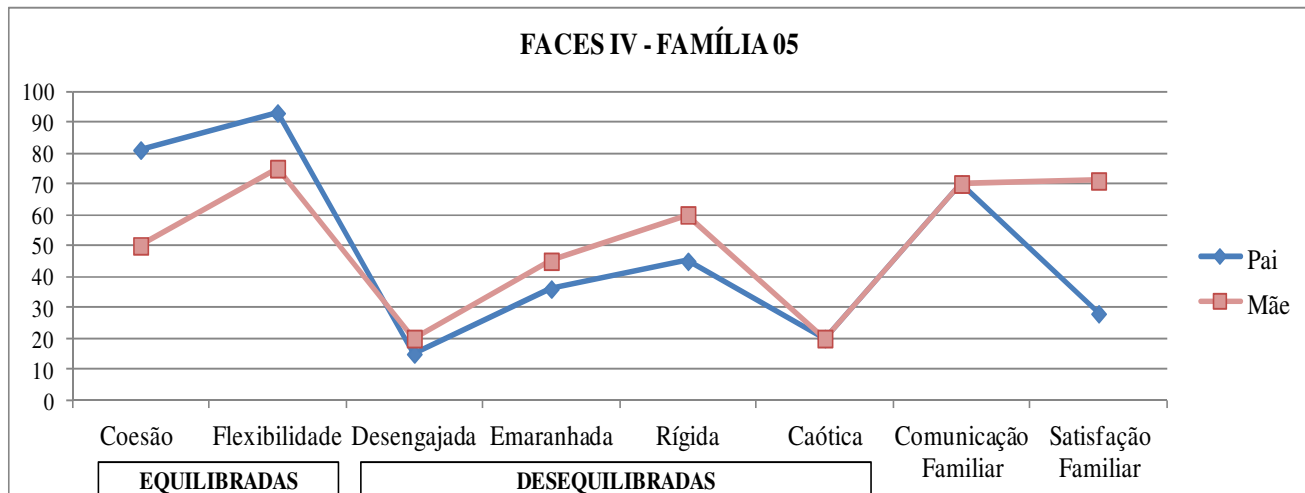


Figura 59. Gráfico dos escores de cada subscala transformado em percentil de acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006) – Família 05.

O tipo de funcionamento que mais se aproxima desta família segundo pai e mãe, é o *Rigidamente Coeso* (Tabela 16), caracterizado por uma proximidade alta entre os membros, razoável disposição a mudanças, altos índices de rigidez e entrelaçamento. Hipoteticamente, esta família funcionaria bem, dado o seu alto grau de proximidade. No entanto, eles podem ter dificuldade em fazer as alterações exigidas por mudanças situacionais ou de desenvolvimento devido à sua alta rigidez (Olson & Gorall, 2006).

Este padrão de funcionamento, em especial, o alto grau de proximidade entre os membros, se assemelha ao padrão referido pelo casal em suas famílias de origem.

Tabela 16

Aproximação do Tipo de Família Segundo Escores das Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circumplexo – Família 05

| FAMÍLIA 05 | PAI | | MÃE | |
|-------------------------------|------|-------------------|------|-------------------|
| | Taxa | Tipo de Família | Taxa | Tipo de Família |
| Taxa de Coesão | 2,0 | Rigidamente Coeso | 1,5 | Rigidamente Coeso |
| Taxa de Flexibilidade | 1,72 | Equilibrado | 1,44 | Rigidamente Coeso |
| Taxa Total Circumplexo | 1,86 | Rigidamente Coeso | 1,47 | Rigidamente Coeso |

7.3.5.2 Lembranças Sobre Práticas Parentais (EMBU)

Tanto o pai quanto a mãe referem semelhança com relação ao cuidado recebido na infância e adolescência por seu pai e sua mãe (*Figura 60*). O pai indica que frequentemente sentia calor emocional nas práticas parentais tanto por parte do pai, quanto da mãe; que ocasionalmente sentia-se superprotegido por ambos, mas um pouco mais pelo pai; e que quase nunca se sentiu rejeitado pelo pai, mas se sentiu, ocasionalmente, pela mãe.

E os resultados da mãe indicam que ela, frequentemente, sentia calor emocional nas práticas parentais maternas e ocasionalmente nas paternas. Nunca se sentiu rejeitada e, quase que frequentemente, sentia-se superprotegida pela mãe. Com os dados da entrevista pode-se levantar a hipótese de que a maior frequência de lembranças de calor emocional e superproteção maternas podem se relacionar ao fato de que a maior parte do tempo de sua infância e adolescência, ela passou com

sua mãe (na casa da cidade), convivendo com o pai, de forma geral, apenas nos finais de semana.

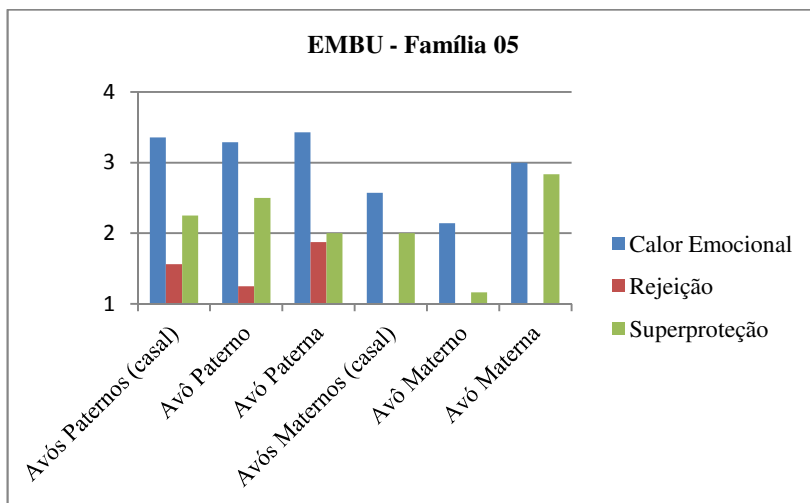


Figura 60. Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 05.

7.3.5.3 Estilos Parentais (QDEP)

Tanto na avaliação do pai quanto da mãe (sobre si e sobre o parceiro), o casal se utiliza do estilo democrático-recíproco na maior parte das vezes no seu contato com a criança (Figura 61).

Em 75% das interações com a criança na auto-avaliação de cada um; e em aproximadamente, 88% na avaliação de um sobre o outro. Os demais estilos apresentam baixa frequência de uso, dentre eles os maiores dizem respeito ao uso do estilo permissivo pelo pai, segundo avaliação da mãe (em aproximadamente 38% das interações dele com a criança); e estilo autoritário materno, na sua auto-avaliação, também, aproximadamente, em 38% das suas interações com a criança.

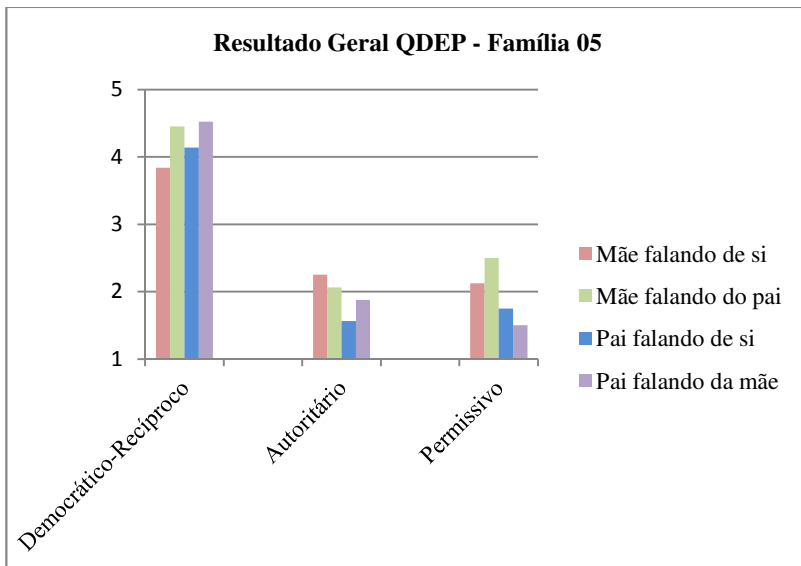


Figura 61. Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 05.

Dentro do estilo democrático-recíproco, referido por ambos, todas as dimensões aparecem com pontuações elevadas – indicando seu uso frequente. Apenas o fator participação democrática aparece com escore menor, que a mãe refere utilizar “menos da metade das vezes”.

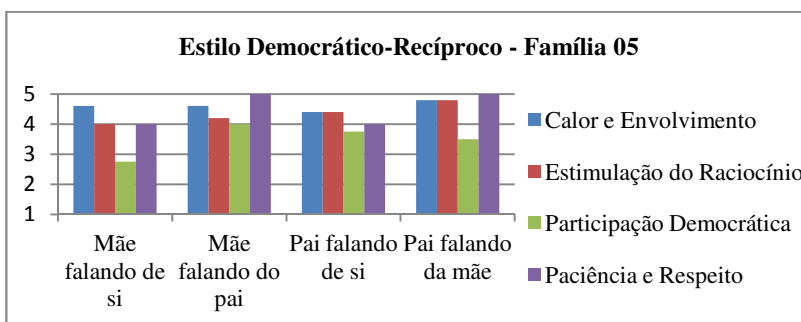


Figura 62. Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 05.

Mais uma vez cabe observar que no estilo autoritário, utilizado pela mãe (em 38% das interações com a criança, na auto-avaliação e

25% na avaliação do pai sobre ela) e pelo pai (em 13% na auto-avaliação e 25% na avaliação materna sobre o pai), a dimensão que se destaca é a diretividade excessiva (*Figura 63*).

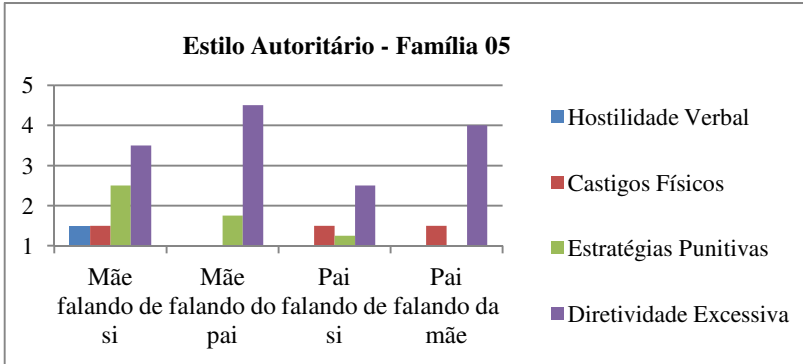


Figura 63. Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 05.

E dentro do estilo permissivo, cujo uso maior foi apontado pela mãe, referente ao esposo (em aproximadamente 38% das interações dele com a criança), destaca-se a falta de auto-confiança que está representada no questionário por um único item, o que torna sua avaliação susceptível a sub ou supervalorização (*Figura 64*).

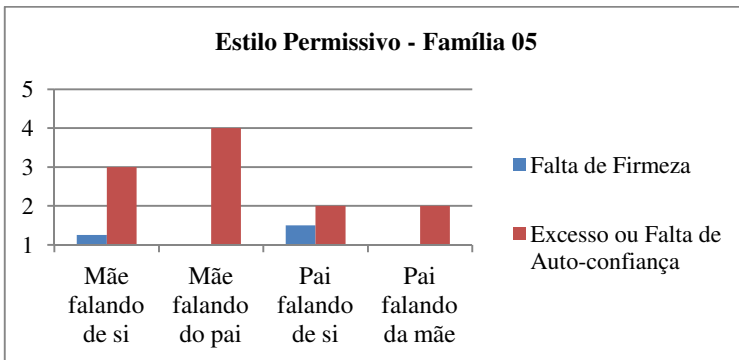


Figura 64. Histograma referente às dimensões do estilo permissivo (pais falando de si e do companheiro) – Família 05.

7.3.5.4 Relação Coparental (ERC)

O casal da família 05 avalia a sua relação coparental de forma semelhante e muito positiva. Apresentou escores elevados nas dimensões positivas de acordo, suporte e proximidade coparentais, e endossamento da parentalidade do parceiro; e escores baixos, praticamente todos nulos, nas dimensões negativas: sabotagem e exposição da criança ao conflito. Como em famílias anteriores, a discordância aparece no fator que avalia a satisfação com relação à divisão do trabalho: o pai avalia de forma muito positiva este fator (escore 5,5, em uma escala de 0 a 6); já a mãe se mostra bastante insatisfeita (escore 0,5) (Figura 65).

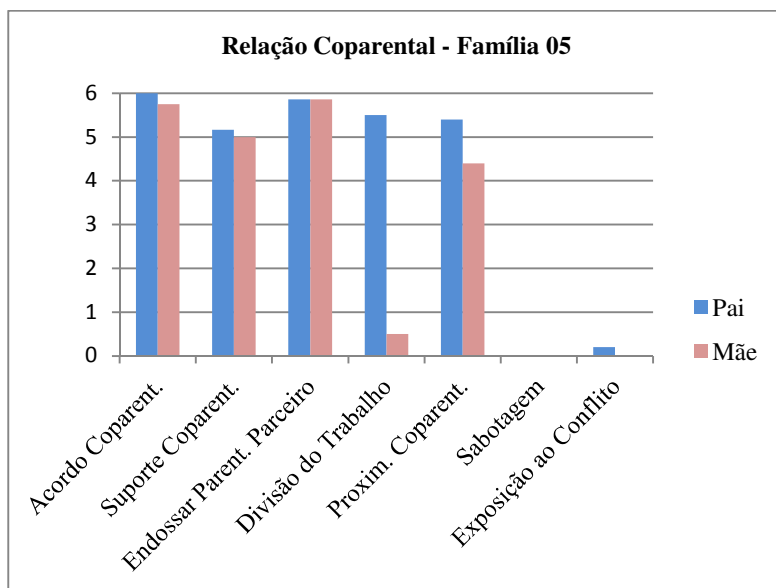


Figura 65. Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 05.

7.3.6 Família 06

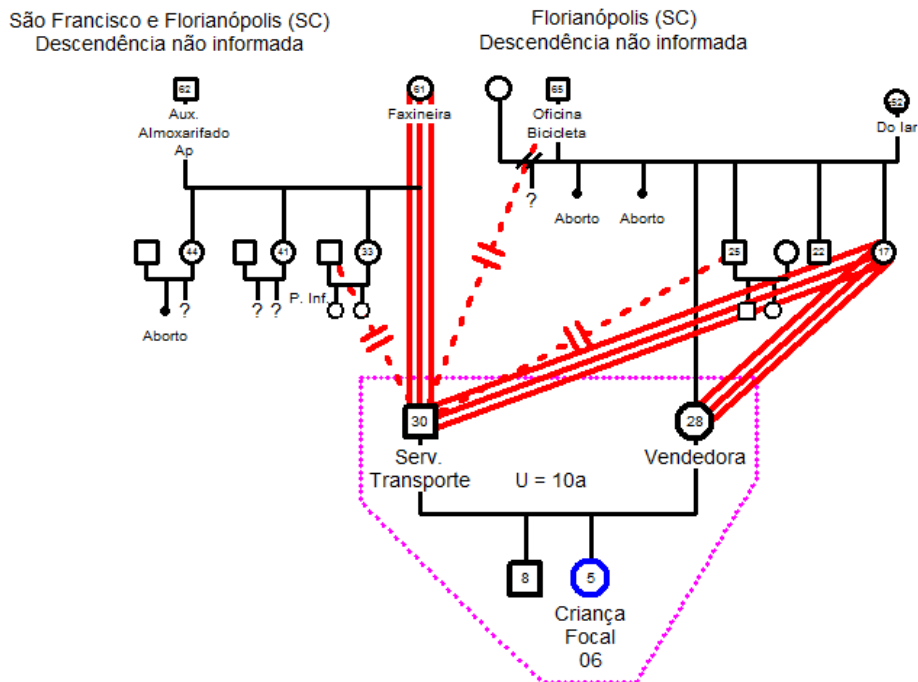


Figura 66. Genograma da família 06.

Nota: Legenda (Apêndice 03)

A família 06 é formada pelo pai, 30 anos, caçula de uma fratria de quatro; pela mãe, 28 anos, primogênita de uma fratria de quatro, com histórico familiar de dois abortos antes de seu nascimento; um filho de 8 anos de idade e a criança focal, uma menina, de 5 anos de idade.

Ambos referiram que, quando crianças, os pais costumavam concordar com a forma de criarem os filhos. O pai se lembra que seus pais se davam bem. A mãe relatou o problema do alcoolismo de sua mãe, desde a sua infância e que, em função dele, havia conflitos familiares e teve como referência mais próxima o seu pai, em função do alcoolismo da mãe, mas também porque ela trabalhava fora e seu pai tinha uma oficina, então os filhos ficavam mais com ele. Também em função do alcoolismo e das ausências maternas, a mãe relata que ficou muito próxima de sua irmã caçula, e até hoje elas mantêm esta proximidade (ela e o marido consideram esta irmã como filha deles). Apesar do problema com a bebida, refere que sempre teve bom relacionamento com a mãe.

Ambos referem que, de suas famílias de origem, procuram seguir o exemplo de companheirismo, de união e de incentivo à educação dos filhos. Enquanto casal, referem ter um bom relacionamento, e que quando há algum desentendimento, procuram conversar e evitam discutir na frente das crianças. Apesar de saberem que a filha percebe quando eles discutem entre si, não costumam conversar com a filha sobre o que aconteceu.

7.3.6.1 Coesão e Adaptabilidade Familiar (FACES)

O casal parental da família 06 apresenta uma percepção similar quanto ao funcionamento familiar (Tabela 17 e *Figura 67*). Algumas diferenças aparecem nos níveis de coesão: para a mãe o nível de coesão é maior (muito conectado) do que o percebido pelo pai (conectado). E a rigidez é maior na avaliação paterna (nível moderado) do que a percebida pela mãe (nível baixo).

Ambos avaliam a qualidade da comunicação familiar como muito boa (nível alto). Mas apresentam níveis menores com relação à satisfação familiar. Segundo o pai (nível moderado) os membros da família estão parcialmente satisfeitos e apreciam alguns aspectos da família. E para a mãe (nível baixo) os membros apresentam insatisfações e têm algumas preocupações com relação à família.

Tabela 17

Escores de Cada Subescala Transformado em Percentil e sua Respectiva Categorização de Acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006)- Família 06

| FAMÍLIA 06 | PAI | | MÃE | |
|----------------------|-----------|----------------|-----------|-----------------|
| | Percentil | Categoria | Percentil | Categoria |
| Coesão | 35 | Conectado | 69 | Muito conectado |
| Flexibilidade | 88 | Muito flexível | 75 | Muito flexível |
| Desengajada | 18 | Muito baixo | 20 | Muito baixo |
| Emaranhada | 36 | Baixo | 32 | Baixo |
| Rígida | 50 | Moderado | 32 | Baixo |
| Caótica | 20 | Muito baixo | 18 | Muito baixo |
| Comunicação | | | | |
| Familiar | 62 | Alto | 65 | Alto |
| Satisfação | | | | |
| Familiar | 40 | Moderado | 28 | Baixo |

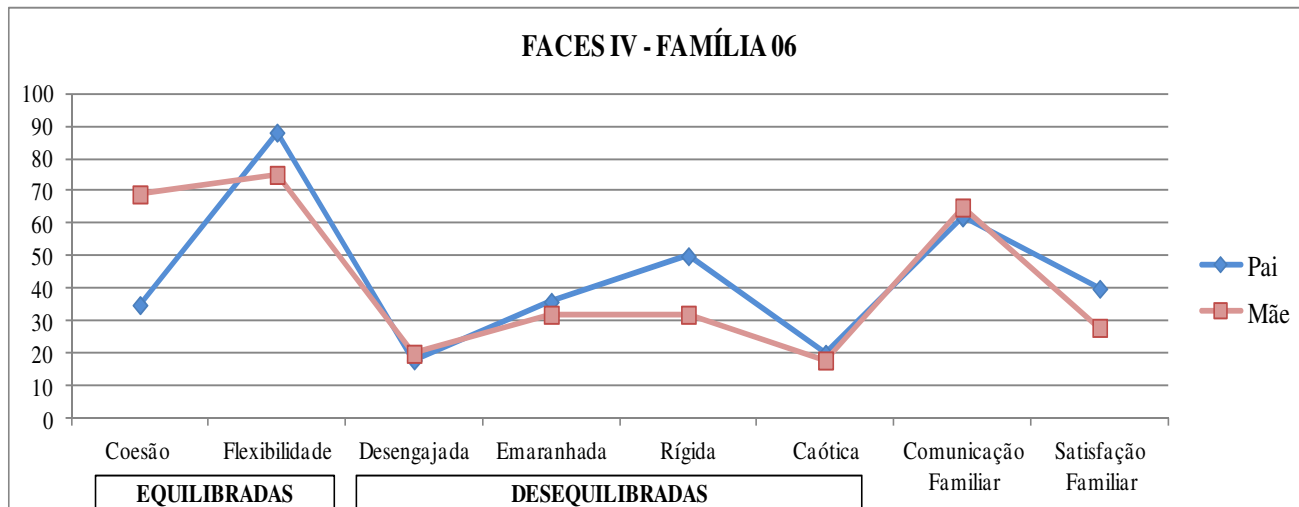


Figura 67. Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006) – Família 06.

De acordo com as Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circumplexo, o modelo de funcionamento da família 06, na visão do casal, aproxima-se do *Rigidamente Coeso* (Tabela 18).

Tabela 18

Aproximação do Tipo de Família Segundo Escores das Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circumplexo – Família 06

| FAMÍLIA 06 | PAI | | MÃE | |
|-------------------------------|------|-------------------|------|-------------------|
| | Taxa | Tipo de Família | Taxa | Tipo de Família |
| Taxa de Coesão | 1,52 | Rigidamente Coeso | 1,81 | Rigidamente Coeso |
| Taxa de Flexibilidade | 1,62 | Rigidamente Coeso | 1,81 | Equilibrado |
| Taxa Total Circumplexo | 1,57 | Rigidamente Coeso | 1,81 | Rigidamente Coeso |

7.3.6.2 Lembranças Sobre Práticas Parentais (EMBU)

De acordo com as lembranças sobre as práticas parentais recebidas na infância e adolescência, ambos avaliam de forma semelhante o seu pai e sua mãe (*Figura 68*). O pai sentia frequentemente que havia calor emocional nas práticas parentais recebidas e quase na mesma medida, sentia-se superprotegido. Quase nunca se sentiu rejeitado.

De forma semelhante, a mãe sentia, frequentemente, calor emocional nas práticas parentais, especialmente de sua mãe. Ocasionalmente se sentia superprotegida pelo pai e nunca se sentiu rejeitada.

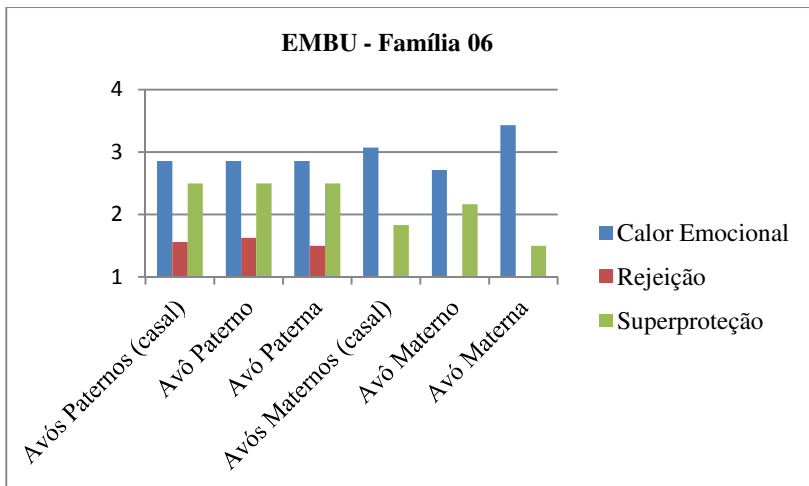


Figura 68. Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 06.

7.3.6.3 Estilos Parentais (QDEP)

De forma geral, na avaliação dos pais sobre os estilos parentais (sobre si e sobre o parceiro) ambos apresentam um estilo democrático-recíproco, embora os escores deste estilo não sejam altos (indicam, de forma geral, que na “metade das vezes” em que interagem com a criança, utilizam-se deste estilo), ou seja, em aproximadamente 63% das suas interações com a criança na avaliação de cada um a respeito de si mesmo; e em 50% das interações na avaliação de um sobre o outro.

O pai refere ainda uso ocasional (“algumas vezes”) do estilo autoritário, tanto por ele, quanto pela esposa (em aproximadamente 25% das interações). A mãe quase não faz referência ao estilo autoritário e não faz referência ao estilo permissivo (Figura 69).

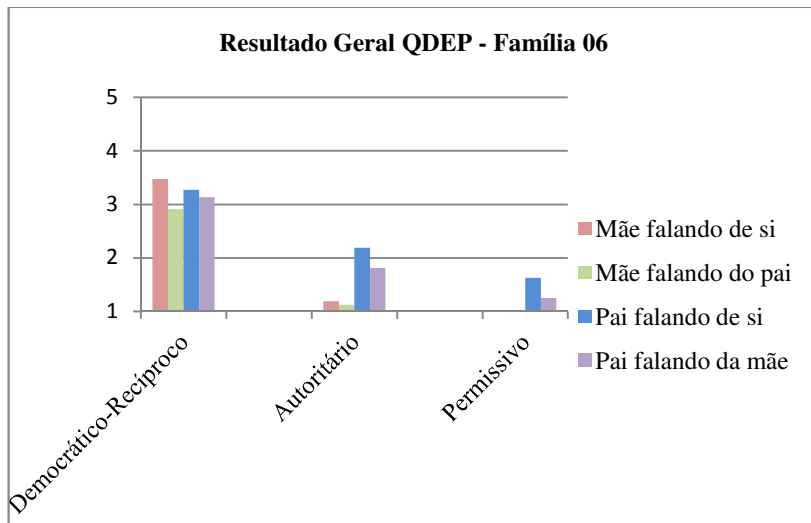


Figura 69. Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 06.

Dentro do estilo democrático-recíproco (Figura 70), utilizado na metade das vezes em que os pais interagem com a criança, destacam-se os fatores calor/envolvimento e estimulação do raciocínio. A participação democrática é pouco utilizada por ambos. E com relação ao fator paciência/respeito há uma discrepância entre a avaliação da mãe sobre si (escore alto = muitas vezes), e na avaliação do pai sobre a mãe (escore nulo).

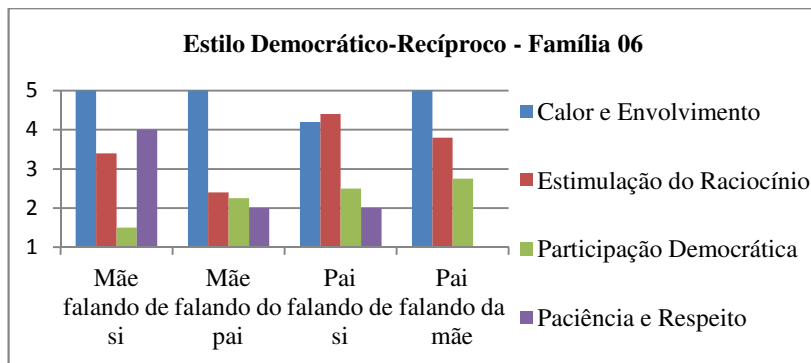


Figura 70. Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 06.

Com relação ao estilo autoritário, referido pelo pai como sendo utilizado algumas vezes por ele e pela esposa (25% das interações), assim como nas famílias anteriores, destaca-se apenas o fator diretividade excessiva (*Figura 71*).

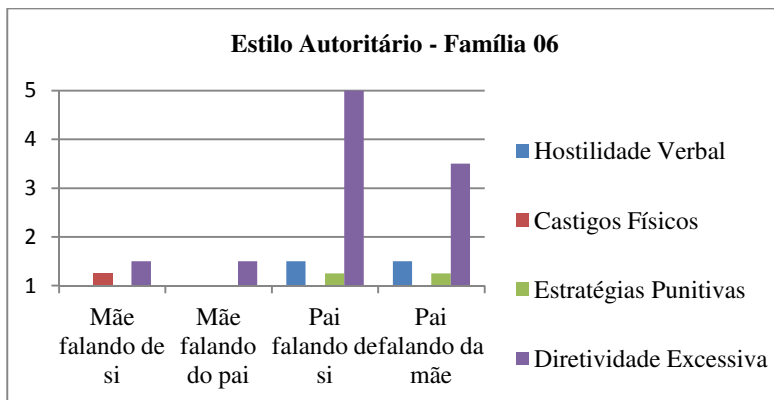


Figura 71. Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 06.

7.3.6.4 Relação Coparental (ERC)

A avaliação tanto do pai quanto da mãe é de que sua relação coparental é muito boa, com escores elevados para os fatores positivos (acordo, suporte e proximidade coparentais e endossamento da parentalidade do parceiro) e escores quase nulos para os fatores negativos (sabotagem coparental e exposição da criança ao conflito).

A única discrepância entre as respostas do casal apareceu no fator que avalia a satisfação com relação à divisão do trabalho das questões relacionadas à criança: o pai referiu se sentir insatisfeito (com escore 2, em uma escala de 0 a 6), em contrapartida a mãe referiu sua satisfação com a pontuação máxima neste fator.

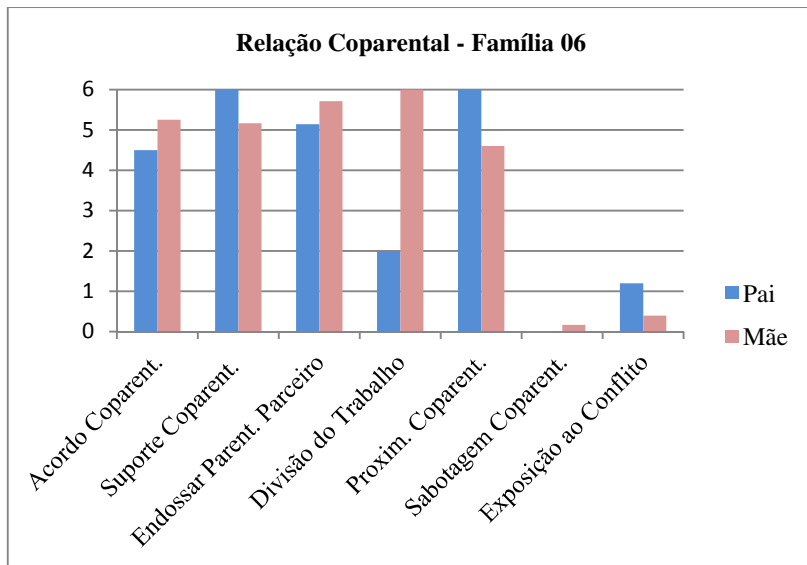


Figura 72. Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 06.

7.3.7 Família 07

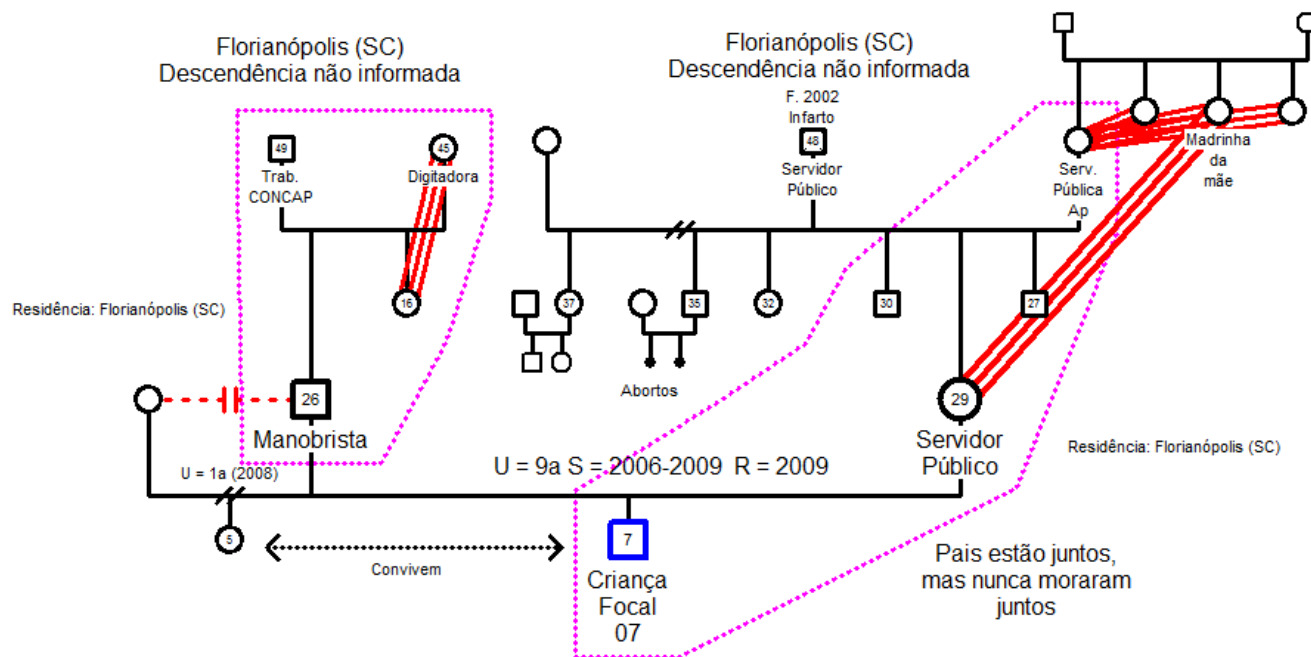


Figura 73. Genograma da família 07.

Nota: Legenda (Apêndice 03)

A família 07 formada pelo pai, 26 anos, primogênito de uma fratria de dois; pela mãe, 29 anos, filha de meio (é a quinta de uma fratria de seis – sendo os 3 primeiros irmãos apenas por parte de pai e os outros dois por parte de pai e mãe); e a criança focal, menino, 7 anos de idade, filho único nesta relação. O pai tem uma filha de 5 anos de idade, de outro relacionamento.

Esta família tem uma particularidade quanto a sua configuração. O casal considera que eles e a criança focal formam uma família nuclear, embora não residam na mesma casa. A mãe e a criança focal moram com a avó materna e os dois tios da criança (30 e 27 anos). Já o pai reside com sua família de origem: seus pais e sua irmã (16 anos).

O tempo total de união do casal é de nove anos, contudo, por quase três anos eles ficaram separados, voltando a ficar juntos há quatro anos. Consideram-se uma família nuclear em função da convivência diária e por sentir que *agem como uma família* em tudo o que fazem.

O pai refere não se dar bem com a mãe de sua filha de 5 anos, eles tiveram um rompimento na relação e não se falam. Mas tanto ele, quanto a criança focal e a mãe desta convivem e referem se ter *ótimo relacionamento* com a menina. Estão juntos praticamente todos os finais de semana.

Ambos referem que seus pais costumavam concordar entre si na forma de educar os filhos e que hoje, na sua relação com a criança focal, eles procuram manter os valores recebidos de seus pais, sobretudo com relação ao incentivo ao estudo. Em situações de conflito parental, quando crianças, lembram-se de ficar de castigo e referem utilizar-se de castigos com o filho atualmente.

Quanto à relação de casal, referem que seus pais se davam bem, não se recordam de conflitos e acreditam que eles, entre si, enquanto casal, brigam e discutem mais do que seus pais o faziam. Dentre alguns motivos que os levam a ter conflitos, a mãe refere ser *autoritária ... Eu me altero, já falo alto. Eu sou às vezes muito explosiva, não consigo me controlar, entendeu? (...)* Às vezes porque eu não quero que ele vá em tal lugar (...) E ele briga comigo porque diz que eu sou muito neurótica por limpeza.

O casal afirma que algumas vezes discordam entre si forma de educar o filho, mas procuram não desautorizar um ao outro na frente do filho, reconhecem que já fizeram isso e que não foi bom. Em geral, dizem que o filho não presencia discussões entre eles, mas que a criança percebe e faz perguntas, contudo, eles não costumam conversar com a criança sobre o que se passou.

7.3.7.1 Coesão e Adaptabilidade Familiar (FACES)

A percepção do funcionamento familiar do casal (Tabela 19 e Figura 74) aponta para um funcionamento saudável, com escores altos nas escalas equilibradas e baixos nas escalas desequilibradas, exceto o nível de rigidez que se mostra moderado, segundo avaliação do pai. Quanto à qualidade da comunicação familiar, ambos referem que os membros da família, em geral, sentem-se bem com relação à comunicação, mas têm algumas preocupações (nível moderado). A satisfação familiar também se mostrou moderada, para o pai, no sentido de que os membros da família têm alguma satisfação e apreciam alguns aspectos da família. Já para a mãe a satisfação apareceu como baixa. Para ela, os membros estão um pouco insatisfeitos e têm algumas preocupações sobre a família.

Tabela 19

Escores de Cada Subescala Transformado em Percentil e sua Respectiva Categorização de Acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006)- Família 07

| FAMÍLIA 07 | PAI | | MÃE | |
|-----------------------------|-----------|----------------|-----------|-------------|
| | Percentil | Categoria | Percentil | Categoria |
| Coesão | 50 | Conectado | 60 | Conectado |
| Flexibilidade | 83 | Muito flexível | 45 | Flexível |
| Desengajada | 32 | Baixo | 20 | Muito baixo |
| Emaranhada | 30 | Baixo | 32 | Baixo |
| Rígida | 55 | Moderado | 30 | Baixo |
| Caótica | 26 | Muito baixo | 32 | Baixo |
| Comunicação Familiar | 44 | Moderado | 50 | Moderado |
| Satisfação Familiar | 45 | Moderado | 25 | Baixo |

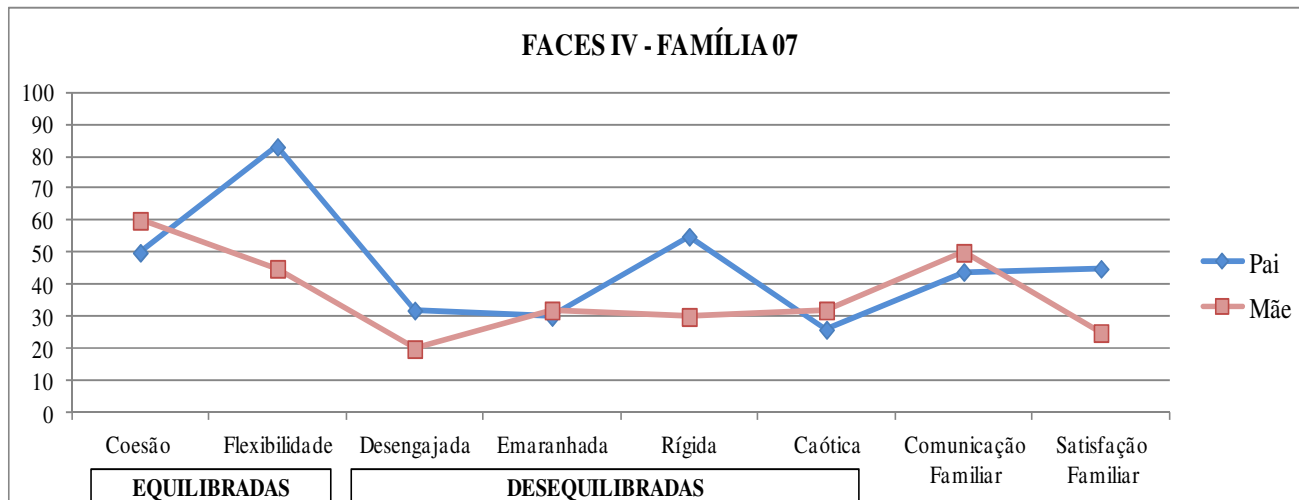


Figura 74. Gráfico dos escores de cada subscala transformado em percentil de acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006) – Família 07.

O tipo de funcionamento que mais se aproxima desta família segundo pai e mãe, é o *Rigidamente Coeso* (Tabela 20), caracterizado por uma proximidade alta entre os membros, razoável disposição a mudanças, altos índices de rigidez e entrelaçamento (Olson & Gorall, 2006).

Tabela 20

Aproximação do Tipo de Família Segundo Escores das Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circumplexo - Família 07

| FAMÍLIA 07 | PAI | | MÃE | |
|-------------------------------|------|-------------------|------|-------------------|
| | Taxa | Tipo de Família | Taxa | Tipo de Família |
| Taxa de Coesão | 1,54 | Rigidamente Coeso | 1,75 | Rigidamente Coeso |
| Taxa de Flexibilidade | 1,45 | Rigidamente Coeso | 1,26 | Rigidamente Coeso |
| Taxa Total Circumplexo | 1,5 | Rigidamente Coeso | 1,51 | Rigidamente Coeso |

7.3.7.2 Lembranças Sobre Práticas Parentais (EMBU)

As lembranças com relação às práticas parentais recebidas ao longo da infância e adolescência do pai e da mãe mostraram semelhanças com relação aos cuidados paternos e maternos. E entre eles, cada um falando de seus pais, as respostas também foram semelhantes (*Figura 75*).

Ambos referem predomínio do calor emocional nas práticas parentais recebidas tanto pelo pai quanto pela mãe: o pai frequentemente; e a mãe quase que a maior parte do tempo. Quase nunca se sentiram rejeitados e, ocasionalmente, o pai se sentiu superprotegido pelo seu pai e ainda um pouco mais pela sua mãe. E a mãe refere ter se sentido superprotegida ocasionalmente por sua mãe e frequentemente pelo seu pai.

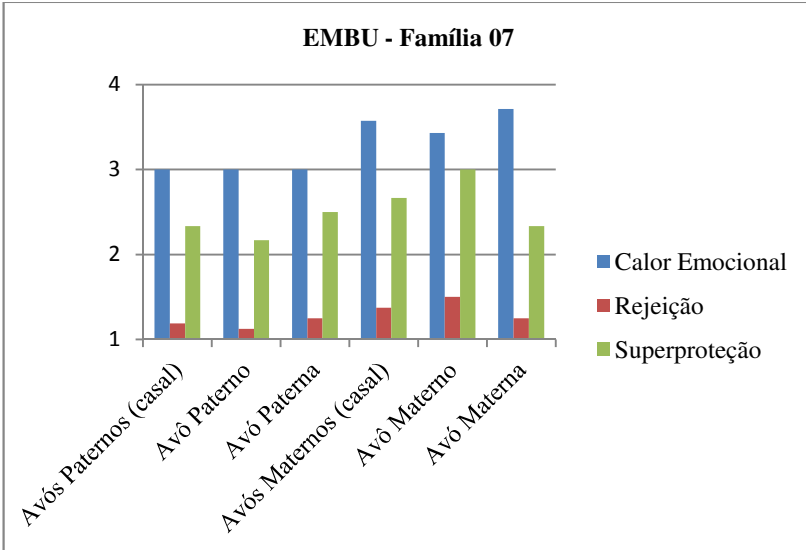


Figura 75. Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 07.

7.3.7.3 Estilos Parentais (QDEP)

De acordo com a *Figura 76*, segundo a mãe, tanto ela quanto o companheiro se utilizam muitas vezes do estilo democrático-recíproco com o filho (em aproximadamente 75% das suas interações com a criança). O pai também faz referência a este estilo, mas numa frequência um pouco menor (de que ele se utiliza na metade das vezes e sua esposa em aproximadamente 63% das interações).

A mãe refere ainda que se utilizam do estilo autoritário na metade das vezes (50%), tanto ela quanto o parceiro. Na visão do pai, este estilo é utilizado por eles algumas vezes (em 25% das interações). Quanto ao estilo permissivo, a mãe referiu utilizar-se dele algumas vezes com o filho (em 25% das interações), e que seu companheiro, nunca. O pai também quase não fez referência ao estilo permissivo, tanto em si, quanto na companheira.

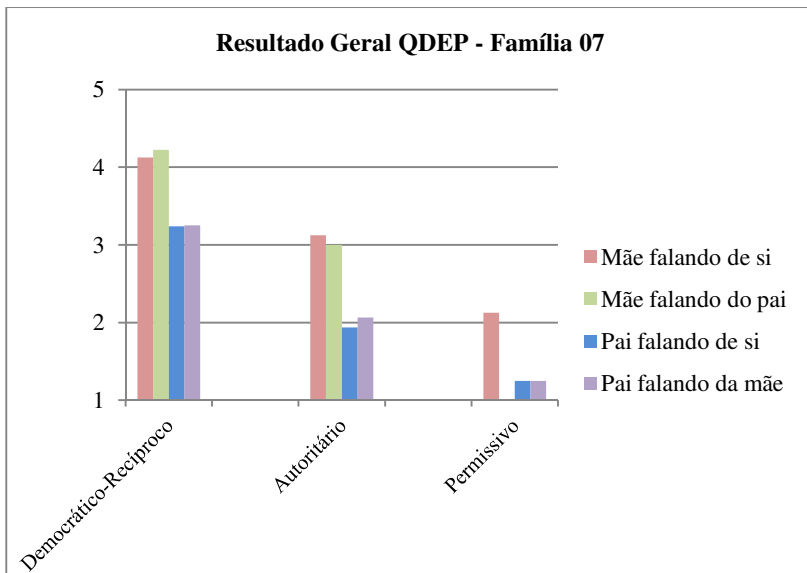


Figura 76. Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 07.

A Figura 77 mostra que, dentro do estilo democrático-recíproco utilizado muitas vezes com o filho, na avaliação materna, e a metade das vezes, na avaliação paterna, destaca-se a presença do calor/envolvimento e da estimulação do raciocínio. Na avaliação da mãe, sobre si e sobre o estilo do pai, todos os fatores obtiveram escores altos, exceto no fator participação democrática no estilo paterno.

Já na avaliação do pai, sobre si e sobre o estilo da mãe, destaca-se a presença dos fatores calor/envolvimento e estimulação do raciocínio. A participação democrática e paciência e respeito mostram-se pouco utilizados.

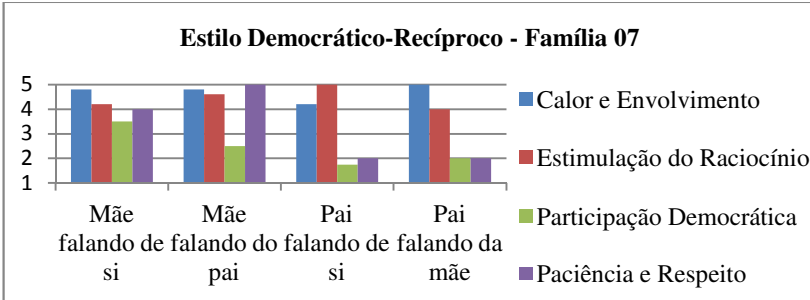


Figura 77. Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 07.

Mais uma vez, dentro do estilo autoritário, utilizado, segundo a mãe, na metade das vezes das interações dela e do parceiro com a criança, destaca-se o fator diretividade excessiva.

Há ainda, uma referência do pai sobre a mãe quanto ao uso da hostilidade verbal, na metade das vezes em que ela se utiliza do estilo autoritário. Esta referência corrobora os dados da entrevista em que a própria mãe se descreve como uma *pessoa explosiva* e que *fala alto*, inclusive com a criança, fator que ela mencionou que gostaria de melhorar na sua relação com o filho.

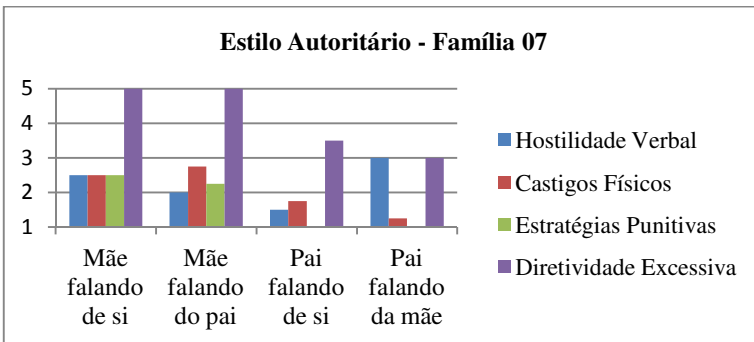


Figura 78. Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 07.

7.3.7.4 Relação Coparental (ERC)

Conforme Figura 79, o casal apresenta uma boa relação coparental, com escores acima da média para os fatores positivos (acordo coparental; suporte coparental; endossar a parentalidade do

parceiro; proximidade coparental), sendo a percepção da mãe nestes fatores, mais positiva que a do pai (com escores mais elevados). E escores reduzidos para os fatores negativos (nulo para sabotagem coparental e 0,8 para exposição ao conflito).

Como em outras famílias, destaca-se a diferença de percepção entre o pai e a mãe com relação ao fator **divisão do trabalho**. O pai acredita que há uma boa divisão do trabalho entre o casal relativo às questões da criança (escore máximo neste fator: 6), e a mãe se mostra moderadamente satisfeita (escore 3,5).

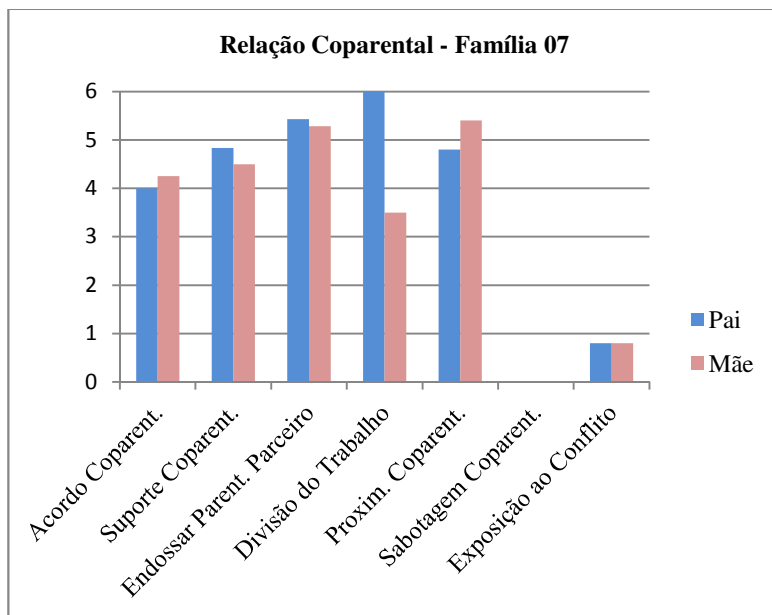


Figura 79. Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 07.

7.3.8 Família 08

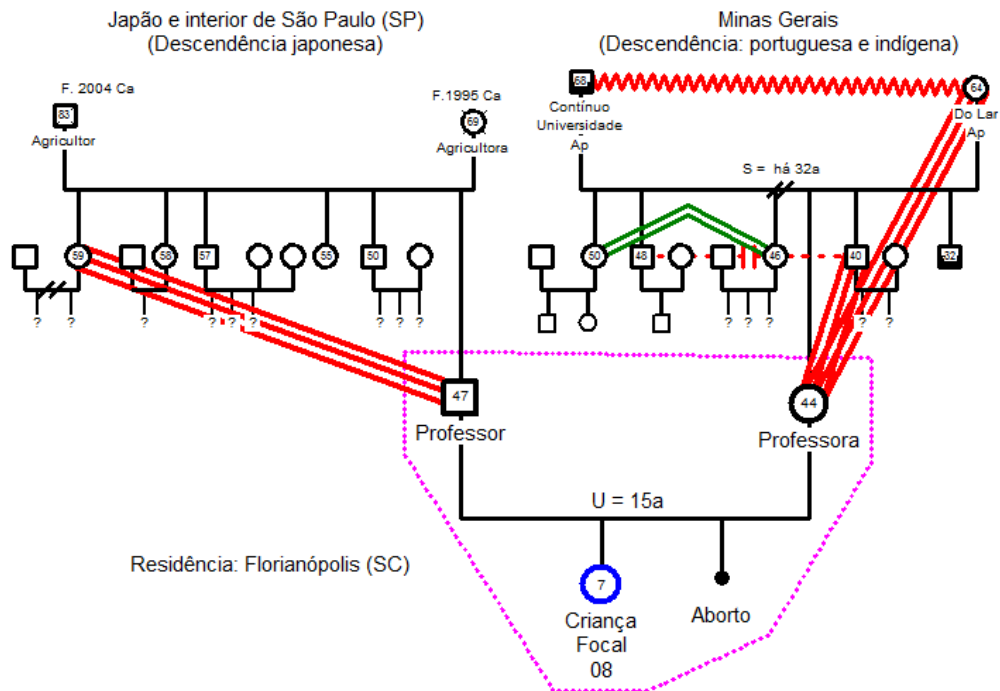


Figura 80. Genograma da família 08.

Nota: Legenda (Apêndice 03)

A família 08 é formada pelo pai, 47 anos, caçula de uma fratria de seis; pela mãe, 44 anos, filha do meio (quarta de uma fratria de seis) e a criança focal, menina, 7 anos de idade, filha única (a mãe teve um aborto na segunda gestação). O tempo de união do casal é de quinze anos.

Na família materna há histórico de alcoolismo. A mãe relatou que seu pai sempre foi alcoolista, bebia muito, diariamente, o que implicava em muitos conflitos familiares com recorrentes agressões físicas. Seu pai ficava violento e batia na esposa e nos filhos – que tentavam proteger a mãe. Além disso, o pai não trabalhava e a mãe tinha muita dificuldade para manter o sustento da casa, chegaram a passar fome. Quando a mãe tinha doze anos de idade, seus pais se separaram. Sempre procurou manter contato com o pai, visitava-o e preparava alguma refeição para ele. Ainda hoje, visita-o, mas não sente ter uma relação próxima com ele. Sente-se muito ligada emocionalmente com sua mãe e um de seus irmãos (o de 40 anos de idade). Seu irmão caçula (32 anos) também tem problemas com uso abusivo de álcool, é solteiro e mora com a mãe deles.

O pai se lembra que, ao longo de sua infância, seus pais costumavam se dar bem. Os conflitos que ele e os irmãos presenciavam eram em função do uso de cigarros pelo seu pai, que a mãe não aceitava, ou quando enfrentavam dificuldades na agricultura (meio de subsistência da família). Em geral, não havia conversa sobre os conflitos, tanto conjugais, como entre pais e filhos. Quando havia algum desentendimento as pessoas envolvidas ficavam sem se falar por até dois meses.

Ao serem questionados se trazem consigo, na sua relação de casal, algo de seus pais como modelo, ambos referiram que procuram manter as coisas boas e modificar as ruins. O pai ressaltou o valor que os seus pais atribuíam ao compromisso do matrimônio e o incentivo deles para que os filhos estudassem. A mãe destacou o carinho que sempre recebeu da sua mãe e a dedicação dela para a família, até mesmo com o marido, com todas as dificuldades que enfrentava com ele: *ela tinha o cuidado sabe, de ele chegar e ter o almoço pra ele*. Quanto aos aspectos que procuram *fazer diferente*, ambos referiram ter mais diálogo em família. Enquanto casal, procuram sempre conversar, seja para resolver desacordos ou tomar decisões cotidianas. E como pais, também destacam o diálogo, a importância de explicar à filha os motivos de alguns comportamentos serem errados.

7.3.8.1 Coesão e Adaptabilidade Familiar (FACES)

O casal da família 08 indica um funcionamento familiar saudável, com algumas divergências de percepção quanto a alguns aspectos. O funcionamento saudável se evidencia pelos escores elevados nas escalas equilibradas e baixos nas escalas desequilibradas, exceto no nível de rigidez, na avaliação do pai (alto) e de emaranhamento, na avaliação da mãe (moderado) (Tabela 21 e Figura 81).

Tabela 21

Escores de Cada Subescala Transformado em Percentil e sua Respectiva Categorização de Acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006)- Família 08

| FAMÍLIA 08 | PAI | | MÃE | |
|-----------------------------|-----------|-----------------|-----------|-----------------|
| | Percentil | Categoria | Percentil | Categoria |
| Coesão | 99 | Muito conectado | 76 | Muito conectado |
| Flexibilidade | 88 | Muito flexível | 55 | Flexível |
| Desengajada | 10 | Muito baixo | 18 | Muito baixo |
| Emananhada | 30 | Baixo | 45 | Moderado |
| Rígida | 68 | Alto | 36 | Baixo |
| Caótica | 12 | Muito baixo | 20 | Muito baixo |
| Comunicação Familiar | 88 | Muito alto | 62 | Alto |
| Satisfação Familiar | 75 | Alto | 51 | Moderado |

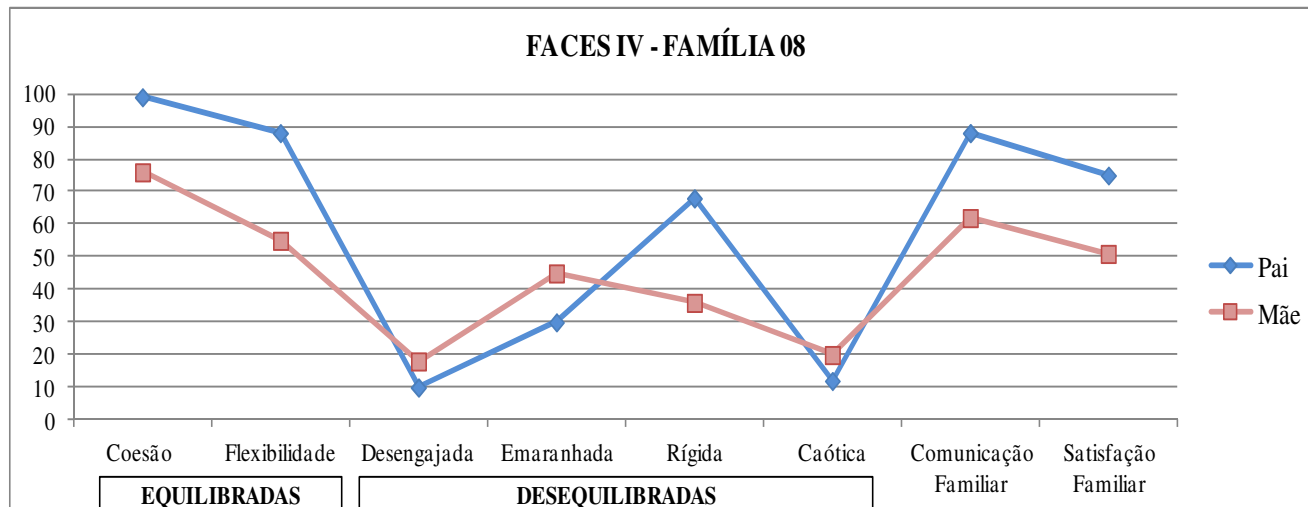


Figura 81. Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006) – Família 08.

De acordo com as Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circumplexo, o funcionamento desta família, na avaliação do pai, aproxima-se do tipo *Equilibrado* e, na avaliação da mãe, do tipo *Rigidamente Coeso* (Tabela 22).

Ambos funcionamentos são saudáveis. As famílias de funcionamento *Equilibrado* são hipoteticamente capazes de lidar melhor com os estressores da vida diária e as tensões relacionais de mudanças na família ao longo do tempo. E as *Rigidamente Coesas*, também funcionam bem, dado seu alto grau de proximidade, mas podem ter dificuldades em fazer as alterações exigidas por mudanças situacionais ou de desenvolvimento devido à sua rigidez (Olson & Gorall, 2006).

Tabela 22

Aproximação do Tipo de Família Segundo Escores das Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circumplexo – Família 08

| FAMÍLIA 08 | PAI | | MÃE | |
|-------------------------------|------|-----------------|------|-------------------|
| | Taxa | Tipo de Família | Taxa | Tipo de Família |
| Taxa de Coesão | 2,92 | Equilibrado | 1,71 | Rigidamente Coeso |
| Taxa de Flexibilidade | 1,71 | Equilibrado | 1,41 | Rigidamente Coeso |
| Taxa Total Circumplexo | 2,32 | Equilibrado | 1,56 | Rigidamente Coeso |

7.3.8.2 Lembranças Sobre Práticas Parentais (EMBU)

Diferente dos casais das famílias anteriores, não há um predomínio evidente com relação às dimensões das práticas parentais recebidas na infância e adolescência.

Conforme *Figura 82*, o pai refere que, frequentemente, sentia calor emocional (escore 3) e, na mesma medida, também se sentia superprotegido (3) pela sua mãe. Com relação ao seu pai sentia também estas duas dimensões, mas em uma frequência um pouco menor (2,6 e 2,5). O pai referiu ainda sentir-se rejeitado ocasionalmente por seu pai (2), e quase nunca pela mãe (1,5).

Já a mãe, refere percepção idêntica entre seu pai e sua mãe, indicando escores médios para todas as dimensões. Quer dizer, ocasionalmente sentia calor emocional (2,3) e superproteção (2,3) de

ambos os pais e com uma frequência um pouco maior (2,5), sentia-se rejeitada por ambos.

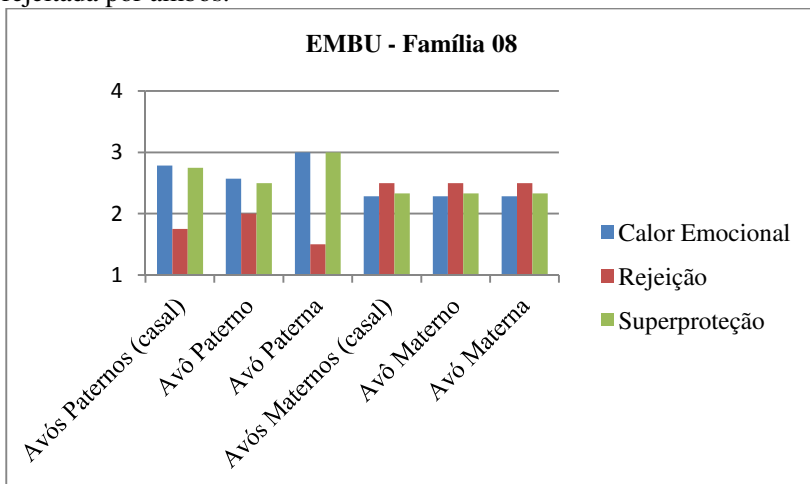


Figura 82. Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 08.

7.3.8.3 Estilos Parentais (QDEP)

Na avaliação do estilo parental atual, tanto na auto-avaliação, quanto na avaliação do companheiro, ambos referem predomínio do uso do estilo democrático-recíproco (Figura 83). Utilizado pela mãe em, aproximadamente, 88% das suas interações com a criança, tanto na sua auto-avaliação como na avaliação do pai a respeito dela; e em quase 100% das interações paternas, segundo auto-avaliação e 75% das suas interações segundo avaliação da mãe sobre ele.

Ambos referem uso ocasional do estilo autoritário (por ambos em, aproximadamente, 38% das interações). E quanto ao estilo permissivo, ao pai foi atribuído a menor pontuação (tanto por si mesmo, 25%; como pela esposa, 13%), indicando que ele apenas algumas vezes apresenta fatores deste estilo. E à mãe foi atribuída pontuação um pouco maior (ela acredita que na metade das vezes se utiliza do estilo permissivo, o pai indica que ela apresenta algumas vezes este estilo: 25%).

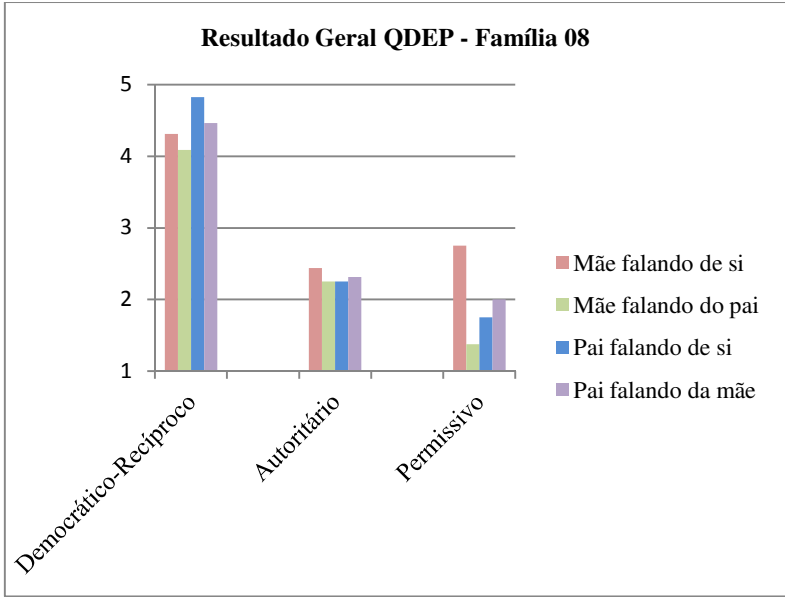


Figura 83. Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 08.

Dentro do estilo democrático-recíproco, predominate na interação do casal com a filha, destacam-se os escores elevados para todos os fatores, indicando o uso de um estilo democrático consistente. Ou seja, os pais mostram valorizar e colocar em prática todas as dimensões do estilo: calor/envolvimento; a estimulação ao raciocínio; a participação democrática e a paciência/respeito (Figura 84).

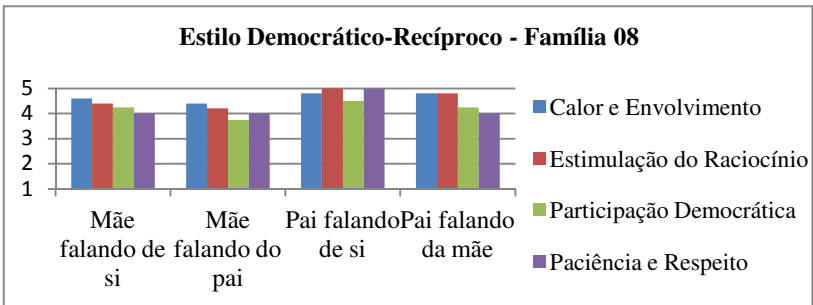


Figura 84. Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 08.

Quanto ao estilo autoritário, utilizado pelo casal em aproximadamente 38% das suas interações com a filha, destaca-se o predomínio da diretividade excessiva, sobre todos os demais fatores (*Figura 85*).

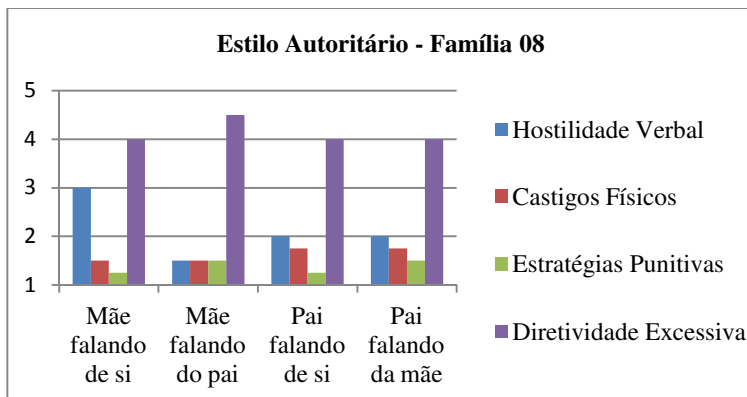


Figura 85. Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 08.

7.3.8.4 Relação Coparental (ERC)

O casal apresenta uma boa relação coparental, com escores elevados para os fatores positivos (acordo coparental; suporte coparental; endossar a parentalidade do parceiro; proximidade coparental). E escores reduzidos (quase nulos) para os fatores negativos (sabotagem coparental e exposição ao conflito) (*Figura 86*).

Como em outras famílias, a diferença de percepção apareceu apenas no fator referente à satisfação quanto à divisão do trabalho. Nesta família, a satisfação maior é da mãe. A mãe acredita que há uma boa divisão entre o casal do trabalho relativo às questões da criança (escore máximo neste fator: 6), já o pai avalia este fator com escore baixo (2,5).

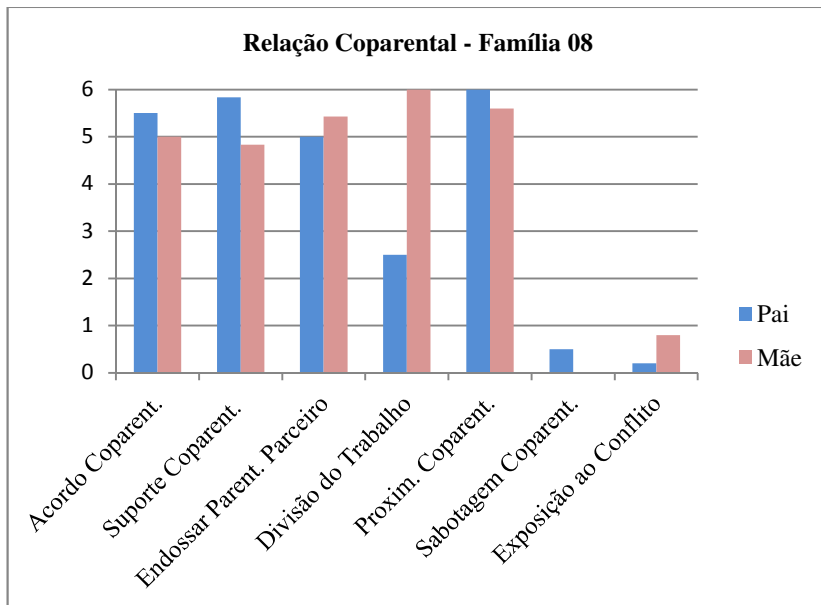


Figura 86. Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 08.

7.3.9 Família 09

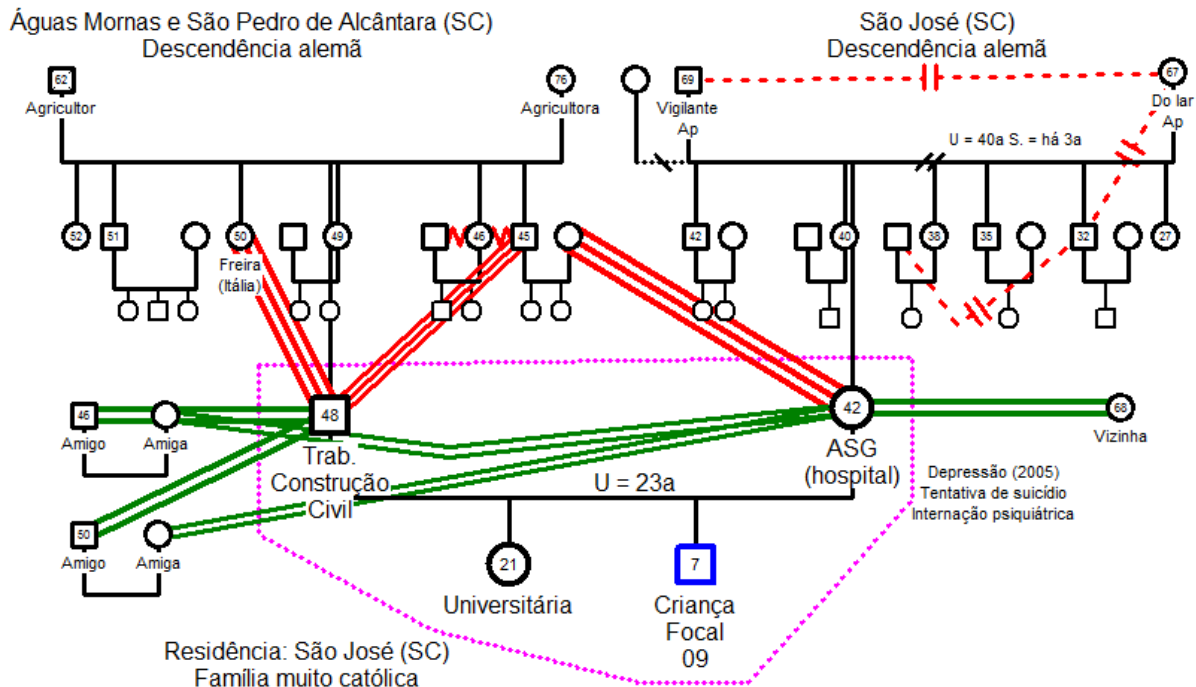


Figura 87. Genograma da família 09.

Nota: Legenda (Apêndice 03)

A família 09 é formada pelo pai, 48 anos, filho do meio (quinto de uma fratria de sete); pela mãe, 42 anos, segunda filha de uma fratria de sete. O casal está junto há 23 anos e têm uma filha de 21 anos e um filho, a criança focal, de 7 anos de idade.

A mãe relatou que desde a infância lembra-se que seus pais não se davam bem. Havia muitos conflitos entre eles, não chegavam a se agredir fisicamente, mas discutiam muito, com ofensas mútuas.

Em geral, os pais referem que seus pais concordavam entre si na forma de educá-los quando criança. O pai, em seu relato, faz comparações entre a relação pais-filhos na época de sua infância e hoje. Ressalta que ele e os irmãos, desde muito cedo, trabalhavam para ajudar no sustento da família. Suas irmãs, aos 13 ou 14 anos de idade, já saíam de casa para trabalhar como empregada doméstica em casas de família; sua esposa também trabalhou de empregada, quando menina. E que hoje, a relação é diferente: *Hoje a gente ajuda os filhos, naquela época os filhos ajudavam os pais. (...) E brincar também... o meu pai e minha mãe nunca brincavam, vamos dizer assim, e hoje a gente pode brincar com eles.*

Os conflitos entre pais e filhos, relatados por ambos, eram resolvidos com repreensões e castigos físicos: *a gente apanhava e muito, nossa... (mãe). Por exemplo, a gente brincava de estilingue né, aí de repente acertava uma galinha no pescoço e matava a galinha... às vezes a mãe pegava a varinha, aí saía coçando a bunda um pouco (pai).*

Neste contexto, a mãe refere que a educação naquela época era *rígida demais*. O pai pondera dizendo que não julga, nem tem mágoa dos pais pela forma com que foi educado:

eu boto cada tempo no seu tempo (...) Eu acho que na época fazia parte disso aí, a educação exigia isso. Hoje em dia, tá assim né, a gente tenta educar da melhor forma possível mas o mundo lá fora tá difícil. Naquela época, eu acho que era mais fácil de educar os filhos...Eu me lembro lá no sítio, a gente corria tudo junto, irmãos, e era isso. E a educação lá era mais fácil: dava um sinal, um olhar atravessado pra uns e já sabia tudo o que significava. Hoje não, hoje nesse sentido já é mais difícil, mais complicado.

Atualmente, ambos referem manter, na sua relação de casal e enquanto pais, os valores da honestidade e da fé de suas famílias de origem: *a fé, a oração, na família... É uma coisa assim que procuramos*

muito seguir adiante e passar pros filhos também. E que procuram educar os filhos com mais diálogo, sem utilizar os castigos físicos que receberam.

7.3.9.1 Coesão e Adaptabilidade Familiar (FACES)

Quanto ao funcionamento da família, o casal apresenta uma percepção similar (Tabela 23 e *Figura 88*), caracterizado por altos índices de coesão e flexibilidade; baixos índices de funcionamento desengajado e emaranhado e índices moderados de funcionamento caótico e de rigidez.

Com relação à qualidade da comunicação familiar, ambos acreditam que, em geral, os membros da família se sentem bem quanto à comunicação, mas têm algumas preocupações (índice moderado). E ambos referem índice muito baixo de satisfação familiar, ou seja, que os membros da família estão muito insatisfeitos e têm preocupações com relação à família.

Tabela 23

Escores de Cada Subescala Transformado em Percentil e sua Respectiva Categorização de Acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006)- Família 09

| FAMÍLIA 09 | PAI | | MÃE | |
|-----------------------------|-----------|----------------|-----------|-----------------|
| | Percentil | Categoria | Percentil | Categoria |
| Coesão | 60 | Conectado | 69 | Muito conectado |
| Flexibilidade | 75 | Muito flexível | 70 | Muito flexível |
| Desengajada | 24 | Muito baixo | 20 | Muito baixo |
| Emaranhada | 34 | Baixo | 30 | Baixo |
| Rígida | 55 | Moderado | 34 | Baixo |
| Caótica | 60 | Moderado | 45 | Moderado |
| Comunicação Familiar | 40 | Moderado | 50 | Moderado |
| Satisfação Familiar | 12 | Muito baixo | 15 | Muito baixo |

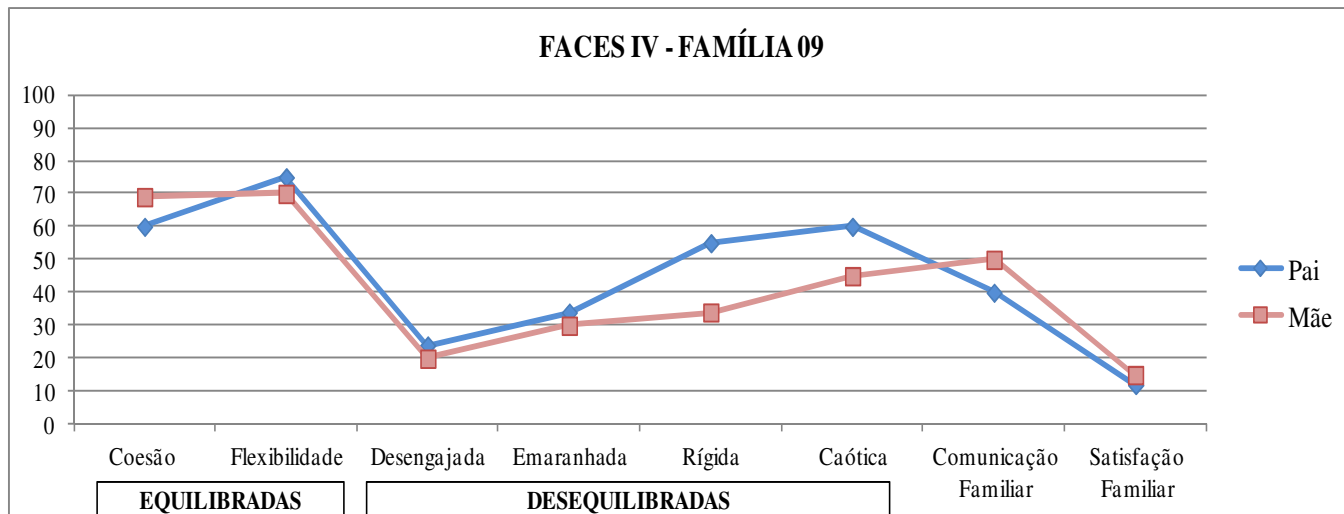


Figura 88. Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006) – Família 09.

As Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circumplexo (Tabela 24) aproximam-se bastante do funcionamento *Rigidamente Coeso* (mais do que as famílias anteriores que, por aproximação de escores, também foram classificadas neste tipo de funcionamento). De forma geral, o funcionamento desta família se mostra saudável (todas as taxas são acima de um). O que pode trazer dificuldade para esta família, em lidar com mudanças situacionais ou de desenvolvimento, são os índices moderados de rigidez e funcionamento caótico.

Tabela 24

Aproximação do Tipo de Família Segundo Escores das Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circumplexo – Família 09

| FAMÍLIA 09 | PAI | | MÃE | |
|-------------------------------|-----------------|-------------------|-----------------|-------------------|
| | Tipo de Família | | Tipo de Família | |
| Taxa de Coesão | 1,65 | Rigidamente Coeso | 1,87 | Rigidamente Coeso |
| Taxa de Flexibilidade | 1,14 | Rigidamente Coeso | 1,32 | Rigidamente Coeso |
| Taxa Total Circumplexo | 1,4 | Rigidamente Coeso | 1,6 | Rigidamente Coeso |

7.3.9.2 Lembranças Sobre Práticas Parentais (EMBU)

Quanto às lembranças de práticas parentais recebidas na infância e adolescência (*Figura 89*), o pai refere a mesma percepção com relação a seus pais: frequentemente sentia calor emocional; ocasionalmente sentia-se superprotegido e quase nunca se sentiu rejeitado.

Já a mãe não referiu predomínio em uma dimensão de cuidado parental: ocasionalmente sentia calor emocional de ambos os pais; ocasionalmente sentia-se rejeitada pelo pai e um pouco mais pela mãe; e ainda, ocasionalmente, sentia-se superprotegida pelo pai e, frequentemente, superprotegida pela mãe.

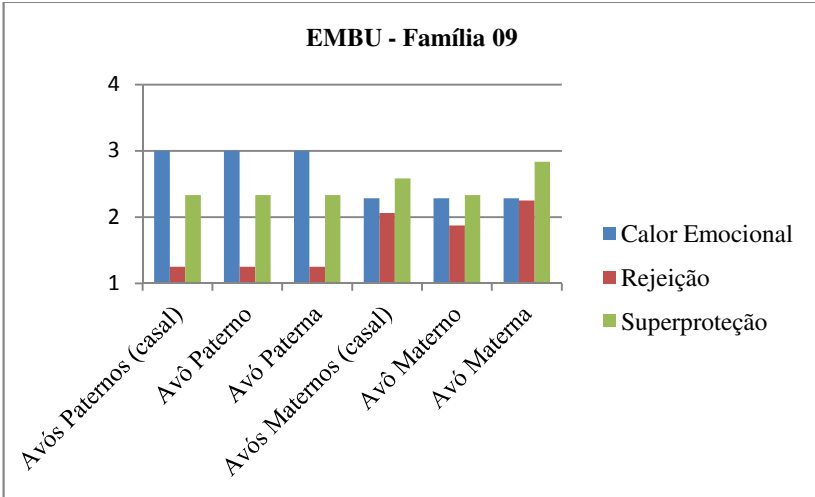


Figura 89. Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 09.

7.3.9.3 Estilos Parentais (QDEP)

Sobre o estilo parental atual do casal (*Figura 90*), a avaliação materna sobre si mesma e a avaliação do pai sobre a mãe são semelhantes, com predomínio no estilo democrático-recíproco (em 75% das suas interações dela com a criança, segundo sua auto-avaliação e 100%, segunda avaliação do esposo).

Já a avaliação paterna sobre si e a avaliação materna sobre ele apresentam diferenças. O pai refere que se utiliza sempre do estilo democrático-recíproco (em 100% das suas interações com a criança). Em contrapartida, a mãe refere que o esposo se utiliza do estilo democrático em uma frequência menor do que a referida por ele (em apenas 38% das interações, aproximadamente).

Quanto ao estilo autoritário, o pai refere uso, tanto por si mesmo quanto pela esposa, em 38% das interações com a filha. E a mãe refere uso deste estilo ,de ambos, em apenas 13% das interações.

O estilo permissivo é apontado pelo pai como presente em 25% das interações de ambos com a filha. Já a mãe nega presença deste estilo nas interações.

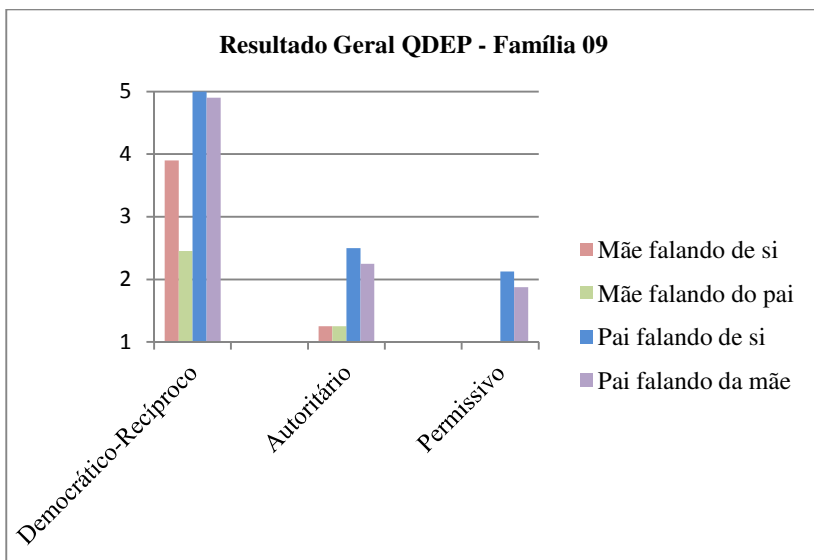


Figura 90. Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 09.

Dentro do estilo democrático-recíproco referido pelo pai (sobre si e sobre a esposa), evidencia-se uso de todos os fatores (calor/envolvimento; estimulação do raciocínio; participação democrática e paciência/respeito). No estilo materno (mãe falando de si) a participação democrática é o fator que menos se mostra utilizado (apenas algumas vezes); e no estilo paterno, segundo a mãe, aparece com maior frequência apenas o calor e envolvimento (*Figura 91*).

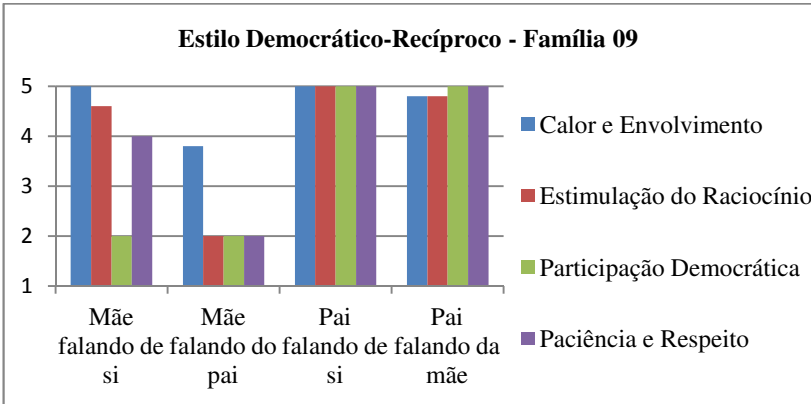


Figura 91. Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 09.

O fator que se destaca no estilo autoritário é a diretividade excessiva, em especial, do pai falando de si (refere que sempre se utiliza deste fator) (*Figura 92*).

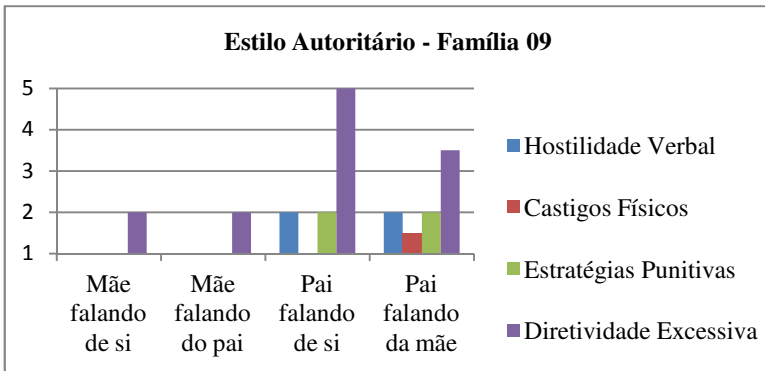


Figura 92. Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 09.

7.3.9.4 Relação Coparental (ERC)

A avaliação da relação coparental deste casal apresenta alguma peculiaridades em relação aos demais. Quanto ao acordo coparental e endossamento da parentalidade do parceiro, ambos têm percepção similar de que existem e são avaliados positivamente. O suporte coparental também é avaliado positivamente, especialmente pelo pai (com escore máximo), contudo, ele também indica que há sabotagem coparental, cuja existência é nula, na percepção da mãe.

Outra diferença se encontra na avaliação da satisfação quanto à divisão do trabalho: a mãe indicou sentir-se muito satisfeita (com escore máximo) e o pai indicou sentir-se moderadamente satisfeito (escores 3).

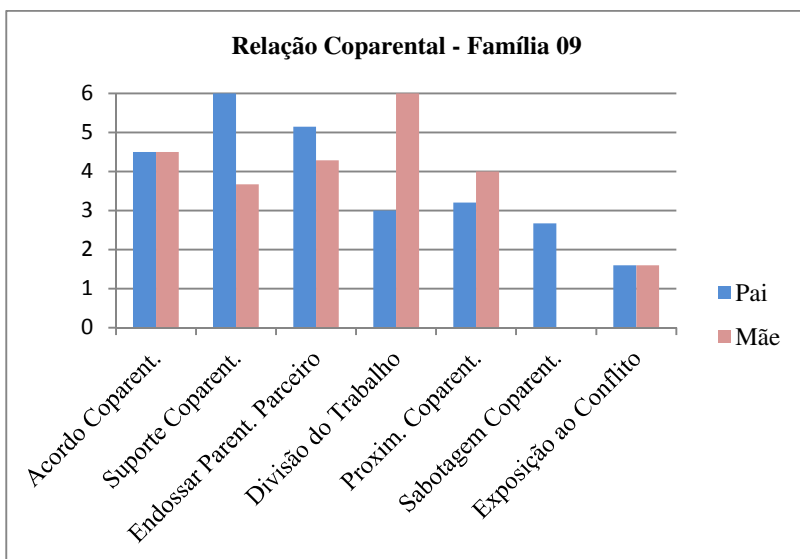


Figura 93. Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 09.

7.3.10 Família 10

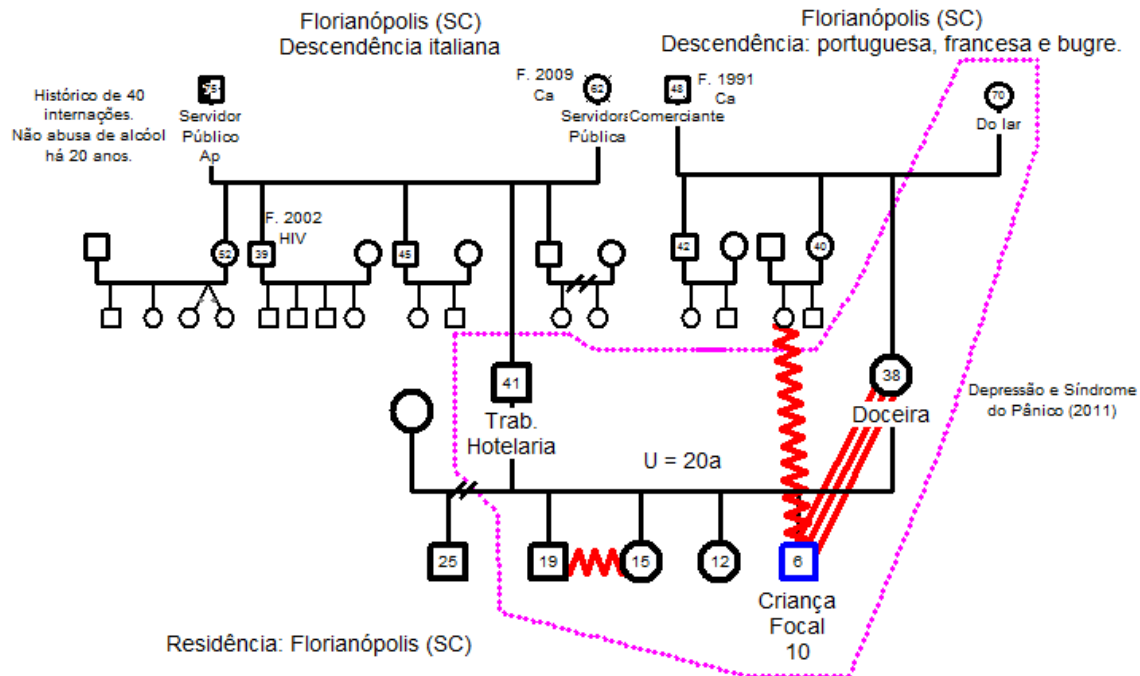


Figura 94. Genograma da família 10.

Nota: Legenda (Apêndice 03)

Na família 10, o pai, 41 anos, quarto filho de uma fratria de cinco e a mãe, 38 anos, caçula de uma fratria de três, estão juntos há 20 anos e têm quatro filhos: um menino de 19 anos; duas meninas, 15 e 12 anos; e a criança focal, filho caçula, de 6 anos de idade. O pai tem ainda um filho de 25 anos de idade, de casamento anterior.

Sobre as famílias de origens, a mãe conta que seus pais se davam bem, eram companheiros. Que, em geral, eles concordavam entre si na forma de educar os filhos, exceto em questões pontuais como: alimentação: *Meu pai dizia: 'come o que tem na mesa' e minha mãe, se eu não tinha gostado, ela fazia alguma coisa pra gente comer.* Ou em castigos: *ele era mais severo, mais rígido.* Quando ela tinha 17 anos de idade, seu pai descobriu que estava com câncer de pulmão e faleceu em três meses. A morte precoce (seu pai tinha 48 anos de idade) foi muito sentida pela família. Além do sofrimento pela perda, a família teve que enfrentar dificuldades para manter seu sustento (sua mãe não trabalhava fora, contavam apenas com a pensão).

Na sua relação conjugal e parental atual, a mãe refere que procura vivenciar os valores de sua família de origem: a religiosidade; honestidade; solidariedade; o diálogo em família:

... na conversa, no diálogo, meus pais conversavam bastante com a gente, de colocar as coisas certas e erradas assim, eu coloco isso pra ele (criança focal). Carinho e atenção, cantar as musiquinhas... Eu trago bastante isso pra ele. Sempre alerta, carinhosa, sempre brincando, apesar dos problemas. Que tem vezes que não tá bem, mas a gente tenta passar por cima e sempre mostrar pra ele esse lado assim, mais lúdico da minha mãe. Meu pai sempre foi muito é, como é que eu vou dizer, ele era fechado, mas ao mesmo tempo ele era extremamente presente na nossa educação sabe, então a gente tenta fazer isso com ele, ser presente na vida dele, no momento da escola, de amigos, estar sempre presente.

Na sua família de origem, o pai referiu que havia muita dificuldade de relacionamento. Seu pai era alcoolista, teve aproximadamente quarenta internações, e sua mãe trabalhava fora, mas tinha dificuldade em manter o sustento da família, chegaram a passar fome. E seu irmão, segundo da fratria, envolveu-se com drogas desde muito cedo, vendia coisas da família para sustentar seu vício. Este irmão faleceu há 11 anos, em decorrência de HIV, aos 39 anos de idade. O pai

refere que acredita ter se casado muito cedo (seu primeiro casamento) em função dos problemas familiares em sua família de origem: (...) *eu tive um casamento bem precoce porque, de certa forma eu queria fugir.*

Em função do alcoolismo do pai, refere que as brigas conjugais eram frequentes. E devido às constantes internações de seu pai, fora educado mais por sua mãe, e que ela, até em função das dificuldades que vivenciava: *se tornou uma pessoa muito seca.* Lembra-se de sofrer castigos físicos por parte de sua mãe. A ponto de, mesmo com os problemas com o álcool, ele e os irmãos terem no pai uma figura de referência de carinho e afeto, mais do que em sua mãe. Sua mãe faleceu de leucemia há 10 anos, e seu pai deixou de beber há 20 anos. Refere ter hoje um ótimo relacionamento com seu pai.

O que o pai traz de exemplo de sua mãe para a sua vida é a questão do trabalho, de não poupar esforços para poder trazer mais para a família. Já na sua relação com seus filhos, o pai refere que sempre se esforçou para *fazer diferente* dos seus pais: *eu tento ser, sou muito presente, muito exigente, bravo e se fizeres uma conversa com cada um eles vão dizer que eu sou chato, porque eu sou chato com eles, eu exijo. Mas ao mesmo tempo eu vou lá, cheiro, beijo, eu pego no colo, faço as brincadeiras, sou muito zeloso.*

Sobre o relacionamento de ambos com a criança focal, a mãe refere ter um relacionamento bastante próximo com ele. Relatou que teve eclampsia quando sua filha (que hoje tem 12 anos) estava para nascer. A mãe teve convulsões em casa, teve risco de morte e acreditava que depois disso, não poderia mais engravidar. E seis anos depois, sem esperar, pois fazia uso de contraceptivo, ficou grávida da criança focal. Não foi uma gravidez de risco, mas foi permeada de muita preocupação por parte de toda a família. A mãe acredita que todo este histórico fez com que ela desenvolvesse uma ligação diferente com a criança focal, uma ligação mais forte: *Às vezes eu passo um pouco dos meus limites de superproteger ele e tal, às vezes sou culpada pelas manhas dele, os próprios filhos falam: 'por isso ele tá desse jeito, né mãe'.*

O pai pontua que a relação da mãe com a criança focal acaba interferindo no relacionamento dele com o filho. O filho quer que tudo seja com a mãe, como o banho, por exemplo.

Então, muitas vezes eu tenho que estar quebrando isso com firmeza 'vem aqui que eu é que vou te secar!', 'não, o pai é brabo!', aí vem ela, e eu fico como o carrasco e mãe, a boazinha... Aí isso você pode imaginar todas as outras coisas. Ele tem a cama dele, mas ele quer dormir do lado da mãe, 'não, tu já é grande, tem que dormir na

tua cama...’, aí a mãe deixa, e o pai é brabo. (...) Isso é um problema bem complicado. Eu converso muito isso com ela, não é fácil, então eu vou ser sempre o carrasco...

Em função desta relação muito próxima entre mãe e filho, o pai ressalta que ele e a esposa costumam discordar na forma de criação da criança focal, mas não discordam com relação aos outros filhos. Procuram resolver os desacordos entre si, através de conversas.

Ao longo da entrevista, o casal destacou, ainda, que o último ano foi muito difícil para eles. Além de um período em que o pai estava desempregado, a mãe teve problemas sérios de saúde: passou por um quadro depressivo importante e um problema no útero, com necessidade de cirurgia. Sentem que foi um ano muito complicado, e que conseguiram superar as dificuldades graças à proximidade e companheirismo entre eles.

7.3.10.1 Coesão e Adaptabilidade Familiar (FACES)

A percepção do funcionamento familiar do casal é similar. Os níveis mais altos de coesão e flexibilidade e mais baixos nas escalas desequilibradas mostram, de forma geral, um funcionamento saudável (Tabela 25 e Figura 95).

Tabela 25

Escores de Cada Subescala Transformado em Percentil e sua Respectiva Categorização de Acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006)- Família 10

| FAMÍLIA 10 | PAI | | MÃE | |
|-----------------------------|-----------|----------------|-----------|-----------------|
| | Percentil | Categoria | Percentil | Categoria |
| Coesão | 50 | Conectado | 69 | Muito conectado |
| Flexibilidade | 65 | Muito flexível | 70 | Muito flexível |
| Desengajada | 30 | Baixo | 18 | Muito baixo |
| Emaranhada | 26 | Muito baixo | 34 | Baixo |
| Rígida | 26 | Muito baixo | 30 | Baixo |
| Caótica | 20 | Muito baixo | 24 | Muito baixo |
| Comunicação Familiar | 40 | Moderado | 40 | Moderado |
| Satisfação Familiar | 12 | Muito baixo | 23 | Baixo |

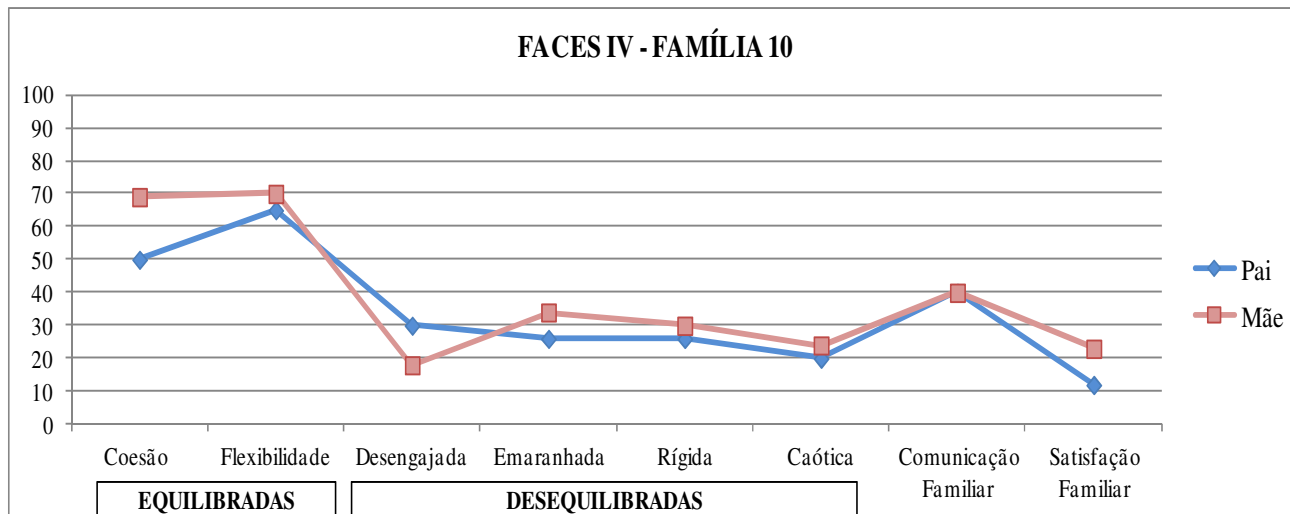


Figura 95. Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006) – Família 10.

Especificamente, de acordo com as taxas de coesão, flexibilidade e do total circunplexo, o tipo de funcionamento que mais se aproxima desta família é o *Rigidamente Coeso* (Tabela 26). Um funcionamento saudável com eventual dificuldade dos membros em fazer as alterações exigidas por mudanças situacionais ou de desenvolvimento (Olson & Gorall, 2006).

Tabela 26

Aproximação do Tipo de Família Segundo Escores das Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circunplexo – Família 10

| FAMÍLIA 10 | PAI | | MÃE | |
|----------------------------------|------|-------------------|------|-------------------|
| | Taxa | Tipo de Família | Taxa | Tipo de Família |
| Relação de Coesão | 1,64 | Rigidamente Coeso | 1,81 | Rigidamente Coeso |
| Relação de Flexibilidade | 1,73 | Equilibrado | 1,69 | Rigidamente Coeso |
| Relação Total Circunplexo | 1,67 | Rigidamente Coeso | 1,75 | Rigidamente Coeso |

7.3.10.2 Lembranças Sobre Práticas Parentais (EMBU)

Quanto às lembranças de práticas parentais recebidas ao longo da infância e adolescência, a mãe refere predomínio do calor emocional, tanto por parte de seu pai, quanto de sua mãe; e que quase nunca se sentiu rejeitada ou superprotegida. O pai referiu ter sentido, frequentemente, calor emocional; e ocasionalmente superprotegido, por ambos os pais (*Figura 96*).

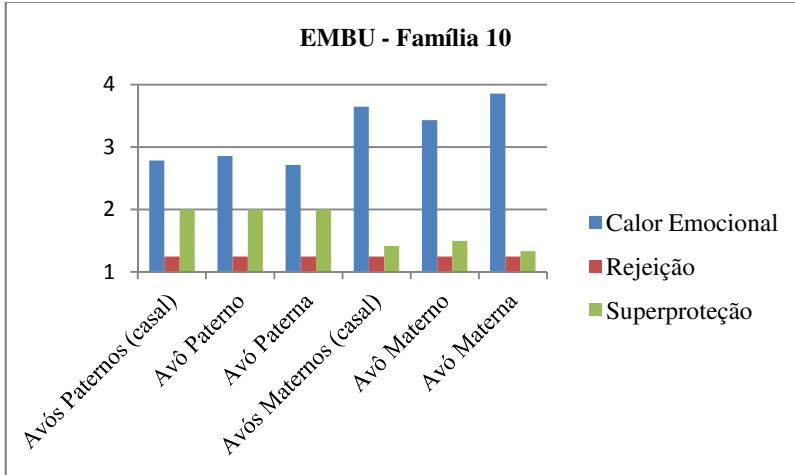


Figura 96. Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 10.

7.3.10.4 Estilos Parentais (QDEP)

Tanto o pai, quanto a mãe referem predomínio do uso do estilo democrático-recíproco (sobre si e sobre o companheiro) nas interações com a criança focal (em aproximadamente 88% das interações na avaliação materna sobre ambos e em 75% das interações na avaliação paterna sobre ambos). Quanto ao estilo autoritário, ambos referem uso em aproximadamente 25% das suas interações com o filho. Quanto ao estilo permissivo, cada um referiu que o outro se utiliza algumas vezes (em 25 % das interações), menos do que ele(a) próprio(a) (em 13% das interações) (Figura 97).

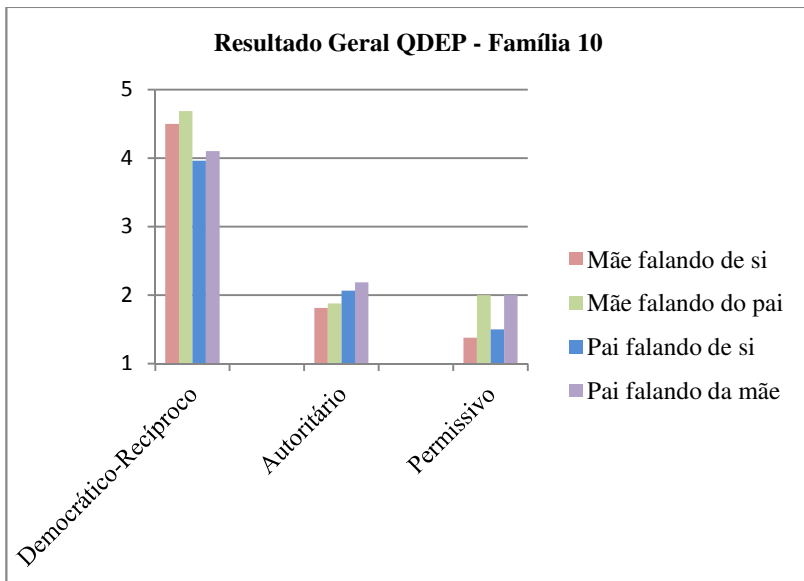


Figura 97. Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 10.

Dentro do estilo democrático (*Figura 98*), quase todos os fatores aparecem com escores elevados. Dentre eles, a participação democrática é que se mostra menos utilizada.

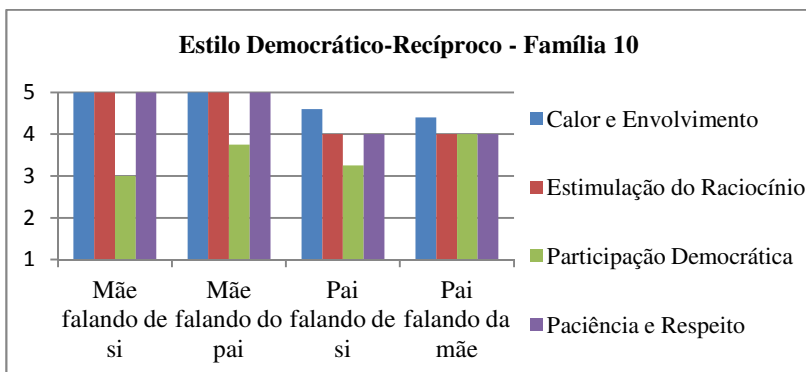


Figura 98. Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 10.

E dentro do estilo autoritário, utilizado algumas vezes por ambos (em, aproximadamente, 25 % das interações com o filho), o fator que se destaca é a diretividade excessiva (*Figura 99*).

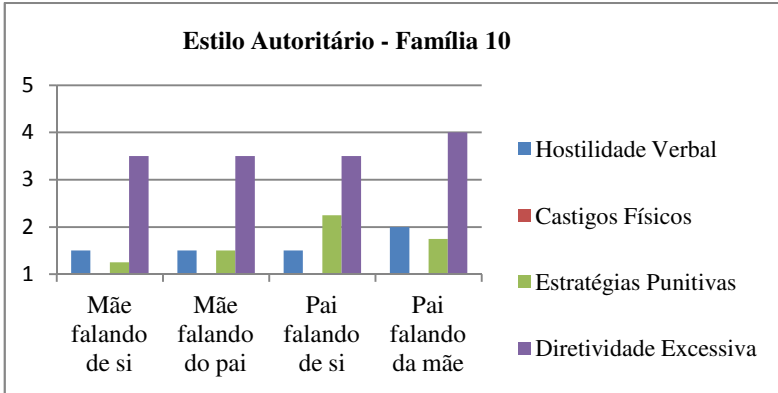


Figura 99. Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 10.

7.3.10.5 Relação Coparental (ERC)

Quanto à relação coparental, quase todos os fatores positivos são bem avaliados pelo casal (com escores elevados, de 4 a 6): o suporte e a proximidade coparental; a divisão do trabalho e o endossamento da parentalidade do parceiro. O acordo coparental é que aparece com escores baixos, tanto nas respostas do pai, quanto da mãe (3,3, e 2,3, respectivamente). A sabotagem coparental se mostra quase nula e a exposição da criança ao conflito é baixa, mas aparece mais na fala do pai (escore 2,6) do que da mãe (0,8) (*Figura 100*).

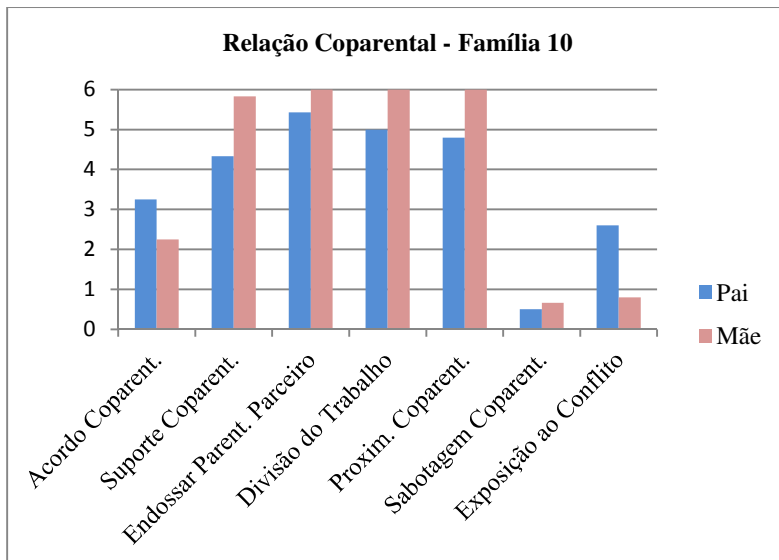


Figura 100. Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 10.

A dificuldade de acordo nas práticas parentais foi referida pelo casal na entrevista, e atribuída por ambos, especialmente, ao superenvolvimento da mãe com a criança focal.

A referência do pai sobre exposição da criança ao conflito exemplifica a relação encontrada na análise quantitativa entre este fato e o acordo coparental, de que, quanto menor o acordo coparental, mais a criança é exposta ao conflito.

7.3.11 Família 11

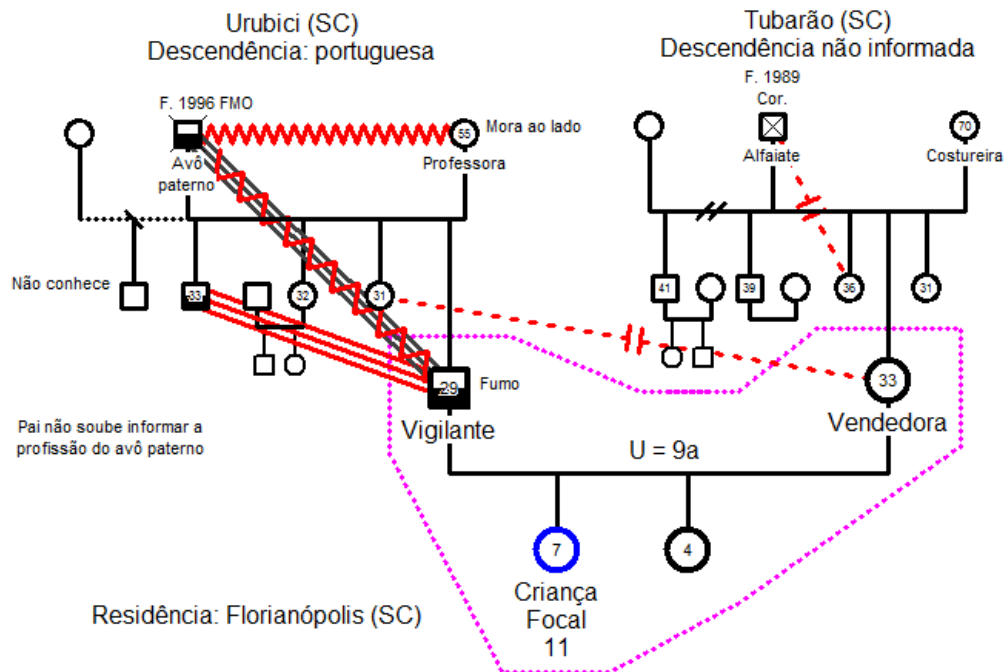


Figura 101. Genograma da família 11.

Nota: Legenda (Apêndice 03)

Na família 11, o pai, 29 anos, caçula de uma fratria de quatro e a mãe, 33 anos, quarta filha de uma fratria de cinco, são casados há nove anos e têm duas filhas: a criança focal, de sete anos e sua irmã caçula, de quatro anos de idade.

Quanto à família de origem, a mãe relata que seus pais tinham uma alfaiataria e trabalhavam juntos. Tinha 10 anos de idade quando seu pai faleceu. Lembra-se que seu pai bebia às vezes, não era alcoolista, mas bebia e isso gerava conflitos entre seus pais. Refere que sua irmã mais velha é que lhe conta que havia brigas entre seus pais em função da bebida. Esta irmã presenciou uma briga em que seu pai agrediu fisicamente sua mãe, tanto que ela não falava com o pai, na época em que ele faleceu.

De forma geral, a mãe relata que seu pai *era brincalhão e estava sempre junto*. Lembra-se de seus pais sempre juntos, trabalhando e procura trazer este exemplo para sua relação conjugal atual: de buscar dividir as tarefas em casa, trabalharem, batalharem pra conseguir as coisas.

Quanto à forma de educar os filhos, acredita que seus pais costumavam concordar. Lembra-se de apanhar e faz comparações com a forma de educar suas filhas hoje:

Hoje em dia apanhar é uma palmada né, mas minha mãe me batia com aquelas fita métrica de costureira, de tirar medida, eu lembro que eu cresci apanhando de fita métrica, eu tinha pavor. Aquilo lá deixava aquele vergão na perna assim. Quando a minha mãe chegava a bater era com a fita métrica. A gente jamais, a gente nunca deixou uma marca nas nossas filhas. Por mais que a gente fale que a gente “bate”, mas o nosso bater é uma palmada na bunda. E depois que a gente bate, a gente já quase chora junto, tem remorso, e tenta conversar...

E com relação à sua família de origem, o pai relatou que seu pai era dependente químico (álcool e drogas), o que implicava em muitas brigas entre seus pais. Sua mãe trabalhava e era quem mais se preocupava em manter o sustento da família. Refere que a morte de seu pai, aos seus 13 anos de idade, foi um *divisor de águas* na família. Que passaram a ter uma melhora significativa em termos de qualidade de vida em família.

Ao ser questionado se, de forma geral, seus pais concordavam ou discordavam entre si na forma de educá-los, o pai referiu que acredita que eles discordavam bastante. Sobretudo com relação aos castigos físicos:

meu pai era meio quadrado... Queria seguir na nossa educação o que o meu vô passou pra ele. Ele não foi, tipo, evoluindo com o tempo né? E a frase dele sempre era essa “ah, porque o meu pai me batia, então eu vou bater em vocês, só porque eu apanhei vocês vão apanhar também pra ver como é. (...) E o meu pai era daqueles, era de bater mesmo, se fosse pra bater no rosto, dar um chute, se fosse pra dar uma rasteira dava... É verdade, não tô mentindo. Já a minha mãe até hoje é uma pessoa super calma. Por tudo que ela já passou na vida e tal, ela é super calma, compreensiva, sempre tentando contornar a situação de forma mais calma possível.

O pai pontua que, por ter sido filho caçula, ainda viveu coisas positivas com o seu pai (ele o levava para pescar, para o futebol), e acredita que para seus irmãos *pesou mais a parte negativa* na relação com seu pai.

Quanto a sua relação atual com as filhas, o pai refere que tenta ser para elas um pai diferente do que o seu pai foi: *é um o modelo de não fazer certas coisas... tento ser o que o meu pai não foi pra mim, então sempre tô ali, acompanho, vou à creche, conheço os professores, busco, levo.*

E entre si, o casal refere que costuma concordar na forma de criação das filhas, com a diferença do pai ser mais *exigente*, de *cortar as manhas*, e da mãe *respeitar mais o momento da criança*. Por exemplo, a criança focal pede para secá-la, escovar-lhe os dentes, e o pai sinaliza que ela já pode fazer tais coisas, sozinha, e a mãe, avalia o momento, se é cedo e a criança está sonolenta, por exemplo, ela ajuda.

7.3.11.1 Coesão e Adaptabilidade Familiar (FACES)

A percepção do casal 11 sobre o funcionamento familiar é similar (Tabela 27 e Figura 102). De forma geral, os níveis das escalas equilibradas (com escores mais altos) e desequilibradas (com escores mais baixos) indicam um funcionamento saudável.

Tabela 27

Escores de Cada Subescala Transformado em Percentil e sua Respektiva Categorização de Acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006)- Família 11

| FAMÍLIA 11 | PAI | | MÃE | |
|-----------------------------|-----------|-----------------|-----------|-----------------|
| | Percentil | Categoria | Percentil | Categoria |
| Coesão | 81 | Muito conectado | 81 | Muito conectado |
| Flexibilidade | 75 | Muito flexível | 88 | Muito flexível |
| Desengajada | 18 | Muito baixo | 16 | Muito baixo |
| Emaranhada | 32 | Baixo | 45 | Moderado |
| Rígida | 40 | Baixo | 55 | Moderado |
| Caótica | 34 | Baixo | 18 | Muito baixo |
| Comunicação Familiar | 58 | Moderado | 62 | Alto |
| Satisfação Familiar | 25 | Baixo | 25 | Baixo |

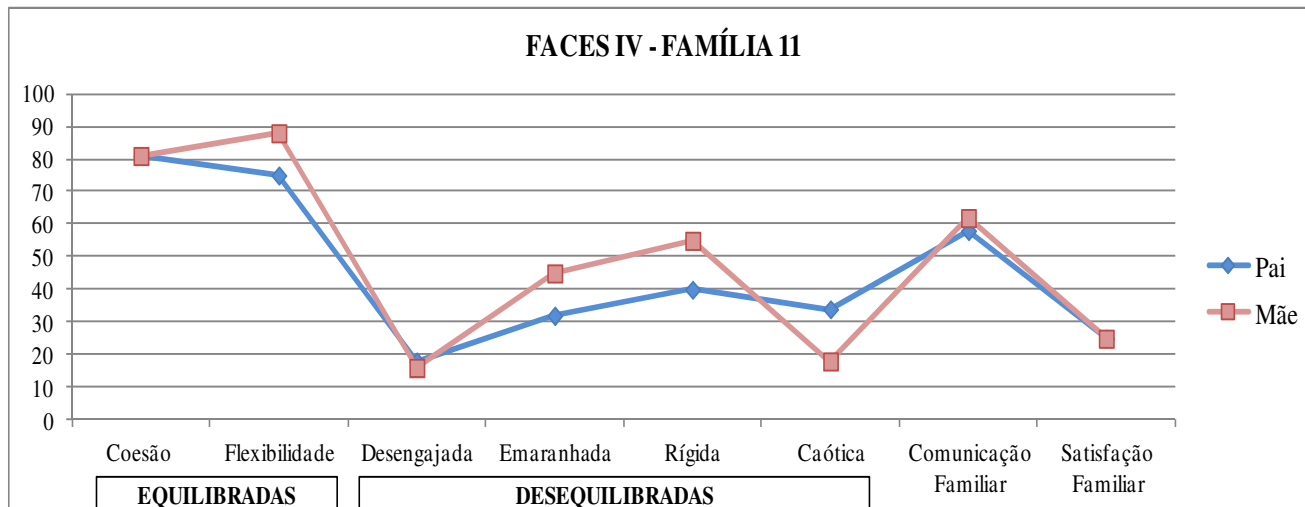


Figura 102. Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006) – Família 11.

Conforme as taxas de coesão, flexibilidade e do total circunplexo (Tabela 28), o modelo de funcionamento que mais se aproxima desta família é o *Rigidamente Coeso*. Um funcionamento saudável com possibilidade dos membros enfrentarem dificuldade em realizar as alterações exigidas por mudanças situacionais ou de desenvolvimento (Olson & Gorall, 2006).

Tabela 28

Aproximação do Tipo de Família Segundo Escores das Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circunplexo – Família 11

| FAMÍLIA 11 | PAI | | MÃE | |
|-------------------------------|------|-------------------|------|-------------------|
| | Taxa | Tipo de Família | Taxa | Tipo de Família |
| Taxa de Coesão | 2 | Rigidamente Coeso | 1,82 | Rigidamente Coeso |
| Taxa de Flexibilidade | 1,4 | Rigidamente Coeso | 1,62 | Rigidamente Coeso |
| Taxa Total Circunplexo | 1,7 | Rigidamente Coeso | 1,72 | Rigidamente Coeso |

7.3.11.2 Lembranças Sobre Práticas Parentais (EMBU)

Com relação às lembranças das práticas parentais recebidas na infância e adolescência, o pai refere que sentia, frequentemente, calor emocional por parte de sua mãe, e quase nunca de seu pai. Ocasionalmente sentia-se superprotegido pela mãe e nunca se sentiu rejeitado por ela. Com relação a seu pai, ocasionalmente sentia-se rejeitado e ocasionalmente também se sentia superprotegido por ele. Já a mãe, referiu predomínio de calor emocional nas práticas parentais de ambos, seu pai e sua mãe; e ocasionalmente sentia-se superprotegida pela mãe (*Figura 103*).

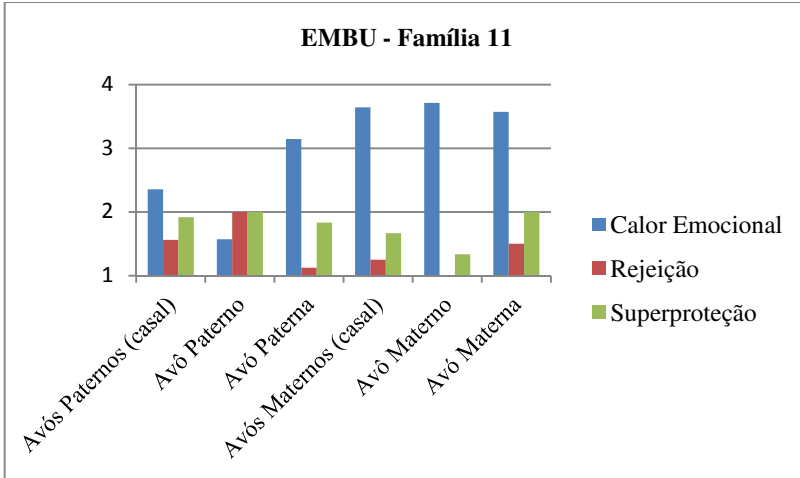


Figura 103. Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 11.

7.3.11.3 Estilos Parentais (QDEP)

Quanto ao estilo parental atual, ambos referem predomínio de uso do estilo democrático-recíproco nas interações com a criança focal (segundo o pai, ambos se utilizam deste estilo em aproximadamente 75% das interações com a criança; e segundo a mãe em 88%) (Figura 104).

O uso do estilo autoritário por parte do pai é referido tanto por ele quanto pela esposa em, aproximadamente, 50% das suas interações com a filha. E o estilo permissivo é apontado como sendo utilizado algumas vezes por ambos.

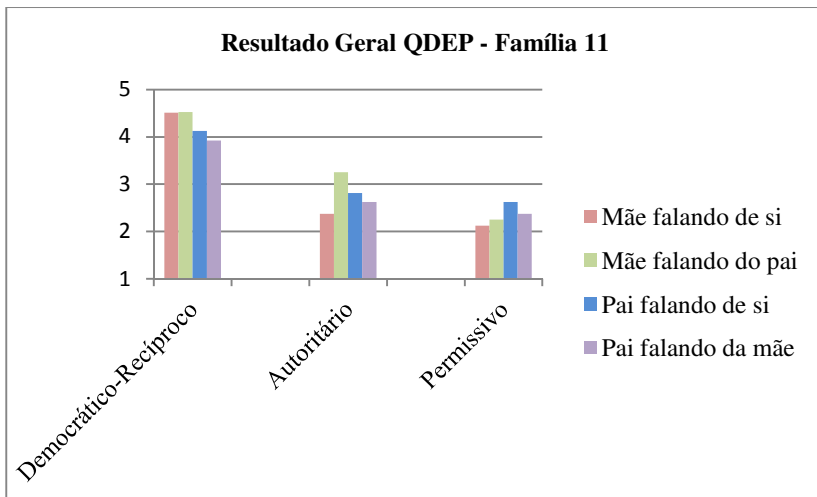


Figura 104. Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 11.

Dentro do estilo democrático-recíproco, utilizado com maior frequência por ambos, destaca-se o uso de todos os fatores: calor/envolvimento; estimulação do raciocínio; participação democrática e paciência e respeito (Figura 105). Indicando um uso “consistente” do estilo democrático-recíproco.

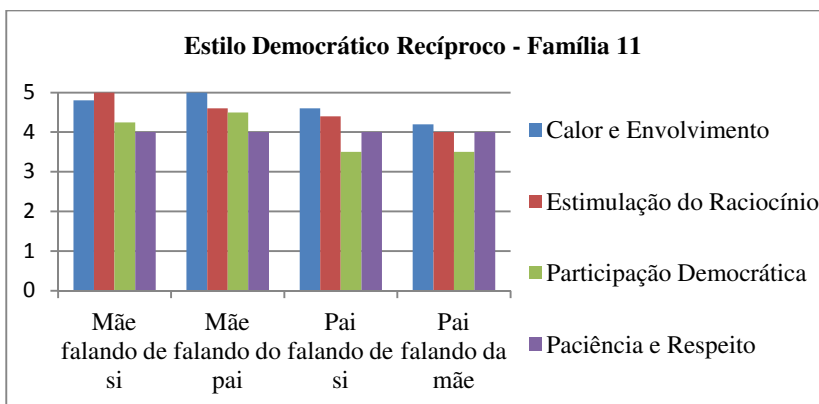


Figura 105. Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 11.

E dentro do estilo autoritário, como nas famílias anteriores, destaca-se o uso da diretividade excessiva. Mas nesta família também apareceu uso dos demais fatores: hostilidade verbal, castigos físicos e estratégias punitivas, de ambos.

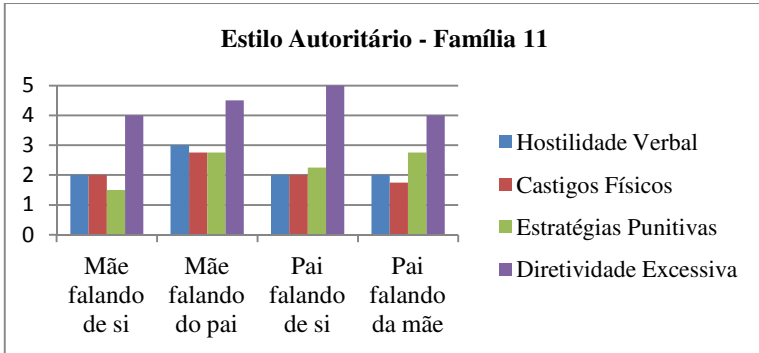


Figura 106. Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 11.

Dentro do estilo permissivo, utilizado eventualmente, ambos julgam ter “falta de firmeza” em algumas situações com a criança focal.

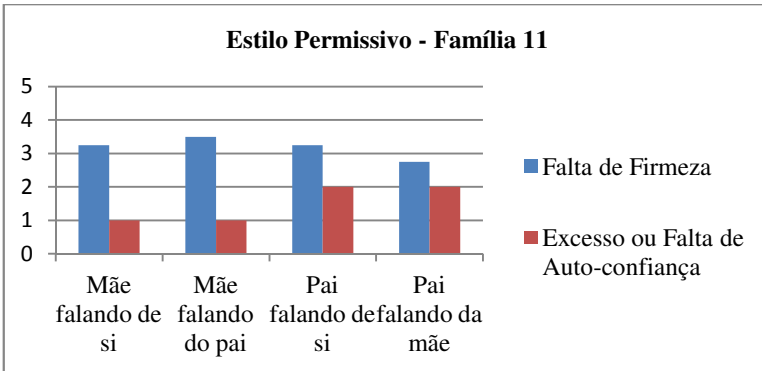


Figura 107. Histograma referente às dimensões do estilo permissivo (pais falando de si e do companheiro) – Família 11.

7.3.11.4 Relação Coparental (ERC)

Quanto à relação coparental, o casal avalia positivamente (com escores elevados) o suporte e a proximidade coparentais e o

endossamento da parentalidade do parceiro. O acordo coparental está avaliado acima do ponto médio da escala, mas com valores menores que os fatores anteriores (3,5 e 4,3).

A divisão do trabalho é avaliada pela mãe com escore nulo, ou seja, sente-se totalmente insatisfeita com relação à divisão do trabalho das questões relacionadas à criança. O pai mostra-se moderadamente satisfeito com relação a este fator (com escore 3,5).

Segundo avaliação paterna, há sabotagem coparental (negada pela avaliação da mãe) e exposição da criança ao conflito.

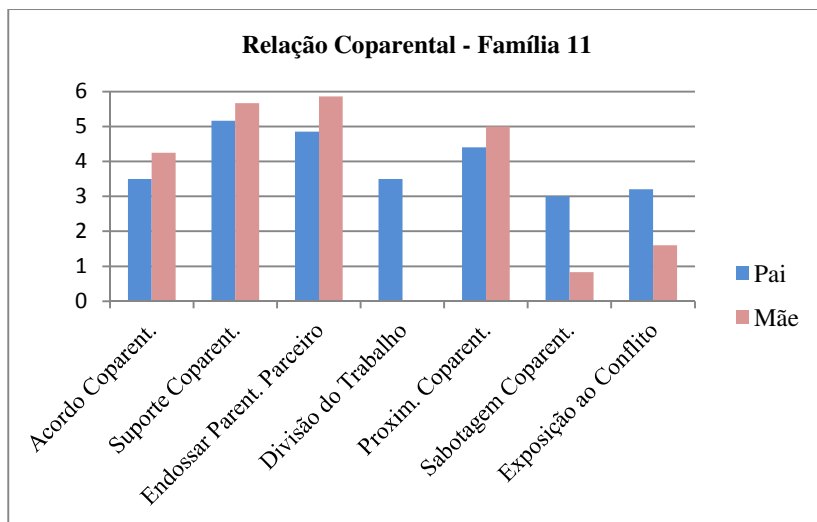


Figura 108. Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 11.

Algumas correlações encontradas na análise quantitativa são exemplificadas nos resultados desta família e ajudam na compreensão das relações entre coparentalidade e estilo parental.

A relação da sabotagem coparental referida pelo pai se mostra positivamente relacionada à referência paterna de uso da estratégia punitiva tanto por ele, quanto pela esposa; e à referência de ambos de “falta de firmeza” em algumas interações com a criança. Além disso, dentre as 12 famílias pesquisadas, esta foi a que mais referiu exposição da criança ao conflito, especialmente na avaliação do pai. E, segundo as análises quantitativas, quanto menos acordo e mais sabotagem coparental é percebida pelos pais, mais a criança é exposta a conflitos.

7.3.12 Família 12

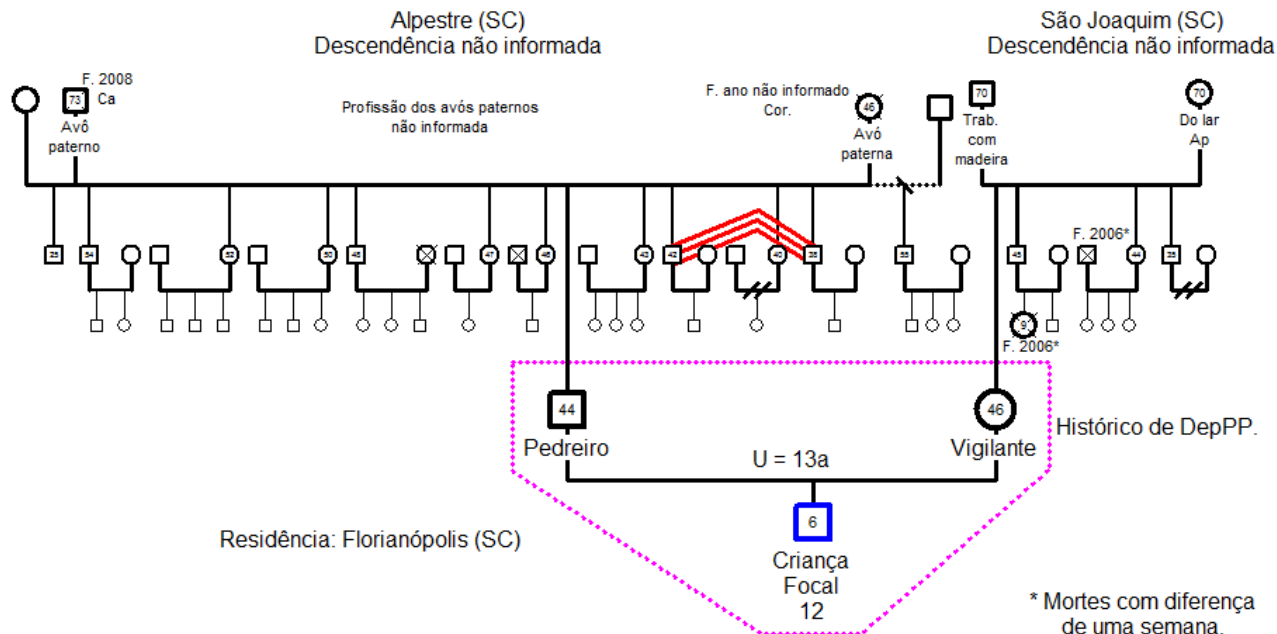


Figura 109. Genograma da família 12.
Nota: Legenda (Apêndice 03)

Na família 12, o pai tem 44 anos de idade, oitavo filho de uma fratria de doze; a mãe tem 46 anos de idade e é primogênita de uma fratria de quatro. Ambos estão casados há 13 anos e tem um filho, a criança focal, de seis anos de idade.

Ambos referem que tiveram uma infância tranquila, que os pais se davam bem e *trabalhavam duro* para manter o sustento da família. De suas famílias de origem, trazem os valores de respeito na convivência; da honestidade e do trabalho.

Ao serem questionados se os pais costumavam concordar entre si na forma de educar os filhos, ambos responderam que sim, e a mãe pontuou: *Eles concordavam, quando um deles batia na gente o outro concordava, não fazia nada. Deixava* (risos). E o pai confirmou: *É isso aí mesmo. O meu pai era muito difícil bater, assim, não era tão amoroso também. Mas também não era de agredir, era mais neutro. No caso, os meus irmãos mais velhos dizem que a mãe já era mais fácil de pegar a sandália do que o pai.*

E entre eles, na relação coparental atual, referem discordar em algumas questões pontuais, tais como: deixar ou não o filho fazer algumas coisas e horário de dormir. Sobre estratégias para lidar com o filho em situações de conflito, ambos relataram exemplos em que se utilizaram de ameaças e castigos físicos:

Quando, por exemplo, a hora do banho, que eu quero que ele se comporte e aí ele começa a brincar, começa a correr... E aí a gente sabe que tem horário pra tudo, ele se esconde, aí é aquela briga... Às vezes é na base da chinelada, pega o chinelo é “ó, vai pra lá! Vou contar até três... A gente procura usar essa técnica né? (...) antes do três ele já tá indo... Porque ele sabe que se chegar no três a gente já parte pra chinelada na bunda (mãe).

Ah, assim quando ele faz... Fazia muita birra de pequeno, aí eu juntei uma sandália nele e me doeu muito o coração, dei umas palmadas nele (pai).

Ao serem questionados se ficaram satisfeitos com a resolução dada às situações relatadas, a mãe referiu: *Satisfeita não, porque a gente acaba se estressando né, seria mais fácil se ele concordasse em cumprir com as regras, com as normas e fosse... Obedecesse logo, né? Não precisasse a gente se estressar. Então eu não me sinto bem com isso não.*

E no exemplo relatado pelo pai, ele referiu: *Eu me senti covarde*. Depois desta situação, o pai referiu ter conversado com o filho sobre o porquê ele apanhou, mas não expôs a ele o seu arrependimento.

Enquanto casal, ambos referiram ter um bom relacionamento: conversam sobre tudo, tomam decisões em conjunto. Em situações de conflitos, *deixam as coisas esfriarem um pouco para depois conversarem*. Referem que procuram não discutir na frente do filho, mas quando este presencia ou percebe o desentendimento, explicam-lhe que: *não é nada com ele... ele compreende, mas fica tristonho (...) corre pra um, corre pra outro e faz um carinho e... ele sente quando a gente tá de birra*.

7.3.12.1 Coesão e Adaptabilidade Familiar (FACES)

De acordo com a Tabela 29 e Figura 110, a percepção do casal sobre o funcionamento familiar é similar. Os níveis mais elevados nas escalas equilibradas e menores nas desequilibradas indicam um funcionamento, de forma geral, saudável.

A qualidade da comunicação familiar é bem avaliada por ambos. Acreditam que os membros da família se sentem bem com relação à comunicação e têm poucas preocupações. Já com relação à satisfação, acreditam que os membros se sentem insatisfeitos e têm preocupações sobre a família.

Tabela 29
Escores de Cada Subescala Transformado em Percentil e sua Respetiva Categorização de Acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006)- Família 12

| FAMÍLIA 12 | PAI | | MÃE | |
|-----------------------------|-----------|----------------|-----------|----------------|
| | Percentil | Categoria | Percentil | Categoria |
| Coesão | 60 | Conectado | 60 | Conectado |
| Flexibilidade | 75 | Muito flexível | 65 | Muito flexível |
| Desengajada | 30 | Baixo | 36 | Baixo |
| Emaranhada | 26 | Muito baixo | 40 | Baixo |
| Rígida | 40 | Baixo | 55 | Moderado |
| Caótica | 20 | Muito baixo | 26 | Muito baixo |
| Comunicação Familiar | 62 | Alto | 65 | Alto |
| Satisfação Familiar | 23 | Baixo | 18 | Muito baixo |

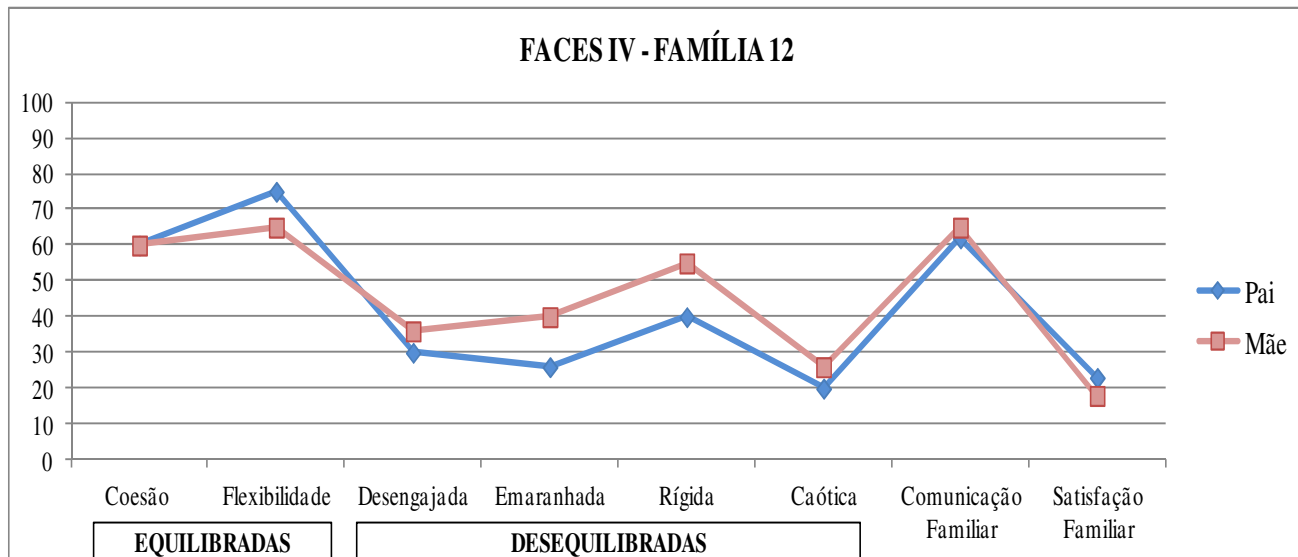


Figura 110. Gráfico dos escores de cada subescala transformado em percentil de acordo com o Perfil FACES IV (Olson & Grall, 2006) – Família 12.

Segundo as taxas de coesão, flexibilidade e do total circunplexo (Tabela 30), o tipo de funcionamento que mais se aproxima desta família é o *Rigidamente Coeso*. Um funcionamento saudável, mas que pode implicar em dificuldade dos membros em fazer as alterações exigidas por mudanças situacionais ou de desenvolvimento (Olson & Gorall, 2006).

Tabela 30

Aproximação do Tipo de Família Segundo Escores das Taxas de Coesão, Flexibilidade e do Total Circunplexo – Família 12

| FAMÍLIA 12 | PAI | | MÃE | |
|-------------------------------|------|-------------------|------|-------------------|
| | Taxa | Tipo de Família | Taxa | Tipo de Família |
| Taxa de Coesão | 1,7 | Rigidamente Coeso | 1,37 | Rigidamente Coeso |
| Taxa de Flexibilidade | 1,6 | Rigidamente Coeso | 1,3 | Rigidamente Coeso |
| Taxa Total Circunplexo | 1,65 | Rigidamente Coeso | 1,34 | Rigidamente Coeso |

7.3.12.2 Lembranças Sobre Práticas Parentais (EMBU)

Sobre as práticas parentais recebidas na infância e adolescência, a mãe referiu que ocasionalmente sentia calor emocional por parte de seus pais, que nunca se sentiu rejeitada nem superprotegida. E o pai, também referiu que ocasionalmente sentia calor emocional por parte de seus pais; mas também sentia rejeição (ocasionalmente) e superproteção (frequentemente) por parte de sua mãe; nunca se sentiu rejeitado pelo pai, e ocasionalmente sentia-se superprotegido por ele (*Figura 111*).

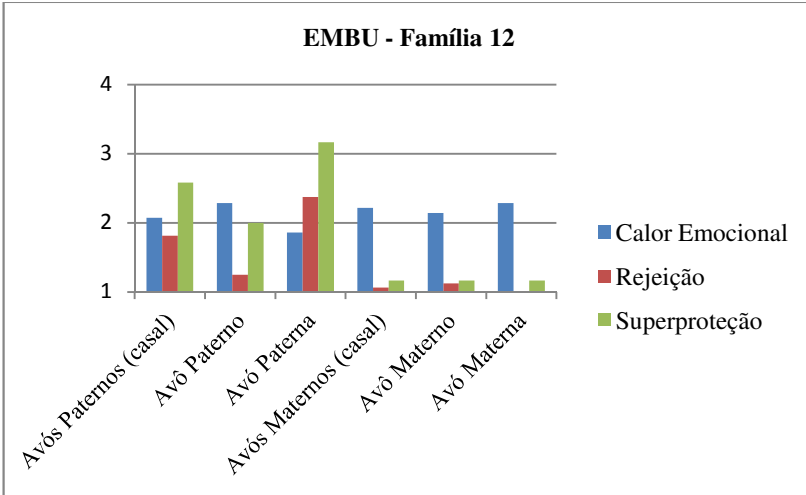


Figura 111. Histograma dos escores das dimensões de cuidado parental recebido na infância e adolescência segundo lembranças dos pais – Família 12.

7.3.12.3 Estilos Parentais (QDEP)

Quanto aos estilos parentais atuais (Figura 112), o pai referiu maior frequência no uso do estilo democrático-recíproco, tanto sobre si (em aproximadamente 88% de suas interações com o filho), quanto pela esposa (100% das interações dela com a criança). Referiu ainda que se utiliza, em aproximadamente 38% das interações com a criança, de fatores do estilo autoritário e que ambos, também apresentam, na metade das interações, fatores do estilo permissivo.

Segundo a mãe, tanto ela quanto o esposo se utilizam na metade das interações com a criança do estilo democrático-recíproco, e ela se utiliza também, com frequência um pouco maior (em, aproximadamente, 63% das interações), do estilo permissivo; mais do que o esposo (38%).

Há uma diferença de percepção, sobretudo, na avaliação materna sobre si mesma e na avaliação paterna sobre a mãe. A mãe acredita que ela se utiliza do estilo democrático na metade das interações com a criança, e o pai refere que ela se utiliza deste estilo sempre.

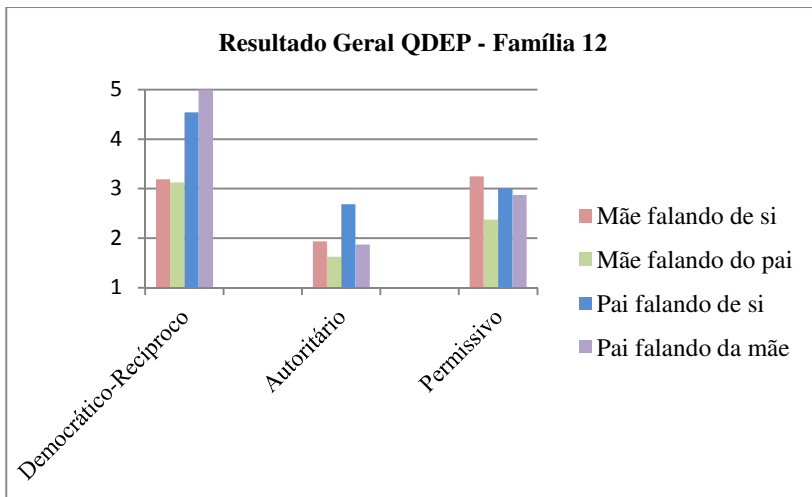


Figura 112. Histograma referente aos estilos parentais (pais falando de si e do companheiro) – Família 12.

Dentro do estilo democrático-recíproco, o pai relata frequência elevada de uso de todos os fatores. Já a mãe, que refere uso deste estilo em menor frequência, indica menor uso da participação democrática.

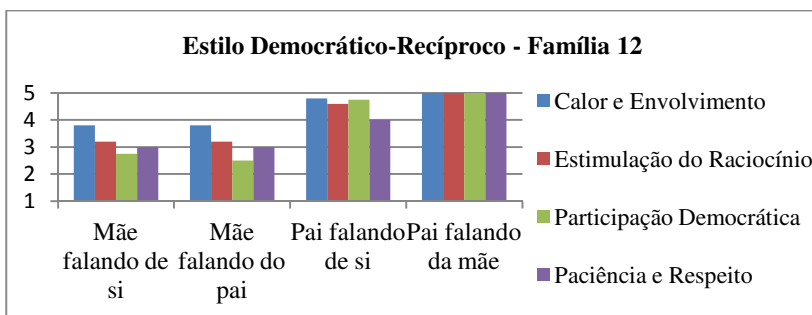


Figura 113. Histograma referente às dimensões do estilo democrático-recíproco (pais falando de si e do companheiro) – Família 12.

Dentro do estilo autoritário, utilizado algumas vezes por ambos, aparecem todos os fatores (com escores reduzidos, mas aparecem). Apenas um fator se destaca (com escore elevado), que diz respeito ao uso da diretividade excessiva pelo pai (na sua auto-avaliação).

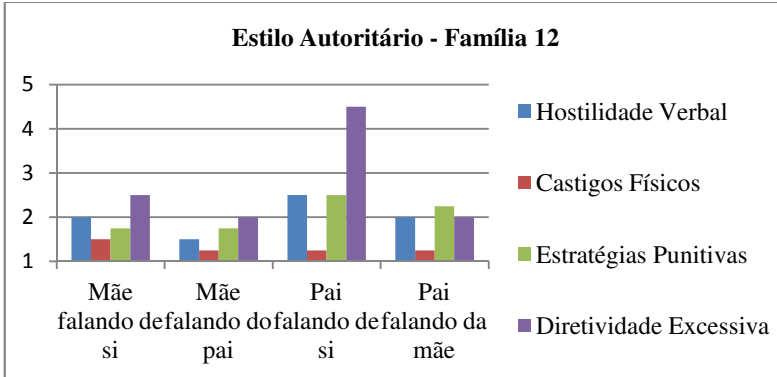


Figura 114. Histograma referente às dimensões do estilo autoritário (pais falando de si e do companheiro) – Família 12.

Dentro do estilo permissivo, que aparece com uso, em média, na metade das interações de ambos com a criança, destaca-se o fator “falta de auto-confiança”. Cabe lembrar que este fator está representado no questionário por apenas um item *Acho difícil disciplinar meu filho*, o que pode incorrer o risco de ser sobrevalorizado.

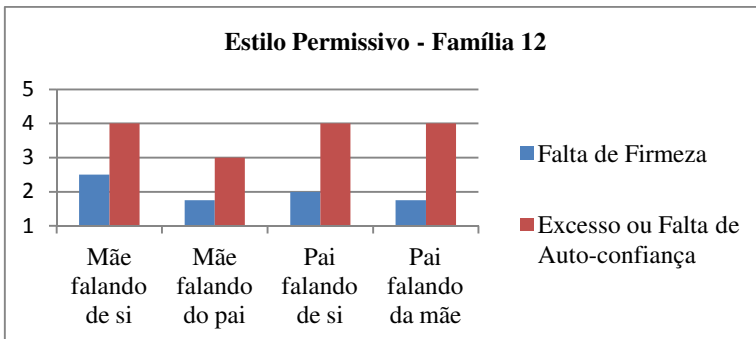


Figura 115. Histograma referente às dimensões do estilo permissivo (pais falando de si e do companheiro) – Família 12.

7.3.12.4 Relação Coparental (ERC)

A avaliação do casal sobre a sua relação coparental apresenta algumas distinções. Nos fatores negativos (sabotagem coparental e exposição da criança ao conflito), ambos referem não acontecer tais situações (escores quase nulos). Os fatores positivos, são avaliados com

escores acima da média da escala por ambos, mas com avaliações mais positivas pelo pai (em acordo, suporte e proximidade coparentais; e endossamento da parentalidade do parceiro). E na divisão do trabalho, ambos referem satisfação moderada (escores 3 e 3,5, de uma escala de 0 a 6).

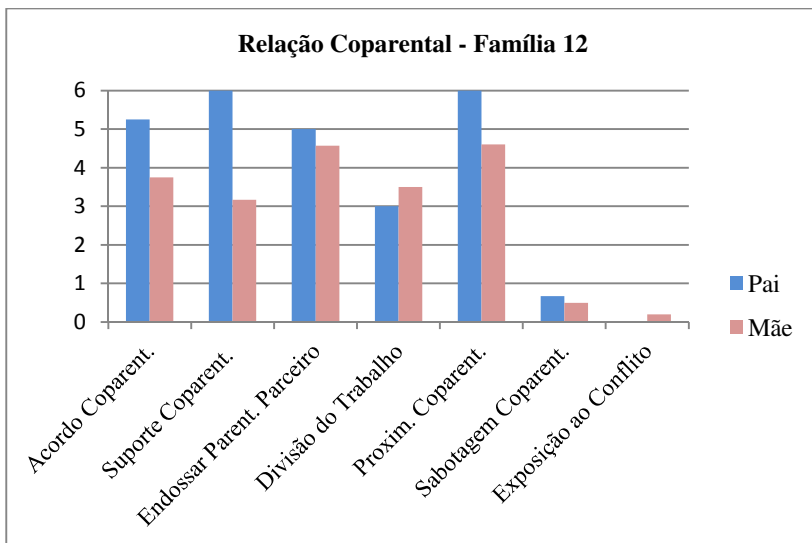


Figura 116. Histograma referente às dimensões da coparentalidade – Família 12.

7.3.13 Discussão das Análises Qualitativas

A análise das entrevistas e a abordagem qualitativa dos instrumentos permitiram uma aproximação das realidades individuais das famílias. Nestas, foi possível identificar algumas correlações da análise quantitativa, ampliando a compreensão dos resultados qualitativos. Da mesma forma, é possível apreender significados dos dados qualitativos para complementar ou levantar hipóteses que ajudem a compreender alguns dos resultados da análise correlacional que, por si só, não puderam ser elucidados.

As famílias pesquisadas apresentaram, de forma geral, funcionamento *Rigidamente Coeso*. É um funcionamento considerado saudável, caracterizado pela alta proximidade entre os membros e razoável disposição a mudanças, porém, com presença de rigidez e entrelaçamento, o que pode trazer dificuldade para os membros em fazer

as alterações exigidas por mudanças situacionais ou de desenvolvimento devido à rigidez (Olson & Gorall, 2006).

Considerando os dados sociodemográficos das famílias participantes, pode-se levantar a hipótese de que esta predominância de funcionamento esteja refletindo um modo de organização da família de classe média atualmente: mais fechadas em si mesmas, seja pela configuração das residências e dos bairros, ou pela dinâmica de seu cotidiano. Muitos casais referiram que passam a maior parte do tempo no trabalho e procuram aproveitar o pouco tempo livre para descansar e ficar com a família. Estes poderiam ser fatores do macrosistema relacionados ao funcionamento familiar encontrado.

As análises correlacionais apontaram o histórico dos pais de superproteção materna na infância e adolescência como um fator relacionado à rigidez no funcionamento familiar atual: fatores relacionados ao tempo e microsistemas. Quanto mais os pais referem terem sido superprotegidos por suas próprias mães, mais eles referem rigidez e menos as esposas referem flexibilidade. Além disso, a superproteção materna nas práticas parentais recebidas pelos pais apresentou correlações negativas com a avaliação das esposas dos estilos parentais e da relação coparental. Quanto mais os pais referiram terem sido superprotegidos pelas suas próprias mães, menos as esposas referiam uso do estímulo ao raciocínio por elas e pelos esposos; menos elas referiam endossar a parentalidade deles. Por outro lado, a superproteção paterna vivida pelos pais não apresentou as “implicações negativas” da superproteção materna. Pelo contrário, quanto mais os pais referiram terem sido superprotegidos por seus próprios pais: a) mais flexibilidade eles referiram no funcionamento familiar atual; b) maior uso do estímulo ao raciocínio no seu próprio estilo parental; c) menor uso de estratégia punitiva e hostilidade verbal por suas esposas e, e) menos as suas esposas referiram falta de firmeza no estilo paterno.

A superproteção não foi uma dimensão diretamente investigada nos estilos parentais atuais (pelos instrumentos quantitativos), apenas a superproteção nas práticas parentais da geração anterior. Contudo, é possível utilizar os significados da superproteção materna e paterna nos estilos atuais, encontrados na análise qualitativa das entrevistas, para levantar algumas hipóteses que auxiliem na compreensão dos resultados referentes a estas dimensões no estilo parental da geração anterior, e que ficaram sem apoio para discussão. Em especial, para propor algumas possíveis razões para as diferenças encontradas entre as implicações do histórico de superproteção materna e paterna, na família de origem dos

pais, para o funcionamento familiar atual, para os estilos parentais e coparentalidade.

A partir das entrevistas, no relato dos pais e das mães sobre a sua relação com a criança focal, foi possível identificar particularidades com relação às referências de superproteção materna e paterna. A superproteção dos pais com os filhos, relatada por ambos, foi exemplificada por atitudes de cuidado e preocupação com a segurança, como referiu o pai da Família 02 ao falar de sua relação com as filhas: *eu fico em cima delas e acabo restringindo as brincadeiras para evitar que elas se machuquem*. Já as referências de superproteção materna foram identificadas como superenvolvimento emocional da mãe com a criança focal. Como na Família 10 em que ambos, pai e mãe, referiram que a relação da mãe com a criança focal acaba interferindo no relacionamento do pai com o filho, e também implica em conflito e desacordo coparental. O pai da Família 10 destacou, ainda, que o desacordo coparental acontece apenas nas questões relativas à criança focal – com quem a mãe tem superenvolvimento – e que eles não discordam nas questões relativas aos outros filhos.

A partir destes significados apreendidos na análise qualitativa, uma hipótese sistêmica poderia ser apontada: a superproteção materna, relacionada a um superenvolvimento emocional mãe-filho, poderia dificultar o processo de diferenciação do filho (pai atual) de sua família de origem. Quer dizer, poderia dificultar o seu movimento de saída da família de origem e de abertura para a constituição de uma nova família. Este movimento, segundo a Teoria Estrutural Familiar (Minuchin, 1982), requer uma diferenciação emocional com relação à família de origem e flexibilidade do novo casal para conciliar diferentes crenças, valores e padrões de relacionamento das respectivas famílias de origem; e abertura para negociar padrões de relacionamento e regras próprias de funcionamento da nova família.

Quando, na família de origem, há um superenvolvimento – que indica um padrão de funcionamento emaranhado, com fronteiras difusas – o filho tende a ter dificuldade para se diferenciar de sua família de origem. Ele se sente “preso” aos seus valores e padrões, tem sua autonomia prejudicada e não apresenta a flexibilidade necessária às negociações do processo de construção da nova família, podendo implicar em rigidez no funcionamento da família atual. Além disso, o superenvolvimento pode trazer consigo um padrão de relacionamento disfuncional, formando triangulações ou mesmo coalizões. Quando, por exemplo, os pais não se comunicam, não negociam diretamente um com

o outro, mas por intermédio da criança (triangulação), chegando a situações em que as pessoas superenvolvidas “se unem contra um terceiro” (coalizão) (Minuchin, 1982). Vivenciar estes padrões de relacionamento na família de origem pode contribuir para que os membros tenham dificuldade em se comunicar, em negociar, enfim, em estabelecer fronteiras nítidas nos seus relacionamentos. E a dificuldade em estabelecer fronteiras nítidas traz implicações ao funcionamento familiar atual, ao estabelecimento da coparentalidade e ao exercício da parentalidade.

Estas seriam algumas hipóteses para compreender as “repercussões negativas” do histórico dos pais de superproteção materna no funcionamento familiar atual, nos estilos parentais e na coparentalidade. E como a superproteção paterna parece assumir uma conotação diferente do superenvolvimento encontrado na superproteção materna – mais voltada ao excesso de zelo e preocupação com segurança – é natural que ela não apresente as mesmas implicações da superproteção materna.

Outro resultado da análise quantitativa que chamou atenção, e não foi suficientemente esclarecido, foi a diferença dos casais quanto à satisfação da divisão do trabalho coparental. As médias dos escores deste fator, dos 12 pais e das 12 mães, foram semelhantes, embora o desvio padrão já indicasse alguma diferença nas respostas de cada grupo entre si, em especial das mães (média dos pais = 3,9; SD = 1,6; e média das mães = 3,7; SD = 2,2). Em seguida, a análise correlacional mostrou que pais e mães divergem quanto à satisfação com relação à divisão do trabalho das questões relacionadas à criança. Esta divergência foi ilustrada em diversos casais na análise qualitativa (nas correções individuais dos instrumentos por família) e observou-se que não houve predomínio de satisfação ou insatisfação de um ou de outro, motivo pelo qual as médias dos grupos de pais e mães foram parecidas. A diferença se encontra entre o casal. Dos doze casais, nove apresentaram esta divergência: cinco pais satisfeitos com esposas insatisfeitas; e quatro pais insatisfeitos com esposas satisfeitas. E três casais apresentaram respostas semelhantes entre si: um casal com nível igualmente alto de satisfação; e os outros dois com níveis médios e com a mulher um pouco mais satisfeita que o homem.

A divisão do trabalho coparental envolve negociação sobre as atividades e funções de cada um com relação à criação dos filhos e apresenta um expressivo impacto na satisfação com a relação coparental

e com os níveis de estresse parental, de forma que satisfação é um indicador desta dimensão (Feinberg, 2002, 2003).

As análises correlacionais deste fator com dimensões de outros instrumentos apresentaram resultado curioso e pouco esclarecedor (provavelmente em decorrência do número pequeno de participantes da pesquisa). As únicas correlações que fizeram sentido foram: a correlação negativa da satisfação materna com a avaliação delas do estilo permissivo dos esposos: quanto mais as mães referiam o estilo permissivo dos pais, menos satisfeitas se mostravam com a divisão do trabalho coparental. E a correlação positiva da satisfação materna com seu histórico de superproteção paterna vivida na infância: quanto mais as mães referiam terem sido superprotegidas pelos seus pais na infância, mais referiam satisfação quanto à divisão do trabalho coparental atual. Esta correlação faz sentido quando se observa uma outra, que diz que quanto mais as mães foram superprotegidas pelos seus pais, menos elas referem rigidez no funcionamento familiar atual. E talvez esta seja uma via da relação do histórico de superproteção paterna com a satisfação: pois, com menos rigidez no funcionamento familiar, mais o casal consegue negociar as divisões do trabalho coparental.

Para as demais correlações, não se encontrou subsídio para sua compreensão. Uma delas foi a correlação negativa entre satisfação materna com a divisão do trabalho e histórico de calor emocional materno recebido pelos seus esposos na infância. Esta correlação é intrigante, sobretudo quando se observa que o calor materno recebido pelos pais na infância se relacionou positivamente com a avaliação das esposas da qualidade da comunicação familiar e com a satisfação delas com relação ao funcionamento familiar atual.

E as demais correlações também foram curiosas e poderiam ser um caminho para compreender a divergência de satisfação entre o casal, pois as próprias correlações divergiram. Trata-se da relação entre satisfação materna e paterna quanto à divisão do trabalho com a referência materna do uso da estratégia punitiva nas práticas parentais por ela e pelo esposo. Quanto mais as mães referem uso de tais estratégias, tanto por si mesmas como pelos pais, menor é a sua satisfação materna e maior é a satisfação paterna.

A correlação da satisfação materna é compreensível, considerando que sua satisfação também se relacionou negativamente a sua referência ao estilo permissivo dos esposos. E ainda, que o uso de estratégia punitiva pode estar presente no estilo permissivo do pai e pode ter o uso intensificado pela mãe justamente em função da

permissividade do esposo. Mas as possíveis razões para os pais referirem mais satisfação com a divisão do trabalho quanto mais as mães referem uso da estratégia punitiva por ambos, ficaram sem resposta. Considerando que a satisfação é o resultado de quanto à divisão atende às expectativas e crenças parentais acerca das contribuições de cada um para os cuidados da criança (Feinberg, 2002, 2003), poder-se-ia pensar que o uso de estratégia punitiva estivesse relacionado a valores e crenças paternas quanto aos papéis parentais e que a utilização dela por ambos denotaria um aspecto da divisão do trabalho. Contudo, tal associação pode ser simplista demais e incorrer o risco de produzir conclusões precipitadas.

O que se pode afirmar é que há uma divergência de satisfação entre o casal. Parece que, em geral, um dos dois se sente sobrecarregado e acredita que as divisões do trabalho coparental está injusta. E, embora a rigidez familiar não tenha aparecido diretamente nas correlações com a divisão do trabalho, é possível inferir que o funcionamento *Rigidamente Coeso*, observado nas famílias, contribua para a divergência de satisfação entre o casal, ou vice-versa. Uma vez que, um aspecto potencialmente importante da forma como os pais negociam a divisão do trabalho das questões relativas aos filhos é o grau de flexibilidade *versus* rigidez no funcionamento parental e familiar. Quando há um desequilíbrio nessa divisão, somada à dificuldade de renegociação, pode-se gerar insatisfação com relação ao parceiro (Feinberg, 2002, 2003, 2012).

Segundo Feinberg (2002) a percepção da mãe sobre a justiça nessa divisão aparece como crucial para a satisfação conjugal. E a satisfação conjugal materna, no estudo de Pedro et al., (2012), mostrou ter forte influência sobre as práticas parentais paternas. Segundo as autoras, provavelmente porque as mulheres satisfeitas com sua relação conjugal seriam mais propensas a oferecer apoio e encorajamento aos seus esposos na sua parentalidade que, por sua vez, apresenta impacto no papel parental dos pais.

Aqui, novamente, aparece a recursividade, cuja descrição tem um ponto de partida aleatório: satisfação materna com relação à divisão do trabalho coparental – satisfação conjugal materna – apoio e encorajamento das mães aos esposos – práticas parentais paternas mais saudáveis (conforme Pedro et al., 2012). E seguindo adiante, com as correlações encontradas: (...) práticas parentais paternas mais saudáveis – endossamento materno da parentalidade dos esposos – percepção materna da parentalidade democrática paterna – menos a mãe percebe o

esposo como permissivo – mais satisfeita ela fica com a divisão do trabalho coparental.

Esta recursividade entre coparentalidade, relação conjugal e práticas parentais foi evidenciada no estudo de Ippolito et al., (2010) em que foram testados dois modelos preditores (de direção de influência) e ambos foram confirmados, sugerindo que papéis dinâmicos e múltiplos podem ser desempenhados pela coparentalidade em todo o sistema familiar.

Uma dimensão importante da coparentalidade é gestão conjunta das relações familiares que, na análise quantitativa, foi avaliada pelo fator exposição da criança ao conflito (pela Escala de Relação Coparental). Além de identificar se a criança é exposta ao conflito e a que esta exposição se relaciona, buscou-se, na entrevista, compreender a dinâmica destas situações. Pois, considerando que os conflitos ocorrem no cotidiano das famílias, e que nem sempre é possível preservar os filhos, interessa saber, especialmente, como o casal lida com estas situações, se conversa com a criança no momento ou após o conflito presenciado.

Dentre os casais que relataram que suas crianças presenciam ou percebem os conflitos, apenas um referiu conversar com a criança: *a gente procura não discutir perto dele... quando acontece, às vezes eu falo, eu explico, papai tá nervoso, deixa ele se acalmar. Ou, fica tranquilo, que não é nada contigo. (...) Ele fica tristonho, mas compreende* (Mãe/Família 12). Os demais casais referiram não conversar com a criança, nem durante, nem depois do conflito. As situações são diferenciadas. Um casal referiu não conversar por julgar que tal prática não é adequada: *Não, porque daí já é assunto nosso, né?* (Pai/ Família 02). Outros, como os casais 06 e 07, pontuaram que seus filhos não presenciam os conflitos, mas percebem e, inclusive, fazem perguntas, mas, ainda assim, não costumam conversar com eles sobre o que aconteceu. Já o casal da Família 01, que relatou que o filho frequentemente presencia as discussões, também referiu que eles não costumam conversar com a criança sobre o conflito presenciado, mas demonstram crítica quanto a isso, verbalizando que *este é um ponto a se melhorar* (Pai/ Família 01).

As análises qualitativas também permitiram complementar a perspectiva intergeracional a partir das histórias individuais das famílias. A entrevista buscou caracterizar como era a relação conjugal de seus pais nas famílias de origem; a coparentalidade; como era a relação deles com os filhos; as práticas parentais; e se o casal entrevistado tem algo,

de suas famílias de origem, como modelo na sua relação de casal e parental, ou se percebe fazer algo parecido com o que viveu em suas famílias.

Das doze famílias participantes, sete relataram histórico de alcoolismo nas famílias de origem, quatro pais e quatro mães. Em uma família, o alcoolismo era de ambos, quer dizer, os 2 avôs, materno e paterno, da criança (Família 01); em três famílias, do avô paterno (Famílias 04, 10 e 11); duas famílias, do avô materno (Famílias 02 e 08) e em 1 família, da avó materna (Família 6). Todos relataram que havia muitos conflitos familiares em função do alcoolismo, inclusive com agressões físicas conjugais e/ou parentais.

Em oito famílias de origem (de cinco pais e três mães), os castigos físicos eram utilizados com frequência, como prática parental. Em apenas três destas oito famílias havia o alcoolismo. Nas demais, os castigos físicos mostraram-se relacionados a valores e crenças sociais relacionadas ao contexto e ao tempo.

As diferenças socioculturais das formas de criar os filhos ao longo dos anos foram evidenciadas pelo casal da Família 09, os participantes com maior idade (Pai, 48 anos; Mãe, 46 anos). Ambos relataram ter sofrido castigos frequentes na infância, não havia alcoolismo em nenhuma das famílias de origem e ambas residiam em zonas rurais.

Ao ouvir a esposa referir que, na época da infância deles, a educação era *rígida demais*, o pai pondera dizendo que não julga, nem tem mágoa dos pais pela forma com que foi educado:

Eu já não penso assim: rígido. Eu boto cada tempo no seu tempo. Eu acho assim, e não tenho mágoa dos meus pais, o que eles ensinaram nós, porque, como eu já falei, não tenho mágoa disso aí, porque... Eu acho que na época fazia parte disso aí, a educação exigia isso daí, e hoje em dia, tá assim né, a gente tenta educar da melhor forma possível mas o mundo lá fora...tá difícil. A educação na época, eu me lembro lá no sítio, a gente corria tudo junto, irmãos, era isso. E a educação lá era mais fácil, dava um sinal, um olhar atravessado pra uns e já sabia tudo o que significava. Hoje não, hoje nesse sentido já é mais difícil, mais complicado.

Dos oito participantes que referiram ter sofrido castigos físicos com frequência, sete referiram que, em função deste histórico, decidiram, conscientemente, fazer diferente com seus próprios filhos:

Eu tento fazer hoje, no meu relacionamento com meu filho... O inverso do que eu vivi minha infância inteira. Entendeu? O que eu não tive, eu tento dar pra ele (Mãe/ Família 03)

O pai chegava em casa bêbado. Botava nós tudo a correr de lá. (...) Ele batia na mãe.(...) Ah... Eu disse que eu não vou ser assim, e não... Eu decidi. (Pai/Família 04)

É um modelo de não fazer certas coisas... tento ser o que o meu pai não foi pra mim. Então sempre tô ali, acompanhando, vou à creche, conheço os professores, busco, levo (Pai/ Família 11).

Quanto aos aspectos que procuram “fazer diferente”, referiram ter mais diálogo entre o casal e com os filhos, participando, demonstrando interesse pelas atividades das crianças e procurando sempre passar algum tempo livre juntos, em alguma atividade de lazer.

O estudo de Weber et al. (2006), sobre a transmissão intergeracional dos estilos parentais, identificou que há uma tendência de repetição do modelo parental aprendido. E constatou, também, que as mudanças ocorridas nos casos de não transmissão, são para melhor: mais envolvimento, mais afeto e maior comunicação.

São vários os fatores que podem influenciar nesta quebra de padrões e a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1999, 2005) pode auxiliar na localização destes fatores e na compreensão da interação recursiva entre eles: a) recursos pessoais (diferenciação emocional da família de origem; resiliência); b) recursos relacionais, no micro e mesossistemas (histórico de vínculo significativo com, ao menos, uma pessoa em contextos de violência; a construção da conjugalidade e coparentalidade); c) recursos do macrosistema (informações científicas a respeito da criação dos filhos; e d) mudanças socioculturais ao longo do tempo (cronossistema).

Todos, inclusive os participantes com histórico de violência familiar, destacaram pontos positivos de suas famílias de origem que procuram manter na família atual, dentre eles: valores como a fé; a

honestidade; trabalho; a importância da educação, dos estudos. Houve também relatos em que os cuidados recebidos aparecem como modelo na relação parental atual: *Meu pai era bastante protetor, e hoje eu me vejo agindo assim com as minhas filhas* (Pai/ Família 02). *Meu pai era muito brincalhão e atencioso, e eu procuro ser assim com meus filhos também* (Pai/ Família 05).

Ao serem questionados sobre o que é, para eles, “ser bons pais” (pai e mãe), as respostas compreenderam, de forma geral, as dimensões de afeto; de controle (importância dos limites); suprimento das necessidades básicas; incentivar atividade física e diversão; orientações; valores (honestidade; fé); estudo; respeitar a criança; dar bons exemplos; diálogo; estar presente e interessado no dia-a-dia da criança. De forma geral, todos os participantes referiram se sentir “bons pais”, alguns, pontuando questões a melhorar.

8. CONCLUSÕES

Esta pesquisa buscou ampliar a compreensão da coparentalidade no contexto do funcionamento familiar em uma perspectiva intergeracional. Para tanto, foi caracterizado o funcionamento das famílias participantes, a relação coparental, os estilos parentais atuais e da geração anterior. E todos os fatores de cada uma destas quatro dimensões principais foram submetidos a análises correlacionais.

Os resultados evidenciaram a recursividade nas relações entre as vivências da família de origem (quanto ao cuidado recebido); o funcionamento familiar atual; estilos parentais e coparentalidade. Por se tratar de um estudo exploratório, descritivo e correlacional, o conjunto dos resultados apresenta uma grande quantidade de informações que dificulta o delineamento de conclusões pontuais. Para não incorrer o risco de reproduzir as sínteses conclusivas já apresentadas nas discussões, destaca-se aqui uma visão geral do conjunto dos resultados.

As vivências na família de origem, quanto ao cuidado parental recebido, mostraram se relacionar a aspectos cruciais do funcionamento familiar atual, que, por sua vez, traz implicações aos estilos parentais e à coparentalidade. O calor emocional nas práticas parentais recebidas na infância, tanto pelo pai, quanto pela mãe, mostra-se relacionado à adoção de estilos parentais atuais mais saudáveis: mais presença de calor/envolvimento e paciência/respeito; menor uso de hostilidade verbal e de estratégias punitivas; mais auto-confiança parental e menos falta de firmeza. Na adoção de estilos parentais atuais mais saudáveis destaca-se, também, a importância da coesão e, em especial, da flexibilidade no funcionamento familiar atual. E ainda, do endossamento da parentalidade do parceiro coparental, em especial o endossamento da mãe e o estilo democrático-recíproco do pai.

O histórico do pai de calor emocional materno recebido na infância e adolescência repercute positivamente no funcionamento familiar atual. Quanto mais o pai refere ter recebido calor emocional materno, mais a sua esposa avalia positivamente a comunicação e sua satisfação com o funcionamento familiar atual. E com relação à coparentalidade atual, o calor emocional paterno recebido pelo pai se relaciona a sua validação da parentalidade da esposa. Ou seja, quanto mais calor emocional paterno (e menos rejeição paterna) o pai recebeu na infância, mais ele endossa a parentalidade da esposa. E quanto mais ele endossa a parentalidade dela, menos ela se utiliza de estratégia punitiva no seu estilo parental.

Em contrapartida, a vivência do pai de superproteção materna em sua família de origem parece implicar negativamente no funcionamento familiar atual. Quanto mais o pai foi superprotegido pela própria mãe na infância, mais rigidez e menos flexibilidade são constatados pelo pai e pela mãe, respectivamente. A rigidez no funcionamento familiar atual prejudica o endossamento da parentalidade do pai pela esposa, trazendo implicações negativas para o estilo parental paterno.

As influências das vivências nas suas famílias de origem com o funcionamento familiar atual são evidentes e a gestão conjunta das relações familiares é uma tarefa essencial da coparentalidade. Segundo Feinberg (2003), a díade coparental é responsável por estabelecer as fronteiras familiares, das quais dependerá a qualidade do funcionamento estrutural da família. Quando, por exemplo, o casal não consegue manejar seus próprios conflitos, eles acabam expondo a criança a situações de hostilidade. Ou ainda, situações nas quais eles criam coalizões e/ou triangulações, envolvendo as crianças nas soluções de seus desentendimentos. Estas são situações potencialmente prejudiciais para o desenvolvimento das crianças e da família. Nesta pesquisa, os fatores diretamente relacionados à exposição da criança ao conflito foram: qualidade da comunicação familiar, acordo e proximidade coparentais (relação negativa); e sabotagem coparental e falta de firmeza no estilo parental paterno (relação positiva).

E quando se volta o olhar para cada um destes fatores, pode-se inferir um conjunto de outros fatores que se relacionam indiretamente à exposição da criança ao conflito. Por exemplo, a sabotagem coparental se mostra relacionada à falta de firmeza e ao uso de estratégia punitiva no estilo parental de ambos. E, como mencionado, há dimensões do funcionamento familiar e de vivências nas famílias de origem que se relacionam a estes fatores do estilo parental.

Em análises como estas, pode-se observar o quanto a ampliação do foco do estudo da coparentalidade, compreendida no contexto do funcionamento familiar e dos estilos parentais em uma perspectiva intergeracional, evidencia a complexidade das relações familiares e a relação recursiva de inúmeros fatores. Os resultados das diversas combinações das análises correlacionais vão delineando relações em forma de espiral. Quer dizer, os resultados se reforçam e se complementam, trazendo à tona um novo componente partícipe do interjogo da recursividade. Nesse sentido, é difícil delimitar afirmações conclusivas pontuais, contudo, acredita-se que o objetivo de ampliar a

compreensão da coparentalidade, em uma perspectiva relacional sistêmica, foi atingido.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos maiores desafios desta pesquisa foi trabalhar com um grande número de variáveis e descrever diversas combinações de relações, que não são lineares. Além disso, as relações são dinâmicas e as categorias conceituais criadas para defini-las e distingui-las teoricamente, não são estanques nem excludentes na prática. Por exemplo, os estilos parentais são claramente definidos e são teoricamente distintos entre si, mas na prática, eles coexistem. Nesta pesquisa os casais referiram uso do estilo democrático-recíproco, a respeito de si e do parceiro, em aproximadamente 75% das interações com a criança. Também referiram uso do estilo autoritário, em 25%, e permissivo, em 25% das interações. Dentro de uma lógica linear e excludente, este resultado não seria possível, contudo, as análises correlacionais mostraram, por exemplo, que mesmo no estilo permissivo há um recorrente uso de práticas autoritárias.

Além disso, quando se analisa conjuntamente diversos fatores, em uma perspectiva sistêmica, é preciso ultrapassar a lógica do pensamento simples de causa e efeito e compreender que as relações são simultâneas e recursivas. A descrição requer a escolha de um ponto de partida, mas este é aleatório, não se configura como causa, embora seja possível inferir direções dos relacionamentos.

Assim, uma contribuição desta tese reside na sistematização e na apresentação de um conjunto de relações sobre a coparentalidade no contexto do funcionamento geral da família em uma perspectiva intergeracional. Permitiu um delineamento das relações entre as vivências na família de origem, funcionamento familiar e estilos parentais, que contribui com a ampliação da compreensão da dinâmica da coparentalidade e oferece inúmeras direções para futuras pesquisas.

Esta pesquisa traz também uma contribuição metodológica, no sentido de demonstrar a possibilidade de análise de um grande número de variáveis, através da combinação de abordagens quantitativa e qualitativa. Em geral, as pesquisas científicas delimitam e reduzem as variáveis de estudo. Este recorte é importante e permite análises mais profundas e minuciosas. Por outro lado, a ampliação do foco oferece uma compreensão contextualizada do fenômeno, a partir de uma abordagem complexa, integrando os seus elementos. Isso é particularmente relevante em temáticas pouco pesquisadas.

Além da contribuição científica, esta tese pode ter uma aplicabilidade nas práticas sistêmicas com famílias nos mais variados

contextos, auxiliando no desenvolvimento de um olhar contextualizado das situações e das demandas que se apresentam, e no direcionamento das intervenções. Na clínica, em terapias relacionais sistêmicas; nos diversos serviços de saúde, tais como: Atenção Básica, que tem como foco a atenção continuada às famílias através da Estratégia de Saúde da Família e nos demais pontos da rede de atenção, como os Centros de Atenção Psicossocial, ambulatoriais e hospitalares. Nos serviços básicos, de média e alta complexidade de Assistência Social; nas escolas; no poder judiciário, enfim, em qualquer contexto que se queria trabalhar com famílias a partir de uma perspectiva sistêmica.

As principais limitações deste estudo são relacionadas ao número de participantes. Sobretudo para as análises quantitativas, o número reduzido de participantes implica um risco de validade dos resultados. Por esta razão, optou-se por utilizar apenas a análise correlacional não paramétrica e, ainda assim, alguns resultados mostraram-se inconclusivos e sua elucidação dependerá, portanto, de pesquisas futuras sobre o tema que investiguem um número maior de participantes. Com um número maior de participantes, poder-se-ia realizar análises estatísticas mais sofisticadas que apontassem a direção das relações entre as variáveis, identificando fatores moderadores e mediadores das diferentes relações.

A partir das contribuições e das limitações desta tese surgem inúmeras direções para pesquisas futuras. Dentre elas, a inclusão de fatores que não foram contemplados nesta pesquisa, como a conjugalidade, a rede de suporte social da família nas relações entre funcionamento familiar e coparentalidade, além de análises específicas no que se refere às correlações entre as variáveis estudadas e as variáveis sociodemográficas. Ou mesmo o recorte de relações que se destacaram ou que ficaram sem suporte para sua compreensão, tais como, a divergência entre o casal com relação à satisfação da divisão do trabalho coparental.

Destaca-se, ainda, a importância do desenvolvimento de estudos de validação de instrumentos para a população brasileira. No levantamento bibliográfico realizado não foram encontrados instrumentos que avaliam a coparentalidade construídos no Brasil, ou adaptados e validados para a população brasileira. Pesquisadores portugueses têm realizado adaptações e validação de instrumentos americanos para a sua população, e estes – pela proximidade da língua e mesmo de cultura em algumas regiões do Brasil – podem ser um ponto de partida para estudos de adaptação/validação de instrumentos para a

população brasileira, o que traria grande contribuição para o avanço das pesquisas científicas nesta área.

Por fim, espera-se que os resultados deste trabalho possam servir de incentivo, ainda, aos pesquisadores que se interessam em pesquisar as famílias brasileiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abidin, R. & Brunner, J. F. (1995). Development of a Parenting Alliance Inventory. *Journal of Clinical and Child Psychology*, 24 (1), 31-40.
- Abidin, R. & Konold, T. (1999). *Parenting Alliance Measure professional manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Alvarenga, P. & Piccinini, C. (2001). Práticas educativas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 449-460.
- Aun, J. G., Esteves de Vasconcellos, M. J., & Coelho, S. V. (2005). *Atendimento de famílias e redes sociais: Fundamentos teóricos e epistemológicos*. Belo Horizonte: Ophicina da Arte & Prosa.
- Baril, M. E.; Crouter, A. C. & McHale, S. M. (2007). Processes linking adolescent well-being, marital love, and coparenting. *J Fam Psychol*;21(4):645-54, Dec.Barzel & Reid, 2011
- Barzel, M.; Reid, G.J. (2011). Coparenting in relation to children's psychosocial and diabetes-specific adjustment. *J Pediatr Psychol*; 36(5): 618-29, Jun.
- Baumrind, D. (1991) The Influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11(1). 56-95.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4(1), 1-103.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Baumrind, D. & Black, A. (1967). Socialization practices associated with dimensions of competence in preschool boys and girls. *Child Development*, 38, 291-327.
- Bem, L. A. de & Wagner, A. (2006). Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 11(1), Apr. Recuperado em 10 de fevereiro de 2011 de <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722006000100008&lng=en&nrm=iso>.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (s.d). *Das inserções quantitativo x qualitativo*. Manuscrito não-publicado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

- Biasoli-Alves, Z. M. M. (2000). Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 233-239.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (1999). Relações familiares. *Texto Contexto Enfermagem*, 8, 229-241.
- Biasoli-Alves, Z. M. M., Caldana, R. H. L., & Silva, M. H. G. F. D. (1997). Práticas de educação da criança na família: a emergência do saber técnico-científico. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 7, 49-62.
- Böing, E., Crepaldi, M. A., & Moré, C. L. O. O. (2008). Pesquisas com famílias: aspectos teórico-metodológicos. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 18(40), 251-266.
- Bolze, S. D. A. (2011). *A Relação Entre Engajamento Paterno e Qualidade de Relacionamento Conjugal de Pais Com Crianças de 4 a 6 Anos*. Florianópolis, Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Bonds, D. D. & Gondoli, D. M. (2007). Examining the process by which marital adjustment affects maternal warmth: the role of coparenting support as a mediator. *J Fam Psychol*; 21(2):288-96, Jun.
- Bossardi, C. N. (2011). *Relação do engajamento parental e conflito conjugal no investimento com os filhos*. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
- Boszormenyi-Nagy, I. & Spark, G.M. (1973) *Lealtades Invisíveis: Reciprocidade em terapia familiar intergeracional*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Bouchard, G. (2013). The Quality of the Parenting Alliance During the Transition to Parenthood. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue canadienne des sciences du comportement*. Advance online publication. doi:10.1037/a0031259
- Bowen, M. (1998). *De la família al individuo: la diferenciación del si mismo em el sistema familiar*. Buenos Aires: Paidós.
- Bowlby, J. (1990). *Apego*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brás, P. M. F. (2008). *Um olhar sobre a parentalidade (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais actuais*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia (Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica

- Sistêmica). Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: Bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In S. L. Friedmann & T. D. Wacks (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp. 3 - 30). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. & Ceci, S. J. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. *Psychological Review*, 101 (4), 568-586.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In: Damon, W. (Org.), *Handbook of child psychology* (V.1, pp. 993-1027). New York, NY: John Wiley & Sons.
- Burney, R.V. & Leerkes, E. M. (2010). Links between mothers' and fathers' perceptions of infant temperament and coparenting. *Infant Behav Dev*;33(2):125-35, Apr.
- Caldera, Y.M. & Lindsey, E.W. (2006). Coparenting, mother-infant interaction, and infant-parent attachment relationships in two-parent families. *J Fam Psychol*;20(2):275-83, Jun.
- Carmo, C. J. do & Harada, M. J. C. S. (2006). Violência física como prática educativa. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, 14(6), dez. Recuperado em 10 de fevereiro de 2011, de <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692006000600004&lng=pt&nrm=iso>
- Carter, B., & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, M. C. N.; Gomide, P. I. C. (2005) Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 22(3), 263-274.
- Castoldi, L., Lopes, R. C. S., & Prati, L. E. (2006). O genograma como instrumento de pesquisa do impacto de eventos estressores na transição família-escola. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 19, 292-300.
- Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (2004). Inserção ecológica na comunidade: Uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. In S. Koller (Org.), *Ecologia do*

- desenvolvimento humano* (pp. 267-292). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cerveny, C. M. O. (2000). *A família como modelo: Desconstruindo a patologia*. Campinas, SP: Livro Pleno.
- Cerveny, C. M. O. & Berthoud, C. M. E. (2009). Ciclo vital da família brasileira. Em L.C. Osório & M.E.P. Valle (Orgs.), *Manual de terapia familiar*. Porto Alegre: ARTMED
- Cerveny, C. M. O. & Berthoud, C. M. E. (2002). *Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cerveny, C. M. O., & Berthoud, C. M. (1997). *Família e ciclo vital: Nossa realidade em pesquisa*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Cook, J. C.; Schoppe-Sullivan, S. J.; Buckley, C. K. & Davis, E. F. (2009). Are some children harder to coparent than others? Children's negative emotionality and coparenting relationship quality. *Journal of Family Psychology*; 23(4):606-10, Aug.
- Cookston, J.T.; Braver, S.L.; Griffin, W.A.; De Lusé, S.R.; Miles, J.C. (2007). Effects of the Dads for Life intervention on interparental conflict and coparenting in the two years after divorce. *Fam Process*;46(1):123-37, Mar
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2013). *Estatística sem matemática para Psicologia*. Porto Alegre: Penso.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting Style as Context: An Integrative Model. *Psychological Bulletin*, 113 (3), 487-496.
- Dessen, M. A. & Silva Neto, N. A. (2000). Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 191-192.
- Dessen, M. C.; Silva, S. C & Dessen, M. A. (2009). Pesquisa com família: integrando métodos quantitativos e qualitativos. In: Weber, L. D. N & Dessen, M. A. (2009). *Pesquisando Família: Instrumentos para coleta e Análise de Dados*. Curitiba: Juruá.
- Donnally, E. (2011). Relations between Infant Temperament and Parents' Perceptions of Coparenting. Thesis. The Ohio State University.
- Elkaim, M. (1990). *Se você me ama, não me ame – Abordagem Sistêmica em Psicoterapia Familiar e Conjugal*. Papirus, Campinas.
- Esteves, A. S. e C. de M. (2010). Estilos Parentais e Coparentalidade: um Estudo Exploratório com Casais Portugueses. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia (Secção de Psicologia Clínica e da

- Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistêmica). Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
- Esteves de Vasconcellos, M. J. (2005). Pensamento sistêmico novo-paradigmático: Novo-paradigmático, por quê? In J. G. Aun, M. J. Esteves de Vasconcellos & S. V. Coelho (Orgs.), *Atendimento de famílias e redes sociais: Fundamentos teóricos e epistemológicos* (pp. 71-142). Belo Horizonte: Ophicina da Arte & Prosa.
- Esteves de Vasconcellos, M. J. (2003). *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência*. Campinas, SP: Papirus.
- Feinberg, M. E. (2003). The Internal Structure and Ecological Context of Coparenting: a Framework for Research and Intervention. *Parenting: Science and Practice*. 3(2): 95-131.
- Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: a framework for prevention. *Clin. Child Fam. Psychol. Rev.*,5(3):173-95, Sep.
- Feinberg, M. E., Brown, L. D., & Kan, M. L. (2012). A multi-domain self-report measure of coparenting. *Parenting: Science and Practice*, 12(1), 1-21. doi:10.1080/15295192.2012.638870
- Feinberg, M. E. & Kan, M. L. (2008). Establishing family foundations: intervention effects on coparenting, parent/infant well-being, and parent-child relations. *J Fam Psychol.*; 22(2):253-63, Apr
- Feinberg, M. E.; Kan, M. L. & Goslin, M. C. (2009). Enhancing coparenting, parenting, and child self-regulation: effects of family foundations 1 year after birth. *Prev Sci*; 10(3):276-85, Sep.
- Feinberg, M. E. & Sakuma, K.-L. (2011). Coparenting interventions for expecting parents. In J. P. McHale & K. M. Lindahl (Eds.), *Coparenting: A conceptual and clinical examination of family systems* (pp. 171-190). doi:10.1037/12328-008
- Fivaz-Depeursinge, E.; Lopes, F.; Python, M.; Favez, N. (2009). Coparenting and toddler's interactive styles in family coalitions. *Fam Process*;48(4):500-16, Dec
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.
- Frizzo, G. B.; Kreutz, C.M.; Schmit, C.; Piccinini, C.A. & Bosa, C. (2005). O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica: implication for research and clinical practice. *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.*, 15(3), p.84-93. ISSN 0104-1282
- Gerstle, M. (2011). Perceived Coparenting Quality Among Mutually Aggressive Parents: The Impact of Interparental and Parental

- Factors. Thesis. The University of New Mexico. Albuquerque, New Mexico
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª Ed. São Paulo: Atlas.
- Gomes, L. B. (2011). *Engajamento Paterno e Agressividade em Crianças de Quatro a Seis Anos*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina., Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
- Gordon, I.; Feldman, R. (2008). Synchrony in the triad: a microlevel process model of coparenting and parent-child interactions. *Fam Process*;47(4):465-79, Dec.
- Grandesso, M. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: Uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hennig, F. (2008). *Relação entre Práticas Educativas Parentais e Memórias de Cuidados na Infância*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC).
- Holland, A. S., & McElwain, N. L. (2013). Maternal and paternal perceptions of coparenting as a link between marital quality and the parent-toddler relationship. *Journal of Family Psychology*, 27(1), 117-126. doi:10.1037/a0031427
- Ippolito Morrill, M.; Hines, D.A.; Mahmood, S.; Córdova, J.V. (2010). Pathways between marriage and parenting for wives and husbands: the role of coparenting. *Fam Process*;49(1):59-73, Mar
- Karremans, A.; van Tuijl, C.; van Aken, M. A. & Dekovic, M. (2008). Parenting, coparenting, and effortful control in preschoolers. *J Fam Psychol*;22(1):30-40, Feb
- Kobarg, A. P. R. & Vieira, V.; Vieira, M. L. (2010). Validação Da Escala De Lembranças Sobre Práticas Parentais (Embu). *Avaliação Psicológica*. Porto Alegre, 9(1) Recuperado em 10 de fevereiro de 2011 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712010000100009&lng=pt&nrm=iso. acesso em 26 abr. 2011.
- Kolak, A. M., & Volling, B. L. (2013). Coparenting moderates the association between firstborn children's temperament and problem behavior across the transition to siblinghood. *Journal of Family Psychology*, 27(3), 355-364. doi:10.1037/a0032864

- Lamela, D.; Nunes-Costa, R. & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações coparentais: revisão crítica. *Psicol. Estud.* 15(1). Maringá Jan./Mar.
- Laxman, D. J., Jessee, A., Mangelsdorf, S. C., Rossmiller-Giesing, W., Brown, G. L., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2013). Stability and antecedents of coparenting quality: The role of parent personality and child temperament. *Infant Behavior & Development*, 36(2), 210-222. doi:10.1016/j.infbeh.2013.01.001
- LeRoy, M., Mahoney, A., Pargament, K. I., & DeMaris, A. (2013). Longitudinal links between early coparenting and infant behaviour problems. *Early Child Development and Care*, 183(3-4), 360-377. doi:10.1080/03004430.2012.711588
- Lindsey, E. W., Caldera, Y., & Colwell, M. (2005). Correlates of coparenting during infancy. *Family Relations*, 54, 346-359. doi:10.1111/j.1741-3729.2005.00322.x
- Maccoby, E. E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In Hetherington, E. M. (Ed.) & Mussen, P. H. (Séries Ed.), *Handbook of child psychology, Vol. 4: Socialization, personality and social development* (pp. 1 – 101). New York: Wiley.
- Machado, M. M. E. (2008). Aliança parental, Coesão e Adaptabilidade familiar ao longo do ciclo vital da família. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia (Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica). Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
- Mangelsdorf, S. C.; Laxman, D. J. & Jessee, A. (2011). Coparenting In Two-Parent Nuclear Families. In J. P. McHale & K. M. Lindahl (Eds.), *Coparenting: A conceptual and clinical examination of family systems* (pp.39-59). doi:10.1037/12328-007
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: A link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 15, 3-21. doi:10.1037/0893-3200.15.1.3
- McDaniel, B. T., & Teti, D. M. (2012). Coparenting quality during the first three months after birth: The role of infant sleep quality. *Journal of Family Psychology*, 26(6), 886-895. doi:10.1037/a0030707
- McGoldrick, M., & Gerson, R. (2001). Genetogramas e o ciclo de vida familiar. In B. Carter & M. McGoldrick, M. (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- McHale, J. P. (1997). Overt and covert coparenting processes in the family. *Fam Process*; 36(2):183-201, 1997 Jun
- McHale, J. P.; Rotman, T. (2007). Is seeing believing? Expectant parents' outlooks on coparenting and later coparenting solidarity. *Infant Behav Dev*; 30(1):63-81, Feb
- Merrifield, K. A., & Gamble, W. C. (2013). Associations among marital qualities, supportive and undermining coparenting, and parenting self-efficacy: Testing spillover and stress-buffering processes. *Journal of Family Issues*, 34(4), 510-533. doi:10.1177/0192513X12445561
- Miguel, I; Valentim, J. P. & Carugati, F. (2009). Questionário de Estilos e Dimensões Parentais – Versão Reduzida: Adaptação portuguesa do *Parenting Styles and Dimensions Questionnaire – Short Form*. *Psychologica*, 51 (169-188).
- Minetto, M. de F. J. (2010). *Práticas educativas parentais, crenças parentais, estresse parental e funcionamento familiar de pais de crianças com desenvolvimento típico e atípico*. – Tese (Doutorado em Psicologia) Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
- Minuchin (1985). Families and individual development: provocations from the field of family therapy. *Child Development*, 56, 289-302.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Minuchin, S., Lee, W.; Simon, G. (2008). *Dominando a terapia familiar*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Minuchin, S.; Fishman, H. C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Morin, E. (1996). Epistemologia da complexidade. In D. F. Schnitman (Org.), *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 274-286). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morin, E. (1990). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Epistemologia e Sociedade.
- Oliveira, E. A, Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravello, T. & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15, 1-11.
- Olson, D.H., Gorall, D. M. (2006). *FACES IV & the Circumplex Model*.

- Olson, D. H., Gorall, D. M.; Tiesel, J, W. (2007). *FACES IV & the Circumplex Model: Validation study*.
- Pedro, M. F., Ribeiro, T., & Shelton, K. H. (2012). Marital satisfaction and partners' parenting practices: The mediating role of coparenting behavior. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 509-522. doi:10.1037/a0029121
- Petch, J. F., Halford, W. K., Creedy, D. K., & Gamble, J. (2012). A randomized controlled trial of a couple relationship and coparenting program (Couple CARE for Parents) for high- and low-risk new parents. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 80(4), 662-673. doi:10.1037/a0028781
- Piccinini, C.A., Frizzo, G.B., Alvarenga, P., Lopes, R.S. & Tudge, J. (2007). Práticas educativas de pais e mães de crianças aos 18 meses de idade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(4), 369-378.
- Prati, L. E. & Koller, S. H. (2011). Relacionamento conjugal e transição para a coparentalidade: perspectiva da psicologia positiva. *Psicol. clin.*, 23(1), p.103-118
- Riina, E. M. (2012). Ecological and family systems perspectives on coparenting during adolescence. *Dissertation Abstracts International Section A: Humanities and Social Sciences*, 73(6-A), 2308. (UMI No. AAI3500966)
- Riina, E. M. & McHale, S. M. (2014). Bidirectional influences between dimensions of coparenting and adolescent adjustment. *Journal of Youth and Adolescence*. Advance online publication. doi:10.1007/s10964-013-9940-6
- Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S. F. & Hart, C. H. (1995). Authoritative, authoritarian, and permissive parenting practices: Development of a new measure. *Psychological Reports*, 77, 819-830.
- Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S. F. & Hart, C. H. (2001). The Parenting Styles and Dimension Questionnaire (PSQD). In B. F. Perlmutter, J. Touliatos & G. W. Holden (Eds.), *Handbook of Family Measurement Techniques*, Vol.3: *Instruments & Index* (pp.319-321). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Schmidt, B. (2012). *Relacionamento conjugal e temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos*. Florianópolis 193 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Schoppe-Sullivan, S. J. & Mangelsdorf, S. C. (2013). Parent characteristics and early coparenting behavior at the transition to

- parenthood. *Social Development*, 22(2), 363-383.
doi:10.1111/sode.12014
- Schoppe, S. J.; Mangelsdorf, S. C. & Frosch, C. A. (2001). Coparenting, family process, and family structure: implications for preschoolers' externalizing behavior problems. *J Fam Psychol*;15(3):526-45, Sep
- Schoppe-Sullivan, S. J.; Mangelsdorf, S. C.; Frosch, C. A & McHale, J. L. (2004). Associations between coparenting and marital behavior from infancy to the preschool years. *J Fam Psychol*;18(1):194-207, Mar
- Schoppe-Sullivan, S. J.; Mangelsdorf, S. C.; Brown, G. L. & Sokolowski, M. S. (2007). Goodness-of-fit in family context: Infant temperament, marital quality, and early coparenting behavior. *Infant Behav Dev*;30(1):82-96, Feb
- Schoppe-Sullivan, S. J.; Brown, G. L.; Cannon, E. A.; Mangelsdorf, S. C. & Sokolowski, M. S. (2008). Maternal gatekeeping, coparenting quality, and fathering behavior in families with infants. *J Fam Psychol*; 22(3):389-98, Jun
- Schoppe-Sullivan, S. J.; Weldon, A. H.; Cook, J. C.; Davis, E. F. & Buckley, C. K. (2009). Coparenting behavior moderates longitudinal relations between effortful control and preschool children's externalizing behavior. *J Child Psychol Psychiatry*; 50(6):698-706, Jun
- Scott, S. L. (2009). Predicting Children's Emotional and Behavioral Functioning: an Examination of Coparenting and Parental Satisfaction. Thesis. University of Central Florida
- Scrimgeour, M. B., Blandon, A. Y., Stifter, C. A.; Buss, K. A. (2013). Cooperative coparenting moderates the association between parenting practices and children's prosocial behavior. *Journal of Family Psychology*, 27(3), 506-511. doi:10.1037/a0032893
- Solmeyer, A. R. & Feinberg, M. E. (2011). Mother and father adjustment during early parenthood: the roles of infant temperament and coparenting relationship quality. *Infant Behav Dev*;34(4): 504-14.
- Solmeyer, A. R.; Killoren, S.E.; McHale, S. M. & Updegraff, K. A. (2011). Coparenting around siblings' differential treatment in Mexican-origin families. *J Fam Psychol*;25(2):251-60, Apr
- Stolberg, A. L.; Ferrante, J. & Schum, L. Conceptual And Empirical Support For The Measurement Of Co-Parenting. *FORUM ON PUBLIC POLICY*.

- Stright, A. D., & Bales, S. S. (2003). Coparenting quality: Contributions of child and parent characteristics. *Family Relations*, 52, 232–240. doi:10.1111/j.1741-
- Sullivan, M. J. (2008). Coparenting and the Parenting Coordination Process. *Journal of Child Custody*. 5(1/2). Available online at <http://jcc.haworthpress.com>
- Szabó, N., Dubas, J. S., & van Aken, M. A. G. (2012). And baby makes four: The stability of coparenting and the effects of child temperament after the arrival of a second child. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 554-564. doi:10.1037/a0028805
- Talbot, J. A., Baker, J. K., & McHale, J. P. (2009). Sharing the love: Prebirth adult attachment status and coparenting adjustment during early infancy. *Parenting: Science and Practice*, 9, 56–77.
- Teubert, D. & Pinquart, M. (2010): The Association Between Coparenting and Child Adjustment: A Meta-Analysis, *Parenting*, 10(4), pp. 286-307
- Tomizaki, K. (2010a). Apresentação - De uma geração a outra: a dimensão educativa dos processos de transmissão intergeracional. *Educação e Sociedade*, Campinas, 31(111). Recuperado em 10 de fevereiro de 2011 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000200002&lng=en&nrm=iso
- Tomizaki, K. (2010b). Transmitir e Herdar: O Estudo Dos Fenômenos Educativos Em Uma Perspectiva Intergeracional. *Educação e Sociedade*, Campinas, 31(111), 327-346.
- Turato, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições diferenças e seus objetivos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*. 39(3), 507-514
- Van Egeren, L. A. (2003). Prebirth predictors of coparenting experiences in infancy. *Infant Mental Health Journal*, 24, 278–295. doi:10.1002/imhj.10056.
- Van Egeren, L. & Hawkins, D. (2004). Coming to terms with coparenting: Implications of definition and measurement. *Journal of Adult Development*, 11, 165-178.
- Watzlawick, P., Beavin, J.H. & Jackoson, D. (1973). *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Cultrix.
- Weber, L. N. D.; Selig, G. A.; Bernardi, M. G.; Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações: transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia (Ribeirão*

Preto), Ribeirão Preto, 16(35). Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000300011&lng=en&nrm=iso>

- Weber, L. N. D.; Prado, P. M.; Viezzer, A. P. & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia Reflexão e Crítica*. [online], 17(3), 323-331. ISSN 0102-7972. doi: 10.1590/S0102-79722004000300005.
- Wendt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A utilização do genograma como instrumento de coleta de dados em pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21, 302-310.

APÊNDICE 01 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

(A Entrevista foi realizada na sequência da construção do genograma)

Agora nós gostaríamos de falar um pouquinho sobre as famílias de origem de cada um de vocês. Quem gostaria de começar?

1. Como você lembra que era o **relacionamento entre seus pais** quando você era criança? Dê um exemplo.
2. Há coisas na **relação de casal de seus pais** que você tem como modelo na sua relação com a sua esposa/marido? Dê um exemplo.
3. Você acha que os seus pais, de forma geral, **concordavam ou discordavam** entre si na **forma de te educar**?
4. Há coisas que os seus pais faziam com você na forma de educar quando você era criança que você perceber fazer igual com seu filho? Dê um exemplo.
5. Quando você era criança, você se lembra de alguma **situação de conflito entre seus pais**. Dê um exemplo. Você lembra como eles resolveram essa situação?
6. Esse tipo de conflito ocorre entre você e sua esposa?
7. Quando você era criança, você se lembra de alguma **situação de conflito entre seus pais e você**? Dê um exemplo. Como vocês resolveram? Você tem esse tipo de conflito com seu filho hoje?
8. E hoje em dia, como é o **seu relacionamento com seus pais**? Você se dá melhor com algum deles?

Sobre a relação parental:

1. Para vocês, o que é **ser bons pais**?
2. Há um momento em que todos vocês (família que mora na casa) fazem alguma **atividade juntos**? Que tipo de atividades vocês fazem juntos? (No caso de eles não lembrarem: refeições, assistir TV ou um passeio, por exemplo).
3. Como é relacionamento de vocês com a criança focal? (dizer o nome).
4. Vocês costumam **concordar ou discordar com a forma de criação** de seu filho? Dê um exemplo.

Introdução sobre o conflito parental:

Pais e filhos utilizam numerosos meios para tentar resolver seus problemas. As próximas perguntas são sobre os desentendimentos e brigas que existem de vez em quando entre pais e filhos. É normal que

isso ocorra em todas as famílias. Às vezes, conseguimos resolver sem conflitos; outras vezes é bem mais difícil.

1. Então, tente lembrar-se de uma **situação de conflito entre você e seu filho** que foi marcante. Você poderia me dar um exemplo (cada um relata uma situação).
2. **Como** vocês resolveram essa situação?
3. **O que** vocês **disseram** para a criança?
4. Vocês **ficaram satisfeitos com a resolução** que foi dada?

Introdução sobre a relação conjugal:

1. Como é o **relacionamento entre vocês dois**?
2. Quais **assuntos** vocês conversam no dia a dia?

Introdução sobre o conflito conjugal:

No dia-a-dia de todas as famílias, por diversas razões, ocorrem conflitos, como discussões, brigas, desentendimentos...

1. Nós gostaríamos que cada um pudesse tentar lembrar e nos dizer **uma situação de conflito** que foi marcante ao longo do relacionamento de vocês (cada um responde individualmente).
2. **Como** vocês resolveram essa situação? E vocês ficaram **satisfeitos** com essa resolução?
3. Quando vocês **discutem ou não concordam** sobre algum assunto, como vocês fazem (negociam) para resolver esse desacordo?
4. Quando ocorreu esse conflito que vocês descreveram, **onde a criança estava**?
5. O que vocês **disseram para a criança** na hora do conflito?
6. E **depois** do conflito, vocês **falaram com a criança** sobre o que ocorreu?
7. Como a criança (nome) **reagiu**?
8. E **hoje, como vocês fazem** quando vocês brigam na frente da criança?

APÊNDICE 02

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a):

Vimos convidá-lo(a) a participar de uma pesquisa que está sendo realizada em cidades de Santa Catarina, intitulada: “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”. Essa pesquisa tem como objetivo estabelecer um elo entre o modo de funcionar das famílias e o comportamento das crianças.

Você já participou da primeira etapa da referida pesquisa e o presente convite envolve a participação em uma segunda etapa, de natureza qualitativa, na qual será realizada a aplicação de instrumentos de coparentalidade, estilos parentais, lembranças de cuidados parentais e funcionamento familiar, além de entrevista semi-estruturada com uso de genograma.

A participação é voluntária. Caso você aceite participar, solicitamos a permissão para que possamos utilizar os instrumentos que por você serão respondidos. Apenas as pesquisadoras terão acesso direto às informações neles relatadas. Informamos, também, que a qualquer momento você poderá desistir da participação na pesquisa.

Considerando que a pesquisa tem como foco as relações familiares, é possível que a aplicação dos instrumentos incite em você alguma mobilização emocional. Nesse caso, as pesquisadoras estão disponíveis para acolher tais demandas, bem como indicar os devidos encaminhamentos, caso seja necessário. Por outro lado, a experiência de participar dessa pesquisa pode oportunizar a reflexão e o aprendizado sobre questões familiares.

Quaisquer informações adicionais ou esclarecimentos acerca desta pesquisa poderão ser obtidos junto aos pesquisadores pelos telefones (48) 38793776 / (48) 8806-7689 / (48) 32347337 e (48) 91220601, ou pelos e-mails: simoneazeredo@yahoo.com.br e elisagelaboing@gmail.com.

Eu, Sr(a) _____, considero-me informado(a) sobre a segunda etapa da pesquisa “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”, e aceito participar da mesma. Além disso, afirmo consentir que os instrumentos sejam aplicados e utilizados para a coleta de dados e que recebi uma via deste termo.

(Local) _____, (Dia) _____ de (mês) _____ de 2013.

Assinatura do Entrevistado

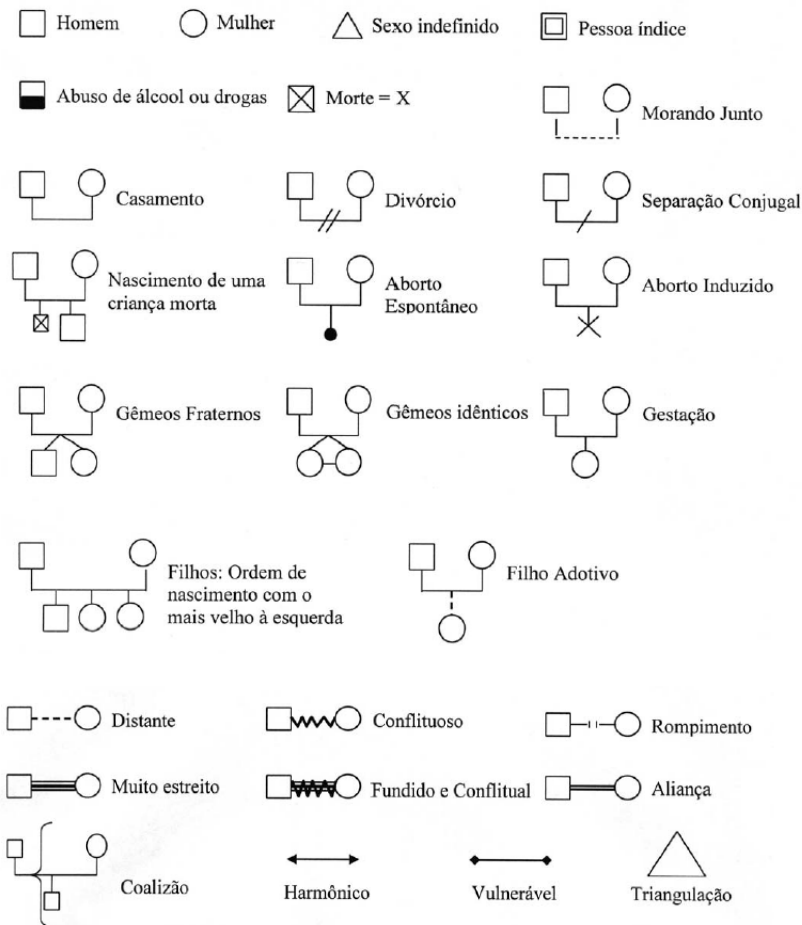
Psicóloga Simone Dill Azeredo Bolze
CRP 12/07491

Psicóloga Elisangela Böing
CRP 12/04190

APÊNDICE 03

LEGENDA GENOGRAMA (Parte 1 de 2)

Símbolos do Genograma*



Nota: (*) Símbolos do genograma conforme Wendt e Crepaldi (2008); construído pelas autoras com base em McGoldrick e Gerson (1995) e Minuchin (1982).

LEGENDA GENOGRAMA (Parte 2 de 2)

Demais Símbolos e Abreviaturas

Pontilhado Rosa = pessoas que moram na casa.

? = Sexo não informado

U = União (Tempo)

S = Separação (Tempo)

R = Retorno da União (Tempo)

Ap. = Aposentado

AS = Auxiliar de Sala

ASG = Assistente de Serviços Gerais

Ed. Física = Educação Física

Prof. = Professor

Serv. Transporte = Serviço de Transporte

Trab = Trabalha

AVC = Acidente Vascular Cerebral

Ca = Câncer

DepPP = Depressão Pós-Parto

Dp = Depressão

F. = Falecimento

FMO = Falência Múltipla dos Órgãos

P. Inf. = Paralisia Infantil
